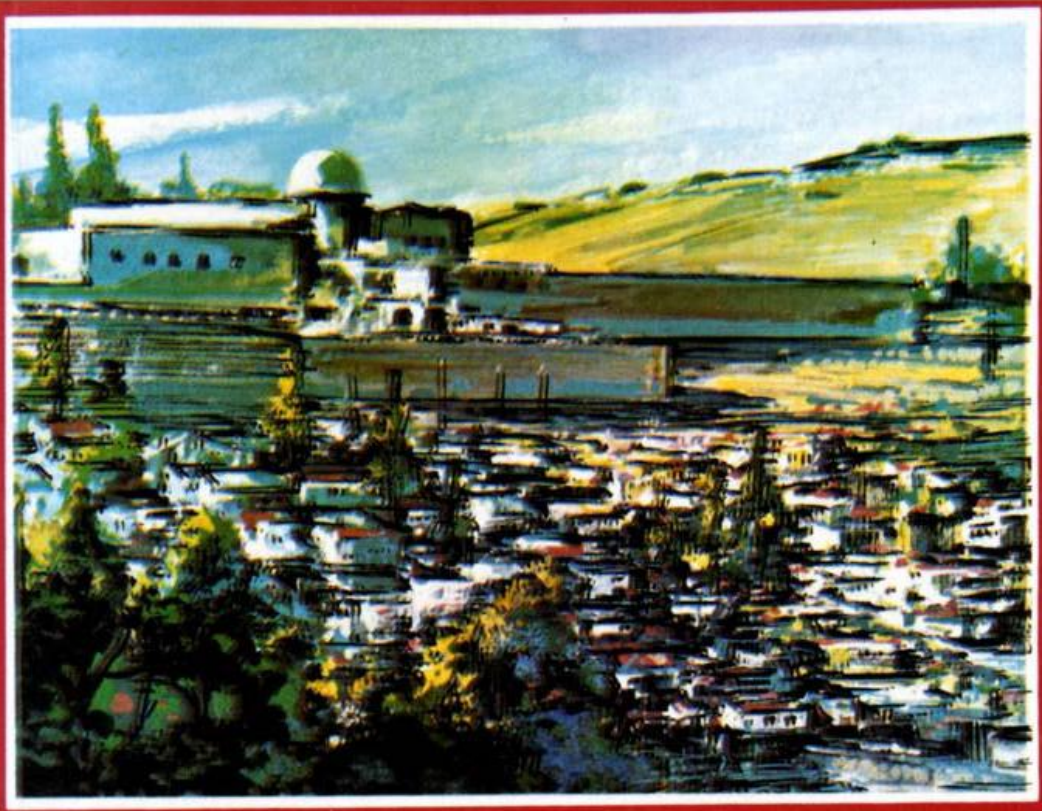


3 OS QUATRO EVANGELHOS

Revelação da Revelação

J.-B. Roustaing

Conteúdo

MATEUS, Cap. XVII, vv. 14-21. — MARCOS, Cap. IX, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. IX, vv. 37-43 e Cap. XVII, vv. 5-6 53
Lunático. — Fé onipotente. — Prece e jejum 53

MATEUS, Cap. XVII, vv. 22-23. — *MARCOS,* Capítulo IX, vv. 31-32. — *LUCAS,* Cap. IX, vv. 44-45 70
Predição, feita por Jesus, da sua morte e da sua ressurreição 70

MATEUS, Cap. XVII, vv. 24-27 75
Jesus paga o tributo 75

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 1-5. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 33-41. — LUCAS, Cap. IX, vv. 46-50 78
Lição de caridade e de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade 78

LUCAS, Cap. IX, vv. 51-56 85
Palavras de Tiago e João. — Resposta de Jesus. 85

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 6-11. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 42-50. — LUCAS, Cap. XVII, vv. 1-2 88
Evitar o escândalo. — É necessário que se dêem escândalos, é impossível que não se dêem. Mas, ai do homem que cause o escândalo 88

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 12-14. — *LUCAS,* Cap. *XV, vv.* 1-10 98
Ovelha desgarrada. — Dracma perdida 98

LUCAS, Cap. XV, w. 11-32 104
Parábola do filho pródigo 104

LUCAS, Cap. XVI, vv. 1-9 111
Parábola do mordomo infiel 111

LUCAS, Cap. XVI, vv. 10-12 116
Continuação da parábola do mordomo infiel 116

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 15-17. — *LUCAS,* Cap. *XVII, vv.* 3-4 118
Palavras de Jesus destinadas a servir de transição, relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas, os quais, segundo ele o proclamou, devem ser absolutos e sem condição 118

LUCAS, Cap. XVII, *vv.* 7-10 125
Cumprimento do dever com humildade e desinteresse, com o sentimento de amor e gratidão ao Criador 125

LUCAS, Cap. XVII, vv. 11-19 126
Os dez leprosos 126

LUCAS, Cap. XVII, vv. 20-24 130
O reino de Deus está dentro de nós 130

LUCAS, Cap. XVII, vv. 25-37 134
Sinais precursores da segunda vinda de Jesus 134

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 18-20 144
Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos. — Sua presença onde duas ou três pessoas se acharem reunidas em seu nome 144

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 21-35 159
Perdão das injúrias e ofensas. Parábola dos dez mil talentos 159

MATEUS, Cap. XIX, vv. 1-9 — MARCOS, Cap. X, vv. 1-9 162
Divórcio. — Casamento 162

MARCOS, Cap. X, vv. 10-12. — MATEUS, Cap. XIX, vv. 10-12 174
Resposta de Jesus à pergunta que lhe dirigiram os discípulos acerca das condições do casamento. Os que são eunucos desde o ventre materno e que assim nasceram. — Os que foram feitos eunucos pelos homens. — Os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. 174

MATEUS, Cap. XIX, vv. 13-15. — MARCOS, Capítulo X, vv. 13-16. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 15-17 189
A humildade, fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, caminho único que leva à perfeição 189

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 1-8 191
Parábola da viúva e do mau juiz 191

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 9-14 194
Fariseu e publicano 194

MATEUS, Cap. XIX, vv. 16-26. — MARCOS, Capítulo X, vv. 17-27. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 18-27 196
Parábola do mancebo rico 196

MATEUS, Cap. XIX, vv. 27-30. — MARCOS, Capítulo X, vv. 28-31. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 28-30 204
Resposta de Jesus a Pedro. — Os doze tronos. — As doze tribos de Israel. — Apostolado. — Amor purificado. — Humildade é perseverança na senda do progresso 204

MATEUS, Cap. XX, vv. 1-16 211

Parábola da vinha e dos trabalhadores da primeira e da última hora ..... iii 211

MATEUS, Cap. XX, vv. 17-19. — *MARCOS,* Cap. X, vv. 32-34. — *LUCAS,* Cap. XVIII, vv. 31-34 220

Predição do sacrifício do Gólgota 220

MATEUS, Cap. XX, vv. 20-28. — MARCOS, Cap. X, vv. 35-45 222

Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas 222

LUCAS, Cap. XIX, vv. 1-10 227

Conversão de Zaqueu 227

MATEUS, Cap. XX, vv. 29-34. — MARCOS, Cap. X, vv. 46-52. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 35-43 229

Cura dos cegos de Jericó 229

MATEUS, Cap. XXI, vv. 1-17. — MARCOS, Cap. XI, vv. 1-11 e 15-19. — LUCAS, Cap. XIX, vv. 28-48 232

Entrada de Jesus em Jerusalém. — Mercadores expulsos do templo. — A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões. Predição da ruína de Jerusalém 232

MATEUS, Cap. XXI, vv. 18-22. — MARCOS, Cap. XI, vv. 12-14 e 20-26 242

Parábola da figueira que, secou 242

MATEUS, Cap. XXI, vv. 23-32. — MARCOS, Capítulo XI, vv. 27-33. — LUCAS, Cap. XX, vv. 1-8 247

Reposta de Jesus aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciãos do povo. Parábola dos dois filhos 247

MATEUS, Cap. XXI, vv. 33-41. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 1-9. — LUCAS, Cap. XX, vv. 9-16 250

Parábola da vinha e dos vinhateiros 250

MATEUS, Cap. XXI, vv. 42-46. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 10-12, — LUCAS, Cap. XX, vv. 17-19 257

Continuação da parábola da vinha e dos vinhateiros. — Jesus, pedra angular 257

LUCAS, Cap. XIV, vv. 1-6 261

Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus 261

LUCAS, Cap. XIV, vv. 7-11 263

Ocupar o último lugar. — Humildade 263
LUCAS, Cap. XIV, vv. 12-15 264
Convidar os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — Desinteresse 264
MATEUS, Cap. XXII, vv. 1-14. — LUCAS, Cap. XIV, vv. 16-24 267
Parábola das bodas e dos convidados que se escusam 267
MATEUS, Cap. XXII, vv. 15-22. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 13-17. — LUCAS, Cap. XX, vv. 20-26 273
Deus e César 273
MATEUS, Cap. XXII, vv. 23-33. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 18-27. — LUCAS, Cap. XX, vv. 27-40 279
Saduceus. — Ressurreição. — Imortalidade da alma. — Sua sobrevivência ao corpo. — Sua individualidade após a morte 279
MATEUS, Cap. XXII, vv. 34-40. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 28-34. — LUCAS, Cap. X, vv. 25-28 284
Amor de Deus e do próximo 284
LUCAS, Cap. X, vv. 29-37 290
Parábola do Samaritano 290
LUCAS, Cap. X, vv. 38-42 293
Jesus em casa de Marta. — Ninguém deve preocupar-se demasiado com as necessidades do corpo. Dever de se aliarem os cuidados do corpo aos que o Espírito reclama. — O alimento espiritual jamais se deteriora 293
MATEUS, Cap. XXII, vv. 41-46. — *MARCOS,* Capítulo XII, vv. 35-37. — *LUCAS,* Cap. XX, vv, 41-44 295
O Cristo, Senhor de David 295
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 1-7. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 38-40. — LUCAS, Cap. XX, vv. 45-47 297
Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. — Ouvi-los, porém não os imitar 297
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 8-12 299
Nenhum homem deve desejar ou aceitar o título ou o apelido de mestre. — Deus, único pai. O Cristo, único doutor, único mestre. Os homens, irmãos todos 299
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 13-22 302
Escribas e fariseus hipócritas 302
MATEUS, Cap. XXIII, vv. 23-39. — LUCAS, Cap. XI, vv. 37-54 e Cap. XIII, vv. 31-35 304
Doutores hipócritas que têm o coração viciado e

enganam os homens pelos atos exteriores, que os afastam da luz e da verdade ..... v 304

MARCOS, Cap. XII, *vv.* 41-44. — *LUCAS,* Cap. XXI, vv. 1-4 312

O óbolo da viúva 312

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 1-14. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 1-13. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 5-19 314

Respostas de Jesus à pergunta que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento e do fim do mundo, bem como sobre os sinais prenunciadores de uma e outra coisa. — Guerras. — Sedições. — Pestes. — Fomes. — Falsos profetas. — Afrouxamento da caridade. — Perseguições. — Assistência do Espírito Santo. — Língua e sabedoria dadas por Deus. — Paciência. — Perseverança 314

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 15-22. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 14-20. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 20-24 324

Abominação da desolação no lugar santo. — Males extremos. — Cerco de Jerusalém 324

MATEUS, Cap. XXIV, vv. *23-28. — MARCOS,* Cap. XIII, vv. 21-23 335

Falsos Cristos. — Falsos profetas 335

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 29-31. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 24-27. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 25-28 340

Predição dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que precederão o advento de Jesus em todo o seu esplendor espiritual e predição desse advento 340

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 32-35. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 28-31. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 29-33 346

Parábola da figueira. — Predição da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. — Espíritos haverá que, encarnados ao tempo em que Jesus falava, verão, reencarnados na Terra, as coisas por ele preditas para a depuração e a transformação do planeta e da humanidade terrenos. — A Terra passará, mas as palavras de Jesus não passarão 346

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 36-39. — MARCOS, Cap. XIII, vv. 32-37. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 34-38 350

Desconhecida é a hora em que se darão os acontecimentos preditos para a depuração da Terra e da humanidade terrena. O homem não pode nem deve procurar devassar os segredos do futuro, mas deve estar sempre pronto a comparecer diante do Senhor e a se tornar digno de evitar tudo quanto há

de suceder, trabalhando desde já, ativa e continuamente, pela sua purificação e pelo seu progresso ..... vi 350

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 40-44. — LUCAS, Cap. XII, vv. 39-40 356
O homem deve estar sempre alerta. — Palavras muitas vezes repetidas por Jesus com referência à separação do joio e do trigo 356

MATEUS, Cap. XXIV, *vv.* 45-51. — *LUCAS, Cap.* XII, *vv.* 41-46 358
Parábola do servo fiel e prudente e do mau servo 358

LUCAS, Cap. XII, vv. 47-48 361
A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu 361

MATEUS, Cap. XXV, vv. 1-13 362
Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes 362

LUCAS, Cap. XII, vv. 35-38 365
Vigiar. — Estar pronta a receber a Jesus por ocasião da sua segunda vinda 365

MATEUS, Cap. XXV, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. XIX, vv. 11-27 366
Parábola dos talentos. — Servo inútil. — Parábola dos dez marcos 366

MATEUS, Cap. XXV, vv. 31-46 374
Depuração pela separação do joio e do trigo, apresentada sob a figura emblemática de um juízo final 374

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 1-13..— MARCOS, Cap. XIV, vv. 1-9 383
Perfume derramado sobre a cabeça de Jesus 383

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 14-19. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 10-16. — LUCAS, Cap. XXII, vv, 1-13 388
Pacto de traição feito por Judas Iscariotes com os príncipes dos sacerdotes. Lugar escolhido para a Páscoa 388

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 20-30. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 17-26. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 14-23 395
Ceia pascal. — Jesus prediz a traição de Judas 395

LUCAS, Cap. XXII, vv. 24-30 405
Orgulho. — Ambição. — Dominação. — Interditos 405

MATEUS, Cap. *XXVI, vv.* 31-35. — *MARCOS, Ca*pítulo XIV, *vv.* 27-31. — *LUCAS,* Cap. XXII, *vv.* 31-38 408
Predições de Jesus. — Predição da negação de Pedro 408

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 36-46. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 32-42. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 39-46 ..... vii 412

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 47-56. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 43-52. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 47-53 423

Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha de um dos do séqüito do sumo sacerdote e Jesus o cura. — Fuga dos discípulos 423

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 57-68. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 53-65. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 54-55 e 63-71 430

Jesus levado à presença do sumo sacerdote. Jesus ultrajado e tido por merecedor de condenação à morte 430

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 69-75. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 66-72. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 56-62 434

Negativa de Pedro 434

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 1-10 437

Arrependimento e morte de Judas. — Lugar do seu suicídio e da sua sepultura 437

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 11-26. — MARCOS, Cap. XV, vv. 1-15. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 1-25 439

Jesus diante de Pilatos. — Jesus é entregue para ser crucificado 439

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 27-30. — *MARCOS,* Cap. XV, vv. 16-19 446

Flagelação. — Coroa de espinhos. — Ultrajes. Insultos 446

MATEUS, Cap. XXVII, *vv.* 31-32. — *MARCOS,* Cap. XV, vv. 2Q-21. — *LUCAS,* Cap. XXIII, vv. *26-31* 448

Jesus conduzido ao lugar do suplício. -- Simão de Cirene o ajuda a carregar a cruz. — Palavras que dirige às mulheres que o lamentavam e pranteavam 448

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 33-38. — MARCOS, Cap. XV, vv. 22-28. — LUCAS, Cap. XXIII, vv, 32-34 e 38 451

Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. Palavras por ele ditas como ensinamento e exemplo 451

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 39-43. — MARCOS, Cap. XV, vv. 29-32. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 35-37 454

Blasfêmias. — Zombarias. — Insultos 454

MATEUS, Cap. XXVII, v. 44. — MARCOS, Cap. XV, v. 32. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 39-43 456

Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao que é chamado o bom ladrão 456

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 45-50. — MARCOS, Cap. XV, vv. 33-37. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 44 e 46 459

Morte de Jesus, no entender dos homens 459

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 51-56. — MARCOS, Cap. XV, vv. 38-41. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 45 e. 47-49 466

Rasga-se o véu do templo. — Tremor de terra.— Aparição dos mortos. — Obscurecimento do Sol. — Palavras do centurião 466

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 57-61. — MARCOS, Cap. XV, vv. 42-47. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 50-56 471

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 62-66 473

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus chumbam a pedra que fechava a entrada do sepulcro. Guardas são aí postados 473

MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 1-15. — MARCOS, Cap. XVI, vv. 1-11. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 1-12 477

Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. — A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. — Aparição dos anjos às mulheres. — Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. — Estes subornam os guardas. — Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. — Narrativa que estas fazem aos discípulos. — Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro 477

MARCOS, Cap. XVI, w. 12-13. — LUCAS, Cap. XXIV, w. 13-35 506

Aparição de Jesus aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. — Jesus, estando com eles à mesa, lhes desaparece das vistas 506

MARCOS, Cap. XVI, v. 14. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 36-49 511

Aparição de Jesus aos apóstolos 511

MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 16-20. — MARCOS, Cap. XVI, vv. 15-20. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 50-53 516

Novas e sucessivas aparições aos discípulos. Volta de Jesus à natureza espiritual que lhe era própria, nas regiões etéreas, volta essa chamada: ascensão — Concordância estabelecida a esse respeito entre as narrações evangélicas, que se explicam e completam umas pelas outras 516

EVANGELHOS

SEGUNDO MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO

REUNIDOS E HARMONIZADOS

CONTINUAÇÃO

*

"O Espírito é que vivifica; a carne de nada serve; as palavras que vos digo são*, espírito e vida."* (JOÃO, VI, v. 64.)

"A letra mata e o espírito vivifica." (PAULO, II Epíst. aos Coríntios, cap. III, v. 6.)

MATEUS, Cap. XVII, vv. 14-21. — MARCOS, Cap. IX, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. IX, vv. 37-43 e Cap. XVII, vv. 5-6

Lunático. — Fé onipotente. — Prece e jejum

MATEUS: V. 14. Quando voltou para onde estava o povo, chegou-se a ele um homem que, ajoelhando-se a seus pés, lhe disse : — 15. Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai, ora no fogo, ora na água. — 16. Já o apresentei a teus discípulos, mas estes não o puderam curar. — 17. Jesus respondeu: Oh! geração incrédula e perversa, até quando estarei entre vós? até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. — 18. E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que ficou no mesmo instante curado. — 19. Então os discípulos vieram ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: Porque não pudemos nós expulsar esse demônio? — 20. Jesus lhes disse: Por causa da vossa

nenhuma fé; pois, em verdade vos digo que, se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis àquela montanha : Passa daqui para ali, e ela passaria; nada vos seria impossível. — 21. Não se expulsam os demônios desta espécie senão por meio da prece e do jejum.

MARCOS: V. 14. Vindo ter com seus discípulos, viu Jesus que grande multidão os cercava e que com eles alguns escribas discutiam. — 15. Logo que deu com Jesus, todo aquele povo, tomado de espanto e temor, correu a saudá-lo. — 16. Ele então lhes perguntou: Que é o que discutíeis? — 17. Um homem do meio da turba respondeu : Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um Espírito mudo, — 18, o qual todas as vezes que dele se apodera o atira ao chão e o menino espuma, range os dentes e fica seco; pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. — 19. Jesus lhes disse: Oh! geração incrédula, até quando estarei convosco? até quando vos sofrerei? Trazei-me o menino. — 20. Trouxeram-no; e, tanto que viu a Jesus, o Espírito o agitou e atirou por terra, a estorcer-se no chão e a espumar. — 21. Jesus perguntou ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? O pai respondeu: Desde a infância; — 22, e o Espírito o tem muitas vezes lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem piedade de nós e socorre-nos. — 23. Jesus lhe disse: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. — 24. Logo o pai do menino exclamou, banhado em lágrimas: Senhor, eu creio, ajuda a minha pouca fé. — 25. Jesus, vendo o povo acorrer, ameaçou o Espírito impuro, dizendo: Espírito surdo e mudo, eu te ordeno, eu: Sai deste menino e não entres mais nele. — 26. O Espírito, soltando um grito e agitando violentamente o menino, saiu, ficando este como morto, de sorte que muitos diziam: Morreu. — 27. Mas, tomando-lhe Jesus as mãos e erguendo-o, ele se levantou. — 28. Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Porque não pudemos nós expelir aquele demônio? — 29. Jesus respondeu: Os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum. — 30. Dali partindo, atravessaram a Galiléia. Ele não queria que ninguém o soubesse.

LUCAS : V. 37. No dia seguinte, quando desciam do monte, grande multidão lhes veio ao encontro; — 38, e eis que, do meio do povo, um homem exclamou: Mestre, eu te suplico, olha para meu filho: é o único que tenho. — 39. Um Espírito se apossa dele e o faz subitamente gritar, atira-o por terra e o agita em violentas convulsões, fazendo-o espumar e só o larga depois de o haver esfarrapado. — 40. Pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. — 41. Jesus respondeu: Oh! geração infiel e perversa, até quando estarei convosco e vos suportarei? Traze-me aqui teu filho. — 42. Ao aproximar-se o menino, o demônio o atirou por terra e o pôs em grandes convulsões. — 43. Jesus, tendo falado ameaçadoramente ao Espírito impuro, curou o menino e o restituiu ao pai.

XVII: V. 5. E os apóstolos disseram ao Senhor: Aumenta-nos a fé. — 6. O Senhor lhes disse : Se tiverdes a fé do tamanho de um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Desenraiza-te e transplanta-te para o mar e ela vos obedecerá.

N. 196. Estes versículos encerram uma das mais frisantes provas da missão de Jesus e do seu poder. As palavras: *"Eu te ordeno, eu, que saias dele"* — passam despercebidas à maioria dos homens e no entanto contêm a mais formal demonstração da superioridade do Cristo.

Do ponto de vista espírita, podeis, bons amigos, para bem compreenderdes o fato que aqui se vos descreve, recorrer a um símile, buscando-o no que ainda hoje ocorre entre vós. Exatamente como o menino que pelo pai foi levado à presença de Jesus, vós outros sois todos surdo-mudos e mesmos cegos. As vossas enfermidades, provocadas por influências más, vos arrastam a todos os perigos, ocasionam todas as vossas quedas. E os discípulos do Mestre se vêem impotentes para vos livrar delas, por não terem a fé bastante forte, por não praticarem bastante o jejum e a prece *espirituais.* (Dentro em pouco explicaremos o que, segundo Jesus, deveis entender por

prece e jejum *espirituais.)* Encarregados de expulsar para longe de vós os "demônios" que vos subjugam, de vos libertar das paixões, dos vícios, que vos lançam "ao fogo e à água", para que aí encontreis a morte, eles conservam, no fundo de seus corações, o fermento desses mesmos vícios, dessas mesmas paixões, que lhes cumpria combater. O resultado é que, exorcizando apenas com a boca, o "demônio" ri dos esforços que empregam e persiste na subjugação.

Fazei como Jesus, vós todos que quiserdes libertar vossos irmãos da influência dos Espíritos malfazejos que os dominam.

Orai e jejuai. Mas, compreendei bem a força da prece, a ação do jejum. Prece não é a repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos sonoras, mais ou menos humildes, ditas *com* os *lábios* para que subam ao Senhor.

Oh! não será nas vossas bocas que ela encontrará o necessário ponto de apoio para subir a Deus. Só no fundo de vossos corações reside essa força de impulsão, pela ação da qual a prece *espiritual,* pensamento puro, surto de amor e de adoração, se evola de um só ímpeto para o trono do eterno. Que importam as palavras! Que importa mesmo o pensamento! O que é preciso *é amor, é humildade, são os* atos da vossa vida, os quais, reagindo sobre os vossos pensamentos, formem um todo perfeito, digno de aproximar-se da sede da perfeição.

Jejuai, mas *espiritualmente.* Que importam ao Senhor os alimentos que concorrem para o sustento da vossa matéria! Que lhe importa o momento em que satisfaçais às vossas necessidades materiais ! Em tais casos, é a lei orgânica que se executa; o Espírito nada de comum deve com ela ter. Jejuai pela abstenção de pensamentos culposos, inúteis, frívolos sequer. Jejuai pela sobriedade no satisfazerdes às vossas necessidades materiais. Jejuai pela vossa modéstia, pela regu-

laridade de vossos costumes, pela austeridade do vosso proceder. Jejuai, sabendo impor-vos privações que não atentem contra o vosso organismo e que possam espalhar um bálsamo salutar sobre o organismo dos vossos irmãos. Jejuai, tirando, do que julgais servos *necessário,* um pouco do que vos é *supérfluo,* para dá-lo ao irmão a quem falta o indispensável ao sustento do corpo: o pão, a roupa, ou o teto. Eis *aí,* amigos, quais são o jejum e a prece que expelem o "demônio" da pior espécie, os "demônios" que vos tornam surdos, cegos, mudos.

Não temos mais que explicar, à luz da ciência espírita, as causas e os efeitos da subjugação exercida sobre o menino trazido pelo pai à presença de Jesus. Nos ns. 74 do 1° volume e 120 do 2° demos, a este respeito, todas as explicações.

Quanto à falta de poder, nos discípulos, para expulsarem aquele Espírito obsessor, a explicação desse fato se nos depara no que lhes disse Jesus. Nas palavras do Mestre está a explicação clara e precisa das causas que os impediam de afastar o Espírito mau e muito sofredor que atuava sobre o menino.

A fé, alavanca poderosa, capaz, como nenhuma outra, de levantar o mundo, constitui o único meio de que podereis lançar mão para tal fim. Da fé nasce a prece e esta, se, além de fervorosa e perseverante, vem acompanhada, como há pouco dissemos, do jejum *espiritual,* acaba sempre por tocar o Espírito culpado, por o esclarecer e reencaminhar.

Jesus não precisou recorrer à prece porque, puro Espírito, Espírito perfeito, investido da onipotência sobre os Espíritos impuros, sua vida, aquela vida *que os homens supunham* humana, decorria piedosamente aos olhos do Senhor e também porque a sua missão era *um ato* de fé e de amor, uma prece ativa e permanente, que o colocava (mesmo posta de lado a sua superiori-

dade *espiritual) acima* de todos os Espíritos, pela força e pela persuasão.

Tratai de reconhecer bem a força da prece, de conhecer os extraordinários recursos que podeis auferir dela, atraindo a vós os Espíritos protetores da humanidade.

A prece, insistimos em dizê-lo mais uma vez, não é o que supondes : uma reunião de palavras que se repetem todos os dias, com determinado fim. Em tais condições, cedo ou tarde, ela se torna maquinal.

A prece poderosa, a prece *de Jesus* são os atos *da vida* sempre praticados com o pensamento em Deus, sempre reportados a Deus; é um arroubo contínuo do pensamento, a todos os instantes, sejam quais forem as ocupações do momento; é uma aspiração incessantemente dirigida ao Criador, guiando a criatura na prática da verdade, da caridade e do amor, em bem do seu progresso intelectual e moral e do progresso de seus irmãos, aspiração que a liberta das condições humanas, fazendo *reinar o* Espírito sobre tudo que é *matéria.*

Vamos agora dar-vos algumas explicações especiais.

(Marcos, vv. 14-15.) O povo, atraído pela simpatia, para junto de Jesus, o esperava, desejoso de vê-lo praticar novo *"milagre". Os* escribas procuravam afastar dali a multidão, lançando a Jesus as mesmas ridículas acusações que hoje vos são atiradas. Em apoio do que diziam para convencê-la, apontavam a tentativa infrutífera, que os discípulos haviam feito, de curar o menino, mostrando-se impotentes para consegui-lo.

Ao chegar Jesus, a massa popular foi presa de forte impressão. Os termos *"espanto, temor",* usados nas traduções dos Evangelhos, não exprimem, no que respeita à multidão, o que se passou. Percorreu-a esse frêmito que faz pulsar com força as artérias do homem, quando pressente que um fato grave vai ocorrer. Foi essa situação indefi-

nível o que, pelos termos "espanto, temor", se procurou exprimir.

Quanto aos escribas, que eram, entre os Hebreus, os sábios, esses pressentiam que Jesus levaria a efeito a libertação do menino. Mas, da parte deles, ao pressentimento se misturava, na realidade, o *temor,* porque muito os assustava o ascendente cada vez maior do Cristo.

(Mateus, v. 15; Marcos, vv. 17-22.) O pai do menino subjugado disse a Jesus, conforme referem os Evangelistas :

"Senhor, tem piedade de meu filho, que é lunático e sofre cruelmente; muitas vezes cai no fogo e muitas vezes na água. — Senhor, eu te trouxe meu filho, que está possesso de um Espírito mudo — e o Espírito o tem lançado muitas vezes ora no fogo, ora na água, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos."

O pai do menino dizendo primeiro : "ele é *lunático" e* depois: "ele está possesso" "de um *Espírito mudo",* exprimiu sucessivamente as duas impressões, as duas opiniões sob cujo império se achava e, impelido pelo ardente desejo de ver curado o filho, chamava a atenção do Mestre para tudo o que, pensava ele, poderia esclarecer o caso.

Tendes, nos Evangelhos, *uma* exposição de fatos que, *reunidos,* formam a narrativa *completa.*

As palavras ditas pelo pai do menino e pelos discípulos não foram trocadas de improviso. Houve discussão. Guardai bem isto em mente e não procureis ver desmentidos onde só há uma série de palavras, de acontecimentos, que, naturalmente, não foram calcados uns nos outros.

Quando falais demoradamente *sobre um assunto,* porventura vos conservais sempre dentro de determinadas linhas, empregando sempre as mesmas palavras? A discussão não atravessa diversas

fases correspondentes à maneira por que ides encarando os fatos?

Até ao momento em que Jesus chegou, ninguém vira no estado do menino, que fora apresentado aos discípulos para que estes o curassem, senão uma afecção material. Tinham-no por *lunático,* atribuindo à ação das fases da Lua os efeitos que nele se manifestavam. Na realidade, o menino estava sob a influência de um Espírito obsessor. Entretanto, a suposição de que a influência fosse lunar nada tinha de despropositada, uma vez que, exatamente para dar lugar a essa suposição, para que ninguém suspeitasse das verdadeiras causas do mal, aquele Espírito provocava no menino os acessos em épocas periódicas. Esse obsessor que, como sabeis, exercia a subjugação sobre a sua vítima desde a primeira infância desta, adotou o processo de provocar nela acessos periódicos, por haver percebido o partido que podia tirar, fazendo crer a todos, durante muito tempo, que se tratava de uma afecção material.

O pai do menino, quando o apresentou aos discípulos, esperava uma cura material. Houve então, repetimos, grande discussão. Os do séqüito de Jesus, pelos seus esforços, demonstravam ao homem que a influência dos astros não se fazia sentir na criança, que o que ali havia era "possessão", subjugação dizemos nós. Só *depois disso* ele se decidiu a pedir aos discípulos que lhe libertassem o filho, dando-o como "possesso de um Espírito mudo", isto é: subjugado por um Espírito que, em virtude da subjugação e da ação fluídica, não lhe permitia o uso da palavra.

Vê-se assim que, apresentando em seguida o menino a Jesus como lunático e ao mesmo tempo como possesso de um Espírito mudo, o homem procedeu, não só sob a influência das suas primeiras e antigas impressões, mas também sob a da discussão havida, que lhe sugeriu a idéia da obsessão, e ainda sob a da verificada impotência

dos discípulos para operarem a cura. Ele, pois, obedecia simultaneamente à idéia que primeiro lhe acudira e às impressões e opiniões que a discussão lhe dera. Foi debaixo desta dupla influência que disse a Jesus, considerando o filho como lunático: *"Ele cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água";* e que disse a seguir, considerando-o possesso de um Espírito mudo: *"e o Espírito o tem muitas vezes lançado, ora ao* fogo, *ora à água, para fazê-lo perecer".* Isto acontecia porque o Espírito obsessor, pela sua ação subjugadora, levava o menino a cometer imprudências.

(LUCAS, v. 39; MARCOS, v. 18.) "Um Espírito se apodera dele e o faz soltar de repente grandes gritos."

Os gritos que o menino soltava de repente eram gritos de pavor. Ele os soltava no momento em que sentia a aproximação do inimigo, o obsessor, que lhe anunciava a sua presença, a sua influência, por meio da ação fluídica que, produzindo a combinação dos perispíritos, dava lugar à subjugação e seus efeitos.

"Ele o atira por terra e o agita em convulsões violentas, fazendo-o espumar. Todas as vezes que se apossa do menino o atira por terra e o menino espuma, range os dentes e fica seco. Só o deixa depois de o haver esfarrapado."

A obsessão, a subjugação produzia no menino uma espécie de epilepsia, por efeito da qual ele ficava inteiriçado, frio, com a pele seca e os músculos tão contraídos, que formavam saliências por todo o corpo.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 18-19; Lucas, vv. 40-41.) Falando a homens, Jesus empregava termos humanos à altura das suas inteligências e de natureza a impressioná-los fortemente.

A exclamação do Mestre era dirigida aos que não possuíam a fé bastante forte, porquanto, se

houvessem depositado mais confiança na sua palavra, teriam tido maior ascendente, teriam sido auxiliados por ele, que lhes daria a ajuda e o concurso dos Espíritos superiores, como já lhes tinha dado. De fato, como sabeis, os discípulos já haviam produzido, dentro de certos limites, fatos chamados "milagrosos", quando foram por Jesus enviados às cidades vizinhas, investidos do poder de curar os enfermos e expulsar os demônios (Mateus, X, v. 8).

Estas palavras dirigidas aos discípulos: "Oh! geração incrédula e infiel", significavam que, não tendo confiança, eles não obedeciam. Não esqueçais que a fé *por si só* pode fazer "milagres", mas que, em compensação, os que se *desviam, os* que *duvidam* são privados de suas faculdades e arrastados a desordens que, algumas vezes, não mais conseguem refrear.

Note-se ainda que tais palavras Jesus não as disse visando unicamente os discípulos. Alcançavam todo o povo, objetivando patentear-lhes o poder e a santidade daquele que, com uma só palavra, ia libertar o menino.

(Marcos, v. 20.) O Espírito obsessor fez sentir a sua influência ao menino e este, pressentindo uma crise, soltou gritos de terror. Jesus deixou que o Espírito obrasse segundo os caprichos do seu livre-arbítrio, até ao momento em que lhe disse: *Eu te ordeno,* eu, *que saias dele e não voltes mais.* Isto teve a sua razão de ser. Jesus pudera ter ordenado ao Espírito que se afastasse sem convulsionar o menino, mas então o fato houvera perdido grande parte do seu prestígio *aos olhos da multidão.* Não esqueçais que Jesus, obrando em benefício da *pessoa* do menino, também obrava em benefício da *massa popular.* Tudo era feito com o objetivo do bem geral.

(Marcos, v. 23.) "Se puderes crer, todas as coisas são possíveis àquele que crê". Assim respondeu Jesus a isto que lhe dissera o pai do me-

nino : "Se puderes alguma coisa, tem compaixão de nós e socorre-nos". Aqui, notai-o bem, Jesus falou por figura, como, aliás, ordinariamente sucedia. Mas, dentro da figura, encontrareis a verdade. Que prodígios, efetivamente, não pode a fé operar? que é o que não consegue essa alavanca poderosa, essa força motriz, esse calor fecundante?

Sim; àquele que crê, tudo é possível, por isso que em torno dele os Espíritos do Senhor se grupam para assisti-lo. Não haja, porém, equívocos, nem falsas interpretações: a fé precisa ser clarividente, instruída, previdente e sábia. *Crer* não é aceitar de cabeça baixa todas as absurdidades místicas que certos cérebros doentios engendram. *Crer não é,* para o espírita especialmente, pedir a assistência dos bons Espíritos para puerilidades ou atos culposos. A fé precisa ser *esclarecida,* pois que tem que caminhar sempre, com passo firme, pela estrada que conduz a Deus; deve ser *forte, pois* tem que contar consigo mesma para a obtenção do que seja justo que obtenha; deve ser sábia, pois jamais deverá ultrapassar os limites traçados à vontade e a meta que lhe é proposta.

(Marcos, v. 24.) *"Eu creio, Senhor,* dizia, banhado em lágrimas, o pai do menino, *ajuda a minha pouca fé."*

Expansão de simplicidade e de humildade. O pai do menino acreditava que Jesus tinha o poder de lhe atender à súplica, mas, humilde, simples de coração, não se sentia bastante forte na sua fé para merecer tal graça. Esse receio mesmo militava a seu favor.

(Mateus, v. 18; Marcos, vv. 25-26.) O grito estridente que, sob a ação do Espírito obsessor, o menino soltou, foi devido ao sofrimento e ao abalo violento que lhe produziu a separação súbita e brusca dos dois perispíritos, que o obsessor combinara para se verificarem a subjugação e seus efeitos.

No momento em que cessou a subjugação, diz a narração evangélica, o menino ficou como morto, de sorte que muitos diziam ter ele morrido.

Os sinais de morte aparente que, para muitos, o menino apresentava, eram devidos à lassidão produzida nele pelo abalo que experimentara e de molde a salientar ainda *mais, aos olhos da multidão, o* poder de Jesus.

Logo que o Mestre o segurou pelas mãos e o soergueu, ele se levantou. Para obter esse resultado, Jesus lhe restabeleceu a força fluídica, empregando a ação magnética. Como sabeis, esta se produz por ato da vontade de quem atua. Qualquer Espírito bem-intencionado poderia, pois, tê-la exercido.

(Mateus, v. 19; Marcos,. v. 28.) *Porque não pudemos nós outros expulsar aquele demônio? Qual a causa de não termos podido expulsá-lo*? Esta pergunta, que os discípulos dirigiam a Jesus, vos mostra que *já* eles antes haviam curado doentes, expulsado Espíritos obsessores, livrado a muitos de subjugações. Se não possuíssem *já,* dentro de certos limites, essa faculdade, se não a houvessem já exercido, não se teriam espantado daquele insucesso, não teriam mesmo em caso algum tentado *a prova.*

O Mestre os preparava enquanto se achava na companhia deles. Dentro da série e do encadeamento dos fatos, dos acontecimentos, tudo tinha que concorrer e concorria para lhes desenvolver a fé e torná-los aptos ao desempenho da missão que lhes seria confiada, quando Jesus terminasse o da sua na Terra.

Só quando eles entrassem a desempenhá-la ativamente, depois de se terem tornado capazes de cumprir com segurança a tarefa de que foram incumbidos, é que poderiam exercer, como de fato exerceram, o poder de curar os enfermos e de expulsar os maus Espíritos, sem que nenhum insucesso se verificasse, graças à assistência, ao auxílio

e ao concurso constantes e ocultos dos Espíritos superiores.

Deu-se com as faculdades dos discípulos o que se dará com as dos médiuns atuais. Conservaram-se limitadas enquanto tinham de girar dentro de um círculo acanhado e de súbito se desenvolveram, logo que o Mestre julgou oportuno o momento.

A mediunidade dos que, entre vós, servem de instrumentos aos Espíritos está apenas em começo. Mas, *contrariamente ao* que sucedeu na época dos discípulos, os vossos médiuns só entrarão no gozo completo de suas faculdades mediúnicas quando estiver entre os homens o Regenerador, Espírito que desempenhará a missão superior de conduzir a humanidade ao estado de inocência, isto é: ao grau de perfeição a que ela tem de chegar. Até lá, obterão somente fatos isolados, estranhos à ordem comum dos fatos.

Não nos cabe fixar de antemão a época em que tal se verificará. O Senhor disse: vigiai e orai, porquanto desconheceis a hora em que soará retumbante a trombeta, fazendo que de seus túmulos saiam os mortos. Quer dizer: desconheceis a hora em que Deus fará que renasçam materialmente na Terra os Espíritos elevados, incumbidos de dar impulso às virtudes que eles descerão a pregar, praticando-as em toda a sua extensão.

O chefe da Igreja católica, nessa época em que este qualificativo terá a sua verdadeira significação, pois que ela estará em via de tornar-se *universal,* como sendo a Igreja do *Cristo, o* chefe da Igreja católica, dizemos, será um dos principais pilares do edifício. Quando o virdes, cheio de *humildade,* cingido de *uma corda e trazendo na mão o cajado do viajante,* podereis dizer: *"Começam a despontar os rebentos da figueira; vem próximo o estio".*

Entendemos por missão superior aquela que objetiva a regeneração da humanidade e que, pelo

seu conjunto e pela sua força, se estenderá, dominando a ação de todos os outros missionários. Podeis *daí* deduzir facilmente que o Espírito que desempenha uma missão superior está acima de todos quantos, como ele, trabalham na realização de uma obra humana.

Debaixo da influência e da direção do Regenerador, caminhará o chefe da Igreja católica, a qual, repetimos, será então católica na legítima acepção deste termo, pois que estará em via de tornar-se *universal,* como sendo *a Igreja do Cristo.*

Não há necessidade de que penetreis *nos segredos do futuro.* Tudo quanto, com relação ao presente, cumpre que conheçais vos é revelado.

(Mateus, v. 20; Lucas, XVII, vv. 5-6.) Reportai-vos às explicações que demos das seguintes palavras que Jesus dirigiu ao pai do menino: *Todas as coisas são possíveis àquele que crê.* Essas explicações bastam para que sejam interpretadas, *em espírito e verdade,* estas outras palavras que dirigiu aos discípulos: *E nada vos seria impossível.*

O que, porém, Jesus disse, disse-o *figuradamente. Suas* palavras, está claro, não se aplicam ao ato material. Proferindo-as, quis ele ensinar a seus discípulos que, com o auxílio da fé, poderiam fazer, *sobre si mesmos,* coisas que pareceriam tão impossíveis como serem obedecidos dizendo a uma montanha: *Passa daqui para ali, ou* a uma árvore: *Tira-te daí e lança-te ao mar.*

Não penseis que o Mestre, por aquele modo, prevenia os discípulos e os homens dos fatos materiais que uns e outros poderiam produzir. Isso fora antecipar a indagação das *causas,* que importava se conservassem ainda ocultas.

Não; as palavras do Mestre encerravam um sentido oculto, uma predição *velada, mas* não um aviso a respeito dos fatos materiais que os discípulos mais tarde conseguiram realizar, como já o tinham algumas vezes conseguido, inconsciente-

mente, dentro de certos limites, sem darem por isso. Para a época atual, porém, para o espírita, uma vez que a nova revelação viria pôr a *descoberto o* sentido daquelas palavras, tinha Jesus em mente, com relação ao futuro, dar um aviso, a fim de que a produção de tais fatos fosse obtida com conhecimento de causa. Para o espírita, *pois,* essas palavras têm um sentido mais direto, *porquanto* lhe dão uma idéia do que pode obter com o auxílio da fé; mas, repetimos, da fé *clarividente, esclarecida, forte e sábia, com o* auxílio dessa *poderosa alavanca,* dessa *força motriz,* desse *calor fecundante.*

As palavras ditas por Jesus e registradas por Lucas foram pronunciadas em lugares e ocasiões diferentes daqueles em que o foram as que constam da narração de Mateus. Mandamos que as reunísseis aqui, para evitarmos repetições escusadas.

Os ensinamentos do Mestre eram, muitas vezes, os mesmos quanto ao fundo, mas amiúde variavam de forma, para estarem, de acordo com os lugares e o auditório.

(MATEUS, v. 21; MARCOS, v. 29.) Esta casta de demônios, disse Jesus aos discípulos, não se pode expulsar, não se expulsa, senão pela prece e pelo jejum.

Quanto mais perversos forem os Espíritos impuros, tanto mais necessidade têm os encarnados de se elevar para os dominar. Um Espírito apenas transviado pode ser e é acessível às advertências, aos conselhos, aos testemunhos de afeição. Mas um grande culpado é sempre empedernido, só à força sede. O que subjugava o menino era dos mais perversos.

Para vencer demônios dessa espécie não podeis empregar senão a força moral que o encarnado só adquire pela elevação moral e pela superioridade. E que é o que mais pode elevar o vosso

Espírito do que o jejum e a prece praticados *espiritualmente e* de *coração,* tais como, em nome do Mestre, vos explicamos?

Quanto ao jejum, consiste ele em *vos absterdes* de pensamentos culposos, inúteis, frívolos sequer, dos pensamentos, segundo o disse Jesus, de *adultério,* de *fornicação,* de *latrocínio,* de *roubo,* de *homicídio,* de *avareza,* de *felonia,* de *falso testemunho,* de *dissolução,* de *inveja,* de *ciúme,* de *maledicência,* de *orgulho,* de *egoísmo,* de *loucura,* significando este último termo todos os *transbordamentos* de paixões que arrastam o Espírito a cair irrefletidamente nos mais abomináveis excessos; em vos absterdes de todas as *maldades, por* palavras e por atos ; em vos absterdes, finalmente, de qualquer falta, por mínima que pareça. E não é tudo. O jejum espiritual consiste ainda *em praticar* a sobriedade na satisfação das necessidades materiais, *a sinceridade* na modéstia, na regularidade dos costumes, na austeridade do proceder; em praticar *de todo o coração,* pelo pensamento, pela palavra e pelos atos, a humildade, o desinteresse, o perdão e o esquecimento das injúrias e das ofensas, o devotamento, a justiça, o amor e a caridade, para com todos, na ordem material, na ordem moral e na ordem intelectual, no lar doméstico e no seio da grande família humana.

Quanto à prece espiritual, tornamos a dizer: ela não consiste na repetição de palavras mais ou menos harmoniosas, mais ou menos humildes, ditas com os lábios. A prece espiritual é o arrebatamento de amor, de adoração, o pensamento puro que, de um só ímpeto, se transporta ao trono do Eterno e que, por efeito da humildade, pelos atos da vossa vida, reagindo sobre o mesmo pensamento, dele faz um todo perfeito, digno de aproximar-se da sede da perfeição.

N. 197. De que natureza era a falta que dera causa a ficar o filho daquele homem sujeito, desde

o seu nascimento para expiá-la, a tão horrível subjugação?

Por abuso de *poder* moral, numa existência precedente. É fácil de perceber o sentido destas palavras. Não conheceis a influência perniciosa que um Espírito desenvolvido, mas perverso, pode exercer sobre homens de inteligência mais fraca? Não temos, porém, que fazer *aqui o* histórico da existência daquele Espírito, pois, se o fizéssemos, nos afastaríamos muito do quadro que vos foi traçado.

N. 198. O Espírito obsessor fora vítima desse abuso de poder moral?

Não; mas, pouco importa que o Espírito vítima tenha sido este ou aquele. Entretanto, deveis compreender que o Espírito, fraco, crédulo, que foi vítima do abuso de poder moral, não incorreu por isso em grande culpabilidade e que o papel desempenhado pelo obsessor do menino denotava uma natureza perversa.

São relações que se estabelecem por analogia. A punição atrai para junto do culpado aquele que virá a ser o instrumento dela. *Quer isto dizer* que os guias do culpado sujeito a uma expiação não se opõem à ação que sobre ele queira exercer outro Espírito para o atormentar. Assim, aquele que se deixa arrastar por seus maus instintos, se aferra ao que escolhe para sua vítima, *julgando-.a* indefesa. Dizemos — *julgando-a,* porque, se ele tentasse ultrapassar os limites do sofrimento, moral ou físico, que o paciente *tenha* de suportar, os Espíritos superiores imediatamente o deteriam.

MATEUS, Cap. XVII, vv. 22-23. — *MARCOS,* Capítulo IX, vv. 31-32. — *LUCAS,* Cap. IX, vv. 44-45

Predição, feita por Jesus, da sua morte e da sua ressurreição

MATEUS : V. 22. Quando voltaram para a Galiléia, Jesus lhes disse : O filho do homem será entregue às mãos dos homens, — 23, e estes lhe darão a morte, mas ele ressuscitará ao terceiro dia. Os discípulos ficaram profundamente contristados.

MARCOS : V. 31. Ensinando a seus discípulos, dizia: O filho do homem será entregue às mãos dos homens, que o farão morrer, mas ele ressuscitará ao terceiro dia depois da sua morte. — 32. Os discípulos, porém, não entenderam essas palavras suas e receavam interrogá-lo.

Lucas: V. 44. Todos pasmavam do grande poder de Deus e como se mostrassem admirados do que ele fazia, disse a seus discípulos: Guardai nos vossos corações o que vos vou dizer: O filho do homem há de vir a ser entregue às mãos dos homens. — 45. Mas os discípulos não entendiam essas palavras; tão veladas eram que não as compreendiam; e tinham receio de o interrogar a tal respeito.

N. 199. Estes versículos se explicam por si mesmos. Jesus revelava *de antemão os* acontecimentos que se iam dar, a fim de tocar mais fundamente o Espírito dos discípulos e de lhes aumentar a fé. Predisse-lhes que habitaria *"com* os *mortos",* a fim de tornar mais frisante a *"sua ressurreição".* Aquelas não eram, de fato, para os discípulos, homens ignorantes mas devotados, palavras cobertas com o véu do luto? O que compreenderam foi que o Mestre se preparava para morrer. A "ressurreição" não era um problema que eles se propusessem a resolver. Considera-

vam-na fato tão extraordinário, que não se detiveram um instante sequer procurando compreender como poderia Jesus passar três dias longe deles.

Acabamos de dizer, falando dos discípulos: "homens ignorantes, mas devotados". Notai que não dissemos: — *"Espíritos* ignorantes". É que, conquanto fossem Espíritos elevados em missão, experimentavam os efeitos da lei da encarnação, suportando a que haviam escolhido.

Podemos, por meio de uma comparação muito vulgar, trivial mesmo, mas que dá uma idéia da pressão da matéria sobre o Espírito, fazer-vos compreender aquela encarnação, do ponto de vista do meio em que os discípulos tiveram que nascer e viver e do ponto de vista do objetivo da missão que, em seguida, lhes cumpria desempenhar.

Observai o que se passa com o molho de feno que é submetido à compressão para torná-lo mais fácil de ser expedido. Seu volume se reduz e seus filamentos, por assim dizer, deixam de existir. Desde, porém, que seja submetido à ação da umidade, readquire a sua liberdade, se distende novamente e retoma o volume primitivo.

Se o Espírito, embora muito desenvolvido, sofre uma encarnação em que tenha de ser ignorante, simples, mesmo idiota, só encontra no corpo em que encarna um instrumento pesado, indócil, incapaz de lhe servir para uma utilização que corresponda ao seu desenvolvimento. É um piano cujas cordas metálicas foram substituídas por cordas de cânhamo. Por mais perfeito que seja o pianista, dele não tirará som algum.

Era absolutamente necessário à obra de Jesus que os instrumentos de que se servia fossem ignorantes e reconhecidos como tais. Mais retumbante viria a ser o subseqüente desenvolvimento de suas faculdades. O som, o pensamento foram simplesmente devidos à substituição das cordas de cânhamo por cordas sonoras.

Jesus prometera a seus discípulos que *lhes* enviaria o *"Espírito Santo",* isto é : a inspiração do céu, a direção superior. Foi o que se deu quando, debaixo da influência e da ação dos Espíritos superiores, eles sentiram que suas faculdades intelectuais se desenvolviam, que o entorpecimento da matéria cerebral cedia lugar à lucidez e que suas faculdades mediúnicas também se ampliavam, ajudando-os a vencer os obstáculos que a matéria, por mais tênue que se mostre, opõe ao Espírito mais elevado que se tenha revestido de um corpo carnal, como os vossos.

Além do fluido vital que circula nas veias misturado ao sangue, influindo nas suas qualidades e, por conseguinte, na organização humana; além do fluido nervoso, que serve para imprimir elasticidade aos músculos, aos nervos, às articulações, auxiliando o movimento da máquina organizada, existe ainda no homem o fluido espiritual, que serve para o desenvolvimento da inteligência, envolvendo a matéria cerebral que recebe as inspirações e tornando-a mais ou menos flexível, mais ou menos apta a recolher essas impressões e a conservá-las.

Se vos fosse dado ver, observaríeis uma camada luminosa estendida por sobre o cérebro, como uma espécie de verniz sobre um quadro. É nessa camada de fluido que nós executamos o trabalho de vos transmitir os pensamentos, trabalho de que resulta para vós a inspiração e que, indo afetar consecutivamente o fluido vital e o fluido nervoso, produz as mediunidades psicográfica e psicofônica. Vosso cérebro, reservatório e sede de impulsão e de direção dos fluidos espiritual, vital e nervoso, é então, por assim dizer, a pilha galvânica que pomos em movimento e que transmite o abalo a todo o corpo, nas condições que correspondam aos efeitos que se devam produzir.

Damos estas explicações para que compreendais como, sob a influência e a ação dos Espíritos

superiores que os assistiam no desempenho de suas missões, as cordas de *cânhamo se* mudaram, nos apóstolos, em cordas sonoras.

"Os discípulos ficaram profundamente contristados; mas, não entendiam coisa alguma das palavras de Jesus: tão ocultas lhes eram elas que não as compreendiam e receavam interrogá-lo."

Eles não compreenderam senão uma coisa: que corriam o risco de perder o Mestre bem-amado. Já vos dissemos que um véu espesso lhes encobria o sentido dos fatos a que Jesus se referia quando falava da sua "morte", da sua permanência *"no túmulo",* da sua *"ressurreição".* Durante a missão terrena que lhes fora confiada e para o cumprimento dessa missão, eles não tinham que penetrar e conhecer, *em espírito e verdade, o* sentido daquelas alusões do Cristo, pois que só à revelação atual estava reservado desvendá-lo aos homens.

Ficaram profundamente contristados, porque acreditavam, como era mister acreditassem (temo-lo explicado muitas vezes) que Jesus pertencia à humanidade terrena pelo seu invólucro corpóreo; que, portanto, sofreria realmente, fisicamente, as dores, as torturas e o suplício de uma morte real, material, violenta.

As palavras de Jesus tão ocultas lhes eram que eles não as compreendiam. É que não compreendiam a natureza e o objetivo do ato que, *sob a aparência* da morte, não seria *mais do que um exemplo* de amor e de sacrifício, exprimindo os sentimentos e a dor de uma mãe que vê seus filhos transviados, rebeldes, cruéis e homicidas, mostrando pela prática do *crime* desconhecerem o devotamento e o afeto maternais que elevam, consolam e procuram salvar.

Receavam interrogar a Jesus, porque a *"ressurreição"* quase instantânea, após uma morte que

a seus olhos seria *real, material,* lhes povoava de dúvidas os Espíritos, quanto à possibilidade de tal fato, mesmo como uni milagre. Essas dúvidas é que lhes infundiam o temor de interrogarem o Mestre sobre aquele ponto.

MATEUS, Cap. XVII, vv. 24-27

Jesus paga o tributo

V. 24. Tendo eles vindo a Cafarnaum, os que recebiam o tributo das duas dracmas se aproximaram de Pedro e lhe perguntaram: Teu Mestre não paga as duas dracmas? — 25. Ele respondeu: Sim. Ao entrarem em casa, Jesus lhe perguntou: Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra os tributos ou impostos? De seus filhos ou dos estranhos? — 26. Pedro respondeu : Dos estranhos. Jesus replicou : Então os filhos se acham isentos; — 27, mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar e lança o teu anzol; pega do primeiro peixe que apanhares, abre-lhe a boca, que encontrarás dentro um estáter[1]; toma-o e vai entregá-lo por mim e por ti.

N. 200. Nestes versículos há um ensinamento de submissão dado aos homens. Eles ensinam que todos devem submeter-se às leis que regem o seu país, por mais rigorosas e injustas que lhes pareçam, até que sejam derrogadas pela ação dessa força moral que se personifica na razão e na discussão ativas, sábias, esclarecidas e perseverantes, força que, com o auxílio do tempo, põe em foco a justiça e a verdade, fontes de toda civilização verdadeira e de todo progresso.

Pedro, antes mesmo de haver falado a Jesus, respondeu — sim, aos que cobravam o tributo, por estar certo de que o Mestre cumpriria as obrigações do cidadão, isto é : do homem pacífico que se submete às leis do seu país ainda que as tenha por injustas e que elas o sejam realmente.

Querendo acentuar a injustiça do tributo que se lhes exigia, perguntou Jesus a Pedro: *"De quem* cobram os reis da terra os tributos ou impostos?

---

[1] Moeda do valor de quatro dracmas.

De seus filhos ou dos estrangeiros?" Respondendo Pedro: "Dos estrangeiros", Jesus lhe observou : "Então os filhos se acham isentos deles".

Os filhos, com relação aos reis da terra, eram os naturais do país.

Ao passo que, para os Romanos, eram filhos os cidadãos de Roma, sendo estrangeiros os povos subjugados, para os Hebreus, ao contrário, no país que aqueles haviam conquistado, estrangeiros eram os conquistadores — o povo romano, representado pelos seus procônsules, e filhos os naturais do país — os povos conquistados. Justo seria, portanto, que, estando nas suas terras, os filhos do país não pagassem tributo.

Mas, ao mesmo tempo, ordena Jesus a Pedro que pague o tributo, a fim de que (palavras suas) não os escandalizemos. É que, sendo Hebreus, os discípulos desejariam encontrar um pretexto para se forrarem às obrigações que lhes impunha o poder estrangeiro. Não esqueçais que os judeus persistiam em querer que o Mestre fosse um chefe temporal. Procedendo daquele modo, Jesus lhes dava um exemplo de humildade e de submissão às leis estabelecidas, embora fossem estas rigorosas, injustas, e do mesmo passo demonstrou o seu poder por "um milagre".

"Vai ao mar, diz ele a Pedro, lança a tua linha, pega do primeiro peixe que apanhares e abre-lhe a boca que encontrarás dentro uma moeda de prata de quatro dracmas; toma-a e vai entregá-la por mim e por ti aos que cobram o tributo."

Acerca deste fato nada mais há que dizer, além do que já sabeis relativamente a todos os que considerais *milagrosos.* Já tivemos ocasião de dar-vos explicações gerais sobre os efeitos dessa natureza, quando tratamos da pesca tida por *miraculosa.*

Por ato da sua vontade e auxiliado pelo magnetismo espiritual, o Espírito preposto à realiza-

ção do fato com que nos ocupamos, exercendo uma ação magnética, dirigiu para o lugar, onde, no fundo do mar, se achava o *estáter, os* fluidos que envolviam o peixe. Arrastado este, assim, para aquele lugar pela corrente desses fluidos, o Espírito preposto, acionando outra corrente magnética, fê-lo aspirar a moeda, reconduziu-o à superfície das águas e o encaminhou para o anzol que o tinha de fisgar como fisgou.

Ignorais, porventura, que o fundo do mar encerra muitos tesouros que a cupidez humana ambicionaria, se os conhecesse? Que há de surpreendente em que o peixe, que teria de trazer à superfície do mar a moeda, haja sido, pela ação das correntes magnéticas, impelido para o lugar onde ela se achava e a tenha aspirado, ainda sob a ação de tais correntes, dirigidas estas pelo Espírito que, desse modo, fez do mesmo peixe o portador da dita moeda?

Quando disse a Pedro: *Entrega-lhes essa moeda de prata por* mim e por ti, Jesus, como se vê, mandou pagar o tributo por si e por Pedro, com exclusão dos demais apóstolos, que certamente já o haviam pago a expensas da caixa comum.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 1-5. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 33-41. — LUCAS, Cap. IX, vv. 46-50

Lição de caridade e de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade

MATEUS: V. 1. Naquela hora os discípulos se acercaram de Jesus e lhe perguntaram: Quem julgas que é o maior no reino dos céus? — 2. Jesus, chamando um menino, o colocou de pé no meio deles, — 3, e lhes disse: Em verdade vos digo: se não vos converterdes e tornardes quais crianças, não entrareis no reino dos céus. — 4. Aquele, pois, que se fizer humilde e pequeno como este menino, esse será o maior no reino dos céus. — 5. Aquele que receber em meu nome um tal menino, a mim me recebe.

MARCOS: V. 33. Vieram a Cafarnaum e, quando chegaram a casa, perguntou-lhes ele: De que vínheis tratando pelo caminho? — 34. Todos se calaram, por isso que tinham vindo a discutir sobre qual deles era o maior. — 35. Jesus então se sentou, chamou os doze apóstolos e lhes disse: Se algum quiser ser o primeiro, seja o último de todos e o servo de todos. — 36. Em seguida, tomou de um menino, colocou-o no meio deles e, depois de o beijar, — 37, disse-lhes: Quem receber em meu nome a uma criança como esta a mim me recebe e quem me receber não me recebe a mim, recebe sim àquele que me enviou. — 38. Disse-lhe em seguida João : Mestre, vimos um homem que expulsa os demônios em teu nome, mas que não te segue; nós lho proibimos. — 39. Jesus disse : Não lho proibais, porquanto não há ninguém que, tendo feito em meu nome um milagre, possa depois dizer mal de mim; — 40, visto que quem não é contra vós é por vós; — 41, e quem quer que em meu nome vos dê de beber um copo d'água, por serdes do Cristo, não perderá, eu vo-lo digo em verdade, sua recompensa.

Lucas: V. 46. Veio-lhes então à mente saber qual dentre eles era o maior. — 47. Mas Jesus, vendo

o que lhes ia nos corações, tomou de um menino e o colocou perto de si; — 48, e lhes disse: Quem quer que receba em meu nome esta criança me recebe e quem quer que me receba recebe aquele que me enviou; porquanto, aquele que entre vós for o menor esse é o maior. — 49. João, replicando, disse: Mestre, vimos um homem que expulsa os demônios em teu nome e nós lho proibimos, pois que ele não te segue conosco. — 50. Jesus lhe disse: Não lho proibais, porque quem não é contra vós por vós é.

N. 201. Tomadas no seu conjunto, essas palavras de Jesus encerram uma lição de caridade, de amor, de amparo ao fraco, de fé, confiança, humildade e simplicidade. Não disse ele: aquele que queira ser o primeiro seja o último de todos, o servo de todos; aquele que dentre vós for o menor, esse é o maior? Nessas palavras está tudo. Sede como a criança que Jesus tomou nos braços.

Quer isto dizer: se, fracos como sois, tiverdes confiança nele, encontrareis amparo; se fordes simples de coração, achareis nele a chave de toda a ciência. Sede caridosos para com os vossos irmãos e nele se vos deparará o mais admirável tipo da caridade.

Segui o exemplo dado por Jesus. Sede as criancinhas que ele em seus braços carrega. Sede humildes, compenetrados da vossa ignorância e da vossa fraqueza. Sede brandos e submissos, compenetrados de que tudo deveis esperar de quem é mais poderoso do que vós. Sede, sobretudo, confiantes na força dos possantes braços que vos sustêm e elevam à altura do Mestre dos mestres.

Não procureis elevar-vos pelas vossas próprias forças: elas *vos trairão.* Não acrediteis que valhais mais do que vossos irmãos aos olhos de vosso pai. Não desejeis elevar-vos mais do que eles; procurai, ao contrário, ajudá-los a se elevarem, dando-lhes o melhor dos conselhos: o conselho do *exemplo !*

(Mateus, v. 1; Marcos, vv. 33-34; Lucas, v. 40.) Foi o ciúme que trouxe ao espírito dos apóstolos a idéia de saber qual dentre eles era o maior, idéia que deu origem à discussão em que se empenharam e que os levou a inquirirem de Jesus: "Quem é o maior no reino dos céus?" depois de terem guardado silêncio, quando o Mestre lhes perguntou: "De que vínheis vós tratando pelo caminho?" Aquela idéia proveio do Espírito encarnado, nasceu da tendência que lhe é natural. Sabeis quão forte é, para o Espírito, a constrição da carne. O mais elevado lhe sofre a influência.

Afigurava-se aos discípulos que Jesus tinha preferência por um deles. Isso provocou entre os outros o ciúme, ciúme até certo ponto desculpável por provir do amor imenso que consagravam ao Mestre.

João não era o mais amado, era antes o que mais amava, o que o impelia a se aproximar constantemente do Mestre, dando lugar a que os outros pensassem que lhe coubera a melhor parte.

Não vos admireis de que aos discípulos tenha Jesus perguntado: "De que vínheis tratando pelo caminho?", quando é certo, como se vos diz, que ele via o que lhes ia nos corações, antes que proferissem qualquer palavra. Lembrai-vos *sempre* de que os discípulos acreditavam que o Mestre era homem *como eles,* crença esta em que convinha *permanecessem.*

(MATEUS, v. 3.) Se vos não converterdes, não entrareis no reino dos céus.

Se vos não converterdes queria dizer: se não abandonardes as idéias e tendências humanas. A carne leva ao orgulho, à ostentação, à ambição. Imitai a simplicidade da criança. Esperai tudo do mestre e não conteis nunca com o vosso mérito próprio.

Não entrareis no reino dos céus : não chegareis à perfeição.

(Marcos, v. 35.) O Espírito que busca a preeminência está imbuído de orgulho. Ora, sabeis que o orgulho *tem que* ser abatido para ser destruído. Ê, pois, intuitivo que aquele que procurar *elevar-se* acima de seus irmãos, por orgulho, terá que sofrer a correspondente expiação, encarnando em condições ínfimas. Esta a conseqüência inevitável.

(Mateus, v. 4.) A humildade do coração e a simplicidade do Espírito são o princípio e a fonte de todas as virtudes e abrem o caminho que conduz a toda ciência, a todo progresso moral e intelectual.

(Mateus, v. 5; Marcos, v. 37; Lucas, v. 48.) *"Aquele que em* nome de Jesus recebe a uma criança *recebe ao mesmo Jesus,* isto é: aquele que se põe ao alcance do fraco e do simples, aquele que com este partilha o que possui, que o faz aproveitar da inteligência, da força, da ciência que lhe foram outorgadas, esse imita o Mestre, que fez outro tanto por todos vós. O que *assim* procede atrai as bênçãos do Senhor e o Cristo se compraz em lhe estar ao lado.

Quem, recebendo assim *a uma criança, recebe a Jesus, recebe também aquele que o enviou.* Isto significa: aquele que obedece à lei de amor, que Jesus trouxe à Humanidade, solícito concede amparo, auxílio, proteção ao fraco e o sustenta da maneira que lhe seja possível. O que procede *assim* obedece à lei do Cristo e o Senhor lê no seu coração. Esse recebe o pai, pois que não cogita dos serviços, dos proveitos que possa auferir do seu procedimento. "A criança", por demasiado fraca, nenhuma retribuição lhe pode oferecer. Ele, pois, se faz credor do seu reconhecimento, por amor do filho, por amor, conseguintemente, do pai que o enviou. Esse, que será o menor *aos olhos dos homens, é, perante Deus, o* maior pela pureza da intenção, pela integridade da alma, pela integridade da vida.

(Marcos, vv. 38-40; Lucas, vv. 49 e 50.) Porque pretender sofrear os impulsos da fé? Porque pretender forçar os homens a caminharem por uma determinada senda que se lhes abriu, quando podem, seguindo a que lhe fica paralela, chegar ao mesmo fim? Já naquela época Jesus condenava a tirania mística que vos diz: Crede *como eu,* adorai como eu, do contrário sereis condenados às penas eternas.

Compreendei bem o alcance destas benfazejas palavras do Mestre: *"Porque o impedistes?"* "Aquele que não é contra mim (textual), é por mim."

Sim, filhos bem-amados, aquele que segue os passos do guia divino, que lhe admira as leis, mas que, não se contentando com uma admiração estéril, as pratica, esse é pelo Cristo, *é seu irmão.* E ele, o *irmão mais velho,* que entrou no "reino do pai", isto é: que atingiu a perfeição, lá prepara lugares para os que caminham nas suas pegadas.

O Mestre não vos abriu uma única estrada. Onde quer que se possa fazer o bem, aí descobrireis a marca de seus pés. Segui-o sem vos inquietardes com os que vos queiram deter. Expulsai, em seu nome, todos os "demônios" que tentam e assaltam a humanidade. Começai por expeli-los dos vossos corações e fareis "milagres" de fé e de amor, porquanto, obrando *em seu nome,* estareis *com Jesus* e Jesus *estará convosco.* Dele recebemos a incumbência de dizer-vos: Ide, ó bem-amados, a graça do Senhor pousa sobre as vossas cabeças.

Repetindo estas palavras do Mestre: *"Aquele que não é contra* mim é por mim", dissemos acima serem elas textuais. Com efeito, essas são, textualmente, as palavras que o Mestre pronunciou.

Nada valem os erros cometidos pelos tradutores. Alguns as tomaram num sentido genérico e traduziram: *"Aquele que não é contra vós é por* vós". Outros as tomaram num sentido particular e traduziram: *"Aquele que não é contra nós é por nós".*

O Espírito encarnado que expulsava os demônios em nome do Mestre, sem pertencer ao número dos que, com os discípulos, o seguiam, era *um Espírito em missão.* Não vos equivoqueis quanto ao sentido *destas palavras.* Um Espírito pode estar em missão, sem que por isso seja um Espírito *superior.*

O que desempenhava a missão a que aludimos era um Espírito esclarecido, a quem os laços da carne não haviam impedido de compreender a missão divina de Jesus. Animado de uma fé viva e ardente, ia, por seu lado, pregando aos homens que seguissem o Mestre de quem apenas ouvira falar. Certo de que, apoiando-se no seu nome, atrairia para si as graças do Senhor, expulsava os Espíritos impuros, sustentado por Espíritos superiores, que lhe secundavam os esforços. Era uma pedra isolada que servia para a construção do edifício, como tantas outras houve, há hoje e haverá no futuro.

(Marcos, v. 41.) "Fazei a caridade pelo amor de Deus".

O amor de Deus é o amor por excelência, o amor universal, razão por que se eleva acima de todas as influências da matéria aquele que faz a caridade em toda a extensão de suas forças e de seus meios, com o coração e o Espírito, na ordem material, na ordem intelectual e na ordem moral, ao primeiro que encontra, conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo.

O que desse modo pratica a fraternidade humana mais e mais se aproxima do tipo divino, caminha cada vez mais perto das pegadas do grande modelo, caminhando conseguintemente para a perfeição, pois que se esforça por em si realizar esta sentença de Jesus: *"Sede perfeitos como é perfeito vosso pai que está nos céus".*

N. 202. No v. 39 de Marcos, assim como em todos os outros versículos dos Evangelhos, qual a ver-

dadeira expressão que corresponda à das traduções latinas *virtutem* e à das traduções francesas — *miracies,* tendo-se em vista a definição que ao termo *milagre* dá a Igreja romana e do sentido que lhe atribui, dizendo ser — uma *derrogação* das leis na natureza?

Milagre é a única palavra que, na linguagem humana, se pode empregar para exprimir, *do vosso ponto de vista,* a idéia de um ato que escapa ao âmbito das *conhecidas leis* da natureza.

A vossa linguagem carece de um termo técnico que sirva para revestir esse pensamento.

A Igreja romana devera definir o "milagre" como sendo um ato que se efetuou pela vontade de Deus, segundo leis verdadeiras e imutáveis da natureza, *ainda desconhecidas* dos homens, *mas existentes* desde toda a eternidade, ato esse que ela, e bem assim a ciência humana, será obrigada a reconhecer como realizado sob a ação espírita, por efeito daquela vontade.

LUCAS, Cap. IX, vv. 51-56

Palavras de Tiago e João. — Resposta de Jesus.

V. 51. Como se aproximasse o tempo em que havia de ser arrebatado do mundo, ele, de semblante resoluto, se pôs a caminho para ir a Jerusalém. — 52. Enviou adiante alguns mensageiros que de passagem entraram numa aldeia de Samaritanos a fim de lhe prepararem pousada. — 53. Estes, porém, não o receberam por ter ares de quem ia para Jerusalém. — 54. Vendo isso, seus discípulos Tiago e João perguntaram: Senhor, queres digamos que o fogo desça do céu e os consuma? — 55. Jesus, porém, voltando-se para eles, os repreendeu, dizendo: Não sabeis de que espírito sois? — 56. O filho do homem não veio para perder e sim para salvar os homens. Dirigiram-se a uma outra aldeia.

N. 203. (V. *51.) O* tempo que se aproximava, tempo esse em que Jesus tinha de ser *arrebatado* do mundo, era o momento em que, pouco depois, ele desapareceu das vistas humanas. O termo — *ascensão* — traduz bem o pensamento, pois que, diante dos discípulos reunidos, ele se elevou nos ares até que deixou de ser visto.

(V. 53.) O fato de se haverem os Samaritanos recusado a recebê-lo nada tem que vos possa espantar. Ignorais porventura que os Samaritanos não partilhavam das idéias dos Judeus propriamente ditos e que, *para eles, o* templo de Jerusalém não tinha o prestígio que fascinava os Israelitas?

(V. *54.) Foi* sob a influência de idéias nacionalistas *e* sob o império da tradição que João e Tiago, por inspiração própria, pediram a Jesus fizesse descer o fogo do céu para consumir os Samaritanos. Criam eles que a ruína daquela vila e de seus habitantes encheria de espanto a toda gente e, pelo terror que havia de inspirar, aumen-

taria o prestígio do Mestre. Cediam a uma impressão *retrógrada,* em vez de acompanharem a marcha que Jesus lhes imprimia na senda do progresso. Essa a razão por que ele os repreendeu, dizendo-lhes: *O filho do homem não veio para perder e sim para salvar as almas.*

Como sempre, um exemplo de caridade. Atentai nestas palavras de Tiago e de João, filhos de Zebedeu: *Senhor, queres digamos que o fogo desça do céu e os consuma?;* atentai, também, na resposta de Jesus: *"Ignorais de que espírito sois, porquanto o filho do homem não veio para perder e sim para salvar as almas; e* lembrai-vos do apelido que o Mestre, *com a presciência que tinha do futuro,* dera a Tiago e a João, quando foi da vocação dos doze apóstolos — o apelido de *Boanerges,* que quer dizer: *filhos do trovão.*

Apropriada aos tempos e aos homens, a lei de Moisés era dura e cruel.

Ensinamentos mais brandos se tornavam necessários, para abrandar aquelas naturezas violentas, que já os séculos tinham esclarecido. Fazia-se mister uma lei que lhes ensinasse o amor em troca do ódio, o perdão em troca da injúria, o benefício em troca da ofensa.

Jesus não viera abolir a lei, mas completá-la.

A lei de Moisés era como um desses blocos informes que o mestre confia ao desbastador. Os séculos lhe haviam limado as asperezas mais fortes, os ângulos mais agudos.

Veio Jesus e com o seu cinzel pleno de doçura, ainda que vigoroso, lhe deu as formas e poliu os contornos. Por sobre a sua obra passaram os séculos e a matéria amoleceu.

Chegou o momento de concluí-la. O Mestre toma do buril e os traços mais delicados em breve aparecerão. Desses traços feitos no mármore vai nascer o amor divino. No coração de pedra vai penetrar o mesmo amor. E quando a obra estiver

acabada, quando o sopro do divino artista lhe houver transfundido a vida, a estátua, animada, por todas as virtudes, mostrará ao mundo que Jesus não veio abolir a lei, mas justificá-la, tornando-a perfeita.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 6-11. — MARCOS, Capítulo IX, vv. 42-50. — LUCAS, Cap. XVII, vv. 1-2

Evitar o escândalo. — É necessário que se dêem escândalos, é impossível que não se dêem. Mas, ai do homem que cause o escândalo

MATEUS: V. 6. Aquele que escandalizar a um destes pequeninos que em mim crêem, melhor fora lhe pendurassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao fundo do mar. — 7. Ai do mundo por causa dos escândalos, pois é necessário que venham escândalos; ai, entretanto, do homem por quem vem o escândalo. — 8. Se vossa mão ou vosso pé vos for motivo de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós. Mais vos vale entrar na vida coxo ou estropiado do que com duas mãos e dois pés e ser lançado no fogo eterno. — 9. Se vosso olho vos for motivo de escândalo, arrancai-o e atirai-o longe de vós; mais vale entreis na vida com um só olho do que com dois e serdes lançados na geena do fogo. — 10. Tende muito cuidado em não desprezar a um destes pequeninos, pois vos digo que seus anjos, no céu, vêem sempre a face de meu pai que está nos céus. — 11. Porque o filho do homem veio salvar o que estava perdido.

MARCOS: V. 42. Aquele que escandalizar a um destes pequeninos que crêem em mim, mais valera lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar. — 43. Se vossa mão vos é motivo de escândalo, cortai-a; mais vale entreis na vida com uma só mão do que com duas e irdes para a geena do fogo que jamais se extingue, — 44, onde o verme que os rói não morre e o fogo não se apaga. — 45. Se vosso pé vos é motivo de escândalo, cortai-o; mais vale entreis coxos na vida eterna do que com dois pés e serdes precipitados na geena do fogo que jamais se extingue; — 46, onde o verme que os rói não morre e o fogo nunca se apaga. — 47. Se vosso olho vos é motivo de escândalo, arrancai-o; melhor será que entreis no reino de Deus com um só olho do que com dois e serdes precipitados na geena do fogo, — 48,

onde o verme que os rói não morre e o fogo jamais se extingue, — 49, pois todos terão que ser salgados com fogo, como toda vitima tem que ser salgada com sal. — 50. O sal é bom, mas, se se tornar insípido, com que temperareis? Tende sal em vós e entre vós guardai a paz.

Lucas: V. 1. Disse Jesus a seus discípulos: É impossível que não venham escândalos; mas ai daquele por quem vêm os escândalos. — 2. A esse melhor fora lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar, do que escandalizar a um destes pequeninos.

N. 204. (Mateus, v. 6; Marcos, v. 42; Lucas, v. 2.) Aquele que escandaliza a uma criança, aquele que, pelas palavras e exemplos, arrasta um de seus irmãos, por mais ínfimo que o julgue, a praticar o mal, *seja* por atos, *seja* por pensamentos, se torna culpado perante Deus, não só da falta em que, assim procedendo, incorreu, mas também das em que tenha feito incorrer os outros e as expiará.

Destruí em vós todas as raízes do pecado, isto é, tudo o que vos leve a infringir a lei divina; arrancai de vossos seres tudo o que vos possa, de qualquer maneira, induzir ao mal. Tratai de compreender bem o *sentido figurado das* palavras de Jesus: — destruí nas vossas almas todas as causas do mal, qualquer que seja o sofrimento humano que vos possa isso causar. Mais vale que sofrais durante alguns dias da vossa miserável existência, rompendo com os vícios, do que vos arriscardes a sofrer, por séculos, na vida errante do Espírito culpado. Considerai que o fogo, que devora, não se extingue, e que o verme, que rói, não morre.

Imagens são estas de uma dor ardente, incessante, que consome o Espírito, sem jamais o reduzir a cinzas; de uma tortura de todos os instantes da sua vida na erraticidade, sem que lhe sorria a

esperança de ver-lhe o *fim.* A esperança é gota d'água que cai nas terras áridas, é o maná que o faminto apanha do chão, é o bálsamo que se deita na chaga sangrenta. O culpado não a pode sentir até que o arrependimento lhe haja aberto o coração para aninhá-la.

(Mateus, v. 7; Marcos, v. 42; Lucas, v. 2.) É impossível que, no seio da humanidade, não se encontrem Espíritos menos adiantados, ou mais obstinados no mal do que outros e que não provoquem o escândalo pelos seus atos maus, pelos seus maus conselhos e maus exemplos. Ai deles! melhor fora que, reconhecendo a sua inferioridade moral, não houvessem encarnado em meios muito elevados, em pontos, para eles, muito civilizados do planeta, pois que seus vícios e sua ignorância podem induzir ao mal os que os cercam e causar escândalo, detendo a estes os passos e arrastando-os à queda. Melhor fora que não houvessem encarnado, que tivessem esperado acharem-se mais amadurecidos para uma vida melhor, porquanto terão que sofrer o castigo correspondente ao orgulho que os domina e aos seus maus pendores. Prevenidos, que são, antes de encarnarem, das conseqüências boas ou más da encarnação que pedem, cientificados de que as más preponderarão, dadas as tendências naturais do Espírito, os que se obstinam em reclamá-la aceitam *de antemão* a solidariedade com a conduta que tiverem. Assinam uma letra que hão de pagar no dia do *vencimento.*

Aos Espíritos é concedido escolherem livremente os mundos onde queiram encarnar, contanto que não saiam dos limites que *lhes traça o grau do desenvolvimento* que atingiram. Um Espírito que sai *da classe* em que lhe compete estar não o faz sem ser prevenido das conseqüências que lhe pode acarretar a sua temeridade. Se essa mudança de classe viesse a ser prejudicial aos outros homens; se, principalmente, obedecesse a um propósito de viciosa maldade, tivesse por

único fim causar dano àqueles entre os quais o Espírito viria a viver no mundo, ele seria impedido de sair da sua esfera, isto é : de encarnar fora da categoria daqueles em *cujo* meio se acharia entre seus iguais no adiantamento, na inteligência, na moralidade.

Assim, essas encarnações de um Espírito entre outros de ordem superior, *relativamente* à que ele ocupa, se originam de duas causas: do desejo que tem o Espírito de progredir, desejo temerário mas sincero no momento em que escolhe a encarnação; conveniência de ferir, para fazê-los progredir, ou os povos, *ou* as famílias em cujo seio tais encarnações se verificam. A intromissão desses seres inferiores no meio de outros encarnados serve sempre para castigo, para expiação e, por conseguinte, para o progresso dos que se tornam suas vítimas e, mais ainda talvez, para o progresso dos que lutam contra os maus exemplos, os maus conselhos e triunfam. Serve também para a moralização e o progresso do Espírito inferior que encarnou fora da sua classe. Pela sua convivência, enquanto encarnado, com outros Espíritos de ordem mais elevada, ele cria relações úteis, recebe na sua alma boas sementes, que acabarão por germinar.

Nem sempre, pois, a faculdade do livre-arbítrio é absoluta quanto à escolha das provas. Ela sofre limitações. Ao Espírito que deseje progredir, por mais atrasado que seja, se deixa a escolha dos meios de o conseguir. Apenas é guiado nessa escolha. Mas o Espírito que, *apesar de tudo,* continua perverso, esse sofre, oportunamente, o castigo e as provas que lhe são infligidas. O que persevera no mal se vê constrangido a esperar que lhe seja permitido reencarnar. Algumas vezes mesmo não o quer, porém sofre à força a encarnação, como meio de se desenvolver e depurar. então, encaminhado para um meio de antemão escolhido para tal efeito, de modo que a encarnação lhe aproveite

e concorra ao mesmo tempo para o adiantamento dos que o recebem em seu seio.

Assim, não diz a verdade quem afirma que o Espírito usa sempre do livre-arbítrio quanto à faculdade de encarnar ou não e quanto às provações, *quaisquer que sejam na sua perversidade, suas intenções e o fim malfazejo que se proponha atingir* pela *reencarnação*. O exercício livre daquela faculdade, a liberdade na escolha constituem a regra, é o que se dá na maioria dos casos. Mas, há exceções, de harmonia com a natureza dos que a tais exceções dão lugar. Se fora sempre voluntária a encarnação de Espíritos endurecidos no mal, isso acarretaria perturbações nas leis que regem o progresso de todos.

Viveis num meio composto de Espíritos inferiores em a sua generalidade, num meio onde poucos se contam elevados. Entre os primeiros, alguns há muito culpados, que cometem escândalos. Ai deles! Porquanto terão que os expiar.

São uma pedra de toque para os que se acreditam com força bastante a resistir às suas tentações, aos maus exemplos. Estes, por seu turno, se os traiu a confiança que em si mesmos depositavam, se não se mostram suficientemente fortes para resistir, também terão que expiar, não só as faltas cometidas, mas ainda o orgulho que os induziu a procurarem uma prova mais difícil do que deveriam ser as suas.

Necessário é, portanto, que haja escândalos no mundo, pois que é pelo contacto com os vícios que as virtudes se fortalecem e deles triunfam. Mas, ai dos que ocasionarem o escândalo! Ai, também, ainda que menor lhes seja a culpa, dos que se deixam levar até ao escândalo.

Doçura, fé, bons exemplos, tais as armas de que vós outros, espíritas, vos deveis utilizar para propagar a nova revelação. Bom êxito alcançareis, com elas, entre muitos de vossos irmãos. Mas, nem todos se acham ainda amadurecidos. Deveis falar

desassombradamente das vossas crenças, assentá-las nas suas bases. Fazei-o, todavia, com brandura e persuasão. Se, porém, encontrardes naturezas obstinadas (e as há muitas), deixai-as. O tempo fará, ou nessa mesma existência, ou em outras, com o auxílio da reencarnação, o que não tiverdes podido conseguir. O futuro é longo: toda a eternidade se contém nele.

(Mateus, vv. 8-9; Marcos, vv. 43-48.) Aquele que vive engolfado nos vícios não entra na vida eterna. Após a morte do corpo, terá uma existência espírita limitada e toda de sofrimento. Dela só sairá, uma vez que se tenha arrependido, para recomeçar, a título de provação e de expiação, uma nova existência terrena.

Contrariamente, aquele que soube despojar-se das causas de faltas a que poderia ser arrastado, esse entra na vida espírita *vendo* desdobrar-se a seus olhos o futuro que lhe está reservado. Entra, conseguintemente, no reino dos céus, isto é: na senda que conduz à perfeição, pois que a Terra se lhe apaga da vista, desde o momento em que o grau de pureza que haja atingido lhe permita compreender a vida eterna, que é a vida espírita — vida normal do Espírito na imensidade.

Chegado a esse ponto, pode dar-se que lhe cumpra passar por uma nova existência na Terra. Essa, entretanto, *não será mais* uma existência expiatória. Ser-lhe-á concedida para o desempenho de uma missão, o que representa, para tal Espírito, se ainda não atingiu a perfeição moral, *uma prova.* Se já alcançou essa perfeição, a nova existência lhe servirá para auxiliar a realização de um progresso científico, para realizá-lo ele próprio, a fim de galgar, em adiantamento intelectual, o grau a que ascendera em adiantamento moral.

O Espírito pode ser muito adiantado sob o ponto de vista moral e muito ter ainda que avançar no tocante aos conhecimentos, embora, por ter chegado desse lado a certa altura, nada mais possa

adquirir na Terra. Isto nada importa, porque, primeiramente, o vosso mundo não é o único apropriado às encarnações materiais. Conquanto nunca penseis senão no minúsculo ponto em que habitais, inumeráveis se reconhecerá que são os mundos daquela categoria, desde que se considere serem inúmeras as diferenças, as condições várias e os diversos graus através dos quais, por gradações insensíveis, se vai da matéria compacta ao estado fluídico.

Em segundo lugar, os progressos que o Espírito possa imprimir às ciências, *no vosso ou noutros mundos,* quando vise um fim humanitário, se decuplicam, para ele, com a sua volta ao estado espírita. O que, na prisão de carne, esboçou, se aperfeiçoa subitamente, desde que a liberdade lhe é restituída. O artista, constrangido num espaço acanhado, modela a estatueta cuja criação ideou, dá-lhe depois, quando vem a encontrar-se livre daquele constrangimento, proporções gigantescas, visto ter ao alcance das mãos todos os materiais necessários e em torno de si o ar, o espaço e grandioso cenário.

(Marcos, v. 49.) O fogo exprime *emblematicamente* a expiação como meio de purificação e, portanto, de progresso para o Espírito culpado.

O sal, entre os Hebreus, era o *emblema* da purificação de toda vítima oferecida em oblata ao Senhor.

Jesus, a fim de ser compreendido das inteligências a que se dirigia, compunha a sua linguagem *figurada,* recorrendo aos costumes ou aos preconceitos e tradições hebraicas para as comparações de que precisasse servir-se, conforme os casos.

Como sabeis, os Espíritos que faliram, os Espíritos culpados, para se despojarem das impurezas morais, têm que sofrer, nos mundos inferiores, com um fim de expiação, de reparação e de progresso por meio de provações, a encarnação, as reencarnações sucessivas, precedida cada uma des-

tas, em conseqüência da anterior, da expiação no mundo espírita, por meio de sofrimentos e torturas morais apropriados e proporcionados aos crimes e faltas cometidos.

Uma vez purificados de tudo o que para eles e para seus irmãos constituía "motivo de escândalo", não mais têm que "ser salgados com o fogo", ou que ser precipitados na "geena do fogo", onde o verme que rói não morre e o fogo nunca se extingue. Continuam a avançar pela senda do progresso moral e intelectual, mediante reencarnações sucessivas, porém *não mais* expiatórias. Reencarnam em mundos cada vez mais elevados, moradas de paz e de felicidade, até que, por se haver nulificado neles a influência da matéria, se tenham tornado puros Espíritos.

(Marcos, v. 50.) Tende valor próprio, mas que o mérito de cada um não se torne fonte de discórdias, pois que o Senhor poderia, *pela natureza da encarnação,* destruir esse mérito. Ficareis sendo então como o sal que perdeu o sabor, isto é: nulos.

Trate cada um de adquirir valor aos olhos de Deus e dos homens. Se todos os vossos esforços tenderem a esse fim, sereis forçosamente levados a progredir. Mas, não vos orgulheis desse valor, visto que, por grande que o julgueis ou que pareça *aos outros homens, pouco* sabor tem ele para Deus. Não o façais perder esse pouco sabor, tornando-o insuportável aos que vos rodeiam. Não esqueçais nunca que nada sois diante do Ser supremo e que é somente tendo em vista o *seu juízo* que deveis aspirar a tornar-vos alguma coisa. Não procureis que os outros o percebam e ainda menos que o admirem. Ao contrário, *na humildade do* vosso *coração,* cuidai de aumentá-lo por forma tal que o vosso pai o julgue bastante grande pelo progresso intelectual e sobretudo moral que haja determinado em vossos irmãos e em vós mesmos.

(MATEUS, v. 10.) Tende cuidado, dizia Jesus a seus discípulos, em não desprezar a um destes pequeninos, pois vos digo que seus anjos, no céu, vêem sempre a face de meu pai, que está, nos céus.

Não esqueçais que Jesus falava quase sempre *por figuras.* Apresentava aos discípulos a infância como *emblema* da pureza e da virtude. Ora, os Espíritos protetores dos homens puros e virtuosos são Espíritos elevados que, pela sua mesma elevação, mais se podem aproximar da luz. O estado de pureza que atingiram lhes permite comunicar com os Espíritos mais elevados, mensageiros dos puros Espíritos, dos Espíritos perfeitos que "vêem" Deus.

Mas, repetimo-lo, Jesus falava em estilo *figurado. Os* Espíritos que se aproximam do Senhor e o *"vêem" são* extremamente elevados para descerem até à humanidade. Mais geral e extensa é a missão que desempenham. Projetam sobre os mundos as claridades que irradiam do Senhor e que nós vos transmitimos diminuídas para que as possais suportar.

(MATEUS, v. 11.) "O filho do homem veio salvar o que estava perdido."

Ao pronunciar estas palavras, Jesus compreendia no seu pensamento o passado, a época em que falava e o futuro.

A lei fora dada aos homens para guiá-los, mas os homens *abusaram* da lei. Não obedeciam *mais aos mandamentos,* desfiguravam os *preceitos e fa*ziam das *tradições o* fundamento de *seus dogmas.* Jesus viera salvar os que se haviam extraviado, os que se tinham perdido. Abriu-lhes uma estrada nova em seguimento da de que eles se tinham afastado. Porém, *também* essa nova estrada ficou atravancada de dogmas, de tradições, de interpretações, escombros do edifício que o Mestre elevara

a tão grande altura com extrema simplicidade e clareza, proclamando entre os homens e para a humanidade inteira que toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos: — amor a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si mesmo, dos pontos de vista material, moral e intelectual, mandamentos que implicam a observância dos preceitos do Decálogo. Preceituando aos homens a prática desse duplo amor, abstração feita de todos os diversos cultos exteriores, prescrevia-lhes que não adorassem o pai nem no alto do monte, nem em Jerusalém, que se tornassem os adoradores que o pai quer ter, seus adoradores em *espírito e em verdade.* Por este modo, todos se farão servos e membros da Igreja do *Cristo,* cujo templo é o vosso planeta e cujos fiéis são os que praticam aquele duplo amor, com simplicidade de coração, humildade de espírito, desinteresse, atividade e devotamento, trabalhando *assim,* pelo exemplo e pela palavra, para que se cumpra a promessa do Mestre, a de haver *um só rebanho conduzido por um só "pastor".*

Jesus vem de novo em busca do que estava perdido, salvar o que se perdera. Vem, por meio da nova revelação e por intermédio dos Espíritos do Senhor, reconduzir à estrada, em nome do Espírito da Verdade, o que se havia perdido. Cuidai, desta feita, de não mais vos desviardes, pois que, quanto mais avançais, com mais retidão deveis caminhar.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 12-14. — *LUCAS,* Cap. *XV, vv.* 1-10

Ovelha desgarrada. — Dracma perdida

MATEUS: V. 12. Que vos parece? Se um homem tem cem ovelhas e uma delas se desgarra, ele não deixa as outras noventa e nove nos montes para ir procurar a que se desgarrou? — 13. E se acontece que a encontre, em verdade vos digo que essa ovelha lhe dará mais alegria que as outras noventa e nove que não se extraviaram. — 14. Assim, não é da vontade de meu pai que está nos céus que pereça um só que seja destes pequeninos.

LUCAS: V. 1. Os publicanos e os pecadores se aproximaram de Jesus para ouvi-lo. — 2. E os fariseus e os escribas murmuravam, dizendo: Este homem recebe os pecadores e come com eles. — 3. Jesus então lhes propôs esta parábola: — 4. Qual dentre vós aquele que, tendo cem ovelhas e perdendo uma, não deixará as outras noventa e nove no deserto, para ir procurar a que se perdeu até achá-la? — 5. E que, encontrando-a, não a carregará nos ombros cheio de alegria? — 6. Esse tal, voltando a casa reúne seus amigos e vizinhos e lhes diz: Congratulai-vos comigo, pois achei a minha ovelha que se perdera. — 7. Eu vos digo que, igualmente, mais alegria haverá no céu por ter um pecador feito penitência do que por causa de noventa e nove justos que não precisam fazer penitência. — 8. Ou, qual a mulher que, tendo dez dracmas e perdendo uma, não acende a sua candeia, não varre a casa e não procura com cuidado a moeda até a encontrar? — 9. Uma vez que a encontre, ela reúne suas amigas e vizinhas e lhes diz: Regozijai-vos comigo, pois encontrei a dracma que havia perdido. — 10. Do mesmo modo, haverá, eu vos digo, grande júbilo entre os anjos de Deus por um pecador que faça penitência.

N. 205. O pensamento que ditou a parábola da ovelha desgarrada é o mesmo do da dracma perdida. Visam o mesmo fim os ensinamentos que

resultam de ambas. *Somente a* da dracma perdida *objetivava especialmente os* pobres a quem Jesus falava.

Ele viera em socorro dos que fraquejavam, ou que, apavorados com os obstáculos do caminho, retrogradavam. O pai de família cuida com ternura do filho doente e o coração se lhe alvorota de ventura quando o vê restabelecido.

Foi o que fez o filho bem-amado do pai, durante a sua missão terrena. Era o que fazia antes que descesse a desempenhar essa missão, *desde* que o homem surgiu no vosso planeta, a cuja formação ele presidiu e do qual é o protetor, o governador, o senhor. É o que continuou a fazer depois do desempenho daquela missão e faz ainda agora, por intermédio dos Espíritos do Senhor, dos enviados do pai, dos missionários, encarnados e errantes, que, sob a sua direção, sempre trabalharam e trabalham pelo progresso da humanidade terrena.

Todos os seus cuidados, todo o seu amor se hão concentrado e concentram nas suas "ovelhas". Mas, sobre as que sofrem, sobre as que um mau "pastor" deixou se perdessem, é que mais ativamente se exerce a sua vigilância. Ele as procura, fala para que lhe elas escutem a voz e grande é a sua alegria quando a sua voz amorosa consegue ecoar no coração daquele que se "perdera". Oh! então, o bom pastor corre para a ovelha que respondeu ao seu chamamento e, tomando-a nos braços, a reconduz ao aprisco, para que não mais se aparte do "rebanho".

Compreendei bem o sentido e o alcance destas palavras de Jesus:

"Eu vos digo que igualmente mais alegria haverá no céu por ter um pecador feito penitência, do que por causa de noventa e nove justos que não precisam fazer penitência. — Do mesmo modo haverá, eu vos digo, grande alegria entre os anjos de Deus, por um pecador que faça penitência."

Jesus, aludindo à alegria de encontrar a ovelha desgarrada, não procura desviar do bom caminho os "justos". Entendei por "justos", não os que jamais fraquearam, porquanto não há, encarnadas *no* vosso planeta, criaturas que nunca tenham cometido faltas, mas os que deixaram de fraquear, ou, melhor, os que fazem esforços sérios, constantes e porfiados por não mais fraquejarem.

Muitos há que, não compreendendo o sentido e o alcance dessas palavras do Mestre, lhes imputam o defeito de concorrerem para destruir o amor do bem naqueles que se esforçam por manter-se na senda do bem, com o lhes apresentarem o culpado que se arrepende como mais precioso do que o justo.

Não, elas exprimem tão-somente o carinho de Deus para com todas as criaturas, carinho que lhe faz experimentar frêmitos de alegria sempre que volta ao redil uma ovelha desgarrada.

Estas últimas palavras "carinho que lhe faz experimentar frêmitos de alegria, etc." — são *simbólicas.* O Senhor, pela sua infalível previdência, sabe sempre que todos vós voltareis ao seu seio, assim como sabe quando voltareis. Conseguintemente, aquela alegria, aqueles frêmitos de alegria devem antes ser atribuídos aos Espíritos encarregados de *vos reunir.* Vós, que tendes tido algum de vossos filhos gravemente enfermo, não experimentastes, quando o vistes curado, transportes de ventura e de reconhecimento a Deus, transportes a que jamais os outros filhos deram lugar? E todavia não consagrais àquele mais amor do que a seus irmãos.

Dado que ele venha a crescer denotando tendências más, enquanto que os irmãos se conservam no bom caminho, não concentrareis todos os vossos esforços, toda a vossa solicitude nesse filho que poderia transviar-se, perder-se, segundo a maneira de ver do mundo? E, se os vossos esforços forem coroados de êxito, dizei-nos : não experi-

mentareis grande alegria? Contudo, não lhe consagrais mais amor do que aos outros. É que as dificuldades vencidas, as vitórias alcançadas aumentam o valor da obra realizada.

Os que dizem que aquelas palavras de Jesus concorrem para destruir o amor do bem nos que se esforçam por manter-se na senda do bem, com o lhes apresentarem o culpado que se arrepende como mais precioso do que o justo, esses não compreendem nem o sentido, nem o alcance de tais palavras.

Não, cada um obtém sempre de conformidade com as suas obras. Mas, a nós, Espíritos encarregados *de vos reunir,* Espíritos aos quais Jesus dava a designação de "anjos de Deus", a nós que velamos sobre vós, como sobre as ovelhas vela o pastor, que fazemos os maiores esforços por vos arrebanhar sob as vistas do Mestre, a nós nos é permitido o júbilo quando encontramos uma ovelha que se perdera e que conduzimos ao aprisco.

Jesus disse e nós o repetimos: *Não é da vontade de meu pai que está nos céus que qualquer* destes pequeninos pereça. Nenhuma criatura do Senhor permanecerá afastada dele. Todas, mais cedo ou mais tarde, virão reunir-se a seus pés. Diante de vós se desdobra a eternidade. Trabalhai por conquistar o lugar que vos está reservado na vida eterna. Quanto mais depressa o obtiverdes, tanto mais rapidamente entrareis nessa existência de felicidade, onde tudo é atividade, caridade, amor, ciência e progresso.

Se os "príncipes da Igreja" houvessem querido compreender as palavras de Jesus, não teriam insistido na *"eternidade das penas"* nem na *"queda dos anjos",* queda que lhes serviu de base para o dogma da *condenação eterna.* É um duplo erro, nascido da *letra que mata e* condenado pelo *espírito que vivifica. É* um duplo erro que o progresso das inteligências e a consciência moderna já condenaram como uma monstruosidade, uma falsidade,

em face da onipotência, da justiça, da bondade e da misericórdia infinita de Deus; de Deus, o supremo ser, o criador do universo, o soberano Senhor, pai de todos e de tudo o que existe; de Deus, cujo amor universal, infinito, abrange todas as suas criaturas ; de Deus, que olha com paternal afeto tanto para o oução, como para o rei da terra. É um duplo erro que a nova revelação vem condenar, em nome de Jesus, por intermédio dos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade.

N. 206. *Dizem alguns:* Na parábola da ovelha perdida e encontrada, na alegria do pastor que acha de novo a ovelha que ele tomara sob sua guarda e à qual ama, alguma coisa há de comovente; ao passo que a alegria da mulher, que encontra novamente a dracma que havia perdido, é um sentimento todo material, que pouco interesse inspira. Com o primeiro assunto se comporia um quadro encantador, o que não se conseguiria com o segundo.

Os que assim se expressam não compreendem o pensamento de Jesus, nem o fim que ele colimava. Deveriam refletir e procurar compreender, *antes* de criticar a palavra do Mestre.

Jesus, como já dissemos, falava aos pobres, não o esqueçais. O pensamento principal, dominante, na parábola da dracma perdida, corresponde ao sentimento que domina a classe pobre, para a qual a mais insignificante quantia tem uma grande importância, pelas dificuldades que aos dessa classe se deparam para obtê-la, sendo-lhes preciso ganhá-la penosamente. O sentimento material que, naquela parábola, é apenas o seu instrumento, tem grande interesse, porquanto ele visa tornar compreensível à classe pobre que tudo que estiver perdido, do ponto de vista espiritual, deve ser procurado com ardor igual ao que a anima a procurar uma moeda de pequeno valor e deve cau-

sar, quando encontrado, alegria igual à que produz o achar-se a moeda que se perdera.

Assim, o arrependimento por haver desprezado as virtudes e, conseqüentemente, por haver cultivado os vícios, que as substituíram, constitui para o homem o meio e o caminho pelos quais "tornará a encontrar" o que perdeu. Esse arrependimento fará ainda com que ele se sirva do que havia perdido e que de novo encontrou para alimentar sua alma, a fim de que progrida moral e intelectualmente.

Oh! então, para nós, Espíritos do Senhor, "anjos de Deus", na frase do Mestre, grande será a alegria! Quanto temos procurado a dracma perdida! quanto somos felizes por a termos encontrado e podermos dizer aos homens: Filhos, que tanto amamos, ainda temos nas mãos a fonte do alimento que sustenta, não o corpo perecível, mas a alma imortal, temos com que vos alimentar, fortificar, engrandecer, até que estejais bastante fortes para chegardes a Deus.

Falam de quadros e não podem admitir a alegria da mulher que torna a encontrar a parte, que havia perdido, de seus haveres! Olhai a pobre mãe cercada de míseros filhinhos e cujo marido vai regressar do trabalho exausto de fadiga. Como lhe há de ela dizer que uma das dez dracmas, tão penosamente ganhas, esperança e meio de sustento da família, se perdeu? Impossível. A mãe valorosa não se deixa abater pelo desânimo. Procura, procura por fim acha a dracma perdida, instrumento do bem-estar de seu marido e de seus filhinhos. Que alegria poderá ser maior do que a sua? Pois não tem ela de novo com que dar ao marido e aos filhos, durante todos aqueles dias para os quais a moeda ganha assegurará a alimentação, o pão que os sustentará e fortificará?

LUCAS, Cap. XV, w. 11-32

Parábola do filho pródigo

V. 11. Disse ainda : Um homem tinha dois filhos. — 12. O mais moço disse ao pai : Meu pai, dá-me a parte que me há de tocar dos teus bens. E o pai repartiu com os dois os seus bens. — 13. Poucos dias depois, o filho mais moço reuniu tudo o que era seu, partiu para um país estranho e muito distante e aí dissipou os seus haveres em desregramentos e deboches. — 14. Quando já havia dissipado tudo, grande fome assolou aquele país e ele começou a passar privações. — 15. Foi então e entrou para o serviço de um dos habitantes do país, o qual o mandou para uma sua fazenda a apascentar os porcos. — 16. Aí, muito gostaria ele de encher a barriga com as landes que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. — 17. Afinal, caindo em si, disse : Quantos jornaleiros há, na casa de meu pai, que têm pão em abundância, enquanto que eu aqui morro de fome! — 18. Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e lhe direi : Meu pai, pequei contra o céu e contra ti. — 19. Não mais sou digno de que me chames teu filho; trata-me como a um dos teus jornaleiros. — 20. E levantando-se, foi ter com o pai. Vinha ele ainda longe quando este o viu e, tomado de compaixão, correu-lhe ao encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou. — 21. Disse-lhe o filho: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; não sou mais digno de que me chames teu filho. — 22. O pai disse, porém, a seus servos : Trazei-me depressa a melhor das roupas e vesti-a nele; ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés; — 23, trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e regozijemo-nos; — 24, pois que este meu filho estava morto e ressuscitou; estava perdido e foi achado. E começaram a festejar o acontecimento. — 25. O filho mais velho, que estava no campo, ao aproximar-se de casa, ouviu música e rumor de dança. — 26. Chamou um dos servos e perguntou o que era aquilo. — 27. O servo respondeu: É que teu irmão voltou e teu pai mandou matar um

novilho gordo por tê-lo recobrado são e salvo. — 28. O rapaz se indignou e não queria entrar. O pai saiu e se pôs a lhe pedir que entrasse. — 29. Ele, porém, disse: Já lá se vão tantos anos que te sirvo, sem jamais haver transgredido ordem tua e nunca me deste um cabrito para que eu me banqueteasse com meus amigos. — 30. No entanto, ao regressar o teu outro filho, que esbanjou todos os seus bens com meretrizes, logo lhe matas um novilho gordo. — 31. Meu filho, disse o pai, estás sempre comigo e o que é meu é teu; — 32, mas, pelo que respeita a teu irmão, era preciso que nos banqueteássemos e rejubilássemos, porquanto ele estava morto e ressuscitou, estava perdido e foi achado.

N. 207. De há muito o pai de família repartiu entre vós os bens que vos tocavam. Deu a cada um a sua parte. Que fizestes delas? Em vez de lhe testemunhardes o vosso reconhecimento, o vosso amor, esbanjastes os tesouros que ele vos entregou. A parte que vos cabe na herança é a ciência, a virtude, a vida eterna diante do Senhor. Perdestes, dissipastes esses tesouros com as meretrizes e os companheiros de deboches, isto é, nos vícios de toda espécie, em que vos chafurdastes. Depois, a fome se fez sentir, pois que ela é grande no país em que habitais. Compreendestes, então, que precisáveis "viver" e procurais voltar à "casa paterna". Não pareis no caminho, visto que, por mais culpados e miseráveis que sejais, por mais despidos que estejais, o "Pai de família" vos receberá de braços abertos e seus servos se apressarão a festejar o regresso do filho.

N. 208. Que se deve pensar da opinião dos que pretendem que, em face dos vv. 14-18, ao pecador, que é o filho pródigo, o arrependimento e a necessidade de voltar para casa paterna vêm, não do amor do bem, mas do desejo de trocar os tormentos da miséria pela satisfação do bem-estar?

O homem sempre esquece que o corpo oculta a alma e que, nos ensinamentos de Jesus (salvo

algumas *exceções, aliás de* si *mesmas claras), o* corpo não é senão a figura da alma. Ele usava, com relação ao corpo, de palavras *figuradas,* que só se devem aplicar à alma.

Sim, depois de haver esbanjado todos os tesouros que tinha em si mesmo, tesouros de força, de ciência, de sabedoria; depois de haver dissipado o seu tempo e a sua inteligência, o filho pródigo sente a fome que o avassala. Faz-se o vácuo no seu íntimo, domina-o invencível tédio e ele se põe ao serviço das más paixões que o esgotam, sem que suas repugnantes escórias o alimentem. Só então, sofrendo os efeitos da miserável condição em que se encontra, pensa, cheio de amargura, em tudo o que perdeu. Só então se lembra do pai, do seu Deus, tão bom, tão terno, único capaz de lhe restituir os tesouros perdidos.

Nesse momento, humilde e arrependido, dirige-se ao Senhor, dizendo: Meu Deus, meu pai, pequei contra ti, julguei-me bastante forte para, dispensando conselhos e proteção, dispor à minha vontade das riquezas que me entregaste; reclamei-as antes de tempo, quando delas ainda me não sabia servir; esgotei-as, meu Deus, e agora eis-me aqui, despojado de tudo, sem mais possuir a inteligência que guia, o amor da ciência, que eleva, a força de lutar, que engrandece.

Tenho fome, devora-me a fome do futuro. Sinto que não me criaste para viver nesta abjeção, as minhas aspirações te buscam., só *tu* podes reparar as minhas perdas.

Oh! meu pai, abre teus braços paternais para acolher o filho arrependido, restitui à minha alma a força, a inteligência, o amor, a fim de que, compreendendo cada vez mais vivamente as culpas em que incorri para contigo, cada vez mais me esforce pelas reparar.

N. 209. Tendo-se em vista estas palavras de Jesus (Lucas, XIV, vv. 24-35) : "O sal é bom, mas se

o sal se torna insípido, com que temperareis? Não servirá mais nem para a terra nem para os adubos, e será, por isso, posto fora; que ouça aquele que tiver ouvidos de ouvir", quais o sentido e o alcance da parábola do filho pródigo?

Aquele, que persevera no mal, que recusa ouvir qualquer conselho, é como a semente estéril: não presta para ser lançada à terra, porque nada produzirá; não presta para ser lançada na estrumeira, porque, devendo o estrume auxiliar a vegetação da terra, o grão estéril que nele se lance, além de inútil para a germinação das outras sementes, ainda se apropriará de uma parte dos sucos nutritivos, para não dar mais do que uma erva abundante e efêmera, nociva ao resto da plantação, sem nada de proveitoso colher para si mesma.

O homem que se obstina no endurecimento fica incapaz de produzir frutos, isto é, de dar exemplos úteis à moralização de seus semelhantes. Absorve os cuidados e a atenção dos que se lhe consagram, ficando esses cuidados e atenções, que em nada lhe aproveitam, de nenhuma utilidade para outros homens de boa-vontade.

Eis porque essas criaturas serão postas *fora,* isto é, desterradas para mundos inferiores, como se faz com a semente má, que é lançada ao fogo. *Aí,* passarão, para elas, eternidades de prantos e de gemidos, pois que eternidades de séculos amontoados são necessárias ao desenvolvimento e ao aperfeiçoamento das terras primitivas, são precisas para que estas atinjam, não o *grau de superioridade* a que se hão de elevar, mas, apenas o *nível em que vos achais.*

A conversão de um pecador causa grande alegria aos que o amam e esperam, porém não elimina as conseqüências da ofensa feita. Simplesmente as atenua.

De fato, que é a expiação? A conseqüência do mal praticado, o esforço para o *reparar.*

Qual o Espírito arrependido que não conserva, seja qual for o perdão obtido, lembrança tanto mais amarga de suas faltas, quanto maior se tenha manifestado a bondade do Senhor?

Qual o Espírito que não tentará fazer voluntária e alegremente tudo o que possa por apagar os traços de um passado que o aflige e por merecer os favores de que se sente objeto?

A consciência do homem honesto não lhe brada quando, por um arrastamento qualquer, ele se afasta do caminho que reconhece ser o único honroso? E qual o seu maior desejo, senão o de reparar o mal que causou, apagando-o *com o bem?* Ora, se *isto* é o que se dá *com alguns de vós outros,* que não será em se tratando de Espíritos cujos sentidos alcançaram uma sutileza e um desenvolvimento extremos ?

A justiça do Senhor segue sempre o seu curso no tocante à expiação e à reparação, que constituem, para o Espírito culpado, as sendas da purificação e do progresso. Mas, aquele que volta sobre seus passos consegue atenuar o futuro, *não o esqueçais nunca.*

N. 210. Quais, na parábola, *o objeto e* o *fim* dos versículos 26-32, relativos ao filho mais velho do pai de família?

(Vv. 26-27.) *A resposta* do servo ao filho mais velho, que o chamara para interrogá-lo, tem por fim mostrar o acolhimento que o Senhor dispensa àquele cujo arrependimento *é sincero, as* alegrias que lhe proporciona, os socorros espirituais que lhe concede, por efeito desse arrependimento, que o coloca, em condições de avançar, sem mais desfalecimentos nem paradas, pela estrada de que se desviara.

(Vv. 28-29-30.) A réplica do filho mais velho do pai de família, quando este lhe pedia que en-

trasse na sala da festa, *tem por fim* mostrar a tendência do homem para a inveja, para o egoísmo, inveja e egoísmo que o levam a ter ciúmes do que é feito a seus irmãos, considerando-se superior a estes. Aquela resposta põe em destaque esse egoísmo e essa inveja. Não percebendo as graças que cotidianamente lhe são dispensadas, o homem inveja as que *julga* concedidas aos outros.

Que recompensa lhe deve o Senhor? Não basta lhe conceda participar de suas graças? Notai que a festa celebrada por motivo do regresso do rapaz nenhum compromisso envolve com relação ao futuro, de nenhum trabalho, de nenhuma obrigação o isenta. Festejam-lhe a volta, mas amanhã, amanhã, ele terá que ocupar o seu lugar, que trabalhar e trabalhar com tanto mais zelo e atividade, quanto maior tenha sido o lapso de tempo durante o qual esteve paralisada a obra que lhe cumpre executar.

(Vv. 31-32.) As palavras do pai ao filho mais velho têm por fim mostrar a igualdade de todos perante Deus. O pensamento é idêntico ao da parábola dos trabalhadores da última hora.

O pai de família fizera entre os dois filhos a partilha de seus bens. Cada um recebera parte igual da herança. Mas o que não se afastara de casa viveu sempre em comum com o pai *(o que é meu é teu),* isto é, aproveitando das graças já outorgadas e recebendo diariamente novas graças. Como, porém, o hábito o tornara indiferente, não as percebe e então sente inveja do que vê fazer-se aos que voltam a colocar-se na mesma categoria em que ele se acha.

"Teu irmão estava MORTO e RESSUSCITOU, diz o pai, estava PERDIDO e foi ACHADO."

O Espírito culpado, que se obstina no mal, está *morto,* no sentido de que o seu estado é o *emblema* da morte. *A morte,* na acepção legítima

da palavra, é a cessação de todo movimento; logo, numa, acepção figurada, é a cessação de todo progresso. O arrependimento *o ressuscita,* pondo-o em estado de retomar a sua marcha ascensional. É *assim* que ele estava *perdido* e que foi *achado.*

NOTAS DA EDITORA — A palavra *landes,* que se encontra no versículo 16, foi substituída por outros tradutores por — *alfarrobas, bolotas, vagens.*

A dádiva do anel indicava que o pai não recebia o filho como escravo, visto que naquela época os escravos não podiam usar anéis.

LUCAS, Cap. XVI, vv. 1-9

Parábola do mordomo infiel

V. 1. Disse também Jesus a seus discípulos: Havia um homem rico que tinha um mordomo e este perante ele foi acusado de lhe haver dissipado os bens. — 2. Ele o chamou à sua presença e lhe disse: Que é o que ouço dizer de ti? Dá-me conta da tua administração, pois que não poderás mais administrar meus bens. — 3. Disse então o mordomo de si para si : Que hei de fazer, uma vez que meu amo me tira a administração de seus bens? Não sei cultivar a terra e de mendigar tenho vergonha. — 4. Já sei o que farei, a fim de que, quando me houverem tirado a mordomia, encontre pessoas que me recebam em suas casas. — 5. Chamou cada um dos que deviam a seu amo e perguntou ao primeiro: Quanto deves a meu amo? — 6. O devedor respondeu : Cem medidas de óleo. Disse-lhe o mordomo: Toma a tua obrigação, senta-te ali e escreve depressa uma outra de cinqüenta. — 7. Perguntou em seguida a outro devedor: E tu quanto deves? Respondeu esse: Cem alqueires de trigo. Toma, disse ele, o documento que me deste e escreve um de oitenta. — 8. E o amo louvou o mordomo infiel por haver procedido com atilamento; pois os fílhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz. — 9. E eu vos digo: Empregai as riquezas de iniqüidade em granjear amigos, a fim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.

N. 211. A comparação que esta parábola encerra não tem sido compreendida. Jesus o que disse foi: Se o amo louva o administrador infiel que, para garantir o futuro, trata de fazer amigos entre os devedores de seu amo, aumentando-lhe as perdas, que não fará o Senhor por aquele que cuidou de preparar amigos para a vida eterna, empregando as riquezas humanas em praticar o bem, em socorrer seus irmãos, granjeando assim

o reconhecimento e a afeição destes? A afeição e o reconhecimento quase que não têm curso, é certo, no seio da humanidade, mas, no mundo dos Espíritos, grandes e vivos são esses sentimentos.

Repetimos : Por esta parábola Jesus não ofereceu um exemplo, como o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das letras de cada versículo. Formulou apenas uma comparação.

N. 212. Em face do que acabais de dizer, quais são, em espírito, o sentido e o alcance do v. 8: E o amo louvou o mordomo infiel por haver procedido com atilamento?

Nessas palavras está o seguimento da *comparação.* Se o homem pode louvar o seu servidor por se haver mostrado previdente, embora procedendo fraudulentamente e em contrário aos interesses que lhe estavam confiados, quão mais indulgente não se mostrará o Senhor para com aquele que houver empregado, como acabamos de dizer, suas riquezas humanas em fazer o bem, granjeando desse modo amigos reconhecidos, cujas ações de graças subirão qual incenso aos pés do Altíssimo !

Tampouco se devem tomar ao pé da letra as palavras — *riquezas de iniqüidade* — usadas apenas para mais fortemente ser tocada a inteligência dos homens materiais da época. Aquele termo, expressivo do desprezo, foi empregado para fazer sentir ao homem o pouco apreço que deve dar aos bens terrenos, bens estes que, para a maioria, têm sido, são, ou serão fonte de ações más.

Naquela época, o que sabia tirar partido dos acontecimentos, ainda que praticando uma *ação má,* era qualificado de *hábil,* de *inteligente,* considerando-se, ao contrário, tolo o que se deixava arrastar pela corrente.

Não é desgraçadamente dessa maneira que ainda alguns homens do vosso tempo consideram as coisas?

Jesus procurou tornar compreensível, vulgarizar este pensamento que mais uma vez repetimos: Pois que o homem não hesita em aprovar a previdência de um de seus semelhantes, mesmo quando essa previdência se traduz por um ato fraudulento do qual é ele vítima, que não fará o Senhor por aquele de seus filhos que tiver sabido empregar os bens perecíveis e perigosos da Terra na conquista de amigos que lhe advoguem a causa e o ajudem a entrar no refúgio eterno? Mesmo que esse tenha sido culpado, suas boas ações lhe serão contadas e suavizarão a pena reservada aos maus.

Pois os filhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz.

Fácil é de apreender o sentido dessas palavras: O homem pensa muito mais no seu futuro material do que no seu futuro espiritual.

Mesmo entre os que têm luz e nutrem o desejo de elevar-se, maior é o número dos indiferentes, que deixam fugir as ocasiões de alcançarem as graças do Senhor, do que, entre os mundanos, o número dos que se descuidam de bem encaminhar seus negócios e de assegurar o seu futuro material.

N. 213. QUAIS SÃO, em espírito, o SENTIDO e o ALCANCE do v. 9: Eu vos digo: Empregai as riquezas de iniqüidade em angariar amigos, a fim de que, quando elas vierem a faltar-vos, eles vos recebam nos tabernáculos eternos?

Já o temos dito: Jesus considera *"riquezas de iniqüidade" os bens terrenos,* tantas vezes causa de males para o homem. Assim sendo, ele vos diz: empregai esse elemento de faltas e de más ações ou de funestas cobiças — em fazer o bem;

dessa fonte de males — fazei que emanem o reconhecimento e o amor e nela podereis dessedentar-vos, porquanto, se bem sejam maus os vossos atos e numerosas as vossas faltas, achareis amigos gratos pelo bem que lhes houverdes feito, os quais vos ajudarão a suportar as conseqüências daquelas faltas, vos assistirão nas ocasiões dos desfalecimentos e, sem cessar, implorarão para vós a misericórdia divina.

N. 214. *Eis a critica que hão feito dessa parábola do mordomo infiel:* "Um homem pretende despedir o seu mordomo, por haver, ao que se diz, esbanjado os bens que lhe tinham sido confiados. Acresce que o mordomo, para se livrar de dificuldades futuras, junta às suas passadas infidelidades a seguinte notável tratantice: Chama os devedores de seu amo e combina com eles restituir-lhes os documentos que haviam firmado, em troca de outros de menor valor. Assim, quem devia 100 passa a dever apenas 50 ou 80 e desse modo o mordomo garante o seu futuro, adquirindo amigos. Ora, o amo foi informado (não se declara como) do procedimento do seu empregado. Que pensais vai ele fazer? Que vai punir o servidor desonesto, ou, pelo menos, despedi-lo? De modo algum; a última maroteira mudou todas as suas intenções. Tal é o apreço em que tem aquilo a que se dá o nome de esperteza, que louva o infiel mordomo por haver procedido com atilamento. Não se nos diz se o conservou; mas, facilmente se depreende que sim. A conclusão se aplica ao emprego dos bens mal adquiridos. Porém, não foi, como vemos, de bens mal adquiridos que o mordomo infiel lançou mão para salvar o seu futuro; mas de bens que lhe não pertenciam; foi tão-somente de bens do seu amo. O ato que praticou é um roubo, nem mais nem menos."

A explicação, do ponto de vista cristão, *é esta:* que se deve, por meio de esmolas dadas aos pobres, *santificar* as riquezas *mal adquiridas.*

A explicação não vale mais do que a crítica. Ê mesmo pior, por *isso* que *a* crítica não visa senão julgar *pelas palavras e* não *pelo espírito. O*

único meio de reparar os desvios da consciência, pelo que respeita ao que se adquire mal, consiste na restituição.

Muito vos há de custar conseguir que as massas aceitem o *espírito* despojado da *letra.*

Uns se agarram à letra *por ignorância,* outros *por hostilidade.* Não buscar o sentido do pensamento, adstringir-se às *palavras, é* uma arma segura *(assim pelo menos o crêem)* para destruir com o ridículo aquilo que são *incapazes* de compreender. *Não é que falte* inteligência aos que procedem desse modo pelo prazer de destruir. O que há é que de seus escritos eles excluem a boa-fé, ou então, se boa-fé existe, são o orgulho e a idéia preconcebida, senão a impotência para da. *letra* tirarem o *espírito, o* que os transvia nas suas interpretações.

Nada mais temos que dizer, além do que pela terceira vez repetimos: Não há nesta parábola um exemplo a seguir, como o pretenderam a malevolência e a ignorância dos que se apegam a cada uma das *letras* de *cada* versículo. Há *apenas* uma *comparação.* Compara-se o juízo do homem relativamente a uma ação má, que lhe merece louvores por considerá-la hábil e prudente, com o juízo de Deus acerca dos que se esforçam por fazer o bem, o que milita a favor deles, ainda quando precedentemente tenham cometido faltas.

Atenda-se *aos tempos, aos costumes* e aos ho*mens, a* quem Jesus falava, servindo-se do *manto da parábola;* não se separe a primeira parte da que vimos estudando da parte que se segue e que vai ser explicada e tudo se tornará compreensível. Tudo será compreendido *em espírito e em verdade,* desde que se compenetrem das explicações que temos dado e das que vamos dar e também desde que se abstenham de supor, apoiando-se na "letra que mata", que o sublime modelo tenha pensado em legitimar ou sequer aplaudir o roubo, em sancionar ou aprovar a fraude, as más ações.

LUCAS, Cap. XVI, vv. 10-12

Continuação da parábola do mordomo infiel

V. 10. Aquele que é fiel nas pequenas coisas sê-lo-á. também nas grandes; aquele que é injusto no pouco também o é no muito. — 11. Ora, pois, se não houverdes sido fiéis no tocante às riquezas de iniqüidade, quem vos confiará as verdadeiras? — 12. Se não fostes fiéis com o alheio, quem vos dará o que é vosso?

N. 215. Este último período da parábola põe a nu o pensamento de Jesus. Tendo-se servido de um termo de *comparação* que as massas pudessem apreender e compreender, em seguida, desfaz, para *os* que se dêem ao trabalho de pensar, a aparência, que nas suas palavras pretendam achar, de aprovação ao proceder do servo infiel. Ao contrário disso, ele ataca o que prevarica, não só com os bens celestes, como ainda com os bens materiais, quando diz :

"Aquele que é infiel nas pequenas coisas, também o será nas grandes".

Quer isto dizer: Aquele que deseja caminhar nas veredas do Senhor nunca transija com a sua consciência, nunca considere uma falta qualquer como demasiado leve para lhe merecer atenção, um defeito qualquer como de somenos importância para cuidar de corrigir-se dele, porquanto o que assim fizer pouco a pouco irá escorregando pelo declive. Prevaricador das leis eternas nas pequenas coisas, esse o será, depois, nas grandes.

Vigiai sem cessar sobre vós mesmos, de modo que os vossos atos materiais sejam tão irrepreensíveis quanto os vossos pensamentos.

QUAL A EXPLICAÇÃO especial do v. 11: Se não houverdes sido fiéis no tocante às riquezas de iniqüidade, quem vos confiará as verdadeiras?

Os bens do mundo, os bens terrenos, que são as riquezas de iniqüidade, *no sentido de que se tornam,* muitas vezes, fonte de males para o homem, elementos de faltas e de ações más ou de desregradas cobiças, não constituem um meio de adquirirem os homens os bens eternos? Ora, se deles fizerdes mau uso, atraireis a justiça do castigo, em vez de bênçãos e recompensas.

A vossa vida humana é a *chave* com que abrireis as portas do santuário. *Essa chave,* porém, sendo *frágil* como é, se quebra nas mãos daquele que não a sabe conservar intacta. Terá ele então que esperar se lhe confie *uma outra,* da qual aprenda a servir-se melhor.

Qual a explicação especial do v. 12: Se não fostes fiéis com o alheio, quem vos dará o que é vosso ?

Os agravos que fizerdes a vossos irmãos, o mal de que fordes causa recairão sobre vós. Assim como o bem pode apagar o mal que o precedeu, também o mal pode deter momentaneamente a eficácia do bem. Dizemos — *momentaneamente* — porque a infinita misericórdia do Senhor não deixa que se perca nenhuma parcela de bem, por ínfima que seja. O mal muitas vezes prevalece e lhe paralisa os efeitos, mas ao cabo de certo tempo o Senhor a toma em consideração e vo-la leva em conta. Portanto, esperai sempre sem desfalecimento, pois que o mal jamais apaga o bem que foi feito e o bem atenua sempre o mal.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 15-17. — *LUCAS,* Cap. *XVII, vv.* 3-4

Palavras de Jesus destinadas a servir de transição, relativas ao perdão e ao esquecimento das injúrias e das ofensas, os quais, segundo ele o proclamou, devem ser absolutos e sem condição

MATEUS: V. 15. Se contra ti pecou o teu irmão, vai e o repreende, mas a sós com ele. Se te atender, tê-lo-ás ganhado. — 16. Se, porém, não te atender, faze-te acompanhar de uma ou duas pessoas, a fim de que tudo seja confirmado pela autoridade de duas ou três testemunhas. — 17. Se também não as atender, comunica-o à Igreja; e, se também à Igreja ele não atender, trata-o como gentio e publicano.

LUCAS: V. 3. Tende cuidado convosco; se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. — 4. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: Eu me arrependo — perdoa-lhe.

N. 216. (Mateus, vv. *15,* 16 e *17.) Se* tiverdes de fazer a algum de vossos irmãos qualquer reproche, esforçai-vos por que ele se corrija, dizendo-lhe brandas e persuasivas palavras.

Jesus falando aos Judeus usava de uma linguagem que lhes era adequada. Jamais atacava bruscamente os hábitos desse povo rixento e rancoroso. Tal a razão por que os concitava a recorrer a testemunhas e depois ao julgamento da Igreja nos seus ajustes de contas.

Hoje, porém, o Mestre, por nosso intermédio, vos diz: Apagai a falta do vosso irmão por todos os modos possíveis; esforçai-vos para que ele se reconheça culpado, falando-lhe a sós. Se persistir, se se mostrar insensível às vossas advertências,

tomai por testemunhas da sua obstinação os bons Espíritos que velam por todos. Chamai-os em vosso auxílio, para que vos reconduzam à paz e à concórdia.

Evitai tornar público o erro de vosso irmão, submetendo-o ao juízo da Igreja. Antes de tudo: tendes a certeza de estardes perfeitamente limpo da falta que, cometida pelo vosso irmão, vos ofendeu? Tendes a certeza de que jamais a provocastes ou incentivastes; de que jamais, pela vossa impaciência, pela vossa aspereza, pela vossa má-vontade, ostensiva ou oculta, fostes causa de que o vosso irmão cada vez se transviasse mais, em lugar de emendar-se?

Quando lhe falastes, porventura o fizeste com toda a doçura, com toda a delicadeza indispensáveis para que a sua suscetibilidade, o *seu orgulho,* ou mesmo *a sua vergonha* não fossem despertados? Empregastes todos os *possíveis esforços* para que ele não corasse em face de si *mesmo?*

E, se não procedestes assim, não receais ser, a vosso turno, julgados pelos juízes que fostes procurar para julgar o vosso irmão?

Oh! bem-amados! Escutai o que vos dizemos, *a mandado daquele que deu aos homens esse ensinamento:* "Progredistes, vossos sentimentos também têm que progredir; perdoai, portanto, *com sinceridade,* a ofensa recebida, ocultando-a dos estranhos para que o vosso irmão não se vexe e eu, por minha vez, vos perdoarei do mesmo modo por que houverdes perdoado".

N. 217. QUE SENTIDO atribuía Jesus à expressão — *Igreja* — que se lê no v. 17 de MATEUS?

Tendo-se em vista os tempos hebraicos e referindo-se aos Hebreus, ele, por este termo, designava os homens esclarecidos que tinham as mesmas crenças.

Com relação aos tempos evangélicos e aos que se seguiram até aos vossos dias, designava uma assembléia de cristãos.

Com referência a todos os *homens,* indicava os esclarecidos pelas mesmas crenças.

Nesta frase desse mesmo v. 17: "e se também à Igreja ele não atender, considera-o gentio e publicano", QUE SENTIDO se deve atribuir à expressão: gentio e publicano?

Esses termos foram usados na acepção de homem desprezível, que todos votam ao esquecimento. Eram vingativos aqueles a quem Jesus falava. Portanto, conseguir que eles esquecessem e desprezassem as injúrias, esquecendo e desprezando os que injuriavam, já representava uma conquista imensa.

N. 218. Será ao mesmo tempo cristão e espírita, no interesse de um irmão, sujeitá-lo, com o fito de fazê-lo emendar-se, à prova de ser primeiramente admoestado com brandura e em segredo; de ser *depois,* se resistir, censurado diante de testemunhas; e de, finalmente, se ainda não atender, ser levado à presença da *Igreja,* isto é, de uma assembléia de *verdadeiros* cristãos, de verdadeiros espíritas? Ou será preferível, uma vez que ele nada queira ouvir em segredo, *deixá-lo* entregue à cegueira, ao orgulho, à cobiça, ao ódio, deixá-lo *fora* da linha de suas provações, no estado de *gentio e de publicano?*

Não. Não esqueçais que cada um tem seu fardo a carregar.

Não tenteis tirar publicamente a palha do olho do vosso irmão. Se assim procederdes, em vez de o levardes a emendar-se, vos arriscais a fazer que no fundo do seu coração se gere um ressentimento, *que lhe será* muito pior do que a ofensa que contra vós haja cometido. E, nesse caso, bem deveis compreendê-lo, seríeis responsá-

veis pela tempestade que fizésseis desencadear-se no seu íntimo.

Oh! não vos equivoqueis relativamente às obrigações em que vos achais uns para com os outros. Deveis estender-vos reciprocamente as mãos ; nenhum, porém, deve querer levantar o outro com violência. Sustentai-vos uns aos outros, mas não vos afronteis mutuamente. Assim, pois, evitai sempre tornar públicos os erros de vossos irmãos, para que eles não corem publicamente.

Do contrário, levá-los-eis, *antes de tudo, a* ocultá-los a si próprios, impelidos pelo instinto humano, e desse modo os fareis embrenhar-se mais a fundo pelo mau caminho.

Uma palavra branda, uma observação amistosa, feita sem testemunhas, quase sempre conseguirá mais do que todas as censuras que lhe dirigirdes, sobretudo se as formulardes publicamente.

Se a vossa tentativa se malograr, que é o que tereis perdido? Foram vãos os vossos esforços, mas não deram resultado contrário ao que desejáveis. Não sereis responsáveis por se haver o vosso irmão obstinado no mal.

Estendei-vos as mãos com brandura, amparai-vos, mas não vos erijais em juízes uns dos outros, não forceis ninguém a comparecer diante do areópago.

Mas, não há, entre os nossos contemporâneos, homens que, entregues a si mesmos, jamais voltarão para a verdade e para o bem e que, no entanto, voltariam, se se lhes aplicasse o processo indicado por Jesus *aos Hebreus,* segundo os *vv. 15, 16,* 17?

Não. Com relação a esses, o objetivo não seria alcançado. O tempo e os guias de cada um fazem a sua obra. O julgamento coletivo, esse nada obteria dessas naturezas orgulhosas e vingativas. Ao contrário: iria despertar no fundo dos seus corações uma raiva surda, que os minaria.

Suas provas se tornariam mais eficazes? Não é melhor, atento o interesse comum, esperar que a persuasão os ganhe gradualmente do que a impor? Dar-se-á conheçais tão pouco os homens que os julgueis capazes de se submeterem *sinceramente* ao modo de ver de uma maioria? Não. Os que, forçados pela voz pública, se confessam culpados, amaldiçoam de todo o coração os acusadores e os juízes que os obrigaram a corar de vergonha diante de todos. Resultará daí que as provações se lhes tornem mais proveitosas? — Indulgência, perdão, esquecimento, eis o juízo de Deus.

N.219. QUAIS O SENTIDO e o ALCANCE destas palavras de Jesus (LUCAS, vv. 3 e 4): "Tende cuidado convosco; se contra ti pecou o teu irmão, repreende-o. Se se arrepender, perdoa-lhe. Se contra ti ele pecar sete vezes no dia e sete vezes no dia te procurar para dizer: "Eu me arrependo" — perdoa-lhe"?

Não deveis jamais guardar prevenção contra um irmão vosso. Nunca, cedendo a um rancor que, em certos casos, do ponto de vista humano, pode *parecer* legítimo, vos arrisqueis a recalcar para o fundo do coração daquele que vos ofendeu o seu sincero arrependimento. Aliás, já se não vos disse que sereis julgados como houverdes julgado, que se vos fará exatamente como houverdes feito aos outros?

Nunca olvideis que, freqüentemente, não sete vezes no dia, mas setenta vezes sete ofendeis à Majestade divina, transgredis suas leis e tentais subtrair-vos à ação destas. Usai, pois, para com os . vossos irmãos, da benevolência de que tanta necessidade tendes e dizei *com sinceridade ao* Senhor: "Perdoai as minhas ofensas, como perdôo as de meus irmãos".

N.220. Por estas palavras dos vv. 3 e 4 de LUCAS: *"Se ele se arrepender",* será lícito entender-se que o ofendido, *em cujo coração* deve o perdão sempre

estar, nada tenha que declarar ao ofensor que não se arrependa, isto é, que, no tocante à ofensa, persiste no seu orgulho e na sua cegueira?

Ninguém é obrigado a lançar em rosto ao seu ofensor um perdão com que ele pouco se importa. O que cumpre ao ofendido é tê-lo no coração, pronto a lhe dar expansão, quando o ofensor se mostre arrependido.

N. 221. Que se deve AGORA pensar e fazer destas palavras ditas aos *Hebreus:* "Não odeies de coração ao teu irmão, mas repreende-o *publicamente,* a fim de que não fiques em pecado contra ele." *(Levítico,* 19, v. 17) ?

A revelação e os conselhos eram adequados à época. Na sua brandura, a lei do perdão se revestia de muita dureza, como todas as leis aplicadas ao povo hebreu. Tinha o seu lado caritativo, prescrevendo aos homens que se repreendessem publicamente pelas faltas em que perseverassem depois de admoestados em particular. Obrigando-os a se acautelarem dessa humilhação, ela os tornava mais acessíveis aos esforços dos que se empenhavam por melhorá-los. A disciplina e o temor eram mais duros do que hoje, pela razão de que se tratava de atuar sobre caracteres violentos, atrasados, orgulhosos e vingativos.

Ainda agora vos dizemos: Repreende teu irmão pelas faltas que cometa e que cheguem ao teu conhecimento, porquanto podes esclarecê-lo a respeito de um erro filho da ignorância, podes detê-lo quando ainda se ache no alto de um declive forte, pelo qual, se inconsideradamente nele se aventurar, rolará talvez até ao fundo do abismo. Mas, que teus conselhos sejam fraternos, dados em segredo e, quando possível, de modo indireto, a fim de que não o humilhes e não o impeças, o que pode suceder, de aproveitar do teu conselho, por efeito de revolta do seu orgulho. Sê, pois, cauteloso e brando,

corrige os erros, acariciando; nunca o faças, empunhando o látego.

N. 222. Como conciliar as palavras que acabais de ditar mediunicamente com as dos vv. 15, 16 e 17 de MATEUS?

Não vedes que era indispensável um laço para ligar a lei antiga à nova? Poderiam acaso os homens romper *de súbito* com suas idéias, suas crenças, seus preconceitos, suas tradições? Jesus falou aos daquela época numa linguagem que eles pudessem compreender. Era o plano inclinado por onde escorregariam para esta moral tão doce e sempre tão cheia de perdão. Confrontai o que vos acabamos de dizer e as palavras a que aludis com a parábola da mulher adúltera. Verificai, sondando os vossos corações, se, ao repreenderdes vosso irmão, não merecíeis também ser repreendidos e, neste caso, como sempre, aplicai-vos esta sentença: *"Fazei aos outros o que quiserdes que vos façam".*

LUCAS, Cap. XVII, *vv.* 7-10

Cumprimento do dever com humildade e desinteresse, com o sentimento de amor e gratidão ao Criador

V. 7. Qual de vós o que, tendo um servo ocupado em lhe lavrar a terra, ou em lhe apascentar os rebanhos, diz a esse servo, ao voltar ele dos campos: Vem sentar-te à mesa? — 8. Não lhe dirá antes: Prepara-me a ceia, cinge-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido; depois comerás e beberás? — 9. E o amo deve porventura agradecimento ao servo por ter feito o que lhe fora ordenado? — 10. Penso que não. Assim, quando houverdes feito tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos o que éramos obrigados a fazer.

N. 223. Quer isto dizer que nada sois em comparação com o Senhor, que tem o direito de tudo exigir de vós, a quem tudo foi dado. Não vos orgulheis, portanto, do que fizerdes *tendo em vista* agradá-lo. Esforçai-vos por cumprir o vosso dever. Sobretudo, não vos mova a isso *unicamente* a esperança de uma recompensa. A preocupação do cumprimento do dever, o reconhecimento para com Deus e a esperança de satisfazê-lo, tais os sentimentos *únicos* que vos devem animar.

LUCAS, Cap. XVII, vv. 11-19

Os dez leprosos

V. 11. Ora, sucedeu que, dirigindo-se para Jerusalém, teve Jesus que atravessar a Samaria e a Galiléia. — 12. Ao entrar numa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez leprosos que pararam ao longe, — 13, e lhe bradaram: Jesus, Mestre, tem piedade de nós. — 14. Assim que os viu, Jesus disse: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, enquanto iam, ficaram limpos. — 15. Vendo-se curado, um deles retrocedeu, glorificando a Deus em altas vozes. — 16. E se prostrou, rosto em terra, aos pés de Jesus, rendendo-lhe graças. Esse *era samaritano.* — 17. Perguntou-lhe Jesus: Os dez não ficaram limpos? Onde estão os outros nove? — 18. Então, nenhum mais, senão este estrangeiro, voltou para glorificar a Deus? — 19. E, dirigindo-se ao estrangeiro, disse: Levanta-te, vai, tua fé te salvou.

N. 224. Aí tendes mais um fato que, para *ensinamento* dos homens, se produziu, tendo Jesus em mente provar *que não basta* a quem quer que seja haver nascido sob uma lei religiosa qualquer, aceitar, praticar mesmo seus dogmas, para adquirir méritos perante o Senhor.

Qual, daqueles leprosos, o que deu testemunho do seu reconhecimento, rendeu graças a Deus pelo benefício que recebera? Um cismático, que a lei repelia como estrangeiro. Entretanto, *sem a lei,* mau grado à lei, *que ele não aceitava,* a fé o salvou.

Não esqueçais nunca *este exemplo.*

Quer estejais, quer não, *submetidos à lei,* todos sois *filhos do Altíssimo, filhos de Deus e* todos lhe deveis o culto do vosso reconhecimento, do vosso amor. A cada nova graça que o Senhor vos conceda, fazei como o Samaritano: em vez de prosseguirdes no caminho para dar cumprimento a *uma fórmula vã de culto exterior,* retrocedei,

vêde o que éreis, o que sois, o que o Senhor vos fez e prostrai-vos a seus pés num ímpeto de reconhecimento e de amor.

Quanto à cura dos leprosos, já vos demos a tal respeito suficientes explicações (n. 109, página 72 do 2° volume). Não temos que voltar ao assunto.

A cura se operou materialmente no momento mesmo em que Jesus pronunciou as palavras: *"Ide mostrar-vos aos sacerdotes".*

Não vos admireis de que, só algum tempo depois de operada a sua cura material, haja dado por ela o leproso samaritano. Jesus regulara a ação dos fluidos e seus efeitos e foi sob a influência espírita que o Samaritano apreciou a sua própria cura. Impelido então pelo reconhecimento, voltou atrás.

Que pode haver de espantoso em que os leprosos só se tenham inteirado de estarem curados algum tempo depois de efetuada a cura? Alguém vos disse que eles já iam longe? Jesus ainda se achava no local onde a cena se passara. Não podiam, portanto, estar já muito distantes os leprosos, quando o Samaritano deliberou voltar.

Como é, DIZEM, que Jesus, sabendo ser Samaritano o leproso que voltou a lhe render graças, o aconselhou a ir mostrar-se aos sacerdotes? *Por um lado,* não podia ignorar que esse leproso preferiria fugir-lhes a ir mostrar-se aos sacerdotes e, *por outro lado,* não ignorava que o ato que lhe recomendava ia de encontro a todas as convicções do Samaritano.

Os que assim falam não compreenderam nem as palavras de Jesus, nem o pensamento que as ditou. Mandando que fossem apresentar-se aos sacerdotes, o Mestre falava *a todo o grupo dos lepro*sos. Aquela recomendação, porém, ele a fez somente aos que, dentre os dez, obedientes à lei de Moisés, como Judeus que eram, tinham que cumprir a formalidade de que se trata. Não falou a cada um dos

indivíduos. O Samaritano partiu juntamente com os outros, não para preencher a dita formalidade, mas para voltar a sua casa. Foi então que o reconhecimento se manifestou.

TAMBÉM DIZEM nada haver de censurável no procedimento dos nove leprosos israelitas. Eles, como o Samaritano, tinham igualmente fé em Jesus, tanto que disseram: *"Jesus, Mestre, tem piedade de nós". To*maram ao sério as palavras do Mestre e, obedecendo-lhe, foram mostrar-se aos sacerdotes. Sendo judeus, deram-se pressa, obedientes à ordem de Jesus, em cumprir uma obrigação legal. *Pensavam* que, para testemunhar obediência e reconhecimento ao seu benfeitor, que consideravam um simples profeta, nada de melhor podiam fazer do que, executando pontualmente a ordem recebida, irem, sem voltar atrás, como o Samaritano, satisfazer às prescrições legais, com o que acreditavam agradecer a Deus.

Tiveram fé, *porém,* reconhecimento, *não.* Deveis compreender que Jesus conhecia o sentimento *íntimo* que ditava o proceder de cada um e de antemão conhecia também *o ensinamento* que havia de resultar *do fato.*

PRETENDEU-SE que Jesus se transformou numa espécie de divindade diante da qual o Samaritano se foi prostrar; que, assim, não é o culto de Deus o que se exige, mas o de Jesus.

Há aqui ainda um erro. Se os que assim argumentam houvessem querido lembrar-se de que a cena se desenrolou no Oriente e que lá era costume os inferiores se prosternarem diante dos superiores, teriam compreendido o ato do Samaritano que, reconhecendo embora a ação poderosa de Deus, não se julgou menos devedor de gratidão para com aquele que o Senhor considerara digno de lhe servir de intermediário junto dos homens. Diverso não fora o procedimento dos outros lepro-

sos, se o reconhecimento houvesse primeiro ocupado lugar em seus corações.

Com o ser, *para os leprosos, um profeta,* Jesus, para eles, era apenas um instrumento de que o Senhor se utilizava. A Deus é que se dirigiam as ações de graças e não à personalidade de Jesus. Se um soberano vos mandar por um de seus ministros qualquer favor, o ministro não será como que um laço entre vós e o rei que o enviou? E não é ao ministro que apresentais os vossos agradecimentos para que ele os transmita ao soberano? Atentai no que disse Jesus, quando o Samaritano voltou à sua presença: "Os *dez não ficaram limpos? Onde estão os outros nove? Então nenhum* mais, *senão este estrangeiro, voltou para glorificar a Deus?* E *o* Mestre não disse sempre aos homens que ele era *o enviado do pai,* que deste é que tudo lhe vinha e que *nada* podia senão pelo pai?

PRETENDEU-SE também que os homens, em conseqüência de suas falsas interpretações, *de fato* substituíram o culto de Deus, Criador universal, UNO, *único e indivisível,* pelo culto de Jesus transformado em *divindade.*

O fato com que nos vimos ocupando contribuiu para isso e constituiu um dos elos dessa cadeia. Mas estes elos são numerosos. O principal é o titulo de *filho de Deus,* que Jesus dava a si mesmo, *mal* interpretado em face destas palavras que foram tomadas *ao pé da letra* e entendidas *segundo a letra: "Meu pai".*

LUCAS, Cap. XVII, vv. 20-24

O reino de Deus está dentro de nós

V. 20. Como os fariseus lhe perguntassem: Quando vem o reino de Deus? ele respondeu: O reino de Deus não virá de modo a que possa ser notado. — 21. Não se dirá: Ele está *aqui* ou está *ali,* porquanto o reino de Deus está dentro de vós. — 22. E disse aos discípulos: Tempo virá em que quereis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis. — 23. Dir-vos-ão: Ei-lo *aqui,* ei-lo *ali;* não vades, não os sigais; — 24, pois, tal como o relâmpago, que brilha de um lado a outro do céu, assim será o filho do homem no seu dia.

N. 225. (V. 20.) O reino de Deus o homem o traz em si mesmo, pois que é no exercício de suas faculdades que se lhe depara o meio de alcançá-lo, isto é: de atingir a perfeição moral: Não virá de modo a ser notado, por isso que só lentamente, de *progresso* em *progresso,* de *ascensão* em *ascensão,* pode o homem aproximar o advento daquele reino. *Só* a perfeição moral humana o fará vir. Nenhum brusco abalo o trará. Só por um trabalho demorado, penoso, incessante o homem o conquistará.

(V. 21.) O reino de Deus não é um lugar circunscrito, qual o imaginaram os homens. Não é uma habitação feliz, onde logrem penetrar. É a imensidade na virtude. O reino de Deus está em vós, está entre vós, mas não sabeis descobri-lo. O reino de Deus é a união das almas depuradas. Depurai, pois, as vossas, para o possuirdes.

(V. 22.) E Jesus disse a seus discípulos: "Tempo virá em que desejareis ver um dos dias do filho do homem e não o vereis." Estas palavras não eram dirigidas aos discípulos unicamente, mas ao povo que os cercava e, por extensão, às gera-

ções então futuras que sentiram e sentem ainda o desejo de ver renovados os atos de Jesus, para crerem depois que virem.

O Mestre dava suas instruções aos que o cercavam e, dentre estes, os discípulos eram sempre os que lhe ficavam mais perto. Daí vem o ter o evangelista usado desta expressão: *E disse aos discípulos.*

Apreendei bem o sentido daquelas palavras, que foram igualmente pronunciadas para o futuro. Muitas vezes tem já o homem aspirado à liberdade santa, filha do amor e da caridade. Muitas vezes tem procurado em vão fazer que luza ainda um daqueles dias em que Jesus pregava e exemplificava a sua moral. Esse desejo o assalta sempre que ele compreende que o único remédio para os males da humanidade consiste na prática dos dois grandes preceitos do amor e da caridade — prática que implica, dentro da unidade e da solidariedade, a da justiça, do mútuo auxílio sob o ponto de vista do trabalho material, moral e intelectual, assim como a prática da fraternidade.

Aqueles dias, porém, não voltaram. *Ainda os* esperais, vós outros *espíritas,* e para eles apelais com todas as vossas forças. Muito, entretanto, tardarão ainda em vir, porque ainda não sois bastante clarividentes, para a luz deles; porque os vossos entendimentos ainda se não desapegaram das influências e dos apetites da matéria, fontes do orgulho, do egoísmo, do sensualismo e da sensualidade, de modo a poderem assimilar a moral do filho do homem. Enfim, ainda não amadurecestes suficientemente para essa era nova em que o filho do homem volverá ao vosso meio e em que vereis renascer o seu dia.

(V. 23.) Dir-vos-ão: "Ei-lo aqui, ei-lo ali; não vades, não os sigais". Estas palavras se aplicavam aos abusos que, no correr dos tempos, viria a sofrer e sofreu a doutrina de Jesus, com o emprego do seu nome e da sua autoridade para se

transviarem ou cegarem os fracos e os crédulos. Toda adição feita à lei está *fora da lei.* Tudo o que se afastou do caminho traçado é transviamento. Tudo o que está fora da lei de amor e de caridade *é abuso. É abuso* tudo o que esteja fora da lei de fraternidade, de igualdade e de liberdade, pela justiça, pelo amor e pela caridade, fontes de todo direito e de todo dever recíprocos e solidários, a se exercerem e cumprirem sob os auspícios e a prática do perdão, do esquecimento das injúrias e ofensas, do devotamento da liberdade de consciência, da liberdade da razão e de exame.

(V. 24.) *Pois, tal como o relâmpago, que brilha de um lado ao outro do céu, assim será o filho do homem no seu dia. O* filho do homem personifica, a sua lei, a sua moral. No momento oportuno, essa lei pura, suave, será despojada dos falazes ornamentos com que a cobriram e se mostrará repentinamente aos homens em toda a sua pureza. Sua luz então, como a do relâmpago, brilhará de um extremo a outro do horizonte. Nessa ocasião estará próximo a verificar-se entre vós o predito advento do filho do homem.

Os falazes ornamentos com que cobriram a pura e suave lei de Jesus são os *aditamentos* de *culto* externo que lhe fizeram, *despojando-a* do culto espiritual; são tudo o que tendeu a materializar o que está e não pode deixar de estar submetido à inteligência e ao coração dos homens. A lei de Jesus foi feita *para a inteligência e para o coração.* À inteligência e ao coração ela se dirige e se dirigirá sempre.

O momento oportuno, de que falamos, em que essa lei pura e suave, despida dos falazes ornamentos com que a cobriam, se mostrará repentinamente aos homens em toda a sua pureza, é a época em que se fará a reforma do pessoal dos cultos. Deus proverá a isso mediante as encarnações necessárias de Espíritos em missão, os quais conduzirão a humanidade a conhecer em

espírito e em verdade, o pai, o filho e o Espírito Santo.

Essa reforma determinará o desaparecimento dos diversos cultos externos que dividem e separam os homens e os levará à união num culto único: o da adoração sincera do pai, Deus, uno, indivisível, por meio da prece do coração e não dos lábios somente, da prece espiritual, que tem por fundamento os atos de uma vida íntegra e pura diante do Senhor; por meio do jejum espiritual, pela prática do amor ao mesmo Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Semelhante adoração se expressará ainda pelo amor, pelo respeito e pelo reconhecimento para com o filho — Jesus, protetor e governador do vosso planeta e da humanidade terrena, Jesus por quem sois tudo o que sois.

Expressar-se-á também pela *invocação* e pelo *apoio* da sua poderosa proteção; pela invocação feita a Deus e ao seu Cristo para que conceda a suas criaturas o auxílio, o concurso e a proteção do Espírito Santo, dos bons Espíritos. Tal reforma dará cumprimento a estas palavras do Mestre: "Tempo virá em que não será mais no cume do monte nem em Jerusalém que adorareis o pai."

Tornados então os verdadeiros adoradores que o pai reclama, os homens o adorarão em *espírito e verdade.* E todos esses lugares que designais pelos nomes de — sinagogas, igrejas, mesquitas, templos, se tornarão indistintamente lugares de reunião, de prece, de instrução, onde, impelidos pelos sentimentos da humildade, do amor e da caridade, todos se congregarão em assembléia para, sob a influência e a proteção dos bons Espíritos, *elegerem* unanimemente o mais digno, o mais esclarecido, o de maior merecimento para a ela presidir.

O Universo é o templo do Senhor. Não antecipemos o futuro.

LUCAS, Cap. XVII, vv. 25-37

Sinais precursores da segunda vinda de Jesus

V. 25. Mas é necessário que antes ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração. — 26. E, tal como sucedeu ao tempo de Noé, assim sucederá nos dias do filho do homem. — 27. Comiam e bebiam, os homens desposavam as mulheres e as mulheres tomavam marido até ao dia em que Noé entrou na arca; veio então o dilúvio e os fez perecer a todos. — 28. Semelhantemente sucedeu nos dias de Ló: Comiam e bebiam, compravam e vendiam, plantavam e edificavam. — 29. No dia, porém, em que Ló saiu de Sodoma, choveu do céu fogo e enxofre, que os fez perecer a todos. — 30. Assim será no dia em que o filho do homem aparecer. — 31. Nesse dia, aquele que se achar no eirado e tiver dentro de casa seus haveres não desça para os tirar de lá e do mesmo modo não volte atrás aquele que estiver no campo. — 32. Lembrai-vos da mulher de Ló. — 33. Todo aquele que procurar salvar a vida perdê-la-á, e todo aquele que a perder salvá-la-á. — 34. Digo-vos que nessa noite, de duas pessoas que estiverem no leito, uma será tomada e deixada a outra; — 35, de duas mulheres que juntas estiverem moendo, uma será tomada e deixada a outra; de dois homens que estiverem no mesmo campo um será tomado e o outro deixado. — 36. Perguntaram-lhe então os discípulos: Onde será isso, Senhor? — 37. Respondeu ele: Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias.

N. 226. Por essas palavras, cujo sentido e alcance, *segundo o espírito, ficaram* intencionalmente velados *pela letra,* aludia Jesus às condições, meios e fases da purificação e do progresso do vosso planeta e da humanidade terrena e aludia também ao que ocorrerá quando a lei de amor e caridade for praticada na Terra, operando a regeneração da espécie humana.

Como sempre, *ao* proferir tais palavras, o Mestre apropriou sua linguagem às inteligências

e às necessidades da época, de modo, porém, a impressionar os homens de então e as gerações futuras, a preparar o advento da nova revelação, que viria, quando os homens se houvessem tornado capazes de a suportar, explicar e fazer compreensível, *em espírito e em verdade, como* sucede atualmente, tudo o que ele disse.

As explicações especiais que vos vamos dar deverão levar-vos à compreensão daquelas suas palavras.

(V. 25.) Antes que a lei trazida por Jesus pudesse vigorar, foi preciso que o legislador lhe apusesse o selo do seu amor. Entretanto, repeliu-a a geração que a recebeu, como a de hoje ainda a repele. É que muitos Espíritos, rebeldes ao tempo da missão do Cristo, vivem de novo na Terra, sempre rebeldes.

Alguns apenas, discípulos de Jesus, lhe seguem as pisadas, ainda que de bem longe, e procuram descobrir, no solo conspurcado, as marcas deixadas por seus passos.

Acabamos de dizer: "Foi preciso que ele apusesse à sua lei o selo do seu amor". Jesus, que desceu à Terra para dar aos homens o *exemplo* do devotamento sem restrições, teve que levar esse devotamento aos seus limites extremos. Qual efetivamente, *para vós, o* maior de todos os sacrifícios, senão o da vida?

Por sua morte, ele vos ensinou a não ligar exagerada importância à vossa existência, do mesmo modo que, pela sua vida, vos mostrou que não deveis prodigalizá-la inutilmente. É o que significa o cuidado que, *para os homens,* ele tinha, de salvaguardar a sua, fugindo, todas as vezes que ela correu perigo antes do momento em que, pela "morte", remataria o edifício que seu amor construíra.

Falando nós por esta forma da morte de Jesus, da *preservação da sua vida, dos perigos* que esta

correu, deveis entender que nada disso havia, senão *segundo o modo de ver dos homens.* Falamos ainda colocados no ponto de vista humano das crenças que existiam durante a sua missão terrena, crenças que teriam de durar por muito tempo depois de cumprida aquela missão e que duram ainda. Referimo-nos às crenças, *por parte de uns,* numa origem de Jesus, humana, ordinária, como obra de José e de Maria; *por parte de outros,* numa origem humana, mas miraculosa, divina, do mesmo Jesus, que é então considerado filho de Maria, por obra do Espírito Santo.

A origem do Mestre, extra-humana, mas de maneira alguma milagrosa no sentido dado a esta expressão, origem, ao contrário, *natural,* de acordo com as leis universais e imutáveis estabelecidas por Deus desde toda a eternidade, vos é agora revelada. Todavia, em face desta revelação que se vos faz daquela origem, preciso é não esqueçais que, conquanto Jesus haja tomado um corpo apenas semelhante ao vosso, mas não da *mesma natureza,* lhe *cumpria* deixar que lhe atribuíssem uma origem humana, lhe cumpria preencher, *aos olhos dos homens,* até ao termo da missão, como ensino e exemplo, as obrigações que a natureza humana e a lei de conservação impõem.

(Vv. 26-27-28-29-30.) Alegorias e alusões feitas por Jesus.

Ao tempo de Noé, os homens bebiam e comiam, desposavam as mulheres e as mulheres tomavam maridos; ao tempo de Ló, comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam.

A negligência do homem o engolfava em seus hábitos cotidianos e o impedia de ver os perigos que se acumulavam sobre a sua cabeça, tanto o absorviam os interesses e cuidados da vida material, tão longe se achava ele do pensamento e do desejo de progredir, tão descuidado do progresso e do futuro de seu Espírito.

Desde a vinda de Jesus à Terra, o mundo caminhou sempre, pouco se preocupando com o seu futuro. Caminha ainda pela mesma estrada e nela continuará por muito tempo, até que os homens, compreendendo a *inutilidade* do seu proceder divorciado da moral do Mestre, cuidem de mudar de rumo.

Quanto ao dilúvio do tempo de Noé, *a "Gênese"* universalizou fatos de natureza toda parcial. Como sabeis, pois que a ciência humana o comprovou, aquele dilúvio não foi mais do que um desses numerosos cataclismos que hão feito o vosso globo passar do estado dos fluidos incandescentes ao estado atual. Essa passagem se produziu por meio de transformações sucessivas, acordemente com as leis naturais e imutáveis, por efeito da vontade de Deus, sob a ação espírita que preside às revoluções planetárias e à marcha progressiva e ascensional dos mundos, das humanidades, de todas as criaturas do Senhor.

Quanto à destruição de Sodoma, a ciência a explicou. Não temos que entrar em minúcias a esse respeito. Naquela época, havia na Terra um foco mais incandescente do que agora; amiudados terremotos abriam na crosta terrena fendas por onde se escapavam gases inflamados, matérias sulfurosas e betuminosas. Essas matérias, arremessadas aos ares como projetis, pela força de expansão dos gases, iam cair sobre os homens tomados de espanto. A destruição de Sodoma resultou de uma dessas erupções. Houve incêndio e afundamento do solo.

Por estas palavras : *"Assim será no dia em que o filho do homem aparecer",* Jesus estabeleceu uma comparação. Comparou esse dia com o dilúvio porque, de fato, chegará um momento em que todos os Espíritos *materiais,* todos os Espíritos *carnais* serão expulsos do vosso planeta, onde só o Espírito terá que reinar. Efetivamente, no advento do filho do homem, isto é, da lei de amor

e de caridade que ele personifica e que, praticada na Terra, determinará a regeneração da espécie humana, os que se houverem *conservado estacionários,* deslumbrados pela luz que de súbito lhes brilhará aos olhos e devorados pelo fogo do remorso, serão varridos da Terra, sobre a qual, no tempo predeterminado, descerá o ungido do Senhor.

Nesse momento, como já o explicamos, estará *completamente terminada a* separação do trigo e do joio e os Espíritos que ficarem habitando o vosso planeta terão entrado na fase *espírita.* Já explicamos também que a separação será feita a seu tempo e anunciamos estar próxima a época em que começará.

Aqui nos referimos somente aos Espíritos que, até essa época final de depuração, tenham tido permissão para reencarnar na Terra, porquanto, já então, muitos outros mais atrasados e rebeldes do que esses terão sido afastados dela.

Sim, os que até ao último momento se mostrarem recalcitrantes e cujo banimento por isso se executará, ficarão deslumbrados pela luz que de súbito lhes brilhará ante os olhos e o fogo dos remorsos os devorará, que lhes será dado compreenderem o que perdem, a fim de que vivo se lhes torne o desejo de reconquistá-lo. *De reconquistá-lo,* sim, porque *todos* têm que chegar à perfeição. Deus o quer. Ë a lei imutável do progresso. Os Espíritos errantes, de ordem inferior, dependem, por assim dizer, do planeta em que encarnam. O mesmo, porém, não sucede com os Espíritos *totalmente libertos da matéria.* Estes gozam da independência e da liberdade de irem, conforme ao grau de sua elevação, de um planeta a outro, de voltarem *portanto ao* planeta, já então depurado, donde foram expulsos, banidos, por se mostrarem recalcitrantes em conseqüência da sua inferioridade moral.

(Vv. 31-32.) Que as preocupações materiais *não dominem o* pensamento do homem, desde que

haja compreendido que lhe cumpre, sem mais demora, pensar no seu futuro espiritual.

Para avançar no caminho da espiritualidade, preciso é que não olhe para trás, nem lamente os bens materiais que porventura perca. A mulher de Ló, preocupada com os bens materiais que abandonava no lugar do desastre, *se demorou e* foi vítima.

Segundo a tradição da *"Gênese"* (cap. XIX, v. 26), ela se "transformou em estátua de sal". Puerilidade de racontos. Foi atingida pelo raio, sem ser atirada ao chão. Caiu depois reduzida a cinzas, o que fez supusessem ter sido transformada numa estátua de sal que se derretera. Ingenuidade das eras primitivas.

As palavras alegóricas dos versículos 31 e 32, que tocaram e impressionaram as inteligências dos que as ouviram e que haviam de tocar as das gerações que se sucederam, Jesus as dirigia igualmente à vossa e às que se seguirão, porquanto estão próximos agora os tempos em que começará a depuração da Terra. Já desponta a aurora do advento do filho do homem, isto é, da lei de amor e de caridade por ele personificada; já essa aurora começa a tingir os horizontes do vosso planeta. Pensai, pois, nas vossas almas. Não vos deixeis absorver pelas preocupações, pelos cuidados, pelas paixões da vida material. Enchei-vos de zelo e de solicitude pelo vosso progresso moral e intelectual e pelo futuro dos vossos Espíritos, pelo progresso moral e intelectual dos vossos irmãos e pelo futuro de seus Espíritos.

(V. 33.) "Todo aquele que procurar salvar a vida perdê-la-á e todo aquele que a perder salva-la-á".

Compreendei bem, em verdade, segundo o espírito envolto e velado pela letra, o pensamento de Jesus, expresso aqui de um duplo ponto de vista.

Aquele que só vive para o presente, aplicando todos os seus esforços em conservar a existência

corporal, chegará, por mais que faça, ao termo dela, perdê-la-á portanto. Mas como, ao perdê-la, não haja preenchido as condições necessárias, pois que só cuidou de salvaguardar a matéria e não de salvar a alma, ver-se-á obrigado a recomeçar. Assim aquela vida perdida ele a achará de novo, reabrindo-lhe a estrada que terá de percorrer para alcançar o prêmio.

Aquele que trata de salvar a vida espiritual perderá a vida material, mas tornará a achar, do outro lado do túmulo, a que não tem fim. Perdendo uma, pelo pouco apreço que lhe deu com o cuidar especialmente do progresso da sua alma, ganhará a vida que ambicionava, a *reencontrará* para lá da morte.

É essa uma regra geral. Assim *foi, assim será,* em todos os tempos, para todos, de conformidade com a lei imutável da expiação, da reencarnação que, para todo Espírito que faliu, constitui a escada santa que lhe cumpre subir, a fim de se purificar, de se elevar e chegar à perfeição moral que conduz a Deus.

As palavras *alegóricas e veladas* de Jesus, constantes deste versículo, aludiam aos Espíritos atualmente encarnados, os quais, por se conservarem atrasados, recalcitrantes, rebeldes, na época da depuração do vosso planeta, onde, até então, se lhes terá permitido reencarnar, serão afastados dele e constrangidos à reencarnação em planetas inferiores, onde terão que *recomeçar, onde encontrarão de novo,* abrindo-lhes a estrada que lhes cumpre percorrer para alcançarem o prêmio, a vida corporal, anteriormente perdida. Também esses, quando se decidirem a salvar a vida espiritual depois de terem perdido a corporal, *reencontrarão,* para lá da morte, a vida que ambicionavam, a que não tem fim.

(Vv. 34-35.) Nem todos se acharão no mesmo grau de adiantamento, na época da purificação

do vosso planeta. Conseguintemente, não poderão todos ser admitidos à mesma existência. Ter-se-á que fazer uma escolha em todas as condições humanas. a isto que Jesus alude, também *alegórica e veladamente,* referindo-se aos Espíritos a quem se permitirá a reencarnação na Terra, uma vez concluída a separação do joio e do trigo.

(Vv. 36-37.) A esta pergunta dos discípulos: "Onde será isso, Senhor?" dá Jesus a seguinte resposta evasiva: "Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias".

Não devendo os apóstolos e os discípulos compreender, segundo o espírito, o que o Mestre lhes acabava de dizer, efetivamente não compreenderam e tomaram aquela resposta no sentido de que Jesus não queria precisar o lugar.

O Mestre deu caráter evasivo à sua resposta pela mesma razão por que falava usando de *figuras emblemáticas,* que se podiam aplicar ao presente e ao futuro. Dizia aos homens o que estes podiam suportar e da maneira por que deviam suportar e ainda de modo a que, servindo suas palavras ao presente, preparassem o futuro, até aos tempos em que a nova revelação viria despojar o *espírito* da *letra* que *intencionalmente o* envolvia e velava.

A nova revelação nós vo-la trazemos pela vontade do Senhor onipotente, da parte do *Cristo,* em nome do *Espírito da Verdade.*

Eis aqui, posto a *nu, o* pensamento do Mestre: Ele falava *então* do vosso planeta, submetido à sua direção. Pela resposta que deu aos discípulos deveis compreender que a superfície do globo terreno tem que testemunhar a renovação que suas palavras veladas visavam anunciar.

Onde quer que esteja o corpo, aí se reunirão as águias significa: que o progresso tem que atingir todos os pontos do vosso planeta, a fim de que também este possa progredir, que por toda parte onde haja na Terra humanidade, haverá pro-

gresso e mudança, isto é: transformação física, moral e intelectual. Haverá transformação *física* com relação aos corpos, que, como o planeta, passarão progressivamente por estados cada vez menos materiais e depois fluídicos. Haverá transformação *moral e intelectual* com relação aos Espíritos.

Aquelas palavras significam também que, para realizar-se a purificação que há de conduzir àquele progresso e àquela mudança, onde quer que haja faltas haverá o castigo com o fim paternal de melhoramento e de progresso, mediante expiações na erraticidade e reencarnações sucessivas, até que o joio se ache separado do trigo. Significam ainda que, onde quer que a depuração se tenha completado, os Espíritos purificados se reunirão.

O que do vosso planeta dizia Jesus se aplica, como lei geral, natural e imutável, a todos os que, quais a Terra, saíram dos fluidos incandescentes, tendo que seguir igualmente uma marcha progressiva e ascensional. Esses planetas são os que, conforme o explicamos nos ns. 56 e seguintes, servem, uns ao desenvolvimento das essências espirituais primitivas até que, como Espíritos em formação, tenham chegado ao período preparatório da humanização; outros às encarnações dos Espíritos formados que faliram, encarnações estas que se verificam *segundo o grau da culpabilidade deles e nas condições que o progresso desses Espíritos exige.* Sob este duplo aspecto, tais encarnações serão: ou primitivas, isto é, em planeta ainda virgem do aparecimento do homem, ou em planeta que, após esse aparecimento, adquiriu algum progresso, passou por alguma mudança.

N. 227. Desde o aparecimento do homem na Terra se hão dado numerosas revoluções planetárias parciais e nesses cataclismos raças humanas devem ter desaparecido, fósseis humanos devem jazer enterrados nas camadas geológicas. Entretanto, até ao pré-

sente[2], mal se descobriram vestígios desses fósseis humanos e assim mesmo, no campo da ciência humana, se discute e contesta o resultado das explorações recentemente feitas.

Esta é uma questão que sai do quadro que vos foi traçado. Nem todos os cataclismos que revolveram o globo em que habitais foram testemunhados pelo homem. Muitos lhe haviam conformado a superfície antes que este aí surgisse. O homem fóssil existe parcialmente. Mas, a natureza do arcabouço humano não sendo tão forte, e longe está de o ser, quanto a dos animais contemporâneos do seu aparecimento na Terra, muito pouco resta dele. As explorações se ampliarão e as descobertas da Ciência crescerão. Porém, a tal respeito, nada mais nos cabe dizer, pois que não estamos para vos fazer, *aqui,* um curso de História Natural.

[2] Esta questão foi proposta no mês de Dezembro de 1864.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 18-20

Poder de ligar e desligar dado por Jesus aos apóstolos. — Sua presença onde duas ou três pessoas se acharem reunidas em seu nome

V. 18. Em verdade vos digo: Tudo o que ligardes na terra será ligado no céu; e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu. — 19. Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus. — 20. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estarei eu no meio deles.

N. 228. (V. 18.) Já explicamos o que deveis *entender* pelo poder de *ligar e desligar* que Jesus declarou terem os seus apóstolos. Reportai-vos ao que dissemos atrás.

Os discípulos de Jesus já eram esclarecidos e ainda o haviam de ser mais quando lhes fosse dada toda a luz, *nos limites da missão terrena de cada um.* Já de si mesmos elevados, inspirados e guiados pelos Espíritos superiores, eles se achavam em condições de julgar com sabedoria, com acerto, da moralidade, dos sentimentos dos homens. Não sabeis, por exemplo, que Pedro condenou a Ananias?[3]

É que, advertido misteriosamente, isto é, como médium audiente, pelos Espíritos superiores, da perfídia do mesmo Ananias, Pedro se achou em estado de julgá-lo com segurança.

A perspicácia dos apóstolos, que todos eram médiuns inspirados, audientes, resultava da elevação pessoal deles e dos avisos que recebiam de seus guias espirituais.

Depois de *lhes* haver declarado: *"Em verdade vos digo: tudo o que ligardes na Terra será ligado*

[3] Atos dos Apóstolos, cap. V, vv. 1-10.

no céu", Jesus não acrescenta: *"Em verdade também vos* digo que tudo o que os vossos descendentes, na sucessão dos tempos, ligarem na Terra será igualmente ligado no céu; e tudo o que desligarem na Terra será desligado no céu". O Mestre só *se* dirige aos apóstolos *e* não a seus *"sucessores" degenerados!*

Abstração feita dos cultos externos, entre os sucessores dos Apóstolos (Judeus e Gentios) alguns houve, como entre vós alguns ainda há, que, pela sua santidade e por suas faculdades mediúnicas, com a assistência e o concurso dos bons Espíritos, de seus guias espirituais, podem colocar-se *em estado* de *ligar* e de *desligar,* no verdadeiro sentido destas palavras, que já vos mostramos qual seja. Mas, quão reduzido é o número desses!

(Vv. 19-20.) Ao proferir estas palavras : "Também vos digo que, se dois dentre vós se reunirem na Terra, aquilo que pedirem lhes será concedido por meu pai que está nos céus", Jesus se dirigia a homens piedosos, cujos pensamentos e aspirações buscavam o céu. Assim, pois, falava do ponto de vista das graças celestes e não do das mesquinhas preocupações da vossa humanidade.

Promete aos que se reúnam em seu nome que o que pedirem lhes será concedido por Deus. Já não o tendes verificado muitas vezes por experiência própria?

Mas, para que Deus escute as preces que se lhe dirigem, preciso é que sejam feitas, não com os lábios, e sim com um sentimento profundo e santo; que aquele ou aqueles que pedem o façam com a ardente confiança de que serão ouvidos, de que serão atendidos. É preciso ainda — escusado nos parece lembrá-lo — que santo e justo deve ser o espírito da súplica.

Muitos dirão: "Temos pedido, animados de todos esses sentimentos, e nada obtivemos". Sa-

beis porventura se era oportuna a vossa súplica? Sabeis se o que pretendíeis com tanto afã não vos seria de resultados desastrosos? Sabeis se o vosso pai não vos atendeu para a vida eterna, quando lhe pedíeis uma graça temporal?

(V. 20.) Jesus promete estar com aqueles que se reunirem em seu nome. Quando estiverdes dois ou três reunidos, assim como quando fordes mil, o Senhor virá até vós e seu ouvido estará aberto aos vossos rogos.

Mas, para que tal se dê, é indispensável que estejais *verdadeiramente* reunidos *em seu nome,* isto é, com o desejo de lhe seguir a lei, animados reciprocamente do amor a Deus acima de tudo e ao próximo como a vós mesmos, esforçando-vos de modo sério e perseverante por proceder com os outros como quereríeis que procedessem convosco, decididos a fazer pelos outros, material, moral e intelectualmente, o que desejaríeis vos fizessem.

Já conheceis a influência atrativa que exercem os fluidos simpáticos. Eles são o laço que aproxima, um do outro, Espíritos, senão da mesma ordem, pelo menos animados dos mesmos sentimentos, dos mesmos gostos, dos mesmos pendores.

Tais fluidos se atraem uns aos outros por analogia de espécie, de natureza, estabelecendo as relações entre os Espíritos. Quando, pois, obedecendo ao mesmo pensamento, concorrendo para uma mesma obra, alguns homens se reúnem, as simpatias que eles atraem se lhes vêm grupar em torno. *Assim, às* reuniões de homens frívolos e vãos acorrem Espíritos vãos e frívolos.

Se, portanto, intimamente unidos pelo amor a Deus, vos reunis para a obtenção de suas graças, se formais uma cadeia simpática, bastante sólida, aquele para cuja proteção apelais acode ao vosso chamado, no sentido de que seus emissá-

rios vos cercam, vos banham nos eflúvios de amor que implorais.

Não deduzais daí seja preciso que vos aglomereis num certo ponto para que as graças do Senhor afluam. Ah! são tão raros os homens animados de bons sentimentos, do verdadeiro sentimento de amor, que, quando se reúnem, ainda que em pequeno número, há sempre entre eles tíbios, indiferentes, ou indignos. O Senhor, porém, sabe contar suas ovelhas e caras lhe são as cabeças fiéis.

N. 229. Em nome da Igreja romana, o texto do v. 20 é entendido sob diversos pontos de vista. *Em primeiro lugar,* para fazerem de seus concílios uma arma, considerando-os como meio, superior a quaisquer outros, de se obter a verdade, a sã e legítima interpretação das sagradas escrituras, *dizem:* "Que respeito não devem merecer os concílios nos quais toda a Igreja se acha reunida, na pessoa de seus pastores, para *esclarecimento* da verdade, reforma dos costumes, estabelecimento da disciplina *e interpretação* das santas escrituras! — Cegos são os que preferem ou equiparam seus sentimentos aos dessas santas assembléias!"

Nesse instante e quando ia eu prosseguir, fui interrompido. A mão do médium, fluidicamente impelida, escreveu isto, em resposta:

Detende-vos aqui. Jesus disse: "Onde duas ou três pessoas estiverem reunidas em meu nome, eu aí estarei entre elas".

Jesus sabia quão difícil é reunirem-se os homens em grande número, animados dos *mesmos sentimentos e* do *mesmo espírito.*

Não tendes mais do que perguntar à Igreja em que concílio uma só questão religiosa se resolveu por *unanimidade,* sem discussão, sem controvérsias, muitas vezes acerbas.

Ora, se nos concílios, compostos de *"homens de Deus", "infalíveis"* em seus julgamentos, os

pareceres eram diversos; se membros desses mesmos concílios mantinham suas opiniões contra a maioria *triunfante, quais* as influências que guiavam os do sacro colégio?

Desde que controvertidas se mostram as opiniões nos concílios, *por que meio* se há de determinar o que é inspirado pelo "Espírito Santo" e o que o é por "Satanás"?

Dirão: pela sabedoria humana, pela experiência, pelo estudo, pelas tradições.

Respondei-lhes vós: pela razão.

Continuai.

Acrescentam: "Só a Igreja pode ter e tem a verdade; só ela, reunida em concílio, *é infalível, pois* que só ela é assistida e inspirada pelo Espírito Santo.

Respondei à Igreja: Infalível só Deus o é. Vossos pastores, quer isolados, quer reunidos em concílio, são tão falíveis quanto os outros homens, sujeitos, como estes, às boas influências, que vêm do *Espírito-Santo,* e às más, que vêm de *Satanás.* Essas influências eles as atraem *conforme à natureza, boa ou má,* de seus sentimentos, pensamentos e inclinações.

Se os vossos pastores, quando reunidos em concílio, fossem infalíveis, por terem a assisti-los e inspirá-los, a lhes guiar o juízo o *Espírito Santo,* haveria entre eles unidades de vistas, suas decisões seriam *unânimes* e assinaladas todas pelo cunho da caridade, da tolerância e do amor universal.

Não nos objeteis que a infalibilidade está com a maioria dos membros dos vossos concílios. Como o provareis?

Ao contrário, a minoria deles é que tem marchado, como ainda hoje é a minoria dos que compõem a vossa comunidade que marcha nas pegadas do Mestre; que deu e dá, *não* por palavras, *mas* pelos pensamentos e pelos atos, exem-

plos de doçura, de humildade, de desinteresse, de frugalidade, de temperança, de sobriedade, de castidade, de paciência, de resignação, de caridade e de amor para com todos. Quais, dentre os da maioria dos vossos concílios, os que, imitando os apóstolos e os seus primeiros imitadores, hão exemplificado a abnegação e o devotamento, a tolerância e a fraternidade para com todos os homens igualmente (Judeus e Gentios), abstração feita dos cultos externos, chamando-os *todos* a si e lhes dizendo do fundo do coração: Não temos senão um pai, que está nos céus, não temos senão um senhor e mestre — o Cristo e todos somos *irmãos?*

Não era na maioria dos membros dos vossos concílios que se encontravam o orgulho, a ambição, o fanatismo, a intolerância, muitas vezes o egoísmo e não raro a incredulidade?

Quem então os assistia e inspirava, quem lhes presidia às decisões — o *Espírito Santo,* isto é, os bons Espíritos, os Espíritos de luz e de verdade, ou, ao contrário, *Satanás,* isto é, os maus "Espíritos, os Espíritos de erro e de mentira?"

Em segundo lugar, hão dito, para afastar da revelação espírita os homens, que *só Satanás* teve e tem o poder de se comunicar, que só ele se comunica mediunicamente com os deste mundo."

Não vos detenhais com essas puerilidades interesseiras, monstruosas em si mesmas, devidas à ignorância ou à má-fé, e que são desmentidas não só pelas tradições históricas, pelos fatos ocorridos em todos os tempos e entre todos os povos, como também pelas sucessivas revelações que o Senhor vos tem enviado. A lei natural é imutável da atração magnética, assim no domínio espiritual como na esfera material, não existiu sempre, de toda a eternidade?

Não é sob a influência atrativa dos fluidos simpáticos que em todos os tempos se verificaram

as relações entre os Espíritos errantes e os encarnados, que estes e aqueles foram e são atraídos uns para os outros, desde que os mesmos sentimentos e pensamentos, os mesmos gostos e inclinações existem nuns e noutros?

Não é em virtude da atração que esses fluidos exercem uns sobre os outros por analogia de espécie, de natureza, que o encarnado, conforme sejam bons ou maus seus sentimentos, pensamentos, gostos e pendores, atrai a si, pela inspiração, as boas, ou más influências ocultas, ou, pelas comunicações mediúnicas, as ostensivas?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, a ação mediúnica, oculta ou ostensiva, consciente ou inconsciente, não existiram sempre? Não foram o instrumento e o caminho de todas as revelações feitas aos homens? Não foram elas que desde a origem dos tempos, desde a mais remota antiguidade até aos dias de hoje, inspiraram aos homens a idéia da sua origem espírita, as da imortalidade da alma e da divindade?

Não são elas que os têm trazido sempre sujeitos às boas e às más influências, conforme às condições morais de cada um; que lhes infundiram as crenças politeístas, preparatórias do advento do monoteísmo; que os levaram a fazer de todas as virtudes, como de todas as paixões e de todos os vícios, Deuses?

Não serviram para preparar entre os ¨Gentios", com o auxílio de Espíritos encarnados em missão, a crença esclarecida na imortalidade da alma, na unidade divina, no monoteísmo, na reencarnação?

Porque, ao povo hebreu, atrasado e supersticioso, mas destinado a constituir-se o depositário da crença monoteísta, para transmiti-la às gerações futuras, proibiu Moisés que interrogasse os *mortos,* que lhes pedisse a verdade, senão para preservá-lo de ser, pelos Espíritos inferiores e impuros que o cercavam, desviado da senda por

onde lhe cumpria enveredar? E Moisés, bem como, depois dele, os profetas prepostos ao advento da era nova do monoteísmo, não se comunicavam, pela ação mediúnica, tanto oculta quanto ostensiva, com o *"Espírito Santo",* isto é, com os Espíritos bons, com os Espíritos superiores, que os assistiam, inspiravam e guiavam, em nome do Senhor?

A comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, existente desde todos os tempos, antes mesmo que Moisés viesse desempenhar a sua missão, antes que a Igreja católica instituísse os dogmas da queda dos anjos, do demônio, de Satanás, da condenação eterna, não continuou a verificar-se até aos dias que correm?

Ao longo da marcha dos séculos não se vos deparam marcos que vos dizem: "Parai aqui e encontrareis traços de fatos idênticos aos que vos surpreendem; escavai, procurai e muitos outros descobrireis, que as chamas das fogueiras, os instrumentos de tortura e os cárceres furtaram ao conhecimento dos homens?"

Onde, senão nessa comunicação entre os mundos espiritual e corporal, tem ido a Igreja buscar os elementos de beatificação dos que viveram no seu meio e que a influência mediúnica não fez sair do círculo de seus ensinos dogmáticos, de seus mandamentos humanos? Daquela comunicação entre os mundos visível e invisível não tirou a Inquisição tantas vezes motivo para condenar à morte pelas torturas, ou nas fogueiras, os que a seu ver estavam, por efeito da influência mediúnica, fora do redil da Igreja?

O Espiritismo, lei natural e imutável estabelecida por Deus de toda a eternidade, pelo simples fato da sua *existência,* real, ou considerado como sendo apenas a *comunicação entre o mundo espiritual e o mundo corporal,* não é uma revelação nova. Não deveis tomar esta denominação como indicando que se vos há explicado um mistério

recém-importado para vos reconduzir, não. Trata-se *tão-somente* de uma ampliação dada hoje ao que sempre existiu. A liberdade de consciência, de que hoje gozais, permitiu que fatos outrora abafados se pudessem grupar, formando um conjunto que vos atraísse a atenção. Porém, essa amplificação das relações entre as almas livres e as prisioneiras não constitui uma revelação nova. O Espiritismo vos traz uma revelação, não pelo simples fato de *existir,* repetimos, *mas pelas explicações que vos dá,* em espírito e verdade, das *vossas origens e fins e pelos meios que vos proporciona de chegardes a esses fins.*

Negar a ação mediúnica, oculta ou patente, do Espírito Santo, isto é, dos Espíritos bons, dos Espíritos de luz e verdade, sobre os homens; negar a comunicação entre eles e estes; não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, senão a de "Satanás", isto é, dos Espíritos maus, dos Espíritos do erro e da mentira, *equivale* a rejeitar todo o passado da humanidade terrena, as tradições de todos os fatos que ela registrou, todas as revelações que vos têm sido sucessiva e progressivamente trazidas, o Antigo e o Novo Testamentos, os fatos, que um e outro relatam, de manifestações espíritas, de comunicação dos "anjos", isto é, dos bons Espíritos, dos Espíritos purificados, com os homens.

Como foi, senão por uma manifestação espírita, por uma comunicação do mundo espiritual com o corporal, que Deus enviou a Moisés, no Sinai, as tábuas da lei, o Decálogo? [4]

De que modo, senão por meio de uma manifestação espírita, de uma comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal, foi o Messias anunciado a Abraão e depois aos Hebreus pelos profetas de Israel? Que eram estes, senão me-

---

[4] Ver o que a este respeito se diz nas explicações dos Mandamentos.

diuns inspirados, audientes, instrumentos inconscientes dos Espíritos do Senhor? De que modo, senão por aquele, Jesus, Espírito, puramente Espírito, perfeito, *visualmente* encarnado, *para os homens,* lhes trouxe, desempenhando a sua missão terrena, a boa nova, a lei de amor, a regeneradora doutrina, que não era sua mas daquele que o enviara? De que maneira, senão por uma manifestação espírita, lhes fez ele, proferindo palavras proféticas *também veladas, a velada* revelação do futuro do vosso planeta e da sua Humanidade? Por que maneira outra lhes prometeu o advento do Consolador, que é *o Espírito Santo,* do Espírito da Verdade e, conseguintemente, das comunicações dos bons Espíritos, dos Espíritos purificados, com os homens, nos tempos predeterminados pelo Senhor, tempos cujos sinais se produziram outrora, se produzem hoje e se produzirão cada vez mais na Terra?

Negar a ação mediúnica, oculta ou manifesta, do Espírito Santo, ou seja: dos bons Espíritos, dos Espíritos de luz e de verdade, sobre os homens e não admitir, como comunicação do mundo espiritual com o corporal, senão a de "Satanás", ou seja: dos Espíritos maus, dos Espíritos de erro e de mentira, é insultar a justiça, a bondade e a misericórdia infinitas de Deus; é negar a sua sabedoria infinita, a sua providência e a ação desta entre os homens, negando ao mesmo tempo a lei imutável do progresso, que rege o universo inteiro e que vos conduzirá à perfeição, lei essa da qual a do sofrimento, da expiação, constitui uma modalidade de que a vossa humanidade ainda necessita, no período de inferioridade moral em que ainda se acha o vosso planeta.

Em terceiro lugar, dizem: Se os bons Espíritos, órgãos do Espírito da Verdade, podem comunicar-se com os homens, igualmente o podem os maus, mentirosos, hipócritas inteligentes e hábeis, anjos de tre-

vas, transformando-se em anjos de luz. Falível de si mesma a razão humana e, portanto, incapaz de, com exatidão, distinguir da mentira e do erro a verdade, nas comunicações mediúnicas, impossível se torna saber se a comunicação do mundo espiritual com o mundo corporal é obra da verdade, ou se, ao contrário, é obra de erro e mentira, uma vez que o homem não tem meios de saber com certeza se o Espírito que se comunica é órgão do *Espírito Santo,* do *Espírito da Verdade, ou* de "Satanás".

Esta objeção inquina igualmente de incerteza as decisões dos concílios, que se dizem estar sob a inspiração do Espírito Santo. Como acima vos fizemos notar, desde que não há entre os membros da Igreja, quando reunidos em concílio, *unanimidade* de sentimentos, de pensamentos, de vontade, de aspirações, há dupla influência: *uma boa,* a outra *má.* Quais os que recebem a boa? Tal a questão a resolver.

Para as inspirações da Igreja, como para as dos médiuns, há um critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação fiscalizadora por meio da razão, verdadeiro testemunho de Deus entre os homens.

Esquadrinhai a história dos papas, dos concílios e buscai nos julgamentos proferidos os sentimentos de abnegação, de desinteresse, de amor universal que lhes presidiram às decisões. *Quando* os *houverdes encontrado* podereis dizer: *"Isto* emanou verdadeiramente do *"Espírito Santo".*

Para as comunicações particulares, a pedra de toque é a mesma. Onde quer que se vos deparem o amor e a caridade abatendo o orgulho, a avareza, a ambição, os vícios que disputam a posse da humanidade e a dilaceram, podereis dizer: *"Isto* provém dos bons Espíritos do Senhor; foi o Espírito Santo quem inspirou os médiuns."

Na ordem espiritual, pelo que concerne às verdades de além-túmulo que vos são *espiriticamente* reveladas, bem como pelo que toca às verdades

que surgem no campo da ciência humana, há também o mesmo critério infalível: a consciência, que exerce a sua ação governativa por meio da razão e que, mediante as contradições, sob a ação do progresso dos tempos e das inteligências, assegura a vitória de todas as verdades e determina a condenação de tudo o que seja erro ou mentira.

Não esqueçais as palavras, já por nós explicadas, que Simeão pronunciou no templo, falando de Jesus, que é a *luz do mundo, o caminho, a verdade, a vida, o Cristo de Deus, o Espírito da Verdade,* por ser desta a personificação, o complemento e a sanção: "Este menino que aqui vedes vem para *ruína e ressurreição* de muitos em Israel, *para* ser alvo *das contradições dos homens".*

As revelações são sucessivas e progressivas. Cada uma *explica e desenvolve a* que a precedeu e é *explicada e desenvolvida* pela que a segue. Cada uma é sempre apropriada ao estado das inteligências e às necessidades da época e vem pela vontade de Deus para, segundo a sua presciência e sabedoria infinitas, conduzir a humanidade pela senda ascensional do progresso.

Assim como, sob o regímen da lei antiga, *houve* Moisés e os profetas, que eram médiuns, inspirados, audientes, videntes, conforme a natureza e as exigências da missão que lhes cabia na execução da obra progressiva; assim como, para a revelação que o Cristo vos trouxe, houve os apóstolos, os discípulos, que também eram médiuns, inspirados, audientes, ou videntes, conforme as condições e as necessidades da missão que lhes tocara na grande obra de regeneração da humanidade terrena; hoje, *igualmente,* para a revelação que, em nome do Espírito da Verdade, vos trazem os Espíritos do Senhor, há e haverá cada vez mais, no futuro, médiuns de confiança, fiéis, e missionários encarnados para, com o concurso desses médiuns, receberem mediunicamente e espalharem a luz e a verdade. Dissemos que,

no futuro, haverá cada vez mais médiuns, porque, como já tivemos ocasião de vos declarar, Deus nada espera dos efeitos do *"acaso".* Tudo tem sido, é e será preparado pelas encarnações necessárias.

As verdades *espiriticamente* reveladas serão alvo *das contradições,* como sucede com todas as verdades que surgem entre os homens. Mas, das contradições, como sempre acontece no seio da humanidade, é que sairá, com o progresso dos tempos e das inteligências, pela ação contínua do vosso desenvolvimento físico, moral e intelectual, o triunfo para aquelas verdades.

Auxiliando-vos nessa empresa, tereis a ação, ora oculta, ora patente, dos Espíritos purificados que, sob a direção do Mestre, trabalham pelo vosso progresso, mediante inspirações e comunicações mediúnicas, e tereis também os Espíritos que virão encarnar com a missão de defender essas verdades e de vos levar a reconhecê-las como tais. Eles vos levarão a reconhecê-las, pela liberdade do Senhor, que vem a ser: liberdade de consciência, liberdade de razão, liberdade de exame. Efetivamente, como também já tivemos ocasião de dizer, a liberdade do Senhor implica, para vós, o uso *livre* da razão, *a apreciação* dos fatos e das coisas, a aplicação da ciência, a *marcha progressiva* em todos os assuntos, mas tudo isso com inteira simplicidade de coração, com humildade de Espírito, desinteresse e desejo de progredir, tendo por guias únicos o amor de Deus acima de tudo e o amor ao próximo *mais* do que a si mesmo.

Em quarto lugar, dizem *finalmente:* "Todos se devem abster de qualquer comunicação com o mundo espiritual, de quaisquer comunicações mediúnicas, atendo-se todos à revelação trazida por Moisés, à revelação trazida pelo próprio Jesus quando desempenhou a sua missão terrena, às interpretações que a Igreja

deu a essa dupla revelação e repelindo a revelação espírita."

Porventura a revelação que Moisés trouxe *impediu o* aparecimento dos numerosos profetas que surgiram em Israel, todos esses Espíritos em missão, médiuns inspirados e guiados pelos Espíritos do Senhor, tendo todos por objetivo reconduzir os Israelitas às crenças puras, libertando-os dos laços com que os tinham presos a tradição e a ambição dos levitas?

A segunda revelação, que aceitastes porque a vistes predita no Antigo Testamento, não vos anunciou, por sua vez, que em si não trazia aos homens a última palavra, pela razão de não se achar a inteligência destes em estado de a compreender? — Há mil e oitocentos anos não se têm erguido profetas, quais os de Israel, anatematizando as heresias introduzidas nos Evangelhos tão brandos e simples de Jesus? Combates não se travaram entre os enviados que pregavam a lei *pura* e a ela queriam *voltar* e os que a tinham *falseado e* queriam mantê-la *falseada* pelas práticas materiais, pelos dogmas, pelos mandamentos humanos?

E ainda agora não vedes os sinais dos tempos? Na segunda revelação Jesus predisse e prometeu aos homens que, nos tempos do "fim do mundo", do céu cairiam as estrelas e as virtudes do céu se abalariam; que, em seu nome, o pai lhes enviaria o Consolador, que é o Espírito Santo, o qual lhes ensinaria todas as coisas e lhes lembraria quanto ele dissera; que o Espírito da Verdade viria e que, quando viesse, lhes ensinaria toda a verdade, porquanto não falaria por si mesmo e sim diria o que houvesse escutado; que lhes anunciaria as coisas porvindouras e que seria o mesmo Espírito da Verdade quem o glorificaria.

Os tempos preditos chegaram. Os Espíritos do Senhor (virtudes dos céus que se abalaram,

estrelas que do céu caem ao mesmo tempo sobre todos os pontos do vosso planeta, consolador que é o Espírito Santo, o Espírito da Verdade) estão vindo preparar e realizar o fim do mundo do erro e da mentira, glorificar a Jesus, recordar-vos tudo o que este disse, explicando, *em espírito e verdade, e* desenvolvendo os seus ensinamentos, ensinar-vos progressivamente toda a verdade e anunciar-vos as coisas que hão de vir.

A terceira revelação, que assim vos trazem os Espíritos do Senhor, enviados pelo pai em nome de Jesus, vos é feita na medida do que podeis suportar e continuará progressivamente a ser feita, na medida do que vos for sendo possível receber.

Ainda agora, não acrediteis que tendes a revelação integral. Os Espíritos do Senhor vêm preparar o novo advento de Jesus que, quando fordes capazes e dignos de recebê-lo, vos virá mostrar *sem véu a* verdade, da qual ele é, como Espírito da Verdade, o complemento e a sanção.

NOTA DA EDITORA — Na época em que essa obra foi transmitida, ainda não havia sido criado o dogma da infalibilidade papal. — W.

MATEUS, Cap. XVIII, vv. 21-35

Perdão das injúrias e ofensas. Parábola dos dez mil talentos

V. 21. Então, aproximando-se dele, Pedro lhe perguntou: Senhor, perdoarei a meu irmão todas as vezes que pecar contra mim? Fá-lo-ei até sete vezes? — 22. Respondeu Jesus: Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete. — 23. Por isso o reino dos céus se assemelha a um homem rei que quis tomar contas aos seus servos. — 24. Tendo começado o ajuste, apresentou-se-lhe um que lhe devia dez mil talentos[5]. — 25. Como não tivesse com que os pagar, ordenou seu senhor que fossem vendidos ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía, para pagamento da dívida. — 26. Aquele servo, porém, lançando-se-lhe aos pés, lhe suplicava: Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei. — 27. O senhor, então, compadecido dele, o mandou embora e lhe perdoou a dívida. — 28. Dali saindo, entretanto, aquele servo encontrou um companheiro que lhe devia cem denários[6] e, agarrando-o, lhe dizia, a sufocá-lo: Paga o que me deves. — 29. O companheiro, lançando-se-lhe aos pés, lhe rogava: Tem paciência comigo e tudo te pagarei. — 30. O outro não quis; foi-se dali e mandou metê-lo no cárcere até que pagasse o que devia. — 31. Vendo os outros servos, seus companheiros, o que se passava, ficaram muito contristados e foram contar ao senhor o que havia ocorrido. — 32. Então o senhor o chamou e lhe disse: Servo mau, eu te perdoei, porque me pediste, toda a tua divida; — 33, não devias tu também ter compaixão do teu companheiro, como tive de ti? — 34. E, irritado, o entregou aos verdugos até que pagasse toda a sua dívida. — 35. Assim também fará convosco meu pai celestial, se cada um de vós não perdoar a seu irmão do *intimo do coração.*

---

[5] Um talento tinha o valor aproximado de dois mil cruzeiros, moeda brasileira, em 1952.

[6] Moedas de prata do valor de 20 centavos.

N. 230. Nunca leveis em conta a ofensa, ó bem-amados. Sede sempre prontos a perdoar tantas vezes quantas vos ofenderem. Seja infatigável a vossa indulgência.

Não esqueçais que o Senhor vos julgará do mesmo modo por que houverdes julgado os vossos irmãos. Saldai, pois, todas as suas dívidas, dai-lhes tempo para pagá-las, como o Senhor lhes dá.

Não esqueçais que vós, que haveis recebido ofensas, que sois credores dos vossos irmãos, tendes ofendido a vosso pai e lhe deveis muito mais do que vos devem. Se, portanto, quereis que para convosco use ele de misericórdia, sede misericordiosos. Se quereis que ele esqueça, esquecei. Repeti continuamente, no *fundo dos vossos corações,* esta sentença tão grande e que constitui a chave de todos os ensinos: "Não façais a outrem o que não desejaríeis que vos fizessem." Lembrai-vos sempre desta outra ainda mais extensa: "Fazei aos outros tudo o que quereríeis que vos fizessem."

Estas palavras encerram o amor fraterno com o máximo de devotamento.

Para fazer ressaltar a necessidade do perdão das ofensas e apontar, sob forma material, intencionalmente veladas, as conseqüências da falta ou da recusa do perdão, Jesus recorreu a uma parábola apropriada aos tempos e às inteligências, capaz de tocar e impressionar as massas populares.

"E o Senhor, irritado, disse ele, entregou o servo mau aos algozes, até que pagasse o que devia". E acrescentou: "assim também meu pai celestial fará convosco, se cada um de vós não perdoar do íntimo dalma a seu irmão".

Se não relevardes aos vossos irmãos suas dívidas, se fizerdes sobre eles cair o peso da vossa cólera, o peso de suas faltas, o Senhor, juiz reto, usará de represálias. A sua indulgência não se estenderá por sobre aquele que não tenha sabido

ser indulgente. Sim, a falta ou a recusa de perdão das ofensas é egoísmo, secura de coração, muitas vezes efeito do orgulho, vícios estes que são raízes fortes para o *crescimento da carne.* Esforçai-vos, pois, por arrancá-los. Eles constituem casos *de expiação e de reencarnações e* um obstáculo a que o Espírito *saia* dos mundos inferiores, o que só se dará quando se houver tornado capaz de perdoar *sempre, incessantemente, do fundo dalma a* seu irmão.

MATEUS, Cap. XIX, vv. 1-9 — MARCOS, Cap. X, vv. 1-9

Divórcio. — Casamento

MATEUS: V. 1. Tendo acabado de dizer essas coisas, Jesus deixou a Galiléia e foi para os confins da Judéia, além Jordão. — 2. Grandes multidões o acompanharam e ali curou ele os doentes. — 3. Dele se acercaram os fariseus e para o tentarem lhe perguntaram: E lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer causa? — 4. Respondeu Jesus: Não tendes lido que aquele que no princípio criou o homem o criou macho e fêmea e disse: — 5. Por isto o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne? — 6. Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu. — 7. Replicaram eles: Como é então que Moisés mandou que desse carta de repúdio à mulher e a despedisse? — 8. Respondeu Jesus : Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos permitiu repudiásseis vossas mulheres; mas, no princípio não foi assim. — 9. Eu, porém, vos digo que aquele que repudiar sua mulher, a não ser por motivo de adultério, e casar com outra, comete adultério, assim como aquele que casar com uma mulher repudiada, também comete adultério.

MARCOS: V. 1. Dali partindo, veio Jesus para os confins da Judéia, além Jordão; de novo as multidões se reuniram em torno dele, que recomeçou a ensiná-las, como costumava. — 2. Chegaram então alguns fariseus e para o tentarem lhe perguntaram: E licito a um homem repudiar sua mulher? — 3. Ele, respondendo, perguntou: Que vos prescreveu Moisés? — 4. Responderam-lhe eles: Moisés permitiu despedir a mulher, dando-lhe carta de repúdio. — 5. Jesus lhes replicou: Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos escreveu esse mandamento. — 6. Porém, desde o princípio do mundo, Deus os fez macho e fêmea. — 7. Por essa razão o homem deixará pai e mãe e se ligará à. sua mulher. —

8. E serão dois numa só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne. — 9. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu.

N. 231. Já vos demos (1° vol., n. 84, página 432) algumas explicações sobre a união do homem e da mulher. Chegou o momento de as completarmos.

Em resposta às duas questões que sucessivamente lhe propuseram os fariseus, Jesus, dando aos homens um ensinamento, se externa, de *modo velado,* sobre a união do homem e da mulher, do ponto de vista da lei divina e do das leis humanas, das leis civis. Respondendo à primeira pergunta, que lhe dirigiram nestes termos: *"É lícito ao homem repudiar sua mulher, por qualquer causa?"* diz ele aos fariseus :

"Não tendes lido que aquele que no princípio criou o homem o criou macho e fêmea" e que disse: "Por isto, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e serão dois numa só carne?"

E acrescentou : "Assim, já não são dois, mas uma só carne. Não separe, pois, o homem o que Deus uniu."

Proferindo essas palavras, Jesus atendia ao presente *e preparava o* futuro. Só como conseqüência e efeito da depuração moral da humanidade, elas se cumprirão integralmente. Por enquanto, continuam sendo palavras ditas para o *futuro.* As forças da civilização e do progresso vos têm preparado para essa obra de depuração moral. O progresso se operou penosamente, lentamente, mas operou-se. Aproximam-se os tempos, se bem estejam ainda muito distantes — em que o homem não mais terá que separar o que Deus uniu.

Cada revelação, como sabeis, apropriada sempre ao estado das inteligências e às necessidades da época, tem por objeto e por efeito servir ao presente e preparar o futuro. O véu que cobre

cada uma delas tem que ser sucessiva e progressivamente levantado pelas que se lhe seguirem.

Assim, à vossa humanidade foi dado o que ela então podia suportar. Dá-se-lhe atualmente o que suportar ela pode e o que puder ir suportando lhe irá sendo dado, na proporção do desenvolvimento do seu progresso moral e intelectual, até ao dia em que Jesus, vosso protetor, governador e mestre, Espírito da Verdade, como complemento e sanção desta, vo-la vier mostrar *sem véu.*

A revelação que trazemos vos vem explicar e tornar compreensíveis, *em espírito e verdade, o* sentido e o alcance das palavras do Cristo.

Já nos ns. 55, 56 e seguintes vos fizemos notar o caráter emblemático da criação segundo a *Gênese.* A formação do homem e da mulher[7], saindo uma e outro das mãos do Criador, como das do oleiro saem as estatuetas de barro, *é apenas um emblema* representativo da união íntima do macho e da fêmea. Figurou-se que só os dois foram criados, *a fim* de se não separarem.

Moisés, por intuição e revelações mediúnicas, conhecia a origem da alma. Inspirado e guiado pelos Espíritos superiores, revelou, *veladamente, o* que sabia da origem humana. Apresentando o homem e a mulher como saídos *das mãos* do Criador, dava maior importância, quer à obra, quer à queda dos dois e rasgava imensos horizontes ao desejo de coisa melhor. Dizendo que Deus criou à sua imagem o homem e que o criou macho e fêmea, realçava-os a seus próprios olhos', dava-lhes a aspiração do bem, a consciência do que poderiam ser. Ele conhecia, repetimos, a origem da alma, sabia que esta, saída pela vontade de Deus do princípio universal, tem que chegar, progredindo incessantemente, a um estado de pureza que, por assim dizer, a assimila ao Criador.

---

[7] Gênese, cap. I, v. 27 e cap. II, vv. 17, 21, 22, 23, 24.

Lembrando as palavras emblemáticas da *Gênese* e acrescentando: *"Assim, já não são dois, mas uma só carne; não separe, pois, o homem o que Deus uniu",* mostra Jesus o caráter de indivisibilidade de que, segundo a lei divina, se deve revestir a união do homem e da mulher, para cumprirem os dois, em comum, unidos os corpos e as almas, todos os deveres decorrentes dessa união na peregrinação terrena.

A lei divina não é somente de ordem material, é também de ordem moral. O casamento, sob o ponto de vista da *natureza humana,* não é mais do que a união de dois corpos para a reprodução. Não se entreguem eles ao deboche, não se maculem, sofram a ação das leis animais da natureza a que pertencem, e a justiça do Senhor não os atingirá.

Mas, ao lado da lei divina de ordem material, que instituiu a união livre dos sexos para cumprimento da de reprodução em todos os reinos da natureza, *está* a lei divina de ordem moral, isto é, a lei do amor, que vedes a se executar em todos os reinos da natureza, de acordo com a do progresso. No reino animal, observareis aquela lei afirmando-se primeiramente sob a forma da promiscuidade; depois, manifestando em certas espécies os sinais *precursores* da união intima dos corpos e das almas e, portanto, do *cumprimento* destas palavras da *Gênese, relativas* ao homem e à mulher: *Serão dois numa só carne.*

A união do homem e da mulher virá a ser ao mesmo tempo livre e indissolúvel, de conformidade com o sentido que, *em espírito e em verdade,* têm aquelas emblemáticas palavras da *Gênese,* lembradas por Jesus aos fariseus. Tal união virá a ser ao mesmo tempo livre e indissolúvel perante Deus, de acordo com a lei natural, pela união inalterável e solidária dos corpos e das almas. E dará livremente frutos de justiça e de castidade, sob a ação da lei do amor, praticando os dois que assim

se unirem, ambos criaturas independentes, livres e responsáveis, todos os deveres que lhes impõem, tanto o estado conjugal, quanto a paternidade e a maternidade com relação aos Espíritos que encarnarem como seus filhos, para se submeterem a novas provas.

A esta outra pergunta dos fariseus:

"Como é então que Moisés mandou que desse carta de repúdio à mulher e a despedisse?"

Jesus respondeu:

"Por causa da dureza de vossos corações é que Moisés vos permitiu repudiásseis vossas mulheres; mas no principio não era assim."

A princípio, a carta de divórcio só podia ser dada à mulher estéril, por ser a esterilidade considerada *uma deformidade oculta.*

Em tempos mais remotos, quando a ambição, o desejo de acumular riquezas ainda não escravizavam o homem, pouco lhe importava que a sua companheira fosse ou não estéril. Ele satisfazia às exigências da animalidade e nada mais buscava.

Quando se lhe fez sentir a necessidade de formar sociedade, quando os povos pastores surgiram, ou, pelo menos, quando se desenvolveram, a multiplicidade dos filhos se tornou uma riqueza. A partir de então é que a mulher estéril começou a ser perseguida, mesmo eliminada.

À vista dos abusos a que dava lugar esse anseio pelo aumento das populações, Moisés autorizou o divórcio, se bem que nessa época não existissem mais os motivos que faziam outrora desejada a multiplicidade dos filhos. É que o homem, orgulhoso de tudo, entrara a considerar como mérito seu, pessoal, o lhe dever a vida maior ou menor número de entes humanos. A mulher es-

téril passou, pois, a ser vítima de todos os maus tratos.

Cumprindo, porém, evitar a dissolução legal dos costumes, praticada abusivamente à sombra da carta de divórcio, porquanto cada homem se acreditava no direito de tomar e abandonar uma mulher logo que houvesse saciado a sua luxúria, Jesus pronunciou estas palavras que, como todas as que proferiu, tinham que produzir frutos no futuro:

Eu, porém, vos digo que aquele que repudiar sua mulher, a não ser por motivo de adultério, e casar com outra comete adultério, assim como também comete adultério aquele que casar com uma mulher repudiada."

Ainda agora, entre vós outros, homens civilizados, mas não depurados, a carta de divórcio, se fosse dada arbitrariamente, ao capricho do homem, não constituiria um pretexto para a libertinagem, uma fonte de dissolução legal dos costumes?

Dizendo que se não separasse o que Deus unira, o Cristo cortou cerce o abuso do século em que desceu à Terra e pôs óbice à corrupção dos séculos que se seguiriam. Mas, ele não condenou dois Espíritos antipáticos a se desencaminharem reciprocamente.

De acordo com a lei divina, não deveis constranger fisicamente dois Espíritos antipáticos a se acotovelarem diariamente. Mas, também não se deve aproveitar dessa faculdade como pretexto para o desregramento. Isto em nada contraria as palavras de Jesus. Ele disse: *"Não separeis o que Deus uniu".* Porém, não disse: *Forçai a viver em comum* os *que não se podem* aproximar *sem se* excitarem mutuamente à prática de faltas, transgredindo a lei de caridade.

O divórcio não pode existir e não existe perante o Senhor, senão quando um Espírito, pelos

seus exemplos ou palavras, impele ao mal um outro com quem antipatize, porque *então,* na ordem moral, há adultério. Os corpos do homem e da mulher nada valem aos olhos do Senhor, *no sentido de que* Deus, ao formar o homem e a mulher, cogitou do *espírito e não* do corpo, *mero* instrumento, para aquele, das suas provações terrenas, na senda da reparação e do progresso. O Espírito, portanto, é que o homem e a mulher devem preservar de máculas. Sendo um ou outra adúltero, não induz o Espírito que lhe está unido a cometer falta idêntica e isso quer o primeiro seja adúltero, isto é, violador da lei de Deus, *de corpo,* por entregar-se aos abusos da carne, quer o seja *de espírito,* por transgredir, com seus exemplos e palavras, a lei de justiça, de amor e de caridade? Não será melhor separar os galhos da árvore do que deixar que esta dê maus frutos?

Notai que entre vós o casamento perde todo o caráter sagrado que deve ter e não passa, na maioria dos casos, da execução de um contrato comercial, no cumprimento de cujas obrigações as duas partes contratantes se mostram mais ou menos escrupulosas.

Ele está submetido a legislações humanas, a leis civis, derivadas da missão terrena de Jesus, como das que Moisés deu ao povo hebreu. Mutáveis, por natureza, como tudo o que, na ordem moral e intelectual, emana da vossa humanidade essencialmente perfectível, essas leis variam de conformidade com os tempos, com os lugares e com o progresso das inteligências. Têm por objeto reprimir, corrigir os abusos e fazer-vos avançar. Essa obra progressiva, mau grado às oscilações, ou às resistências reacionárias, se executa, sob os auspícios das sucessivas revelações, pela impulsão, oculta ou patente, consciente ou inconsciente, que lhe dão os Espíritos do Senhor, providência de Deus entre vós, e os Espíritos encarnados em missão.

Até aos vossos dias se hão sucedido as leis civis sobre o divórcio e o casamento, emanadas da renovação social de 1789, que foi um dos mais gloriosos passos da humanidade na estrada do progresso. Elas sofreram as inevitáveis variações devidas sempre à luta incessante entre as influências progressistas e as influências reacionárias, mas a lei do progresso é imutável, como tudo o que vem de Deus.

A lei sobre o casamento precisa ser, depois de profunda meditação, refeita nos moldes *da lei natural perante Deus.* Mas, *para isso,* cumpre que as paixões e a cupidez do homem tenham cedido lugar a sentimentos mais elevados. Cumpre que a missão do homem e da mulher seja compreendida no que tem de santo e de grande *aos olhos do Senhor.* Cumpre que homem e mulher compreendam os deveres imensos que assumem, quando aceitam a responsabilidade do casamento, deveres sagrados aos quais não lhes é permitido esquivar-se, deveres cuja satisfação Deus protege com o seu amor, porque eles consagram as leis da natureza.

A sociedade, porém, está ainda muito submetida aos preconceitos, aos abusos, aos vícios, para que *semelhante reforma* se possa realizar. Entretanto, cada dia traz o seu grão de areia, que se sobrepõe ao precedente. E esses grãos de areia acabarão por formar uma muralha impenetrável aos vícios da humanidade. Esperai, pois, que o progresso se opere, não vos arrisqueis, com o apressá-lo demasiado, a destruir o bem adquirido.

Homens, tornai-vos o que deveis ser — filhos do Senhor. Suas bênçãos então descerão sobre vós e não mais tereis que separar o que Deus uniu.

Sim, a união do homem e da mulher tem que ser e será o que, em nome do Senhor, Moisés *veladamente* anunciou, declarando: *"Serão dois numa só carne",* palavras estas que o Cristo sancionou, dizendo: *"Assim, já não são dois, mas uma só*

carne; não separe, pois, o homem o que Deus uniu."

Como conseqüência e resultado da vossa depuração moral e sob a influência espírita, o casamento tem que ser e será uma escolha livre, aceita livremente diante de Deus e que livremente se manterá até à morte de um dos cônjuges, Será um acordo e um apoio mútuos, que nada poderá romper. Será um concurso nas provações e a firme vontade de, mesmo depois de interrompido na Terra, conservá-lo na erraticidade e nessa vida, para vós futura, na qual, como o disse Jesus, não há "marido e mulher", porquanto a união contraída na Terra constituirá um laço forte a unir, na eternidade, os que o formaram por uma simpatia para sempre inalterável.

Durante largo tempo, a bênção religiosa foi o único ato de consagração do casamento e ainda o será. Nas épocas anteriores à vinda de Moisés, nessas épocas remotas, os pais e os esposos invocavam a bênção do Senhor. Nos tempos hebraicos, que se seguiram àquela vinda, até ao aparecimento de Jesus na Terra, já se tendo estabelecido um formalismo patriarcal, a bênção religiosa tomou um caráter mais ostensivo. Fazia-se mister convidar os parentes e os amigos. Começou aí o orgulho do brilhantismo das núpcias.

Após o advento do Cristo, a bênção nupcial, nos primeiros tempos do Cristianismo, naquela época da revivescência da fé, revestiu caráter mais religioso. O sacerdote implorava para os jovens nubentes a bênção do Pai de todas as criaturas. Mas, pouco a pouco, esse uso degenerou em hábito. O sentimento da fé viva, que reunia na Igreja todos os que se interessavam pelos noivos, *com o fim* de, juntando suas preces, torná-las mais poderosas, cedeu lugar à sede do fausto, ao orgulho do luxo e da ostentação, corruptor de todos os sentimentos da humanidade.

As núpcias se tornaram ensejo para festas,

para exposição de riquezas. Ninguém mais se preocupava com a simpatia dos assistentes, com o fervor das preces que dirigiriam ao protetor do fraco. Passou-se a escolher os convivas dentre os felizes. A bênção do sacerdote se tornou mera formalidade.

No período, em que ides entrar, se bem se ache ele ainda muito distante, o homem será levado a invocar, no silêncio da natureza e na sinceridade da consciência, para si e para a sua companheira, as bênçãos do Senhor, pedindo com humildade a graça de suportarem corajosamente as provas, a força de se elevarem moralmente, *mais* do que materialmente, a si e aos filhos que lhes incumbirá encaminhar na vida. Mas, para isso, nada de fausto, nada de ruído; apenas as preces dos pais, dos amigos escolhidos, o silêncio e a sombra, a pureza do coração e a esperança em Deus.

A união do homem e da mulher será então, perante Deus, de conformidade com a lei natural, ao mesmo tempo a união livre de dois corpos para a reprodução e a união indissolúvel de dois Espíritos pelo laço divino da lei do amor.

Oh! homens orgulhosos dos vossos costumes, da vossa sociedade, quão velha e horrenda ela é! quão pouco tem os méritos que lhe supondes! Múmia coberta de relíquias douradas e que oculta sua podridão e suas vergonhas sob farrapos de rendas e seda!

Todavia, ainda por muito tempo será assim, pois que só gradual e progressivamente a humanidade será levada ao nível de depuração moral em que o Espírito, purificado, não precisará mais de freios, porquanto buscará espiriticamente a companheira que lhe convenha e, guiado pelo amor e pela caridade, não mais se desfará dela como de um objeto que se torne sem serventia.

Qual dentre vós não cederia à tentação da luxúria? Qual dentre vós se mostraria bastante forte

sobre si mesmo para não abandonar a mãe de seus filhos por um capricho de ocasião? Qual dentre vós, mulheres tão orgulhosas das vossas virtudes, a que se achará isenta do desejo de uma mudança?

A ignorância e a seqüestração, *de um lado, e, de outro,* o excesso de liberdade e a desmoralização, tais os fundamentos das vossas torpezas. [8]

Compreendeis agora que se faz mister passem sobre vós muitos séculos para polir todos esses calhaus que resvalaram na lama e para fazer sair deles o diamante que há de brilhar ao sol?

N. 232. Qual deveria ser a regra de conduta dos espíritas a quem fosse recusada a bênção religiosa de acordo com o culto externo da seita no seio da qual a reencarnação os tivesse feito nascer?

Que necessidade tendes dos homens para a invocação da bênção religiosa, que eles vos recusam? Rendei homenagem ao Criador, implorai a sua bênção e esta descerá sobre vós. Estais cercados de *levitas* — os bons Espíritos, os mensageiros divinos, sempre prontos a vo-la dar em nome do Senhor.

Já vos dissemos : De conformidade com a lei natural e abstração feita de qualquer formalismo religioso, o casamento, aos olhos de Deus, consiste no acordo livre, livremente aceito e, até à morte de um dos cônjuges, mantido pela união dos dois corpos para a reprodução e pela das almas para a execução da lei de amor e de caridade e cumprimento de todos os deveres que aquela união lhes impõe reciprocamente e com respeito aos filhos, que ambos terão de encaminhar na vida.

Importa, porém, não esquecer que o fruto, seja qual for, só é bom quando maduro. Ora, com-

---

[8] (1) Ver *adiante* o n. 233 relativo aos vv. 10, 11e 12 de MATEUS.

quanto vosso Pai não julgue os atos humanos como vós os julgais, evitai o escândalo. Conformai-vos, *tanto quanto seja humanamente possível,* com as leis que vos regem, assim no que concerne à bênção religiosa, como com relação ao casamento na ordem civil. Ficai certos de que essas leis se modificarão quando as vossas naturezas se houverem modificado. Pretender hoje pôr em prática a lei, aos olhos de Deus, natural, pela união ao mesmo tempo livre e indissolúvel, antes que a depuração moral da humanidade haja preparado e implantado o regímen dessa união, fora querer comer as uvas apenas terminada a floração da parreira. Esperai pela maturação.

Se a intolerância e a cegueira levarem os homens a vos recusar a bênção religiosa que eles ministram, mostrai-lhes que, descendo sobre vós a bênção que implorastes ao Criador e que vos foi dada, em seu nome, pelos *levitas* que vos cercam — os bons Espíritos, os mensageiros divinos, e praticando vós o casamento segundo a lei natural perante Deus, em vós se cumpriram estas palavras de Jesus : *"Já não são dois, mas uma só carne; não separe, pois, o homem o que Deus uniu."*

Se fordes *obrigados* a dá-lo, depois de fazerdes o que seja humanamente possível por evitar o escândalo, esse exemplo ficará sendo uma baliza plantada para orientar a marcha da humanidade na estrada do futuro, que há de ver cumpridas as palavras, que vos vimos de explicar *em espírito e em verdade,* proferidas pelo Mestre.

MARCOS, Cap. X, vv. 10-12. — MATEUS, Cap. XIX, vv. 10-12

Resposta de Jesus à pergunta que lhe dirigiram os discípulos acerca das condições do casamento. Os que são eunucos desde o ventre materno e que assim nasceram. — Os que foram feitos eunucos pelos homens. — Os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus.

MARCOS: V. 10. Em casa, os discípulos o interrogaram de novo a esse respeito. — 11. Disse-lhes ele: Se um homem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério por causa da primeira. — 12. E se uma mulher deixa o marido e casa com outro também comete adultério.

MATEUS: V. 10. Disseram-lhe então os discípulos: Se tal é a condição do homem com relação à. esposa, não convém casar. — 11. Jesus lhes disse: Nem todos compreendem esta palavra, mas sim aqueles a quem isso é dado. — 12. Porque, há os que do ventre materno nasceram eunucos; há os que foram feitos eunucos pelos homens e outros há que a si mesmo se fizeram eunucos por causa do reino dos céus. *Entenda-o quem puder entender.*

N. 233. O que Jesus dissera aos fariseus acerca do que deve ser a união do homem e da mulher segundo a lei divina chamara a atenção dos discípulos, de sorte que, uma vez a sós com o Mestre, o interrogaram de novo a esse respeito. Jesus então, ratificando o que anteriormente havia dito, respondeu: "Se um homem deixa sua mulher e casa com outra comete adultério por causa da primeira; assim como, se uma mulher deixa o marido e casa com outro, também comete adultério."

Jesus, assim falando, tinha em mente aludir à época de progresso e de depuração moral em

que, modificadas as vossas leis como conseqüência da modificação das vossas naturezas, a união do homem e da mulher será ao mesmo tempo livre e indissolúvel, segundo a lei natural, à face de Deus, porque será a reunião de dois corpos para a reprodução e a ligação de duas almas pelo laço divino da lei do amor. Nessa época, o homem que abandonar a mulher e esposar outra será declarado adúltero, isto é, infrator da lei natural perante Deus, pela violação do acordo livre, *livremente* aceito, para ser mantido *livremente* até à morte de um dos dois.

Tendo esse sentido e esse alcance, as palavras do Mestre não podiam ser compreendidas pelos discípulos. Só o haviam de ser, *em espírito e em verdade,* pelas gerações futuras, nos tempos preditos da nova revelação. É o que se evidencia da observação que os discípulos fizeram : *"Se tal é a condição do homem com relação à esposa, não convém casar."*

Não vos admireis de que hajam dito isso. Encarnados, eles se achavam sob a influência dos preconceitos hebraicos. Encarando o casamento apenas do ponto de vista das satisfações sensuais, consideravam um embaraço a obrigação de conservar a mulher que tivessem escolhido, houvesse o que houvesse.

Aquela observação serviu para mostrar que muitos acreditam falar sempre por si mesmos e, no entanto, falam pela inspiração que recebem.

Os discípulos acreditavam falar por inspiração própria. Entretanto, haviam recebido a inspiração e a ela obedeciam, tanto mais facilmente quanto era conforme às idéias que lhes advinham dos preconceitos sob cuja influência se achavam. Foram induzidos a externar essa ponderação, porque suas palavras abririam ensejo a que Jesus desse, como deu, um novo ensinamento que, entregue *veladamente* às interpretações humanas, serviria àquela época e, por efeito da ação do tempo,

do progresso das inteligências e dos esforços e lutas do pensamento, prepararíam o futuro. Esse ensinamento, que se destinava a ser explicado e desenvolvido pela revelação atual, quando fossem chegados os tempos, tinha por objetivo indicar aos homens, fazendo-lhes compreender os *motivos* de incapacidade ou de abstenção do casamento, a maneira por que hão de proceder para praticar, de acordo com a lei divina, a união simultaneamente livre e indissolúvel do homem e da mulher.

"Nem todos, disse Jesus aos discípulos, *compreendem esta palavra, mas sim aqueles a quem* "isso é *dado.* Porque, há os que do ventre materno nasceram eunucos, há os que foram feitos "eunucos pelos homens e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos por causa do reino dos "céus. *Entenda-o quem puder entender."*

Aqui tendes, *em espírito e em verdade, o sentido* dessas palavras. Jesus, por nosso intermédio, vo-lo revela.

Como sabeis, o Espírito, quando reveste o corpo de carne, já tem feito a escolha de suas provações. Bem deveis, portanto, compreender (e a esse respeito já vos demos explicações nos números 2 e 3 do 1º volume) que, antes de começar uma nova existência terrena, ele está destinado à vida de família ou à esterilidade. Os arrastamentos da carne também são muitas vezes uma prova de que lhe cumpre esforçar-se por sair vitorioso. Não é dado, pois, a todos enveredar pelo casamento.

"Há eunucos que o são desde o ventre materno e que assim nasceram."

Espíritos há, conforme acabamos de dizer, que, ao fazerem a escolha de suas provações, se impõem, como uma delas, a resistência às tentações da carne. Há outros que, ao contrário, se

sujeitam, por provação, aos desejos veementes da carne e tomam um corpo incapaz de corresponder às exigências do Espírito. Dizemos às exigências do Espírito — porque, como não ignorais, o Espírito *"material"* concorre para as sensações carnais e muitas vezes a imprudência do Espírito é que arrasta o corpo a abusos perniciosos. Não tendes o exemplo de Espíritos errantes perseguidos sem cessar pela concupiscência que, não podendo ser satisfeita, constitui para eles uma tortura?

Pode dar-se que na encarnação que se seguir essas tendências subsistam. O Espírito sofre então o castigo corporal da impossibilidade de ceder a tais inclinações.

Por "espírito *material"* entendei aquele cujos pendores são todos para a matéria e que lhe sentem a influência mesmo quando dela desprendidos, isto porque o perispírito corresponde sempre ao desenvolvimento espiritual. O de um Espírito pouco adiantado, sujeito, conseguintemente, às atrações da matéria, é muito espesso e bastante aproximado, embora o não vejais, das matérias que compõem os vossos corpos. Assim, o Espírito desencarnado nessas condições pode perfeitamente ser considerado material, no *sentido* de que seus gostos, pendores e constituição perispirítica muito próximos estão da matéria.

Compreendem, portanto, aqueles que do ventre materno saíram eunucos, aqueles cuja natureza os mantém *por essa forma* excluídos das exigências da carne, a causa e o objetivo de tal provação, que eles próprios escolheram. Não lhes assiste o direito de, *visando quaisquer* interesses pessoais, condenar a viver sob o seu jugo uma mulher, qual pássaro privado da liberdade. A natureza humana e suas necessidades constituem um meio que o homem tem para progredir e do qual lhe cumpre tirar proveito. Tudo pode servir para o progresso humano, contanto que este seja bem dirigido.

Esses Espíritos, que como eunucos encarnam, faliram gravemente em existências anteriores, cedendo aos mais culposos transviamentos da carne, esquecidos do que deve ser a união animal segundo a lei divina, olvidados dos deveres da vida de família. Esforçando-se por triunfar da prova, eles, na causa determinante da impotência que lhes é infligida, têm que haurir a inteligência e a força necessárias para vencerem essas tendências, esses desejos da carne, para fazerem de tal impotência, que de outra forma seria uma tortura, meio de depuração moral, de progresso. Assim, pela predominância do Espírito sobre a matéria e por uma vida de castidade, irão preparando-se para se tornarem capazes do casamento e da vida de família, segundo a lei natural aos olhos de Deus, noutra existência.

Haverá nessa prova alguma coisa de molde a vos surpreender? Não vejais no curso dos acontecimentos humanos senão fatos destinados a apagar faltas passadas e a vos manter em guarda contra fatos futuros.

"Outros há que os homens fizeram eunucos."

A castração era de uso corrente na época em que Jesus falava aos homens, uso esse que se conservou por muito tempo depois e que ainda se observa em certos países. Alguns sofrem essa operação para adquirirem belas vozes, ou para se tornarem guardas a quem se possam confiar sem temor as mulheres de um harém. Outros são castrados por vingança. Incluí, entre os que os homens fizeram eunucos, aqueles que se tornaram impotentes por efeito de precoces desregramentos devidos aos conselhos e aos exemplos maléficos, ou ainda aos abusos praticados pelo homem com a criança. Uma educação perniciosa, o vício a que o menino é arrastado, ou por si mesmo ou pela ação malévola do homem, também conduzem àquela

funesta conseqüência. Vergonhas da humanidade, que se refletem sobre a vida inteira, enervando e neutralizando as forças geradoras. Não conheceis homens desses? Não são eles os eunucos da vossa civilização?

Que tão bárbaros costumes, tão odiosos atos, todas essas vergonhas da humanidade desapareçam do vosso planeta! Aqueles que os homens fizeram eunucos pela violência, pelo crime, não devem ver nesse fato senão uma expiação destinada a apagar faltas do passado e, como conseqüência de tal expiação, uma prova a suportarem. Aqueles que os homens tornaram os eunucos da civilização, esses que reconheçam terem falido gravemente nas suas provas.

Abstenham-se do casamento uns e outros, bem como os que nasceram eunucos, e tirem da causa da impotência a que se vêem condenados a inteligência e a força necessárias para vencerem as tendências, os desejos da carne, para fazerem de tal impotência, que de outra forma seria uma tortura, meio de depuração moral, de progresso, meio de se prepararem, pela predominância do Espírito sobre a matéria e por uma vida de castidade, para se tornarem, noutra existência, capazes do casamento e da vida de família, segundo a lei natural aos olhos de Deus.

"Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus."

Só devem procurar constituir família os que se sintam bastante fortes para aceitarem, de acordo com a lei divina, as condições da união animal. Não cogite de constituí-la aquele que se sinta leviano e inconstante, que não reconheça em si inclinação para a vida de família, que, numa palavra, não se sinta suficientemente forte para resistir às tentações da carne, aos desfalecimentos da humanidade. Não cogite do casamento esse,

porque arrastará na sua queda a companheira a quem se haja unido e os filhos que lhe tenham nascido.

Dos sofrimentos e mesmo das faltas que aquela e estes viessem a cometer em virtude dos exemplos recebidos, terá ele que dar conta. Está visto que aqui nos referimos tanto à mulher como ao homem. Faça-se eunuco, renunciando aos seus desejos, aquele que se achar em tais condições.

Só se fizeram eunucos *por causa do reino dos céus os* que, não se sentindo com forças para cumprir os deveres que lhes impõem o casamento, a família, renunciaram e renunciam a uma e outro, preferindo combater seus desejos a arrastar outras criaturas à devassidão. Eis porque nem o homem, nem a mulher devem realizar tão sério ato, senão quando se reconheçam com forças para levá-lo a bom termo, seja estéril ou fecundo o casamento. Aquele que, estéril num ponto, é fecundo noutro, vem a falir nas suas provas, propagando o espírito de libertinagem e pregando a revolta contra as provações. Grande é a responsabilidade dos que atraem a si Espíritos culpados, para os erguer e encaminhar, para os fazer progredir. Mas também grande é a ventura dos que bem compreenderam o seu encargo no casamento e na família. A estes, tendo reconduzido ao aprisco ovelhas desgarradas, o pastor considera bons servidores.

"Entenda-o, disse Jesus, quem puder entender!"

Jesus *assim* se exprimiu porque, *de um lado,* não deviam suas palavras ser tomadas unicamente no sentido próprio, *mas também num* sentido figurado, sentido este em que poderiam ser bem ou mal compreendidas; *de outro lado,* ele não queria que, desenvolvendo o seu pensamento, seu discurso tomasse uma forma precisa. Os tempos, os preconceitos, os costumes e o estado das inte-

ligências da época exigiam que aquelas palavras fossem *veladas,* a fim de que pudessem, repetimo-lo, servir ao presente *e preparar o* futuro. Tudo, até mesmo os abusos que se deram *e* que hoje vos assinalamos, tem a sua razão de ser, no encadeamento dos sucessos humanos, das interpretações humanas, como condição e meio do progresso moral e intelectual.

Nem todos compreenderam as palavras do Mestre. Houve quem tomasse no seu sentido próprio estas: *"Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus."* Como Orígenes que, julgando-se a isso autorizado, se fez eunuco, para colocar-se ao abrigo da calúnia, quando, encarregado de instruir os fiéis de Alexandria, os homens e as mulheres acorriam em multidão à sua escola, alguns outros quiseram mutilar-se ou ser mutilados, visando com isso responder ou forrar-se a falsas acusações de imoralidade. Outros, impelidos por uma fanatismo cego, foram levados a mutilar-se com o fim de porem termo aos ímpetos da natureza.

Também houve os que tomaram em sentido *figurado* aquelas palavras e as interpretaram erroneamente, vendo no estado de continência voluntária e perpétua o meio, por excelência, de ganharem o reino dos céus. Dessa interpretação errônea se originaram os votos de celibato dos padres e de todas as ordens religiosas e monásticas dos dois sexos.

Tudo tem a sua razão de ser, repetimos mais uma vez, até mesmo os abusos que hoje assinalamos.

As associações religiosas foram a salvaguarda dos primeiros tempos. No *seio* delas se refugiavam os fracos, os perseguidos; as ciências e as artes se desenvolviam ao abrigo das violências dos homens e dos poderosos. Eram asilos abertos a tudo quanto a brutalidade houvesse destruído. Desde, porém, que foram desaparecendo as causas

que as fizeram surgir, elas deveram ter sido modificadas.

Não condenamos as associações de homens ou de mulheres que, não se sentindo com a energia necessária para viverem no turbilhão do mundo, buscam, no silêncio do retiro, a sombra e a calma indispensáveis ao cultivo e ao desenvolvimento das faculdades úteis a todos e cuja expansão o rumor da vida mundana não permite. Mas, preciso é que essas *comunidades se* constituam pela *comunidade* de *sentimentos,* de *gostos,* de *desinteresse,* de *generosidade,* que sejam estufas onde as plantas delicadas encontrem a temperatura propícia a se desenvolverem, de *modo a* poderem espalhar *pelo mundo* os frutos maduros e saborosos que produzam num meio favorável. *Preciso é que a liberdade seja grande,* que *nenhuma cadeia os* traga *forçadamente* presos, que o *mesmo desejo de progredir os ligue e* que todos quantos, desenvolvidos no silêncio, se sentirem bastante fortes para voltarem à *vida* de família, tenham a liberdade de fazê-lo, quando bem lhes pareça. *Queremos* a liberdade *de espírito e de ação,* sempre usada em *proveito de todos e posta ao serviço do progresso de todos.*

Contai entre os fanáticos ou os egoístas os que se seqüestram para fugir às leis naturais e que, esquivando-se aos encargos da família, caem, à sombra do claustro e sob a capa da piedade, em desregramentos piores do que quantos, na sua torrente, arrastam os desgraçados que se acham imersos nos vícios das vossas sociedades. Dizemos *piores,* porque esses tais não têm escusa admissível, uma vez que, na maioria dos casos, a preguiça, o egoísmo, ou outro qualquer sentimento pessoal são o que os impele a semelhante gênero de vida, improdutivo para si próprios e para todos. Membros inúteis da grande família humana, ramos mortos que prejudicam a saúde da árvore, secando a seiva dos galhos vivos que

os cercam, eles não trabalham "para o reino dos céus" e o sacrifício a que se votam, infrutífero para todos, se lhes torna uma causa de condenação.

N. 234. Interpretando as palavras de Jesus (MATEUS, vv. 10, 11, 12), especialmente estas: *"Há os que se fizeram* eunucos *por causa* do *reino* dos céus", muitos se têm delas valido para dizerem e ensinarem — "que o estado de continência voluntária e perpétua, tomado para agradar a Deus, é um dom do próprio Deus e constitui *a única* virgindade que ele se compromete a recompensar; — e que Jesus aprovou os votos, implícitos ou explícitos, de celibato e os aconselhou", sendo isso o que levou a Igreja a fazer do celibato uma condição obrigatória para os padres e os membros das ordens monásticas e religiosas de ambos os sexos.

O ponto de partida era bom; *falsa,* porém, a *aplicação.* Pela inteligência, que vos demos, das palavras de Jesus, para que as entendais *em espírito e verdade,* deveis perceber que a Igreja não as compreendeu e lhes deu falsa aplicação.

Sim, o celibato *voluntário é* agradável ao Senhor, quando promana de um sentimento *puro e desinteressado.* Desde que não se sintam fortes para cumprir dignamente, com a abnegação e o desinteresse necessários, os deveres que a constituição da família impõe, fazem bem, aos olhos de Deus, o homem e a mulher, abstendo-se de a constituírem, qualquer que seja o sacrifício material, carnal, que isso lhes custe. Quer um, quer outro, porém, deve ter e conservar sempre *a liberdade* de se encaminhar para o matrimônio, para a vida de família, logo que se sinta com força bastante para cumprir, segundo a lei divina, as obrigações que daí decorrem. Em se verificando tal condição, enveredar por aquele caminho representa ao mesmo tempo *uma necessidade e um dever, pois* que será a consagração das leis da natureza.

Repetimos: o homem e a mulher que não sentirem em si a força de cumprir dignamente, com a abnegação e o desinteresse precisos, os deveres que a família impõe, fazem bem, aos olhos de Deus, em se absterem de a constituir, qualquer que seja o sacrifício material, carnal, que isso lhes custe. Mas, que essa abstenção não venha a subtrair da grande família humana um número considerável dos seus membros; que não se torne uma coroa que cause orgulho, sob a influência deletéria, ou do misticismo, ou da preguiça, ou do fanatismo, ou da ambição, ou do egoísmo. Para que serviria em tal caso? Para alimentar no coração o orgulho, o desvario e para fortalecer uma confiança ilusória.

Não disse Moisés que Deus fizera ouvir estas palavras : *"Não é bom que o homem esteja só"?* Não, não é bom que o homem esteja só, porque, em contraposição a um que saiba dominar a carne, mil outros sucumbirão na *sombra* sob *o* seu jugo e se tornarão hipócritas.

Homens, sois solidários uns com os outros, devei-vos auxílio e amparo mútuos. Não desmancheis, pois, a obra de Deus. À obra, indolentes, à obra! Tendes o dever de trabalhar para o empreendimento geral; estais na obrigação de trazer a vossa gota dágua para o rio que corre sem cessar.

A Igreja se extraviou, interpretando as palavras de Jesus *no sentido* de fazer do celibato perpétuo, por voto explícito, uma obrigação imposta ao padre e aos membros das ordens religiosas e monásticas dos dois sexos; de prescrever, por voto implícito, ao homem ou à mulher que se sentem fortes bastantes para o casamento, para a vida de família, que *se furtem às* leis naturais, que se seqüestrem, *como meio* de ganhar o reino dos céus.

Jesus prometia recompensa à virgindade, mas a virgindade que, constantemente *livre de querer* é oriunda de um sentimento puro e desinteres-

sado, no sentido que vos acabamos de revelar, das suas palavras, se mostre ativa *e produtiva.* Jamais ele prometeu recompensa alguma à preguiça, à indolência.

Entre vós, alguns conquistaram a palma do triunfo. Quantos outros, porém, a viram cair a seus pés, reduzida a pó, justo no momento em que supunham poder arrebatá-la!

Assim, condenais, em nome de Jesus, o celibato que a Igreja impôs, como condição e regra, ao padre, a título de ensinamento da lei evangélica que o divino modelo resumiu nestes dois mandamentos, que declarou encerrarem, para todos os homens (Judeus e Gentios) *toda a lei e os profetas:* amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo?

Sim, três vezes sim. Já o temos dito: os padres devem poder, como os outros homens, buscar o casamento, a vida de família, uma vez que se sintam fortes bastante para lhe cumprirem as obrigações perante Deus, de acordo com a lei natural. Devem dar o exemplo de todas as virtudes que pregam.

Ora, quais são os frutos do celibato perpétuo, desde que seja imposto, obrigatório? Para muitos — a hipocrisia nas dissoluções ocultas que os arrastamentos da carne produzem e que a faculdade de casar, de constituir família, teria evitado, mediante a união conformemente à lei divina. Não raro, os frutos de tal celibato são a ignomínia e a condenação que a justiça humana inflige, quando a luz da publicidade e das provas se projeta sobre essas devassidões.

Como praticam eles as leis da família? Na maioria dos casos, afastados de seus lares, com os corações fechados às afeições tão doces do interior, levam uma vida factícia, que só desenvolve e alimenta o egoísmo, o orgulho e lhes estiola as faculdades da alma.

Servidores inúteis, criam para si uma tarefa inútil. Não *compreendendo* a lei, *fazem* a lei.

Guias *cegos,* eles conduzem seus guiados pelas trevas em que caminham. Falamos *aqui* dos que são padres, como outros são escritores, sapateiros, músicos, ou o que quer que seja, e para os quais o sacerdócio é um meio de saírem da esfera rasteira em que deveriam viver, um estrado para galgarem o primeiro degrau da escada tão perigosa das honrarias e da fortuna.

Longe de nós o pensamento de acusar o pastor humilde que apascenta suas ovelhas no campo da verdade e com a sinceridade no coração, seja qual for a sua ignorância, seja qual for o caminho falso por onde se tenha embrenhado. A intenção, quando pura, purifica os atos. Para esses, a coroa será tecida com as flores que os orgulhosos acreditavam por si mesmos colher.

Combatam com valor e permaneçam no campo de batalha os que se sintam fortes contra a carne, mas fracos ante as obrigações da família, porquanto, se se retirarem da luta, como poderão ser vitoriosos?

Cada um deve experimentar-se a si *mesmo* e jamais enveredar por um caminho, qualquer que este seja, senão com o firme e consciente propósito de ir até ao fim.

Que se deve pensar das ordens religiosas que praticam a hospitalidade, a caridade, e às quais o celibato também é imposto?

A cada um, de acordo com as suas obras. A obra é conseqüência do pensamento. O egoísmo não pode produzir senão frutos mirrados.

Essas ordens terão que se sumir ou se modificar em conseqüência do advento da era nova, por efeito da sua influência e da sua atividade, pela conquista da liberdade sob as irradiações da luz que a revelação espírita atual vem projetar, explicando e amplian-

do, *em espírito e verdade,* o pensamento de Jesus, oculto nestas palavras: *"Há os que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus"?*

Sumir-se, não; modificar-se, sim. Porque, ao contrário, vereis as associações de caridade se constituírem e se multiplicarem ao infinito. Mas, então, elas seguirão a rota simples *e* generosa que devem seguir, trabalhando pelo bem geral, *na liberdade do Senhor,* sob os auspícios e a ação das leis de liberdade, de solidariedade e fraternidade humanas, e não pelo bem de cada individualidade, o que afinal é usura mística, reprovada pelo Criador.

N. 235. PRETENDEU-SE que os versículos 10, 11, 12, de MATEUS eram uma *interpolação,* praticada por algum Gnóstico ou Maniqueu, que se aproveitou de uma palavra relativa ao casamento para introduzir, no texto evangélico, um *pretenso* testemunho *em favor das opiniões da sua seita acerca do celibato ou mesmo da castração.* ACRESCENTOU-SE: que o ardoroso misticismo desses sectários e também dos cristãos, cujas idéias se aproximavam das deles, não recuava sequer ante esta última e terrível conseqüência; que a história de Origens é por demais conhecida para que seja preciso recordá-la; que Justino, em sua primeira Apologia (XXIX), cita o exemplo análogo de um mancebo de Alexandria que, para responder às acusações de imoralidade que lhe faziam, quis submeter-se à mutilação, sendo, porém, impedido de levar a efeito esse propósito, graças ã oposição do magistrado romano; E QUE *a algum místico dessa espécie se deve atribuir a intercalação dos vv. 10, 11 e I2 no Evangelho de Mateus.*

Semelhantes interpretações só se podem atribuir à orgulhosa ignorância dos materialistas ou à dos homens que não sabem compreender o pensamento do Cristo, por incapazes de levantar o *véu da letra* que intencionalmente, como convinha, cobriu o *espírito. 0* orgulho, o desejo de criar

novidades sempre arrastam o homem. Desprovido de sentimentos puros, únicos que lhe podem dar luz, ele envereda pelo caminho tenebroso. Todavia, como já vos temos dito, todos os desmentidos opostos às verdades recebidas também atingem os erros e as falsidades aceitas e, assim, sempre servem. *Quando soar a hora,* a verdade se erguerá pura e vitoriosa, deixando o solo a seus pés juncado de erros e falsidades que, em torno dela, desmoronarão. Não temais, pois, os ataques de todos esses *livres pensadores,* cuja *liberdade* consiste em tudo destruir irrefletidamente, em *destruir o* que são incapazes de *substituir.* Eles semeiam e vós colhereis.

A resposta de Jesus *aos* discípulos vos foi por nós, em seu nome, explicada e desenvolvida, *em espírito e verdade. O* que estava *secreto* está agora *conhecido, o* que estava *oculto* está agora *descoberto.*

MATEUS, Cap. XIX, vv. 13-15. — MARCOS, Capítulo X, vv. 13-16. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 15-17

A humildade, fonte de todas as virtudes, de todos os progressos, caminho único que leva à perfeição

MATEUS: V. 13. Apresentaram-lhe então algumas crianças para que lhes impusesse as mãos e orasse por elas. Como os discípulos as repelissem com palavras rudes, — 14, Jesus lhes disse: Deixai as crianças; não as impeçais de vir a mim, porquanto dos que se lhes assemelham é que é o reino dos céus. — 15. E, depois de lhes impor as mãos, dali se afastou.

MARCOS : V. 13. E lhe apresentavam crianças para que as tocasse. Os discípulos, porém, repeliam com palavras rudes os que as apresentavam. — 14. Vendo isso, Jesus se indignou e lhes disse: Deixai vir a mim os pequeninos, não os embaraceis, porquanto o reino dos céus é dos que forem tais como eles. — 15. Em verdade vos digo que aquele que não receber, como a uma criança, o reino de Deus, nele não entrará. — 16. E, abraçando as crianças e lhes impondo as mãos, as abençoava.

LUCAS: V. 15. Alguns também lhe traziam crianças para que as tocasse. Vendo isso, os discípulos os repeliam com rudeza. — 16. Jesus, porém, as chamou para junto de si e disse: Deixai vir a mim as crianças, não o impeçais, porquanto o reino de Deus é dos que forem como as crianças. — 17. Em verdade vos digo que aquele que não receber, como a uma criança, o reino de Deus, nele não entrará.

N. 236. Já vos demos (n. 201, 3° vol.) explicações suficientes a este respeito. Jesus repetia essas palavras a fim de que se gravassem na memória dos discípulos. Era sempre o mesmo pensamento, expresso em termos diferentes, em oca-

siões e lugares diversos. A simplicidade de coração e a humildade de espírito são, ao mesmo tempo, a base, a fonte, o meio e o caminho de se alcançarem as virtudes, a depuração, o progresso, que levam à pureza, à perfeição.

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 1-8

Parábola da viúva e do mau juiz

LUCAS: V. 1. Disse-lhes também esta parábola, a fim de mostrar que é preciso orar sempre e não se cansar de o fazer: — 2. Havia, em certa cidade, um juiz que não temia a Deus, nem se importava com os homens. — 3. Havia também, na mesma cidade, uma viúva que freqüentemente o procurava, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário. — 4. Ele por muito tempo não a quis atender; mas, por fim, disse de si para si: Se bem que eu não temo a Deus e não considero os homens; — 5, todavia, pois que esta viúva me importuna, far-lhe-ei justiça, para que afinal não me venha a fazer qualquer afronta. — 6. Ouvi, acrescentou o Senhor, o que disse esse mau juiz. — 7. Como deixará Deus de fazer justiça a seus eleitos, que para ele apelam dia e noite, como suportará que indefinidamente os oprimam? — 8. Em verdade vos digo que cedo lhes fará justiça. Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, achará na terra fé?

N. 237. Apresenta-se-vos como exemplo um homem sem princípios, sem fé, e que cede unicamente à importunação da viúva para lhe fazer justiça. Notai que se diz apenas *justiça.* Com mais forte razão deveis esperar que o Senhor atenda às vossas súplicas perseverantes e fervorosas, uma vez que justas sejam.

O Espírito não está sujeito às limitações do tempo, só o corpo suporta os instantes da sua duração. Não vos preocupe, portanto, a demora com que sejam deferidos os vossos rogos. Nenhuma só das vossas palavras se perde. Lá onde o tempo não tem limites se vos depararão os efeitos delas.

(V. 7.) Cada um obterá *conforme as suas obras,* quando for chegado o tempo. Dando-se a

cada um de *acordo com as suas obras,* a cada um justiça é feita: ao *justo,* a recompensa; ao *culpado, o* castigo. Graças à revelação espírita, já conheceis, *em espírito e verdade, o* sentido e o alcance destas palavras: — *recompensa e castigo.*

(V.8.) A justiça do Senhor se executa incessantemente. Cuidem os que lhe quiserem sentir os doces efeitos de *se* colocar entre os *escolhidos, o* que, aqui, significa — os que seguem as pegadas do Mestre.

O filho do homem foi e é, entre vós, a personificação da sua doutrina moral. O Cristo aludia à nova era, predita, do Espiritismo, do advento do *espírito,* era que *se* abre diante de vós e que tem por fim preparar a vinda do mesmo Cristo, em todo o seu fulgor espírita, como soberano visível para as criaturas depuradas e existentes na Terra, também depurada. Aludia a essa era nova que, pela revelação espírita, vem restabelecer a lei *tal como dele emanou.*

Estas palavras : *"Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, encontrará fé na Terra?"* significam que, quando a lei pura, personificada pelo filho do homem, for trazida pelos Espíritos do Senhor, órgãos do Espírito da Verdade, não haverá uma fé geral. Podeis julgá-lo por vós mesmos: O filho do homem volta a restabelecer entre vós o seu reino; encontra ele na Terra fé?

Tem-se pretendido que "nenhuma ligação existe entre essas palavras: "Supondes, porém, que, quando o filho do homem vier, encontrará fé na Terra?" E AS QUE AS PRECEDEM : "Em verdade vos digo que cedo lhes fará justiça."

Os que *assim* pensam não refletem que, ao contrário, aquelas palavras se ligam diretamente à justiça que será feita aos escolhidos, isto é: aos que, tendo fé, fé verdadeira, traduzida em obras, seguem as pegadas de Jesus e aos que, não

tendo fé ativa, produtora de obras de justiça, de amor e de caridade, se afastam daquelas pegadas e oprimem os escolhidos, perseguindo-os física ou moralmente. Em não havendo na Terra fé, haverá castigo. Uma coisa é conseqüência da outra.

LUCAS, Cap. XVIII, vv. 9-14

Fariseu e publicano

V. 9. Propôs também a seguinte parábola a alguns que confiavam em si mesmos, considerando-se justos, e desprezavam os outros: — 10. Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. — 11. O fariseu, de pé, orava, dizendo intimamente: Meu Deus, graças te dou por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. — 12. Jejuo duas vezes na semana e pago o dizimo de tudo o que possuo. — 13. O publicano ficara de longe, não ousava sequer elevar os olhos para o céu; mas, batendo nos peitos, dizia: Meu Deus, tem piedade de mim, pecador. — 14. Digo-vos que este voltou justificado para sua casa e não o outro; porque, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado.

N. 238. No orgulho tem o homem o seu mais encarniçado inimigo, por ser o que mais se lhe infiltra no coração e o que mais obstinadamente se lhe agarra.

Peca por orgulho todo aquele que, seja no que for, se julgue superior ao seu irmão.

Que merecimento tem ele perante o Senhor? Em ser um rigoroso observador da lei não faz mais do que cumprir estrito dever. Incorre, pois, em grave falta querendo, por assim dizer, impor ao seu Criador a obrigação de levar em conta o mérito que se atribui a si mesmo. Peca contra a caridade, julgando mal o seu irmão, pois que, sejam quais forem as aparências, o irmão, por muito miserável, culpado mesmo, que pareça, pode ter o coração mui puro, pode, quando menos, possuir a humildade que lhe permite uma justa apreciação de si mesmo e o coloca em condições de reprimir em si o mal.

Sede severos convosco, brandos e indulgentes com os outros.

"O publicano voltou para casa justificado. "É que fizera justiça a si próprio, reconhecendo a sua enfermidade. Estava, portanto, no caminho do bem. Um mal reconhecido deixa de existir, a partir do momento em que se lhe aplica o remédio.

O fariseu não foi justificado, porque fizera ato de orgulho e faltara à caridade para com um de seus irmãos, em vez de fazer ato de humildade perante o Senhor, por motivo das suas faltas, ainda que mínimas fossem.

"Aquele que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado." Constituindo o orgulho uma falta grave, o que se exalta será punido. Sendo a humildade *sincera o* melhor agente da reforma, o progresso será a sua conseqüência.

MATEUS, Cap. XIX, vv. 16-26. — MARCOS, Capítulo X, vv. 17-27. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 18-27

Parábola do mancebo rico

MATEUS: V. 16. Eis que um mancebo, dele se aproximando, lhe disse: Bom Mestre, que bem devo fazer para alcançar a vida eterna? — 17. Jesus lhe respondeu : Porque me chamas bom? Bom só Deus o é. Se queres entrar na vida, guarda os mandamentos. — 18. Perguntou-lhe o mancebo: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não darás falso testemunho; — 19, honra a teu pai e a tua mãe e ama a teu próximo como a ti mesmo. — 20. Retrucou o mancebo: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha juventude; que mais me falta? — 21. Disse Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 22. Ao ouvir essas palavras, o mancebo se retirou triste, porque muitos eram os bens que possuía. — 23. Disse então Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que difícil é um rico entrar no reino dos céus. — 24. Digo-vos mais ainda: É mais fácil passar um camelo por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino do céu. — 25. Ouvindo isto, seus discípulos, muito espantados, perguntaram: Quem pode então ser salvo? — 26. Jesus, fitando neles o olhar, disse: Impossível é isto para os homens, mas para Deus tudo é possível.

MARCOS: V. 17. E, indo ele pela via pública, um homem veio a correr e, ajoelhando-se-lhe aos pés, lhe falou assim: Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? — 18. Disse Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão somente Deus. — 19. Conheces os mandamentos: não cometerás adultério, não matarás, não furtarás, não darás falso testemunho, não praticarás fraude, honra a teu pai e a tua mãe. — 20. Ao que o homem retrucou: Mestre, todas essas coisas tenho eu observado desde a minha

mocidade. — 21. Jesus, olhando para ele com amor, lhe disse: Falta-te ainda uma coisa: vai, vende tudo o que possuis, dá-o aos pobres e terás um tesouro *no* céu; depois, vem e segue-me. — 22. Mas o homem, aflito com aquelas palavras, se retirou triste, pois possuía grandes riquezas. — 23. Jesus, olhando à volta de si, disse a seus discípulos: Quão difícil é que entrem *no* reino de Deus os que possuem riquezas! — 24. E como os discípulos se mostrassem espantados com as suas palavras, ele lhes repetiu: Filhinhos, quão difícil é que entrem no reino de Deus os que confiam nas riquezas! — 25. Mais fácil é que um camelo passe por um fundo de agulha do que entrar um rico no reino de Deus. — 26. Maior ainda se tornou o espanto dos discípulos, que uns aos outros diziam: Quem pode então ser salvo? — 27. Jesus, porém, fitando-os, disse: Isto para os homens é impossível, mas não para Deus, a quem tudo é possível.

LUCAS: V. 18. Um homem de destaque o interrogou por esta forma: Bom Mestre, que hei de fazer para ganhar a vida eterna? — 19. Respondeu-lhe Jesus: Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão *somente* Deus. — 20. Conheces os mandamentos: não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe. — 21. Replicou o homem: Todos esses mandamentos tenho guardado desde a minha mocidade. — 22. Ouvindo isso, disse-lhe Jesus: Ainda uma coisa te falta: vende tudo o que tens, dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. — 23. O homem, porém, tendo escutado essas palavras, se entristeceu, pois que era muito rico. — 24. Vendo Jesus que ele ficara triste, disse: Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus! — 25. Mais fácil é um camelo passar por um fundo de agulha do que um rico entrar no reino de Deus. — 26. Os que o ouviam lhe disseram: Quem pode então ser salvo? — 27. Respondeu-lhes Jesus: O que é impossível para os homens é possível a Deus.

N. 239. O mancebo, impelido por uma influência espírita *a ir ter* com Jesus, *tinha que servir de* exemplo e de lição aos que o cercavam.

Naquela circunstância, como sempre que era conveniente ou oportuno, Jesus recorreu a imagens e locuções materiais, com o fim de tocar e impressionar fortemente as inteligências da época, de servir ao presente e preparar o futuro, de extirpar o egoísmo e o apego aos bens terrenos, de *preparar o* advento do espírito, para quando o reinado *da letra* houvesse produzido todos os seus frutos.

(Mateus, vv. 16-17; Marcos, vv. 17-18; Lucas, vv. 18-19.) Com esta observação "só Deus é bom", Jesus proscrevia de antemão toda a divindade que os homens, sabia-o ele pela sua presciência, lhe haviam de atribuir. Dá a entender *(e deveram* tê-lo notado mais cedo) que, conquanto se cognominasse *de filho de Deus,* conquanto o anjo o tivesse designado por *filho do Altíssimo* na revelação feita a Maria, ele não se considerava Deus, de quem, falando mais tarde, disse ser o *único* Deus *verdadeiro,* uno, indivisível, criador incriado, que cria, mas não pelo fracionamento da sua essência. Se assim não fora, o qualificativo de *bom* lhe pertencia a ele Jesus, que era bom *por excelência, entre e acima dos homens.* Dá, pois, a entender que *é filho de Deus ou filho do Altís*simo (o que vem a ser o mesmo, porquanto o *Altíssimo é Deus) no sentido das palavras pronunciadas pelo profeta (Salmo* 81, vv. 1-6) e que se aplicam igualmente a todos os Espíritos criados. Dá a entender, finalmente, que, em face do monoteísmo do Deus de Israel, ninguém poderia chamar-lhe *Deus,* senão *no sentido de tais palavras,* colocando-o segundo o politeísmo antigo, na categoria *"dos Deuses",* sem que, entretanto, ele deixasse de ser, como todos os Espíritos criados, *filho do Altíssimo* (do Deus *dos Deuses,* conforme ao Salmo citado).

A vida eterna, que, do ponto de vista espírita, é a vida normal e final do Espírito, este não a

ganha senão quando haja atingido a perfeição moral, senão quando, chegado à condição de puro Espírito, liberto de todas as influências da matéria, vem a achar-se em relação *direta* com o seu Criador, podendo, então, dizer, como Jesus : "Meu pai e eu somos um."

(Mateus, vv. 18-19-20-21; Marcos, vv. 20-21; Lucas, vv. 20-21-22.) Jesus lembra os mandamentos a que os homens devem obedecer, dados por Moisés aos Hebreus, e que se resumem no seguinte: jamais fazer aos outros o que não quisermos que nos façam, observando o Decálogo e abstendo-nos de praticar, por pensamento, por palavra e por obra, qualquer deslealdade, de cometer qualquer fraude contra os nossos irmãos, material, moral, ou intelectualmente; — fazer aos outros tudo quanto quereríamos que nos fizessem, amando o nosso próximo como a nós mesmos, praticando para com ele a justiça, a caridade material e moral, o devotamento e a renúncia de si mesmo.

O sacrifício imposto ao mancebo tinha por fim mostrar, *não* que ninguém possa chegar a Deus senão despojando-se de todos os bens humanos, mas apenas que nenhum fruto produz a prática das virtudes e dos mandamentos, se não é escoimada de egoísmo e santificada pela caridade. A caridade e o esquecimento de si mesmo faltavam àquele mancebo. Por isso foi que Jesus lhe disse : *"Ainda te falta uma coisa", velando* com *a letra* da imposição de um sacrifício absoluto dos bens humanos, para melhor tocar as inteligências dos homens materiais a quem falava, o *espírito* do ensinamento moral que a revelação espírita, cujos órgãos somos, explicaria às gerações vindouras, quando estas se mostrassem capazes de o suportar. Esse ensinamento era o de que onde está o tesouro lá também está sempre o coração.

(Mateus, vv. 22-23-24; Marcos, vv. 23-24-25; Lucas, vv. 23-24-25.) Jesus, que lia o pensamento

do seu interlocutor, lhe pressentira a tristeza. Daí vem o ter escolhido o momento em que ele se dispunha a retirar-se para dirigir aos discípulos estas palavras, que o mancebo ouviu antes de se afastar dali:

"Quão difícil é que os que possuem riquezas entrem no reino de Deus, no reino dos céus."

E acrescentando ao que dissera esta imagem material: "Mais fácil é que um camelo, ou um cabo, passe por um fundo de agulha, do que entrar um rico no reino de Deus, no reino dos céus", ele o fez para tocar e impressionar fortemente a inteligência das massas, proclamar que fora da caridade não há salvação e também para preparar as gerações futuras a compreenderem, pela revelação espírita, que a riqueza constitui, para o homem, uma das provas mais temíveis, um obstáculo absoluto a todo progresso moral, quando, nas suas mãos, não se torna um instrumento e um meio de praticar a caridade e o amor para com seus irmãos.

Da riqueza se originam geralmente o egoísmo e o apego aos bens terrenos. E o homem não pode progredir rapidamente sem ser por meio da caridade, da abnegação, da renúncia de si mesmo.

A justiça se contém nos limites do justo e do injusto, do direito e do ilegal. Aquele que pratica a justiça no sentido humano nem sempre pratica a caridade. Aquele, porém, que pratica a justiça e a misericórdia pratica a caridade, pois que a misericórdia *é una* com a caridade.

A caridade não tem limites, deve estar sempre pronta a todo sacrifício útil aos outros e deve ser sempre impessoal. Com as mãos sempre estendidas para todos os sofrimentos, para todas as necessidades, cumpre-lhe ir ao encontro destas e daquelas, prevê-las, adivinhá-las. Sua ação incessante deve fazer-se sentir não só sobre os homens,

mas também sobre os animais, por mais ínfimos que pareçam. A caridade é a providência oculta *no fundo* do coração do homem, a espalhar de lá seus benefícios por sobre a natureza inteira. Fazei aos outros o que quereríeis que vos fizessem, porque então não lhes fareis o que não quiserdes que vos façam.

O devotamento é uma conseqüência da caridade. *Especificamo-lo* para imprimir mais força à explicação, visto que os homens limitam a caridade à esmola que dão do que lhes sobra.

A renúncia de si mesmo decorre, como o devotamento, da caridade. Podeis praticar a caridade sem devotamento, mas, em tal caso, ela será estéril. A verdadeira caridade sai do coração e o devotamento a acompanha sempre. Mas, não podeis ser devotados aos vossos irmãos sem a renúncia de vós mesmos, porquanto penosos sacrifícios necessariamente vos impõe o devotamento que tenha por móvel a caridade, feita com sinceridade de coração. Ë uma trilogia inseparável.

Tampouco é possível que a caridade seja desacompanhada do desinteresse. Do ponto de vista material, *a verdadeira* caridade é e *deve* ser *desinteressada.* Não só deve ser praticada *sem o objetivo* de qualquer remuneração, porque em tal caso perde o direito ao título de caridade, como não deve sequer *objetivar* as recompensas celestes, porque então ainda será egoísmo. A doce caridade tem que ser praticada *colimando o* bem que possa produzir, as conversões que possa operar por amor do próximo e não de si mesmo. Quem dá ao pobre, qualquer que seja a sua pobreza, seja de ordem material, de ordem moral, ou de ordem intelectual, empresta a Deus.

Guardai-vos, ó bem-amados, de contar com juros de usurários, pois que *então* perderíeis o vosso capital.

Sim, a caridade deve ser devotada, desinteressada, ativa, valorosa e praticada com a renúncia de si mesmo; deve possuir todas as virtudes e todas as coragens; ir aos campos de batalha, por sob o chuveiro das balas, socorrer os moribundos e os feridos, exortá-los ao arrependimento; deve ocultar-se nas pocilgas, para fazer brilhar ai uma centelha que aqueça os corações e ilumine as inteligências; subir os degraus dos tronos, para dizer a verdade e rasgar a venda com que o orgulho ou a lisonja cobrem os olhos dos que cingem uma coroa; deve apanhar da lama o pobre a quem falta o pão de cada dia; deve, usando de palavras brandas, abater o orgulho do poderoso; fortalecer a coragem e a energia do fraco; deve ter os olhos constantemente abertos e voltados para todos os lados, a fim de descobrir os sofrimentos, as fraquezas, as faltas, morais ou físicas, e dispor de mil mãos sempre prontas a socorrê-los.

(Mateus, vv. 25-26; Marcos, vv. 26-27; Lucas, vv. 26-27.) À vista do diálogo que vinha de travar-se entre Jesus e o mancebo, profundamente espantados das palavras que o Mestre acabava de lhes dirigir e sobretudo da imagem material de que se servira e que lhes parecia querer significar que a entrada "no reino de Deus, no reino dos céus" estava *para sempre* interdita a todo homem rico, mesmo quando houvesse, como aquele mancebo, guardado os mandamentos, perguntaram os discípulos: *Então, quem pode ser salvo? — Ao* que, fitando-os, respondeu Jesus: *"Isto é impossível para os homens, mas não para Deus, porquanto a Deus tudo é possível; o que é impossível aos homens é possível a Deus".*

O espanto dos discípulos nasceu do fato de não terem eles, que só atentaram *na letra,* percebido senão as dificuldades da conquista do reino doa céus. Não perceberam os meios concedidos para se vencerem tais dificuldades e alcançar-se o objetivo. Quem pode então salvar o homem?

E, se só Deus o pode salvar, para que servem as obras e a fé? — Esta questão tem sido formulada muitas vezes.

Pode porventura o homem, na sua curta existência, depurar-se bastante para se salvar? Poderão seus atos ser tão bons e sua fé tão viva que lhe assegurem a salvação?

Quem o pode então salvar, desde que só a perfeição o levará aos pés do Senhor?

Quem o pode então salvar, senão Deus, pai terno e indulgente, que concede *tempo* a todos para se purificarem, que releva ao mau servo a *dívida* até que ele a possa pagar? que concede às suas criaturas o tempo, agente poderoso, com cujo auxílio chega o homem a alcançar a meta, por mais afastado que dela se ache e por mais escabrosa que seja a estrada que lhe cumpra percorrer? Só Deus é bom, só Deus salva, porque só Deus tem indulgência e longanimidade, só Deus tem nas suas mãos a duração do tempo.

O homem carece de capacidade para julgar por si mesmo do grau de pureza que lhe é necessário para elevar-se. Só Deus pode julgar. À revelação espírita estava reservado esclarecer, aos *olhos de todos,* na época predita pelos Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, o sentido das palavras de Jesus veladas *pela letra e* indicar os meios que Deus concede a seus filhos para vencerem as dificuldades e atingirem o fim. Esses meios são o renascimento, a reencarnação, *a princípio* expiatória e precedida, no espaço, da expiação proporcionada e apropriada às faltas cometidas, depois e por fim gloriosa, dando entrada ao Espírito no reino de Deus, no reino dos céus, isto é: permitindo-lhe atingir a perfeição moral.

MATEUS, Cap. XIX, vv. 27-30. — MARCOS, Capítulo X, vv. 28-31. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 28-30

Resposta de Jesus a Pedro. — Os doze tronos. — As doze tribos de Israel. — Apostolado. — Amor purificado. — Humildade é perseverança na senda do progresso

MATEUS: V. 27. Pedro então lhe perguntou: Eis aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos; que recompensa será a nossa? — 28. Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, ao tempo da regeneração, o filho do homem estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel. — 29. E todo aquele que abandonar, pelo meu nome, casa, ou irmão, ou irmã, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, receberá o cêntuplo e terá por herança a vida eterna. — 30. Mas, muitos que foram dos primeiros serão os últimos e muitos que foram dos últimos serão dos primeiros.

MARCOS : V. 28. Pedro então lhe observou: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. — 29. Disse Jesus: Em verdade vos digo que ninguém há que deixe, por mim e pelo Evangelho, casa, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos e terras, — 30, que, presentemente, neste século mesmo, não receba, com as perseguições, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, pais, filhos e terras, e, no século futuro, a vida eterna. — 31. Mas, muitos dos que tenham sido primeiros serão últimos e muitos dos que tenham sido últimos serão primeiros.

LUCAS: V. 28. Disse então Pedro: Aqui estamos nós que tudo deixamos e te seguimos. — 29. Respondeu-lhes Jesus: Em verdade vos digo não haver ninguém que deixe, pelo reino de Deus, casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, — 30, que, ainda nos tempos presentes, não receba muito mais e, no século futuro, a vida eterna.

N. *240.* (Mateus, vv. *27-28.) Os* apóstolos, quando ainda em missão na Terra, eram assim prevenidos do progresso de seus Espíritos. Tendo,

como encarnados ao tempo do aparecimento do Cristo, cooperado na obra de regeneração da humanidade, eles continuarão ao serviço do Mestre até ao momento em que os homens hajam compreendido a marcha de suas existências.

Ministros das vontades do Justo, já presente mente eles "julgam" as *tribos de Israel, pois* que presidem ao progresso do vosso planeta. Atuando sobre os Espíritos prepostos à vossa guarda, são os intermediários entre Jesus e os Espíritos que de vós se aproximam, tal como, no que respeita ao planeta em que habitais, Jesus é o intermediário entre o Senhor e eles, que só excepcionalmente se comunicam, no desempenho de uma missão espiritual.

O tempo da regeneração é aquele em que a revelação espírita regenerará os homens, pondo-lhes desnudas ante os olhos as verdades que até então eles só puderam conhecer cobertas *pela parábola,* sob o véu *da letra.*

O tempo em que "o *filho do homem estará assentado no trono da sua glória"* será a época em que todas as frontes forçosamente se curvarão, sob as irradiações da luz espírita, diante daquele que há de ser o único pastor do rebanho que o Senhor lhe confiou.

Estas palavras referentes aos apóstolos — *"Também vós estareis assentados em doze tronos",* traçam uma *alegoria* destinada a tornar compreensível o grau de elevação a que terão chegado, naquela época, os ministros de Jesus.

"A julgar as doze tribos de Israel". Essas doze tribos simbolizam as divisões de povos ainda implantadas na Terra.

Os Judeus, preocupados sempre com a sua nacionalidade, não davam atenção senão ao que pessoalmente lhes dizia respeito e Jesus apropriava sua linguagem à época e ao meio em que falava.

A expressão *"a julgar" (as* doze tribos de Israel) não tinha o alcance que hoje lhes dais: Jesus a empregou muitas vezes em sentidos *diversos,* de acordo com a ordem de idéias ou de revelações que teve de apresentar *veladamente.*

Aqui, *julgar* significa: governar, dar a cada um conforme às *suas* obras e méritos. Os apóstolos *julgam as* doze tribos de Israel, isto é: os povos confiados à vigilância deles, *no sentido* de que velam para que se verifiquem as provações e expiações a que tais povos se acham sujeitos. Podem, conseguintemente, ser considerados como juizes que aplicam aos culpados as penas que a lei, personificada em Deus, lhes impõe; aplicam o castigo. Ora, a expiação, o remorso são os castigos e os Espíritos que superintendem às expiações lhes determinam a natureza.

Não deturpeis o nosso pensamento: não dizemos que aqueles Espíritos determinem o *gênero* das provações que o culpado deva suportar, voltando à Terra. O Espírito, como sabeis, tem, regra geral, a liberdade de as escolher. A intervenção daqueles Espíritos se cinge em vigiar que elas estejam sempre em relação com as forças do culpado, de modo que não haja para este a impossibilidade de triunfar. A ação deles se exerce sobretudo na execução da pena infligida ao culpado no *estado espírita. Os* remorsos deste, corporificados na visão de suas faltas, os quadros cruéis que o perseguem e que, por assim dizer, lhe cravam de contínuo as lâminas aceradas de uma recordação, já de si cruel, tal a obra da vontade dos Espíritos que "julgam as *tribos de Israel".*

Eles apropriam o castigo à natureza do crime e ao endurecimento do culpado e os Espíritos bons, porém menos elevados, que vos cercam, velam, prepostos que são a esse encargo, pela execução do castigo. Esta, conforme já explicamos, se dá por

meio de visões fluídicas, produzidas pelas combinações de fluidos que esses Espíritos operam, visões que são, para o delinqüente, quadros animados de uma ilusão completa. Nada se faz sem causa. O remorso leva ao arrependimento e este ao desejo de reparar e de progredir.

Temos *agora* que vos chamar a atenção para um ponto importante.

"Em verdade vos digo que vós que me seguistes, quando o filho do homem, ao tempo da regeneração, estiver assentado no trono da sua glória, também estareis assentados em doze tronos a julgar as doze tribos de Israel."

Estas palavras, cujo sentido e alcance ora conheceis, despojado *da letra, o espírito,* Jesus as *dirigiu:* tanto aos onze apóstolos que se conservariam fiéis, como a Judas Iscariote que, sabia-o ele de antemão, viria a traí-lo, falindo gravissimamente à sua missão. Provam elas, portanto, que, nos séculos futuros, *ao tempo da regeneração,* Judas estará em situação igual à dos outros onze, provando, conseguintemente, que vias e meios de purificação e de progresso moral e intelectual lhe estavam reservados e lhe seriam proporcionados, com o auxílio do tempo, como a todos os Espíritos culpados, consistindo na *expiação e na reencarnação* que, conforme já dissemos, constituem o inferno, o purgatório, a reparação e o progresso.

Aquelas palavras proclamaram *previamente a* falsidade do dogma humano, ímpio e monstruoso, da eternidade das penas para o Espírito culpado; desse inferno eterno que, segundo a Igreja romana, tragou para toda a eternidade a Judas Iscariote, que essa mesma Igreja considera o maior dos *réprobos, condenado eternamente* ao inferno *eterno* que ela instituiu.

Não vos falamos aqui senão dos doze apóstolos porque, tendo que explicar as palavras de Jesus,

não nos quisemos afastar da limitação que lhes ele traçará, dirigindo-se aos *Hebreus.* Ele se referia apenas aos doze: a estes circunscrevemos as nossas referências.

Não vades, por isso, cair em erro a tal respeito. Ainda *aqui* mister se faz que vos esclareçamos. Quando explicamos as palavras de Jesus relativas aos *doze tronos,* não tivemos em mente dizer-vos que só os doze discípulos seriam chamados a desempenhar aquelas funções em torno do Mestre. Os Espíritos bem-aventurados, cujo número é para vós incalculável, têm todos suas missões, seus encargos. Todos velam com solicitude pelo vosso progresso e facilitam o adiantamento dos que, chegados ao ponto de só estarem sujeitos a encarnações não materiais, tenham que progredir nos mundos fluídicos.

(Mateus, v. 29; Marcos, vv. 29-30; Lucas, vv. 29-30.) Também são *figuradas as* palavras de Jesus constantes destes versículos. Devem ser compreendidas, entendidas *segundo o espírito;* mas, desgraçadamente, os homens se obstinam em tomá-las unicamente *à letra. Como exemplo,* Jesus apontou aqueles sacrifícios por serem os maiores que o homem possa fazer. Todos os que, em obediência à lei de amor ao seu Deus, à de devotamento aos seus irmãos, fizeram um sacrifício qualquer, serão recompensados por um progresso rápido. De modo que, já desde este mundo, encontrarão centuplicado aquilo de que se houverem despojado.

Os que abandonarem os encantos da família para seguir a lei de Jesus e difundi-la, para levar a boa nova a outras famílias que a ignoravam, acharão para si, no seio destas, pais, mães, irmãos, irmãs, amigos; acharão corações simpáticos e reconhecidos. Isso não sucederá sempre, mas muitas vezes se dará! Para esses, a família se acrescerá de todos os membros que eles conseguirem reunir: a família de Deus, família imensa, à qual todos

devem consagrar a ternura e a dedicação que o filho consagra ao pai, à mãe, aos irmãos, ou às irmãs.

Demasiado egoísta é ainda o homem para compreender essa extensão do amor; para compreender que este sentimento se fortifica e cresce em ardor com o se dividir e disseminar pelas massas. Não, não acrediteis na anulação dos sentimentos que a família particular de cada um lhe inspira. Eles se vos depararão, ao contrário, mais vivos e mais puros, porém menos exclusivistas.

Deus é nosso pai. Todos somos seus filhos e nos devemos amar com ardente amor, dedicando-nos uns aos outros, sacrificando alegremente a nossa própria felicidade à felicidade dos nossos irmãos.

Amai, amai, pois que esta é a *única* lei *regeneradora. O* amor é a. fonte donde brotam todas as virtudes com que deveis fertilizar a vossa existência, tornando-a capaz de dar bons frutos. O amor é a fonte onde a alma hauriu a vida em Deus. O amor é o rio eterno que a leva a se diluir em Deus. Amai a Deus acima de tudo, amai os vossos irmãos mais do que a vós mesmos.

Não vos equivoqueis quanto ao sentido destas palavras : *"que leva a alma a se diluir em Deus¨.* O amor não vos une àquele a quem amais? O amor é o sentimento puro que reina por sobre todas as coisas, que tudo aproxima da divindade, toda ela — amor. *neste sentido* que a alma se diluirá em Deus: aproximando-se dele cada vez mais, todavia conservando sempre, na eternidade e no infinito, a sua individualidade e a sua imortalidade.

(Mateus, v. 30; Marcos, v..31.) Depois de dar a Pedro, *usando de uma linguagem figurada,* a resposta constante dos vv. 29 e 30 de Marcos, acrescenta Jesus: *"Mas,* muitos *dos que tenham sido os primeiros serão os últimos e muitos dos que tenham sido os últimos serão os primeiros."*

O amor, que traz dentro de si a humildade e a caridade, para ser verdadeiro, eficaz, frutuoso, reclama atividade e perseverança na senda do progresso, objetivando em cada criatura o seu próprio aperfeiçoamento e o de seus irmãos. Ora, muitos dos que se houverem posto a caminho antes dos outros chegarão últimos ao fim, por não terem avançado com perseverança naquela senda. São eles os que contam *consigo mesmos* e julgam caminhar com mais segurança e passar adiante de seus irmãos. Esses verão seus passos obstados pelo orgulho e retardada, conseguintemente, a sua marcha. E o que foi assim no passado, *assim é* no presente e será no futuro.

MATEUS, Cap. XX, vv. 1-16

Parábola da vinha e dos trabalhadores da primeira e da última hora

V. 1. O reino dos céus se assemelha a um homem, pai de família, que ao amanhecer saiu a assalariar trabalhadores para a sua vinha. — 2. Tendo convencionado com os trabalhadores pagar por dia um denário[9] a cada um, mandou-os para a vinha. — 3. Saiu de novo por volta da hora terceira[10] e vendo outros na praça desocupados, — 4, disse-lhes: Ide também para minha vinha e vos pagarei o que for justo. — 5. Eles foram. À hora sexta e à hora nona, o pai de família saiu novamente e fez o mesmo. — 6. Por volta da undécima hora, tornou a sair e, encontrando mais alguns, desocupados, lhes disse: Porque passais aqui ociosos o dia todo? — 7. Responderam-lhe eles: Porque ninguém nos assalariou. Disse-lhes então: Ide também trabalhar na minha vinha. — 8. Ao anoitecer disse o dono da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos e acabando pelos primeiros. — 9. Apresentaram-se os que tinham vindo para o trabalho por volta da hora undécima e cada um recebeu um denário. — 10. Chegando a vez dos que foram assalariados em primeiro lugar, pensavam eles que receberiam mais do que os outros; porém, não receberam senão um denário cada um. — 11. Então, ao receberem a paga, murmuravam contra o pai de família, dizendo: — 12. Estes, que foram os últimos, trabalharam apenas uma hora e tu os igualas a nós, que suportamos o peso do dia e do calor.

---

[9] Moeda de prata que ao princípio valia dez asses, cerca de vinte centavos.

[10] Os Judeus como os Romanos dividiam as doze horas do dia em quatro partes cada uma de três horas. Essas quatro partes se designavam por hora primeira, hora terceira, hora sexta, hora nona, correspondendo a primeira às seis horas da manhã de agora, a terceira às nove, a sexta ao meio-dia e a nona às três da tarde.

— 13. Respondendo a um deles, disse o dono da vinha: Meu amigo, nenhum agravo te faço; não convieste comigo em receber um denário? — 14. Toma o que te é devido e vai-te embora; a mim me apraz dar a este, que foi dos últimos, tanto quanto a ti. — 15. Ou não me é permitido fazer o que quero? Acaso, mau é o teu olho porque sou bom? — 16. Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

N. 241. Temos que vos explicar, *de dois pon*tos *de vista distintos, a* significação e o objetivo destas palavras: do ponto de vista dos *Hebreus e mesmo dos cristãos que* tiveram de viver sob o reinado *da letra até ao advento da nova revelação que espiriticamente se vos faz, que vos trazemos; e* do ponto de vista *do espírito que* esta revelação vos vem trazer, dando-vos *a* inteligência do *pensamento* de Jesus, *encoberto* pela parábola, *a fim* de servir àquela época e às que se seguiriam e *preparar o* advento do *espírito.*

Apreciemo-las do ponto de vista *da letra.* Jesus estabelece um paralelo entre os Judeus, chamados ao conhecimento de Deus desde as primeiras idades, e os Gentios, que pela pregação foram levados a esse conhecimento.

Numa época em que o orgulho dos que formavam as camadas superiores dos Judeus erguia alta barreira entre estes e todos os que não se achavam submetidos à lei de Moisés, cumpria abater aquele sentimento em uns e do mesmo passo animar os esforços dos outros. Era mister encher de esperança e de coragem os pecadores que se arrependiam. Necessário se tornava rebaixar a presunção dos que *criam* ser *os únicos* merecedores das graças do Senhor, por terem nascido *Hebreus e não Gentios.* Finalmente, urgia tocar fortemente aquelas inteligências, a fim de as impressionar.

Foi neste sentido e objetivando esse resultado que Jesus disse: "Assim, os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos".

Jesus houvera podido explicar pela reencarnação as *diferenças nos* números das horas de trabalho dos obreiros e a *igualdade* dos salários, das recompensas. Mostraria então que os trabalhadores da primeira hora, os que foram em primeiro lugar assalariados, se conservaram estacionários em muitas existências, ao passo que os da última hora trabalharam com zelo e atividade pelo seu adiantamento. Assim, *no fim do dia,* chamados uns e outros a receber o salário, as recompensas, pelo trabalho feito, isto é, pela soma de progresso realizado, as pagas tiveram que ser *iguais,* porquanto, tendo todos produzido a mesma soma de trabalho, todos tinham direito ao mesmo salário, à mesma recompensa. Jesus pudera ter dado essa explicação, mas o tempo ainda não chegara.

Essa a razão por que, notai-o bem, *ele intencionalmente* conserva na obscuridade da parábola a soma de trabalho executado por cada um dos trabalhadores e não diz palavra a respeito, deixando à revelação espírita, então futura e prometida, o encargo de explicar o seu pensamento *segundo o espírito.*

Disse Jesus porventura que os trabalhadores da primeira hora foram diligentes; que não perderam tempo, embora fatigados e tendo diante de si longas horas para o trabalho; que, no fim do dia, haviam feito mais do que os da última hora, os quais, sentindo-se atrasados, se deram pressa em concluir a sua tarefa, de modo a poderem dizer ao dono da vinha: "Senhor, fiz toda a tua vontade?"

Não. Os trabalhadores contratados em primeiro lugar, quando murmuravam contra o pai de família por lhes haver mandado pagar tanto

quanto aos da última hora, não alegaram ter feito *mais* trabalho do que estes, nem que houvessem adiantado *mais do que os outros* a obra. Não falam *senão do* trabalho dos útlimos, senão do tempo durante o qual estes trabalharam. *Limitam-se a* ponderar que estiveram na vinha suportando *todo o* peso do dia e do calor. Os últimos, disseram eles, não trabalharam mais do que uma hora e lhes pagas como a nós que suportamos o peso do dia e do calor. Daí vem que o pai de família, cujas palavras deveis sempre interpretar de conformidade com a justiça (porquanto deveis buscar sempre a justiça nas obras de Deus, nas palavras de Jesus), responde: "Meu amigo, nenhum agravo te faço; não convieste comigo em receber um denário pelo teu dia de trabalho? Toma, pois, o que te é devido e vai-te embora."

Estas palavras que Jesus põe na boca do pai de família: "A mim me apraz dar a este, que foi dos últimos, tanto quanto a ti. Ou não me é permitido fazer o que quero? Acaso mau é o teu olho porque sou bom?" tinham por fim impedir que a inveja se desenvolvesse entre os homens, animar os que, por terem adquirido tardiamente o conhecimento das verdades evangélicas, temessem não lhes assistir direito às recompensas prometidas aos que adquirissem esse conhecimento desde a primeira hora.

Patenteados pela nova revelação o *pensamento* de Jesus, *o espírito* da parábola, desembaraçada esta *do véu da letra,* ela se reporta à obra dos Espíritos desde o instante da sua criação espírita, isto é, desde o momento em que, investidos do livre-arbítrio, foram, por terem falido, chamados a encarnar na Terra e a progredir aí pelas reencarnações. Um trabalhou durante séculos pelo seu adiantamento e sofreu muitas encarnações, mas negligentemente, deixando que os acontecimentos seguissem o seu curso; enquanto que *outro,* de criação mais recente, se lançou cheio de zelo no

caminho do progresso. Ambos chegarão juntos ao termo da jornada, *igualados* os seus valores. Ambos, conseguintemente, poderão ter direito ao *mesmo prêmio.* Notai que, na parábola, o trabalhador da última hora não se recusara ao trabalho, esperava-o e, logo que foi chamado, se ergueu alegre, para desempenhar a sua tarefa.

Deveis compreender que as diversas horas em que os trabalhadores foram assalariados pelo dono da vinha para trabalhar nela, assim como aquele fim do dia, momentos em que todos foram reconhecidos com direito a igual salário, não passam de divisões apropriadas à inteligência dos que ouviam o ensinamento. No tocante à eternidade não há divisão de tempo. Foi uma alusão às diversas classes de Espíritos; às épocas em que eles, uns criados posteriormente a outros e chamados todos a começar cada um a sua obra, se encontram no mesmo nível de progresso realizado, cabendo-lhes, portanto, a mesma recompensa. Os mais antigos na ordem da criação sofreram necessariamente maior número de encarnações do que os mais recentemente criados, pela razão de que, por vezes, se deixaram ficar estacionários ou trabalharam pelo seu próprio adiantamento com menos atividade do que os que se puseram ao trabalho depois deles, mas que juntos com os primeiros atingiram a meta, por terem trabalhado com mais zelo e caminhado sem descanso pela estrada do progresso.

Trabalhadores da última hora, não temais aproximar-vos do pai de família. Não temais empreender a tarefa a que vos convida, certos de que ele não considerará o tempo que houverdes gasto em desempenhá-la e sim o zelo e a boa-vontade de que derdes prova.

Mas, para receberdes o salário, ó vós que ficastes na praça pública até à última hora, preciso é não recuseis corresponder ao seu chamado; preciso é não digais todas as vezes que o pai de

família chama os trabalhadores de boa-vontade: "Mais tarde, ainda não estamos dispostos; o dia é longo, ardente o sol e convidativo o repouso; esperemos, para começar o trabalho, pela frescura da tarde". Tende cuidado! pois com a frescura vem a sombra, que vos poderá envolver e então já não será tempo de começar. Ver-vos-eis forçados a aguardar que um novo dia vos venha encontrar, desde os seus primeiros albores, na praça pública, à espera do trabalho.

Trabalhadores diligentes que começastes a vossa tarefa ao nascer do Sol, rejubilai pela bondade do Senhor. Sua generosidade se estende por sobre aqueles que nada de melhor haviam podido fazer, como se estende sobre vós! Não deiteis olhar invejoso para o que ele concede aos vossos irmãos. Que injustiça cometeu convosco a sua bondade? O pai de família, que com seus filhos reparte o que possui, não dá a todos porções iguais?

Não invejeis *nunca* a sorte de vossos irmãos, visto ignorardes as causas que determinam os efeitos, visto não saberdes se aquele que por último foi chamado a trabalhar na vinha não se teria mostrado mais valoroso do que vós, se logo ao romper do dia houvesse escutado a voz do dono dela.

Executai a vossa tarefa e, se puderdes, auxiliai vossos irmãos na execução das suas, e bendizei do pai de família que mais atende à intenção do que à obra, por isso que as vossas obras quase sempre são más.

Deveis agora estar em condições de compreender o sentido e o objetivo destas palavras de Jesus: Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, pois que muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos."

Do ponto de vista da letra, essas palavras, de que o Mestre se serviu, tirando uma conclusão da parábola e aplicando-a, não tiveram por objetivo estabelecer duas classes: *uma dos escolhidos,*

outra dos *réprobos,* pois que todos os trabalhadores, quer os primeiros, quer os últimos, têm que receber e receberão do pai de família o mesmo salário, sob a única condição de o haverem merecido igualmente uns e outros, "no fim do dia", e com a única diferença de que os últimos o ganharam em menos tempo do que os primeiros, porque em menos tempo do que estes adiantaram tanto quanto eles a obra do Mestre. *Todos, pois,* que foram *chamados* hão de ser escolhidos. Mas, entre os chamados, há poucos *escolhidos,* porque muitos se atrasam ou perdem o tempo e não executam suas tarefas, sendo poucos os que trabalham com zelo e atividade na obra que o Mestre lhes propôs. *Assim é* que os últimos serão os primeiros e que os primeiros serão os últimos. *Assim* é também que há muitos *chamados e poucos escolhidos.*

Segundo o espírito, estas palavras, de modo geral, se referem aos sentimentos íntimos que inspiram os atos e lhes dão valor real perante o Senhor, pelo amor, pela humildade, pelo desinteresse que demonstrem. Aquele que se exalça será humilhado e aquele que se humilha será exalçado.

Os primeiros chamados ao conhecimento da verdadeira lei, que é a lei de justiça, amor e caridade, pregada por Jesus aos homens, os primeiros colocados na senda da verdade serão os últimos a chegar ao fim, se em vez de seguirem a linha reta, enveredarem pelos caminhos tortuosos. O percurso, então, se tornará para eles longo e a estrada que tomaram os reconduzirá *ao ponto de partida.* Ao contrário, os que, começando por último, caminharem sempre e ativamente para a frente, chegarão sem delongas ao fim.

Os Espíritos que, chamados a percorrer a estrada do progresso, ficarem, de quando em quando, estacionários, ou só avançarem lenta e negligentemente pela via das encarnações, das prova-

ções (esses formam o maior número), conquanto sejam dos primeiros *chamados,* na ordem da criação, serão os últimos *escolhidos, isto é:* os últimos *a chegar à* perfeição moral. Contrariamente, os que tiverem caminhado constantemente com zelo e atividade (esses são em menor número) serão *escolhidos* em primeiro lugar, ainda que sejam dos últimos na ordem da criação, dos últimos, portanto, *chamados, isto* é: dos últimos a entrar na senda do progresso.

N. 242. Esta parábola tem sido objeto de críticas e, para demonstrarem que é APÓCRIFA, dizem: Não é a justiça que preside à remuneração devida a cada um pelas suas obras, mas apenas *o* arbítrio do Senhor. Verdade é que neste caso ele se contenta com pagar o mesmo salário aos trabalhadores, tanto da primeira, como da undécima hora. Mas, de acordo com o seu princípio: *"Não me é lícito fazer o que quero?* poderia igualmente dar dez e cem vezes mais aos últimos do que aos primeiros. Ora, quem ousaria sustentar que seja lícito governar com tal princípio qualquer sociedade, ainda que de escravos?"

Ignorantes, que *nunca* vedes *senão a letra, ou* que, quando buscais o espírito, tudo revestis *do* vosso, *procurai* sempre e encontrareis a *justiça nas obras de Deus, procurai* sempre e encontrareis *a justiça nas palavras de Jesus. E,* se as quiserdes interpretar, não o façais *com o vosso parti-pris,* mas *com a vossa consciência.*

A resposta a essa crítica da parábola já vos foi dada: está em tudo quanto acabamos de dizer acerca do seu *sentido e* do seu objetivo. Perscrutem, os que criticam, a linguagem de que usava Jesus e os motivos que tinha para dela usar. Perscrutem o pensamento que o Mestre ocultava sob o manto da parábola, sob o *véu da letra,* do ponto de vista da criação espírita considerada *em espírito e verdade,* da marcha do Espírito na senda do progresso, mediante as sucessivas encarnações,

verão que não há arbítrio, nem capricho, e sim justiça. Ainda uma vez exemplificamos: Um Espírito, cuja primeira encarnação na Terra remonta a mil anos, só logrou, até agora, chegar à categoria dos habitantes da Nova-Holanda; um outro, que revestiu o seu primeiro invólucro material há apenas trezentos anos, já pode ser classificado entre os Lapônios. Não é claro que este último mereceu mais do que o outro que o precedeu na via das encarnações terrenas?

Suponde que, em vez de avançar tão depressa, o segundo não haja progredido mais do que o bastante para viver entre os Novos Holandeses. Estarão ambos no mesmo grau de encarnação. Longe de haver motivo para se atacar a justiça do Senhor pela igualdade dos salários pagos aos dois, não haveria antes razão para se julgar que o último devera ser melhor remunerado? Admiti, porém, que o primeiro, com o tempo, alcançou um grau mais elevado, ao passo que o segundo fica um grau abaixo do daquele. Não será justo que ambos recebam a mesma recompensa, desde que o segundo trabalhou, *relativamente,* tanto quanto o primeiro?

MATEUS, Cap. XX, vv. 17-19. — *MARCOS,* Cap. X, vv. 32-34. — *LUCAS,* Cap. XVIII, vv. 31-34

Predição do sacrifício do Gólgota

MATEUS : V. 17. Subindo para Jerusalém, Jesus chamou de parte os doze discípulos e lhes disse: — 18. Vamos para Jerusalém e o filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte. — 19. Entregá-lo-ão aos Gentios para que seja escarnecido, flagelado e crucificado. E ele ao terceiro dia ressuscitará.

MARCOS: V. 32. Subindo eles a estrada de Jerusalém, Jesus lhes ia à frente, o que enchia de espanto e de temor os que o seguiam. Ele então chamou de parte novamente os doze discípulos e começou a predizer-lhes o que estava para lhe acontecer. — 33. Subimos, como vedes, para Jerusalém e o filho do homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciãos, que o condenarão à morte e o entregarão aos Gentios. — 34. Escarnecê-lo-ão, cuspir-lhe-ão no rosto, açoitá-lo-ão, tirar-lhe-ão a vida e ele ressuscitará ao terceiro dia.

LUCAS : V. 31. Em seguida, Jesus, tomando de parte os doze apóstolos, lhes disse: Eis que vamos para Jerusalém e tudo que os profetas escreveram acerca do filho do homem se cumprirá; — 32, pois que será entregue aos Gentios, será escarnecido, açoitado e cuspido. — 33. E, depois que o tiverem flagelado, lhe darão a morte e ele ressuscitará ao terceiro dia. — 34. Eles, porém, nada compreenderam; aquelas palavras lhes eram um segredo; não entendiam o que lhes era dito.

N. 243. Jesus, nessa ocasião, repetiu a predição que já fizera[11] da sua *"morte"* e da sua

[11] Mateus, XVI, v. 21; XVII; vv. 21-22. — Marcos, VIII, v. 31; IX, v. 30. — Lucas, IX, vv. 22 e 44-45.

"ressurreição", acrescentando e precisando novas particularidades.

Não há o que comentar nessas palavras, que são positivas. Jesus, *predizendo-os,* fundamentava os acontecimentos que iam ocorrer e *desse modo* dava maior peso a suas palavras e fortalecia a confiança na sua missão, pois que suas afirmativas se robusteceriam desde que os fatos as confirmassem. As narrações dos evangelistas se completam umas às outras. Os diversos informes que eles transmitiram são resultados da profecia de Jesus àquele respeito, profecia da qual cada um refere uma parte.

Os discípulos não compreenderam dessa vez melhor do que das precedentes o sentido exato das palavras do Mestre. Não atinavam, já o dissemos, com o que poderia ser "ressurreição" de Jesus. Tinham o entendimento obscurecido quanto a esse ponto, a fim de que os fatos pudessem ocorrer sem obstáculos.

Os apóstolos, diz um dos evangelistas, *muito admirados e receosos* seguiam o Mestre, quando a caminho de Jerusalém. É *que temiam os* sacerdotes e os principais Judeus, sentindo que seria mais difícil escapar-lhes.

MATEUS, Cap. XX, vv. 20-28. — MARCOS, Cap. X, vv. 35-45

Filhos de Zebedeu. — A humildade e o devotamento para com todos são a fonte e o meio único de toda elevação. — Nunca alimentar no coração a inveja. — Seguir o exemplo de Jesus e fazer esforços por andar nas suas pegadas

MATEUS : V. 20. Aproximou-se dele então a mãe dos filhos de Zebedeu com seus filhos e o adorou, dando mostras de querer pedir-lhe alguma coisa. — 21. Jesus lhe perguntou: Que queres? — Manda, disse ela, que estes meus dois filhos se assentem um à tua direita, outro à tua esquerda, no teu reino. — 22. Retrucou-lhes Jesus: Não sabeis o que pedis. Podeis porventura beber o cálice que eu tenho de beber? Responderam eles: Podemos. — 23. Disse-lhes ele: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber; quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vo-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou. — 24. Ouvindo aquilo, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. — 25. Mas, Jesus os chamou e disse: Sabeis que os príncipes das nações dominam os povos; que os grandes exercem seu poder sobre eles. — 26. Assim, porém, não há de ser entre vós outros: aquele que entre vós queira ser o maior seja o que vos sirva; — 27, seja o vosso servo aquele que quiser ser o primeiro entre vós; — 28, a exemplo do filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida pela redenção de muitos.

MARCOS: V. 35. Acercaram-se então dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, e lhe disseram: Mestre, queremos nos faças tudo o que te pedirmos. — 36. Perguntou-lhes Jesus: Que quereis que eu vos faça? — 37. Concede, disseram eles, que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. — 38. Jesus lhes observou: Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu hei de beber e receber o batismo com que eu serei batizado? — 39. Responderam os dois: Podemos. Replicou Jesus: Na verdade, bebereis o cálice que eu hei de beber e

sereis batizados com o batismo com que eu o serei. — 40. Quanto, porém, a vos sentardes à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos vo-lo conceder; isso será dado àqueles para quem meu Pai o haja preparado. — 41. Ao ouvirem o que pediam Tiago e João, os dez outros apóstolos se tomaram de indignação contra eles. — 42. Jesus, porém, os chamou e lhes disse: Sabei que os que têm autoridade sobre os povos exercem dominação sobre estes; que seus príncipes os tratam com império. — 43. Assim, entretanto, não deve ser entre vós; o que quiser ser o maior tem que se fazer vosso servo; — 44, e o que quiser ser o primeiro tem que ser o servidor de todos. — 45. Porque, o filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos.

N. 244. (Mateus, vv. 20-21; Marcos, vv. 35-36-37.) Insignificante é a diferença que se nota entre essas duas versões, que, aliás, se completam.

A mãe de Tiago e João estava com eles, assim como outras muitas mulheres que, acompanhando seus filhos e irmãos, seguiam a Jesus. Ela e eles dirigiam sucessivamente a palavra ao Mestre. A resposta deste, porém, foi dada aos dois discípulos, como era natural. Ainda aqui, como em todos os casos semelhantes, cada uma das narrações evangélicas explica e completa a outra.

Entre os povos da antiguidade, com um alcance ainda maior do que entre vós, a direita era o lugar de honra e a esquerda, conquanto o fosse também, relativamente aos demais convidados, implicava uma certa inferioridade. Ora, Tiago e João, ao formularem o pedido que fizeram, se colocavam, de acordo com as suas idéias mundanas, nos primeiros lugares para as honras celestiais, logo depois de Jesus, que eles consideravam o anfitrião do festim celeste a que todos seriam convidados. Cumpre não tomar as palavras ao pé

da letra, mas como figurativas da categoria que os dois desejavam ocupar.

(Mateus, vv. 22-23; Marcos, vv. 38-39-40.) "Não sabeis o que pedis; podeis beber o cálice que hei de 'beber, receber o batismo que hei de receber?"

Por estas palavras aludia Jesus ao sacrifício em que ele seria a vítima e não à água que João Batista lhe derramara sobre a cabeça. Logo que Tiago e João lhe respondem: *Podemos,* ele acrescenta: *"Na verdade bebereis o cálice que hei de beber, receber o batismo que hei de receber?"* aludindo, de modo geral, ao martírio que os apóstolos em sua maioria haviam de sofrer, a exemplo do Mestre.

"Quanto, porém, a terdes assento à minha direita ou à minha esquerda, não está nas minhas mãos dar-vo-lo; isso só é dado àqueles para quem meu Pai o preparou."

Por estas palavras Jesus faz ressaltar a supremacia divina com relação a qualquer outro Espírito, por mais elevado que seja. Faz ver que ninguém mais senão Deus sabe quando o Espírito é bastante puro para se sentar "à direita" ou "à esquerda" do Mestre. Faz sentir que só Deus, que *é uno,* que é onipotente, que é o único cuja soberania é absoluta como rei dos reis, senhor dos senhores, pode admitir qualquer das suas criaturas, ou repeli-la, até que a sua purificação seja completa.

Não sabeis o que "pedis", disse Jesus a Tiago e João. Efetivamente, na condição de encarnados, enquanto desempenhavam suas missões terrenas, eles eram incapazes de compreender o *sentido e o alcance* do que pediam, assim como, em espírito e em verdade, o sentido e o alcance das respostas que lhes foram dadas, de compreender as regras e as condições, estabelecidas desde toda a eternidade pela vontade imutável de Deus, para o progresso do Espírito, para sua marcha ascensional colimando a perfeição.

(Mateus, vv. 24-28; Marcos, vv. 41-45.) Diante da indignação de que se encheram os outros dez apóstolos contra Tiago e João, Jesus, chamando-os para perto de si, lhes deu o ensinamento simples e conciso, constante desses versículos, ensinamento que todos deveis compreender, objetivando encaminhar o homem para a humildade, para o desinteresse e a renúncia de si mesmo, para o devotamento a todos.

Essa lição deu frutos entre os discípulos e os primeiros cristãos. Os homens, porém, a perderam de vista, deixaram de a praticar desde o dia em que, passados os tempos apostólicos, fizeram da Igreja *do Cristo* um reino deste mundo, pactuando com as potências da Terra, ou, por vezes, lutando contra elas, caminho pelo qual foram levados ao orgulho, à ambição, à dominação e à intolerância, aos abusos, às aberrações, aos excessos que aquelas fontes de erros e de paixões fazem jorrar.

Chegaram os tempos em que as palavras do Mestre se têm de cumprir e tornar verdade prática, em que aquele que quiser ser entre vós o maior estará sempre pronto a servir aos seus irmãos, será o servo de todos.

Espíritas, primeiros pioneiros da era de regeneração, dai aos vossos irmãos o exemplo da humildade, do desinteresse, da renúncia e do devotamento. Reuni os materiais esparsos e preparai a reconstrução da Igreja do Cristo, sobre os fundamentos inabaláveis e indestrutíveis da liberdade, da igualdade e da fraternidade, pela prática do amor, da justiça e da caridade recíprocas e solidárias. Esses fundamentos lançou-os o próprio Jesus, proclamando estarem *toda a lei e os profetas* no duplo mandamento do amor a Deus, vosso Criador, e ao próximo como a vós mesmos. A prática desse duplo mandamento consiste na observância das leis de justiça, de amor e de caridade, impli-

cando a das leis do trabalho e do progresso, pelo aperfeiçoamento próprio e de seus irmãos.

Preparai a reconstrução dessa Igreja *do Cristo,* que tem por templo o vosso planeta e cujos fiéis serão todos os homens, sem embargo dos diversos cultos exteriores que agora os separam e dividem.

Oh! homens, irmãos nossos bem-amados, tornai-vos todos discípulos de Jesus, esforçando-vos, pela compreensão e pela prática, *em espírito e verdade,* de seus ensinamentos e exemplos, por andar nas suas pegadas.

Em nome do Mestre nós vos repetimos: aquele que, entre vós, quiser ser o maior seja o servo de todos, a exemplo do filho do homem, que veio para vossa regeneração, mostrando a todos a senda da perfeição moral na humildade, no desinteresse, na renúncia de si mesmo, no devotamento a todos, absoluto, levado até ao sacrifício da vida.

Jesus declarou: "O filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela redenção *de muitos".* Disse *"de muitos" e* não *"de todos"* porque, ao tempo da purificação do vosso mundo, Espíritos rebeldes e obstinadamente culpados haverá que serão afastados desse planeta e mandados para outros de categoria inferior, onde terão que expiar e progredir sob as vistas de *outro* Cristo de Deus. Os degredados serão, nós o esperamos, em número reduzido, porquanto o caminho está aberto a todos. Todos tendes o livre-arbítrio e a lei do amor para vos guiar nesse caminho, de modo a que o percorrais com segurança e sem desvio.

Jesus não estabeleceu duas categorias, uma de *"eleitos",* outra de "réprobos". Compreendei toda a grandeza do sentido das palavras do Mestre. Nem todos chegarão ao fim *debaixo da mesma direção,* mas todos *hão de chegar.*

LUCAS, Cap. XIX, vv. 1-10

Conversão de Zaqueu

V. 1. Tendo entrado em Jericó, Jesus atravessava a cidade. — 2. Vivia ali um homem, chamado Zaqueu, que era dos principais entre os publicanos, rico — 3, e que procurava ver a Jesus para o conhecer, o que não podia conseguir devido à multidão, pois que ele era de muito baixa estatura. — 4. Correndo então adiante de todos, subiu a um sicômoro para o ver, porquanto por ali havia Jesus de passar. — 5. Chegando ao lugar onde ele se achava, Jesus levantou os olhos, o viu e lhe disse: Zaqueu, desce depressa, porque é preciso que eu fique hoje em tua casa. — 6. Zaqueu desceu a toda pressa e o recebeu com alegria. — 7. Todos os que isso presenciaram murmuravam, por ter ele ido hospedar-se em casa de um homem pecador. — 8. Entretanto, Zaqueu, prostrando-se diante do Mestre, lhe disse : Senhor, vou dar aos pobres metade dos meus bens e, se nalguma coisa defraudei a alguém, restituir-lhe-ei o quádruplo. — 9. Sobre o que, disse Jesus: Hoje entrou nesta casa a salvação, pois este também é filho de Abraão. — 10. Porque, o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido.

N. 245. Fáceis são de aprender-se as conseqüências deste fato.

Jesus viera em socorro dos que se perdiam. Sua moral persuasiva frutificava em alguns corações e os que tratavam de a pôr em prática eram salvos, pois entravam no caminho do progresso rápido e contínuo.

A moral de Jesus, sempre pura, sempre confortante, esteve e ainda está sob as vossas vistas. Ouvis os que a pregam, mas, infelizmente, na vossa maioria, não procurais aplicá-la a vós mesmos. De quem a culpa: dos que falam ou dos que ouvem?

Fazei como Zaqueu, ó bem amados: Dai-vos pressa em preparar a vossa casa, para nela receberdes o Senhor. Preparai a depuração do vosso planeta, purificando-vos. Escutai e aplicai as palavras de Jesus. Reparai sem demora os danos que porventura tenhais causado aos vossos irmãos, *quer* por palavras *quer* por atos. Voltai-vos seriamente para vós mesmos e podereis, como Zaqueu, ouvir, repercutindo suavemente no fundo de vossos corações, as palavras do Mestre.

Sereis também, como Zaqueu, *"filhos de Abraão". Para os Judeus,* estas palavras — "filho de Abraão" — significavam: *"herdeiro* do *céu".* Todo aquele que volve ao bom caminho *é, pois, desse ponto de vista, "um* filho de Abraão".

Na passagem que estamos apreciando, Jesus repete estas palavras: *"o filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido".* Já explicamos (n. 204, v. 11 de Mateus) *o sentido e o alcance* delas.

MATEUS, Cap. XX, vv. 29-34. — MARCOS, Cap. X, vv. 46-52. — LUCAS, Cap. XVIII, vv. 35-43

Cura dos cegos de Jericó

MATEUS: V. 29. Saindo eles de Jericó, grande multidão acompanhou a Jesus. — 30. E eis que dois cegos que se achavam sentados à beira da estrada, ouvindo dizer que Jesus por ali passava, se puseram a clamar: Senhor, filho de David, tem compaixão de nós! — 31. O povo os repreendia, mandando que se calassem; porém, eles clamavam cada vez mais alto: Tem compaixão de nós, Senhor, filho de David! — 32. Jesus então parou, chamou-os e lhes perguntou: Que quereis que eu vos faça? — 33. Responderam os dois: Que se nos abram, Senhor, os olhos. — 34. Compadecido deles, Jesus lhes tocou os olhos e, no mesmo instante, ambos recobraram a vista e o seguiram.

MARCOS: V. 46. Estiveram depois em Jericó. Ao sair daí Jesus, acompanhado dos discípulos e de grande multidão, um cego, de nome Bartimeu, filho de Timeu, estava sentado à beira da estrada, esmolando. — 47. Tendo ouvido dizer que Jesus Nazareno por ali passava, começou a clamar : Jesus, filho de David, tem compaixão de mim! — 48. Muitos o ameaçavam para que se calasse, porém ele clamava ainda mais alto: Filho de David, tem piedade de mim! — 49. Jesus então parou e mandou que o chamassem. Alguns o foram chamar, dizendo: Tem confiança, levanta-te que ele te chama. — 50. Bartimeu, atirando para o lado a capa, de um salto foi ter com Jesus. — 51. Perguntou-lhe este: Que queres que eu te faça? O cego respondeu: Mestre, faze que eu enxergue. — 52. Disse-lhe então Jesus: Vai, tua fé te salvou. No mesmo instante ele enxergou e foi seguindo a Jesus pela estrada.

LUCAS : V. 35. Sucedeu que, ao aproximar-se Jesus de Jericó, estava um cego sentado à beira do caminho, pedindo esmola. — 36. Ouvindo o tropel da

multidão que passava, perguntou o que era aquilo. — 37. Disseram-lhe que era Jesus de Nazaré quem por ali passava. — 38. Logo clamou ele: Jesus, filho de David, compadece-te de mim! — 39. Os que iam à frente o repreendiam, para que se calasse; ele, porém, clamava cada vez mais forte: Filho de David, tem compaixão de mim! — 40. Jesus parou e mandou que lhe trouxessem o cego. Ao aproximar-se este, perguntou-lhe: — 41. Que queres que te faça? Respondeu ele: Senhor, faze que eu veja! — 42. Jesus lhe disse: Vê; tua fé te salvou. — 43. Imediatamente, o que era cego viu e foi seguindo a Jesus, glorificando a Deus. E todo o povo, tendo visto aquilo, louvava a Deus.

N. 246. Há aqui dois fatos de cura, um relatado por Marcos e Lucas, outro por Mateus. Jesus não permaneceu sempre na cidade de Jericó, depois de ali haver entrado e pedido hospitalidade a Zaqueu. Ao contrário, saiu muitas vezes para instruir o povo. Foi assim que operou a dupla cura, em ocasiões diversas. Isto, aliás, nenhum valor tem, nem conseqüência. Que importa, realmente, tenha sido ao entrar em Jericó ou ao sair de lá que os fatos se hajam dado? Que influência pode essa circunstância exercer sobre os mesmos fatos? Não vos detenhais nunca em minúcias pueris.

Quanto às curas, já vos explicamos (2° volume, pág. 152) como se operavam.

Jesus as produziu por ato *exclusivo* da sua vontade e pela ação de seu poder magnético.

Nenhuma necessidade tinha ele de tocar os olhos dos cegos para os curar da cegueira. Tocando-lhes os olhos, mostrava aos discípulos o que lhes cumpria fazer.

Operando a cura do outro cego, Bartimeu, filho de Timeu, só com o pronunciar estas palavras : *"Vai, tua* fé *te salvou",* quis impressionar fortemente as massas, mostrando aos homens o poder de que dispunha e também o amparo e benefícios que uma fé sincera e ardente pode esperar do Senhor.

Homens, que sois cegos do coração e da inteligência, dizei com fé: *"Senhor, que nossos olhos se abram", e* recobrareis a vista moral e espiritual. Dizei com fé: *"Mestre, faze que eu veja"* e vereis, porquanto *a luz espírita* clareará as trevas que vos envolvem, projetando o fulgor de seus raios na estrada reta e segura que tendes de percorrer.

MATEUS, Cap. XXI, vv. 1-17. — MARCOS, Cap. XI, vv. 1-11 e 15-19. — LUCAS, Cap. XIX, vv. 28-48

Entrada de Jesus em Jerusalém. — Mercadores expulsos do templo. — A casa do Senhor é casa de oração e não, pelo tráfico, um covil de ladrões. Predição da ruína de Jerusalém

MATEUS : V. 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betfagé, perto do monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos, — 2, dizendo-lhes: Ide a essa aldeia que vos está defronte e lá encontrareis amarrada uma jumenta com o seu jumentinho; desamarrai-a e trazei-mos. — 3. Se alguém vos disser qualquer coisa, respondei que o Senhor precisa deles e logo vo-los deixarão trazer. — 4. Ora, tudo isso aconteceu, para que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: — 5. "Dizei à Filha de Sião" [12]: Eis que vem a ti o teu rei, cheio de doçura, montado numa jumenta e trazendo o jumentinho da que está sob o jugo." — 6. Os discípulos foram e fizeram como Jesus lhes ordenara. — 7. Trouxeram a jumenta com o jumentinho, cobriram-nos com suas vestes e o fizeram montar. — 8. Da multidão muitos então estenderam pelo caminho suas roupas, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam pela estrada. — 9. E a turba toda, tanto os que iam a frente como os que vinham atrás, clamava: Hosana ao filho de David! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas! — 10. Quando ele entrou em Jerusalém, a cidade toda se abalou e perguntavam: Quem é este? — 11. A multidão respondia: É Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia. — 12. Jesus entrou no templo de Deus e expulsou todos os que ali vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas, — 13, dizendo-lhes: Está escrito: "Minha casa será chamada casa de oração". E fizestes dela um covil de ladrões. — 14. Vieram então ao templo cegos

[12] Jerusalém era edificada no monte Sião.

e coxos e ele os curou. — 15. Vendo, porém, as maravilhas que ele operava e ouvindo os meninos que clamavam no templo : Hosana ao filho de David, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se indignaram, — 16, e lhe perguntaram: Ouves o que eles dizem? Respondeu-lhes Jesus: Sim. E nunca lestes isto: "Da boca dos meninos e das criancinhas que ainda mamam tiraste perfeito louvor"? — 17. E, deles se apartando, retirou-se da cidade e foi para Betânia, onde passou a noite.

MARCOS : V. 1. Quando se aproximavam de Jerusalém, ao chegarem a Betânia, perto do monte das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, — 2, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que está em frente de vós; ao entrardes nela, encontrareis amarrado um jumentinho no qual ainda ninguém montou. Desamarrai-o e trazei-mo. — 3. Se alguém vos perguntar: Que fazeis? respondei: O Senhor precisa dele, e logo vo-lo deixarão trazer aqui. — 4. Partiram os dois discípulos e acharam o jumentinho, numa encruzilhada, amarrado do lado de fora de uma porta e o desamarraram. — 5. Alguns dos que por ali estavam lhes perguntaram: Que fazeis? Porque desamarrais esse jumentinho? — 6. Eles responderam como Jesus lhes determinara e os que os haviam interpelado deixaram que o levassem. — 7. Levaram então eles o jumentinho, cobriram-no com suas capas e Jesus montou-o. — 8. Muitos também estenderam suas vestes ao longo do caminho, enquanto outros cortavam ramos de árvores e os espalhavam por onde ele passava. — 9. E tanto os que iam à frente, como os que o seguiam clamavam: Hosana! — 10. Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino, que vemos chegar¸ do nosso Pai David! Hosana nas alturas! — 11. Tendo entrado em Jerusalém, Jesus foi ao templo e, depois de tudo haver observado, como já fosse tarde, se retirou para Betânia com os doze apóstolos. — V. 15. Tendo voltado a Jerusalém, Jesus entrou no templo, donde expulsou os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombas. — 16. Não permitia que ninguém andasse pelo templo carregando qualquer vaso. — 17. E ensinava dizendo: *Não* está escrito que

a minha casa será, entre todas as gentes, chamada casa de oração? E, no entanto, fizestes dela um covil de ladrões. — 18. Ouvindo isso, os príncipes dos sacerdotes e os escribas cogitavam do modo por que o haviam de perder, pois o temiam porque o povo se mostrava maravilhado da sua doutrina. — 19. Ao cair da tarde saiu ele da cidade.

LUCAS: V. 28. Depois de ter assim falado, Jesus, à frente de todos, tomou o caminho de Jerusalém. — 29. Ao aproximar-se de Betfagé e de Betânia, junto do monte chamado das Oliveiras, despachou dois de seus discípulos, — 30, dizendo-lhes: Ide àquela aldeia que nos está fronteira; ao entrardes lá, encontrareis amarrado um jumentinho no qual nunca ninguém montou; desamarraí-o e trazei-mo. — 31. Se alguém vos perguntar: Porque o soltais? respondei assim: Porque o Senhor precisa dele. — 32. Partiram os dois emissários e encontram o jumentinho como lhes fora dito. — 33. Quando o desamarravam, perguntaram os donos: Porque desamarrais esse jumentinho? — 34. Responderam: Porque o Senhor precisa dele. — 35. Levaram-lho então, cobriram-no com suas vestes e fizeram Jesus montá-lo. — 36. E muitos estendiam suas capas por onde ele passava. — 37. E quando ia começando a descer o monte das Oliveiras, a turba de seus discípulos começou, transportada de alegria, a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas que tinham presenciado, dizendo: — 38. *Bendito o rei que vem em nome do Senhor!* Paz no céu e glória nas alturas! — 39. Então, dentre o povo, alguns fariseus lhe disseram: Mestre, faze que teus discípulos se calem. — 40. Ao que ele respondeu: Eu vos declaro que, se estes se calassem, clamariam as próprias pedras. — 41. Já perto de Jerusalém, ao contemplar a cidade, Jesus chorou por ela, dizendo: — 42. Ah! se ao menos neste dia que ainda te é concedido conhecesses aquele que te pode trazer a paz! Mas, por ora, tudo isto se conserva oculto aos teus olhos! — 43. Porque, desditosos dias te virão, em que teus inimigos levantarão trincheiras ao teu derredor, te porão cerco e te apertarão de todos os lados; — 44; em que te deitarão por terra, bem como a quantos de teus filhos estão dentro de ti, não deixando em ti pedra sobre

pedra, por não teres conhecido o tempo da tua visitação. — 45. E, tendo entrado no templo, começou a expulsar os que ali vendiam e compravam, dizendo-lhes: — 46. Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões! — 47. E todos os dias ensinava no templo. Entrementes, os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os maiorais do povo cogitavam de eliminá-lo. — 48. Não achavam, porém, o que lhe haviam de fazer, porquanto o povo ficava como que suspenso, ouvindo-o.

N. 247. A humildade praticada por Jesus constitui sempre o objetivo do ensinamento em geral. Nem pompa, nem luxo teve a sua entrada em Jerusalém, que se tornou triunfal apenas pelo entusiasmo que suas virtudes despertaram na multidão. Ele era sempre modesto e simples, como a moral que pregava e exemplificava.

Não vos preocupeis com as diferenças que se notam nas narrações, a propósito do animal que Jesus montou. De nenhum modo influem sobre os fatos. A escolha recaiu no jumentinho, por ser a cavalgadura do pobre. Foi escolhido um animal novo e ainda não montado, para mostrar que o mais indomável facilmente se pode curvar ao jugo do Mestre.

"Jesus expulsou do templo os vendilhões." Oh! Jesus, entrasses tu em todos os lugares onde tudo são mercadorias, onde o ouro deslumbra e paga a oração e o perdão, resgata os crimes e faz das bênçãos do Senhor vil objeto de comércio!

Disse ele: *"Está escrito que minha casa é casa de oração; e dela fizestes um covil de ladrões."* O pensamento, que estas palavras do Mestre exprimiam, compreendendo a época em que foram ditas e o futuro, é este: Desconfiai dos que vendem o perdão e as graças, dos que exploram a credulidade e a ignorância, porquanto cometem roubo, vendendo o que lhes não pertence, o que não têm nem mesmo para si.

A turba dos discípulos, tanto os que iam à

frente de Jesus, como os que o seguiam, clamava: *Hosana!* Oh! deixai que suas vozes se elevem ao Senhor. Elas abafarão os queixumes da Terra. Hosana àquele que traz a paz aos humildes e aos pequeninos, que curva a fronte dos soberbos e dos orgulhosos!

(Mateus, vv. 1, 2, 3, 6, 7; Marcos, vv. 1-7; Lucas, vv. 28-35.) As narrações evangélicas, já o temos dito e repetimos, se completam umas às outras. A jumenta estava com o jumentinho; este acompanhava a mãe. Jesus montou o jumentinho, mas, conquanto só deste precisasse, mandou buscar uma e outro, porque as tradições e as profecias se tinham que ligar aos acontecimentos da era messiânica. Marcos e Lucas só falaram do jumentinho por ser o que servira ao Rei que fazia a sua entrada em Jerusalém.

Para que compreendais a previsão de Jesus, a sua presciência do que, cumprida a ordem que dera, se ia passar entre os dois discípulos e os donos da jumenta e do jumentinho, basta o conhecimento que ora tendes da sua *natureza,* da *sua origem e* da sua missão superior e que saibais, como sabeis, que tudo fora de antemão *previsto e preparado* pelas encarnações[13], a fim de que os fatos ocorressem, como era mister, acordemente com as necessidades daquela missão. Em Jesus, a visão a distância decorria das mesmas causas em virtude das quais lhe era dado ler os pensamentos dos homens. É que era sempre *Espírito,* debaixo daquela aparência corporal humana que tomara, revestindo um perispírito tangível. Para vós, que sofreis a encarnação material, qual ela é atualmente para a humanidade terrena, isso só se pode dar pela influência mediúnica dos vossos guias. E assim

---

[13] A palavra *encarnações,* embora não dê sentido perfeito à frase, é a que se encontra no texto original. — *Nota da Editora.*

será até ao momento em que a matéria se torne bastante sutil para que o Espírito lhe possa vencer os entraves.

Os donos da jumenta e do jumentinho, deixando que os levassem, foram a isso impelidos pelos seus guias, cederam à inspiração recebida, sem que tivessem a tal respeito nenhuma idéia assentada.

Conhecendo aqueles Espíritos, que haviam encarnado com o fim de concorrerem para que se verificasse o fato em questão, atinente à missão que ele desempenhava; conhecendo-lhes o grau de adiantamento e a docilidade às inspirações de seus guias, Jesus teve a presciência do que se ia passar.

(Mateus, vv. 4 e 5[14], Isaías, cap. LXII, vv. 1, 2 e 11; Zacarias, cap. IX, v. 9.) Estas palavras do evangelista, assim como as dos profetas Isaías e Zacarias, só pela revelação que atualmente vos é dada e que então era futura, predita, prometida, haviam de ser explicadas *segundo o espirito, em espírito e verdade. Sob o véu da letra,* elas encerravam uma alusão à graduação espírita de Jesus, rei vosso, que para o meio de vós *desceu.* Ele é vosso *rei,* por isso que é, preposto por Deus, o protetor e o governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do seu desenvolvimento, do seu progresso e de conduzir à perfeição a humanidade que o veio habitar.

(Mateus, vv. 8-9; Marcos, vv. 8-9; Lucas, versículos 36-37-38.) As palavras de louvor e de alegria, que a multidão, à frente e em seguimento de Jesus, proferia, eram *sugeridas ao* espírito popular por influência dos Espíritos do Senhor.

(Lucas, vv. 39-40.) A manifestação tinha que se produzir. Se os homens, obedecendo à própria vontade, se houvessem oposto a que ela se pro-

[14] Ver também JOÃO, cap. XII, vv. 14-15.

duzisse, os Espíritos que cercavam o Mestre teriam feito que se ouvissem vozes entoando louvores ao "filho de David", àquele que, *aos olhos dos homens,* era filho de David.

(Lucas, vv. 41-42-43-44.) Eram proféticas as palavras de Jesus referentes à sorte reservada a Jerusalém, porquanto tinham que estar acordes com os sucessos *vindouros.* Antevendo aquela sorte, ele se aproveitava dos fatos que ocorriam, para que as inteligências fossem impressionadas quando os acontecimentos previstos se realizassem. Com relação aos filhos de Jerusalém, aquelas palavras, do ponto de vista espírita, eram *também alegóricas,* indicando *veladamente a* sorte que aguardava os Espíritos rebeldes à voz do Senhor. Vós espíritas sabeis que o culpado que faliu nas suas provas tem que expiar e que as faltas de uma encarnação recaem amiúde sobre muitas das que se seguem. Eis porque Jerusalém viria a amargar o seu endurecimento. Seus filhos, Espíritos rebeldes, tiveram que expiar seus crimes e sua cegueira voluntária.

(Mateus, vv. 10-11.) *Quando Jesus entrou em Jerusalém toda a cidade se abalou.* Sim, enorme era a surpresa dos que o viam tão humilde e cercado de tão grande multidão. A fama o precedera, mas o que todos esperavam ver era um doutor orgulhoso do seu saber e trazendo após si longo cortejo.

Perguntavam: "Quem é este?" Desde muito tempo se haviam todos esquecido do menino que no templo ensinava aos doutores.

A multidão que o acompanhava respondia: "Ê Jesus, o profeta de Nazaré da Galiléia". Jesus nunca disse que era Deus. Seus discípulos é que, influenciados pela época, pelos preconceitos e pelas tradições populares, pelo estado das inteligências, pelos fatos ocorridos e pelas aspirações do momento, foram levados a atribuir ao Cristo a divindade,

depois de finda a sua missão terrena. Mas, isso só se deu porque, firmando-se nestas palavras que ouviram de sua boca — filho de Deus, meu pai que está no céu, etc. — e tendo em vista os *"milagres"* por ele realizados, especialmente o fato *"miraculoso"* da sua "ressurreição" e suas aparições depois desta, não admitindo que a outrem, senão somente a *um Deus encarnado,* fosse possível realizar todas aquelas coisas milagrosas, eles tudo tomaram *ao pé da letra, como* era necessário, para atrair as massas.

A fim de destruir os ídolos, fazia-se mister um Deus visível, palpável. Ora, o deísmo inteiramente espiritual não satisfaria, não produziria esse resultado. Foi preciso então proceder de acordo com os tempos, com as *condições e as necessidades* do progresso humano.

Logo que outras se tornaram essas necessidades, quantas vozes se elevaram a combater o princípio da "Trindade", que representava um esforço feito, em face do monoteísmo, por conservar a unidade na pluralidade e que só tomando um caráter panteísta lograva escapar ao politeísmo! Quantas se elevaram a combater o sacrifício *de Deus* imolando-se a si próprio para satisfazer à sua própria vingança e resgatar, perante si mesmo, homens que ele podia condenar ou perdoar, por ato exclusivo de sua vontade! Porém, não censureis. Na marcha do tempo e do progresso humano, tudo tem sua razão de ser, segundo a presciência e a sabedoria infinitas do Senhor.

A nova revelação, que vos trazemos, vem dizer-vos o que *até aos dias de hoje os* homens foram incapazes de suportar.

Despojando *da letra o espírito,* ela vos vem explicar, *em espírito e verdade,* quem é Jesus-Cristo.[15]

---

[15]Ver, sobre a divindade que os homens atribuíram ao Cristo, o Evangelho de João, n. 1, referente aos versículos 1 e 2 do cap. I e a explicação desses versículos *em espírito e verdade.*

(Mateus, vv. 12-16; Marcos, vv. 11 e 15-18; Lucas, vv. 45-48.) Todo tráfico tendo por objetivo o reino de Deus constitui uma impiedade.

Lançai o olhar para os tempos hebraicos. Os Judeus resgatavam suas faltas por meio de sacrifícios e os mercadores lhes forneciam as vítimas, os vasos com perfumes, o que tudo era trazido para o templo e aí vendido. Depois, o negócio se ampliou, as transações comerciais se instalaram na casa de Deus. As Bolsas dos tempos de agora, com as suas baixezas, tiveram um modelo no templo de Israel.

Repetimos com Jesus: "Está escrito: *Minha casa será chamada por todos os povos casa de oração; e fizestes dela um covil de ladrões". O* Espírito da Verdade vem dar cumprimento a essas palavras do Mestre, substituindo o reinado da *letra que mata,* pelo *do espírito que vivifica.*

Tempo virá e já veio para vós espíritas, como para todos os homens que hão compreendido e praticam, abstraindo de cultos exteriores, a lei de amor, tempo virá em que não mais se adorará o pai no alto do monte, nem em Jerusalém; em que os homens o adorarão *em espírito e verdade;* em que, *por todas as nações,* a Terra será chamada "casa de oração".

Com a prudência e a habilidade do oculista que, operando a catarata, prepara o cego para ver a luz, os Espíritos do Senhor, como mensageiros do Espírito da Verdade, como missionários, encarnados e errantes, vêm e virão levantar progressivamente o véu que rouba aos olhares dos homens a verdade, a fim de que o que era *secreto* seja *conhecido e* o que estava *oculto se* torne *patente.* Eles vêm e virão encaminhar os homens, mediante a prática da humildade, do desinteresse,

da justiça, do amor e da caridade, da renúncia de si mesmos, da indulgência, do perdão e do olvido das ofensas e das injúrias, do devotamento entre todos e por todos, para a verdadeira fraternidade, que só ela pode estabelecer e estabelecerá entre todos, *com sinceridade, a* igualdade e a liberdade, pela reciprocidade e pela solidariedade, efetivando desse modo a regeneração humana, que o Mestre predisse e prometeu.

Quando a unidade fraternal estiver consumada, o reino de Deus estará estabelecido. Então, no vosso planeta depurado (nova Jerusalém), aparecerá em todo o seu fulgor espírita, como soberano visível para as criaturas igualmente purificadas, o vosso protetor e governador, Jesus, vosso mestre e vosso rei. Então, reboará também o brado imenso que, regenerados, tornados verdadeiramente irmãos, os homens, em conjunto e em uníssono, soltarão, como outrora a multidão que o precedia e acompanhava por ocasião da sua entrada em Jerusalém: *Bendito seja o rei que vem em nome do Senhor! Paz seja no céu e glória nas alturas!*

E os Espíritos que houverem preparado e efetuado a regeneração, a purificação do vosso planeta e da humanidade, farão de novo ouvir o cântico dos anjos que conduziram os pastores ao estábulo de Belém: *Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na terra aos homens de boa-vontade!*

NOTA DA EDITORA — Convém ver João, XII, 12:29.

MATEUS, Cap. XXI, vv. 18-22. — MARCOS, Cap. XI, vv. 12-14 e 20-26

Parábola da figueira que secou

MATEUS: V. 18. Pela manhã, ao voltar para a cidade, teve fome, — 19, e, vendo uma figueira à beira do caminho, dela se aproximou, mas não achou ali senão folhas. Disse-lhe então: Nunca mais nasça fruto de ti. No mesmo instante a figueira secou. — 20. Vendo isso, os discípulos diziam entre si, tomados de assombro: Como secou num instante! — 21. Disse-lhes então Jesus: Em verdade vos digo, que, se tiverdes fé e não hesitardes em vosso coração, não só fareis isto a uma figueira, mas ainda se disserdes a este monte: Tira-te daí e lança-te no mar, assim se fará. — 22. E obtereis tudo o que com fé pedirdes na vossa prece.

MARCOS: V. 12. No dia seguinte, ao saírem de Betânia, ele teve fome, — 13, e divisando ao longe uma figueira que tinha folhas, foi ver se acharia nela alguma coisa. Aproximando-se, porém, nada achou senão folhas, pois que não era tempo de figos. — 14. Disse-lhe então: Nunca mais coma alguém fruto de ti; o que por seus discípulos foi ouvido.

V. 20. Na manhã seguinte, ao passarem por ali, viram eles que a figueira secara até à. raiz. — 21. Pedro, lembrando-se da palavra do Cristo, disse: Olha, Mestre, como a figueira que amaldiçoaste secou. — 22. Respondeu-lhe Jesus: Tende fé em Deus. — 23. Em verdade vos digo que aquele que disser a este monte: Tira-te dai e lança-te no mar, sem hesitar no seu coração, crente, ao contrário, de que se cumprirá o que houver dito, verá que assim será feito. — 24. Por isso vos digo: Quando orardes, crede que obtereis o que pedis e assim sucederá. — 25. Mas, quando vos puserdes a orar, se alguma coisa tiverdes contra alguém, perdoai-lha, a fim de que vosso pai, que está nos céus, também vos perdoe os pecados. — 26. Porque, se não perdoardes, também vosso pai, que está nos céus, não perdoará os vossos pecados.

N. 248. Não confundais nunca, nas narrações evangélicas, as palavras de Jesus, os atos por ele praticados, as diversas manifestações espíritas que se produziram desde o instante em que o seu aparecimento na Terra foi anunciado, preparado e realizado, até o termo da sua missão terrena, o que tudo os evangelistas relataram debaixo da influência mediúnica, *como tinha que ser,* — com as apreciações, as opiniões, as impressões dos homens, respeito à personalidade do Mestre, à sua natureza, à sua origem, às suas palavras e aos seus atos.

Jesus quis dar uma lição a seus discípulos. Da narrativa de Marcos consta que naquele momento não se achavam na estação dos figos. Ora, sabendo Jesus que a árvore nenhum fruto tinha, outra coisa não visou senão relembrar, aos apóstolos e a quantos o seguiam, estes ensinamentos: *que a árvore que não dá frutos é* condenada; que, em tempo algum, deve o homem ser *estéril;* que *jamais* deve deixar de dar frutos, trabalhando sem cessar pelo seu progresso, pelo seu adiantamento, pelo progresso e adiantamento de seus irmãos.

Jesus, repetimos, dava a seus discípulos uma lição prática. A figueira nada significa, o fato é tudo. Estivesse lá em lugar de uma figueira uma parreira e do mesmo modo teria sido fulminada. Jesus tinha que atuar sobre as inteligências e não sobre a matéria.

Ó homens materiais, que não compreendeis senão o que vos parece matemático, para Jesus a árvore não passou de um meio de que ele se serviu a fim de tornar compreensível aos homens que lhes cumpre dar frutos em todas as épocas. Os discípulos, que ignoravam a ciência do mundo, mas já tinham a percepção das coisas espirituais, compreenderam, tanto que não disseram ao Mestre: Porque fulminas esta árvore que não pode dar frutos, uma vez que não estamos na estação

própria? limitando-se a dizer: Como secou num instante!

Ao que Jesus respondeu: *A fé tudo pode. Isto* não equivalia a dizer que a vontade forte fora a causa determinante do fato que os surpreendia?

O exemplo que ele deu visava tocar a imaginação dos que o seguiam, fazendo-lhes compreender a necessidade de não serem estéreis em tempo algum; destinava-se a ensinar-lhes o poder e a força da vontade, se apoiada na fé. Cumpria que, quando não mais na Terra estivesse, eles fossem instrumentos simultaneamente dóceis e inconscientes dos Espíritos do Senhor, que os assistiriam no desempenho de suas missões.

Dizendo à figueira, onde só folhas encontrara: *Nunca mais de ti nasça fruto,* e fazendo que a árvore secasse imediatamente, apenas teve em mira, não o esqueçais, atentos o estado das inteligências e as necessidades da época, bater forte para ser compreendido.

Longe vinham ainda os tempos em que as suas palavras e o fenômeno operado haviam de ser explicados *em espirito e verdade. As* massas, portanto, muito materiais, precisavam ser impressionadas materialmente.

Vós, espíritas, compreendereis o fenômeno e de que modo a figueira secou subitamente. A uma ordem mental de Jesus e por efeito de sua vontade, os Espíritos prepostos ao que concerne à vegetação retiraram da seiva, por uma ação instantânea, juntamente com a essência espiritual, que foi levada para outro ponto, os fluidos que dão a vida e os fluidos necessários à vegetação material.

O efeito produzido pela subtração dos fluidos vitais foi idêntico ao que produz o vento do deserto que seca toda planta sobre que sopra. Os discípulos notaram imediatamente a ação exercida sobre a árvore e, no dia seguinte, ainda se detiveram a lhe verificarem os efeitos.

Assim é que as duas narrações evangélicas se completam reciprocamente, com duas ordens distintas de palavras, de diálogos, de ensinamentos.

Compreendei igualmente *o espírito* destas palavras, oculto também sob o véu *da letra: Nunca mais nasça fruto de ti.* Elas encerram a condenação do dogma católico da ressurreição dos corpos. O que se deu com a figueira, que subitamente secou, dá-se com o homem que, alvejado pelo anjo da libertação quando menos o espera, morre de súbito, sem haver produzido nenhum fruto. Porventura, uma vez seco, vosso corpo ainda produz novos frutos? Não. Mas o vosso Espírito, não continua, ao contrário, por meio da expiação na erraticidade e depois por meio da reencarnação, a sua marcha pela senda do progresso?

A figueira que secou não mais podia dar frutos, porém, o princípio espiritual, como acabamos de dizer, fora para outro ponto, a fim de continuar a sua marcha progressiva dentro da unidade infinita em que tudo — pela vontade de Deus, criador universal, inteligência suprema e eterna — procede do infinitamente pequeno e culmina no infinitamente grande, sob a vigência das leis gerais e imutáveis, que se aplicam e executam pela ação espírita, leis que são da essência mesma do criador incriado e constituem o que chamais "as leis da natureza".

A parábola da figueira que secou teve por objeto concitar o homem a utilizar a existência terrena, que o Senhor lhe concede para expiar, reparar e progredir, com o auxílio e o amparo do seu anjo guardião e dos bons Espíritos.

Essa parábola adverte o homem de que o Espírito culpado que, até à época em que se operar a separação do joio e do bom grão, permanecer surdo às inspirações do seu anjo guardião e dos bons Espíritos, rebelde, não obstante acharem-se-lhe abertas as sendas da expiação, da reparação e do progresso, não mais dará frutos na Terra.

Será rechaçado para mundos inferiores, correspondentes ao grau da sua culpabilidade e às necessidades do seu progresso, do seu adiantamento.

Jesus vos mostrou, *de um lado, a esperança* permanente de melhorar o homem e a perseverança dos Espíritos, a quem essa obra está confiada, em intercederem a favor do culpado, até que consigam fazê-lo chegar à condição de dar frutos; *de outro,* a natureza ingrata e seca, que nenhum esforço será capaz de modificar e que, por isso, cumpre seja afastada de um meio onde a sua conservação só poderia ser nociva.

Quanto ao sentido simbólico, *segundo o espírito,* das palavras que Jesus dirigiu a seus discípulos, conforme aos vv. 20-22 de Mateus, e a Pedro, conforme aos vv. 23-26 de Marcos, já recebestes as explicações necessárias, às quais vos deveis reportar. Não temos que voltar a esse ponto.

MATEUS, Cap. XXI, vv. 23-32. — MARCOS, Capítulo XI, vv. 27-33. — LUCAS, Cap. XX, vv. 1-8

Reposta de Jesus aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos anciãos do povo. Parábola dos dois filhos

MATEUS: V. 23. Tendo vindo ao templo e estando a ensinar, chegaram-se a ele os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo e lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas e quem te deu este poder? — 24. Respondeu Jesus: Também eu vos farei uma pergunta e, se me responderdes, dir-vos-ei com que autoridade faço estas coisas. — 25. Donde era o batismo de João? do céu ou dos homens? Eles, porém, discorriam assim entre si: — 26. Se respondermos que era do céu, ele nos dirá: Porque então não lhe destes crédito? Se respondermos que era dos homens, teremos que temer o povo, pois que João era tido por todos como profeta. — 27. Responderam então a Jesus: Não sabemos. Replicou-lhes ele: Não vos direi tampouco com que autoridade faço estas coisas. — 28. Mas, que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Dirigindo-se ao primeiro, disse-lhe: Meu filho, vai trabalhar hoje na minha vinha. — 29. Ao que o filho respondeu: Não quero. Mais tarde, entretanto, tocado de arrependimento foi. — 30. Dirigindo-se ao outro filho, disse-lhe o homem a mesma coisa. Este respondeu: Eu vou, Senhor, e não foi. — 31. Qual dos dois fez a vontade do pai? O primeiro, disseram eles. Observou-lhes então Jesus: *Em verdade* vos digo que os publicanos e as meretrizes vos precederão no reino de Deus. — 32. Porquanto, João veio a vós pelo caminho da justiça e não o acreditastes, ao passo que os publicanos e as *meretrizes* creram nele. Vós, nem mesmo depois de ver isso, fizestes penitência, nem ficastes inclinados a crê-lo.

MARCOS: V. 27. Voltaram novamente a Jerusalém. E, andando Jesus pelo templo, dele se aproximaram os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos. — 28. E lhe perguntaram: Com que auto-

ridade fazes estas coisas? Quem te deu o poder de fazer o que fazes? — 29. Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma pergunta; respondei-me e depois então vos direi com que autoridade faço estas coisas. — 30. O batismo de João era do céu ou dos homens? respondei-me. — 31. Eles se puseram a raciocinar entre si deste modo: Se respondermos que era do céu, ele dirá: Porque, então, não o crestes? — 32. Se dissermos que era dos homens, teremos que temer o povo; porque todos consideravam João verdadeiramente um profeta. — 33. A vista disso, responderam a Jesus: Não sabemos. Jesus lhes retrucou: Nem eu tampouco vos direi com que autoridade faço estas coisas.

LUCAS: V. 1. Sucedeu que certo dia estando Jesus no templo a ensinar e a anunciar o evangelho ao povo, lá se reuniram os príncipes dos sacerdotes e os escribas com os anciãos. — 2. E lhe falaram nestes termos: Dize-nos com que autoridade fazes estas coisas? ou: quem te deu esse poder? — 3. Respondeu-lhes Jesus: Também eu vos farei uma pergunta. Respondei-me: — 4. O batismo de João era do céu ou dos homens? — 5. Eles, consultando-se mutuamente, diziam entre si: Se respondermos que era do céu, ele nos dirá: Porque então não crestes nele? — 6. Se dissermos que era dos homens, todo o povo nos apedrejará, pois está convencido de que João era profeta. — 7. Responderam, portanto, que não sabiam donde era. — 8. Replicou-lhes Jesus: Então, também não vos direi com que autoridade faço estas coisas.

N. 249. Jesus se dirigia aos que, tendo sido testemunhas dos atos de João, não se renderam à evidência. Não tendo compreendido em que *fonte hauria* ele *a sua força,* ainda menos compreenderiam e admitiriam o testemunho *da sua palavra.*

Se lhes respondera que o poder lhe vinha de Deus, houvera provocado *os* príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus a apressarem o momento em que a sua missão terminaria. É o que deixou claramente transparecer, evitando responder diretamente à pergunta que lhe fora feita.

Promessas realizáveis no futuro e estímulo para o presente encontrareis *ainda* nestas palavras do Mestre: "os publicanos e as meretrizes vos precederão no reino dos céus". Esses são os filhos rebeldes que tardam em ir trabalhar na vinha do Senhor, que só vão tardiamente, quando arrependidos, mas que vão. Enquanto que vós, orgulhosos, que destes na Igreja os primeiros passos, que dissestes: "Vou, Senhor", mas ficastes parados, que haveis mesmo, muitas vezes, retrogradado, chegareis tarde, muito tarde ao reino dos céus, pois que será mister *compreendais* a vossa falta. Tereis que ir para "a vinha do Senhor", tereis que trabalhar nela com ardor, a fim de recuperardes o tempo perdido. Quando chegardes, os publicanos e os de má vida, que se arrependeram a tempo, que cumpriram a sua tarefa, lá estarão desde muito à vossa espera para vos estenderem as mãos e vos ajudarem a transpor a entrada.

Ouçam os príncipes dos sacerdotes, os escribas e os fariseus, vossos *contemporâneos, que tenham ouvidos de ouvir.*

MATEUS, Cap. XXI, vv. 33-41. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 1-9. — LUCAS, Cap. XX, vv. 9-16

Parábola da vinha e dos vinhateiros

MATEUS: V. 33. Ouvi outra parábola: Um homem pai de família havia que plantou uma vinha. Cercou-a com uma sebe, cavou no interior um lagar, edificou uma torre, arrendou a vinha a alguns agricultores e partiu para longe. — 34. Aproximando-se a estação dos frutos, mandou ele seus servos aos vinhateiros para receberem os frutos que lhe cabiam. — 35. Os vinhateiros, porém, agarraram os servos, feriram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. — 36. De novo o dono da vinha mandou outros servos em maior número do que os primeiros e os vinhateiros os trataram do mesmo modo. — 37. Mandou por último seu próprio filho, dizendo: A meu filho eles terão respeito. — 38. Mas, ao vê-lo, os vinhateiros disseram entre si : Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo e ficaremos donos da sua herança. — 39. Agarraram-no, lançaram-no fora da vinha e o mataram. — 40. Ora, quando o dono da vinha vier, que fará àqueles agricultores? — 41. Responderam-lhe: Aniquilará os malvados como merecem, arrendará a vinha a outros vinhateiros, que, nas épocas próprias, lhe entreguem os frutos.

MARCOS: V. 1. Começou depois Jesus a lhes falar por parábolas: Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma sebe, cavou no interior um lagar, edificou uma torre, arrendou a vinha a uns vinhateiros e retirou-se para longe. — 2. Chegado o tempo da colheita, mandou um de seus servos aos vinhateiros, para receber o que lhe deviam do fruto da vinha. — 3. Os vinhateiros, porém, agarraram o servo, deram-lhe pancada e o enxotaram sem coisa alguma. — 4. Mandou-lhes de novo outro servo e também a este feriram na cabeça e o afrontaram de toda sorte. — 5. Tornou a mandar outro servo; a este mataram; mandou-lhes muitos; mataram a uns e espancaram a outros. — 6. Mas, como ainda lhe restava

um filho a quem ele muito amava, mandou-o por último, dizendo: Meu filho eles respeitarão. — 7. Porém, os vinhateiros disseram uns aos outros: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo e será nossa a herança. — 8. E o agarraram, mataram e puseram fora da vinha. — 9. Que fará o dono desta? Virá, exterminará os vinhateiros e a outros a entregará.

LUCAS: V. 9. E começou a dizer ao povo esta parábola: Um homem plantou uma vinha, arrendou-a a uns vinhateiros e se ausentou do país por longo tempo. — 10. Na ocasião própria mandou um servo aos vinhateiros para que estes lhe dessem do fruto da vinha. Os vinhateiros, porém, o espancaram e recambiaram sem coisa alguma. — 11. Mandou outro servo. A este também espancaram, ultrajaram e despediram com as mãos vazias. — 12. Mandou ainda um terceiro, que os vinhateiros feriram e expulsaram da vinha. — 13. Considerou então o dono da vinha: Que farei? Mandarei meu filho muito amado. Talvez que, vendo-o, lhe tenham respeito. — 14. Mas, ao vê-lo, os vinhateiros disseram entre si: Este é o herdeiro; matemo-lo para que fique sendo nossa a herança. — 15. E o puseram fora da vinha e o mataram. Que lhes fará o Senhor da vinha? — 16. Virá, exterminá-los-á e a dará a outros. Ouvindo isto, disseram os príncipes dos sacerdotes: Deus tal não permita.

N. 250. O povo de Israel constitui o emblema da parábola.

Ele é a vinha que o Senhor plantou. A sebe de que a cercou representa os cuidados que tomou para conservar a lembrança do seu nome entre os Hebreus.

O lagar que o pai de família cavou é uma expressão *alegórica,* empregada para completar o pensamento e mostrar que nada fora esquecido, a fim de que a vinha produzisse o que devia produzir. Porquanto, produto da vinha não é somente o fruto que se colhe na época da maturação e que se estraga se não é utilizado nas condições necessárias à conservação do que ele encerra em si mesmo, o

suco, que se extrai espremendo-o e macerando-lhe *a parte material, perecível,* a fim de tirar dela o *espírito,* que não se altera e eternamente dura. *Veladamente, o* lagar era, para os Judeus, como para os outros homens, o emblema da provação, da expiação, da reencarnação.

A torre seria a habitação indestrutível dos vinhateiros, se eles houveram cuidado devidamente da vinha, o lugar seguro onde conservariam o suco da uva, se, pelo trabalho, lhe houveram sabido dar as propriedades e a pureza de que necessitava para ser ali armazenado.

A estação do amadurecimento dos frutos indica a época em que os Judeus deveram ter produzido frutos de justiça, dignos de serem colhidos para a eternidade.

Os servos do dono da vinha são os profetas, que repetidamente vieram fazer sentir aos homens que não estavam trilhando o caminho que lhes fora traçado. Aproximava-se a sazão dos frutos quando, tendo recebido as instruções necessárias ao seu adiantamento, cumpria aos homens aproveitar-se delas, de modo que produzissem bons frutos.

Quanto ao bem-amado filho do pai de família, pronto em sacrificar, aos olhos dos homens, a sua vida, para levar ao pai os frutos maduros da sua vinha, não precisais que vo-lo indiquemos.

Os Judeus são os vinhateiros revoltados, dos quais o Senhor retira a sua proteção, por isso que destruíram o que lhes corria o dever de amar e respeitar.

Este é o herdeiro, dizem os vinhateiros da parábola, *vamos, matemo-lo e a herança será nossa.* Pensamento material, que não permite veja o homem mais do que o instante da sua vida atual e os atos que lhe concernem, ocultando-lhe as conseqüências que advirão do seu proceder, não lhe deixando abertos senão os olhos da matéria, pois que lhe fecha violentamente os da alma.

Aquelas palavras tiveram por fim mostrar

a todos a cegueira dos que, recusando dar a Deus o que é de Deus, repelindo todas as advertências que lhes foram feitas e ainda o são, pensavam nada terem que recear daquele a quem ofendiam e ainda ofendem com a ingratidão e o endurecimento que demonstram.

Dissemos: *"que lhes foram e ainda são feitas"* e "daquele a quem ofendiam e ainda *ofendem".* Os a quem se aplicavam essas palavras da parábola estão, em parte, reencarnados na Terra. O que elas objetivavam mostrar a todos se aplica a esses, como a vós outros. A geração daquele tempo não passou, conforme o disse Jesus nestes termos: *"Esta geração não passará* sem que tenhais visto vir o filho do homem na sua glória.".[16]

Segundo a parábola, não houve mudança de vinhateiros até ao momento em que o filho do pai de família foi "morto". Sucederam-se, até *então,* os servos, os enviados do Senhor e não os vinhateiros.

O povo judeu representa os vinhateiros até à morte aparente de Jesus. A partir do termo da missão terrena do Mestre, a vinha foi retirada do poder dos "maus" vinhateiros e dada a "outros". Vós, cristãos, substituístes os Judeus e fostes até ao presente os novos vinhateiros. A vinha que o Senhor vos arrendou é a humanidade inteira do vosso planeta, Judeus e Gentios. A sebe com que a cercou é a lei de amor, que o seu filho bem-amado, a mandado seu, veio pregar aos homens pela palavra e pelo exemplo, lei essa destinada a unir-vos todos, abstração feita dos cultos, sejam quais forem, que se pratiquem no monte ou em Jerusalém.

Os *novos* vinhateiros foram e serão todos aqueles a quem foi dado o encargo de cultivar a vinha, trabalhando, material, moral e intelectualmente,

---

[16] MATEUS, cap. XXIV, vv. 3 e 34. — LUCAS, cap. XXI, v. 32.

para seu progresso pessoal pelo aperfeiçoamento próprio e para o progresso coletivo pelo aperfeiçoamento de seus irmãos, fazendo que, pelo ensino e pela prática da fraternidade, a vinha produza frutos de justiça e de caridade, de ciência e de amor.

O lagar, que serviu e há de servir para desses frutos tirar-se o suco, espremendo-se-lhes *a parte material e perecível,* para deles extrair-se *o espírito* que não se altera e dura eternamente, foi sempre e é a reencarnação. Esse o único meio de que dispõe o Espírito que faliu "para ver", como o disse Jesus sob o véu *da letra, o* "reino de Deus", isto é, *em espírito e verdade, o* único meio que há, para ele, de realizar a purificação e o progresso, mediante os quais chegará à regeneração, que o levará à perfeição moral.

A torre é o vosso planeta que, uma vez depurado, se tornará a habitação indestrutível dos vinhateiros que tiverem cuidado da vinha, o lugar seguro onde eles depositarão o suco da uva quando lhe houverem dado, pelo trabalho, a propriedade e a pureza de que necessita para ser guardado nela.

Os *novos* vinhateiros, que, sob o véu da letra, tomaram conta da vinha durante a era cristã até aos vossos dias, depois de, por algum tempo, tê-la feito produzir frutos na época, própria, acabaram por pensar, como os primeiros de quem foram os sucessores, *que lhes ela pertencia.* Em cada nova estação, menor era a colheita e, afinal, chegaram ao ponto de a vinha quase nada mais produzir.

O pai de família *manda* novamente seus servos para reclamarem os frutos *que lhe são devidos.* Não recuseis recebê-los, não repilais os servos, missionários encarnados e errantes, que, enviados do Senhor, vêm, em nome do Mestre, reencaminhar-vos à prática da sua moral simples e sublime, pois que vos vêm ensinar progressivamente toda a verdade, conduzir, pelas vias da justiça, da cari-

dade, da ciência e do amor, à unidade fraternal. Não repilais esses servos, órgãos do Espírito da Verdade, porquanto, se os repelirdes, a justiça do Senhor cairá sobre vós e seu filho virá, é certo, *mas para expulsar da vinha os* vinhateiros culpados, isto é, que não lhe apresentarem os frutos que deveram ter colhido. Então é que se ouvirão "prantos e ranger de dentes". Aprendei bem o sentido destas últimas palavras. Elas se aplicam aos que rejeitarem esta terceira explosão do amor do seu Criador, O filho do homem prometeu voltar na sua glória, *para* escolher os filhos do pai de família, os bons trabalhadores da vinha.

Quando chegar o tempo de ultimar-se a regeneração do vosso planeta (e ele não vem longe), os homens serão *separados,* conforme vos foi dito. Os bons irão para a direita do Senhor, isto é, permanecerão no planeta terreno, prestes a tornar-se um dos mundos superiores. Os maus se verão colocados à sua esquerda: serão mandados para os lugares de trevas, isto é, serão primeiramente submetidos à expiação na erraticidade, depois rechaçados para planetas inferiores. Assim se operará a separação do joio e do bom grão, que completará a depuração da terra.

Deveis contar que vereis renovar-se a raça material do vosso globo e essa renovação não se pode efetuar senão por meio da destruição da matéria compacta que vos envolve e que será substituída progressivamente, pouco a pouco, pela essência que recobrirá os vossos Espíritos, essência que se irá tornando cada vez menos material e aproximando cada vez mais do estado fluídico.

Não creais, todavia, que essa mudança se opere de um momento para outro. Para o Senhor, vós o sabeis, o tempo não tem limites: ontem e amanhã são para ele a mesma coisa.

Cada fase dessa renovação será assinalada pelo que chamais — calamidades públicas, flagelos. Essa a ocasião em que os *maus* vinhateiros

serão expulsos. O dono da vinha é o Senhor. Ele virá quando o seu reino se implantar em todos os corações. Só então estará entre vós. O Senhor é Deus, que reina nos corações dos puros.

MATEUS, Cap. XXI, vv. 42-46. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 10-12, — LUCAS, Cap. XX, vv. 17-19

Continuação da parábola da vinha e dos vinhateiros. — Jesus, pedra angular

MATEUS: V. 42. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes isto nas Escrituras: "A pedra que os edificadores recusaram se tornou pedra angular; obra foi isto do Senhor, maravilhosa aos nossos olhos"? — 43. Eis porque declaro que o reino de Deus vos será tirado e dado a um povo que dele colha frutos. — 44. Aquele que se deixar cair sobre essa pedra se despedaçará e aquele sobre quem ela cair ficará esmagado. — 45. Ouvindo essas palavras, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus conheceram que era deles que Jesus falava. — 46. Quiseram então apoderar-se deste, mas temeram o povo, que o considerava um profeta.

MARCOS: V. 10. Nunca lestes esta passagem da Escritura: "A pedra que os que edificavam rejeitaram se tornou a pedra principal do ângulo. — 11. Foi o Senhor quem fez isso, que os nossos olhos contemplam maravilhados"? — 12. Eles procuravam meio de prendê-lo, pois perceberam que a eles se referia Jesus nessa parábola, mas, como temessem o povo, lá o deixaram e se retiraram.

LUCAS: V. 17. Mas, Jesus, fitando-os, lhes perguntou: Que quer então dizer esta palavra da Escritura: "A pedra que os que edificavam recusaram veio a ser a pedra angular. — 18. Todo aquele que cair sobre essa pedra se despedaçará e ficará esmagado aquele sobre quem ela cair"? — 19. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas tiveram gana de lhe deitarem as mãos naquele mesmo instante, pois perceberam que aquela parábola fora dita com relação a eles, mas recearam do povo.

N. 251. Essas palavras proferidas sob o manto da parábola abrangiam a época em que

foram ditas e o futuro. Aplicam-se aos príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus do vosso tempo, como se aplicavam aos de então.

Jesus se referia, assim, à época humana em que eles viviam, como à em que viveis.

Ele personifica a moral, a lei de amor que pregou aos homens pela palavra e pelo exemplo; personifica a doutrina que ensinou e que, sob o *véu da letra,* é a fórmula das verdades eternas, doutrina que, como ele próprio o disse, não é sua, mas daquele que o enviou. Ele é a pedra angular.

Os que *rejeitam* a pedra que se lhes *oferece* para a construção do edifício que os há de abrigar na eternidade, rejeitam a pedra angular, aquela que os sustentará. Contra ela se despedaçarão.

Os Judeus repeliram a Jesus, o enviado, o ungido do Senhor. Despedaçaram-se de encontro a essa pedra, que havia e há de resistir aos séculos dos séculos.

Não a rejeiteis, a vosso turno, porquanto a mesma sorte vos aguardará.

O Espiritismo não é a personificação do Cristo; é, porém, a expressão do seu pensamento, a *continuação* e a *conclusão* da sua obra. Tendo soado a hora em que o reinado *do espírito que vivifica* substituirá o da *letra que mata,* Jesus, depois de ter estado entre vós, vos envia *o Espírito da Verdade,* por intermédio dos Espíritos do Senhor, missionários errantes e encarnados. Ele vos envia e vos enviará sucessivamente os servos do pai de família.

Não vos choqueis contra essa pedra fundamental do edifício da vossa felicidade eterna; não vos condeneis às trevas, despedaçando-vos contra ela. Não busqueis a "morte", porquanto, para o Espírito, a retrogradação das faculdades *materiais de que ele se serve,* seu sepultamento nos sepulcros de carne constituem o "inferno" com todos os seus horrores e todas as suas torturas.

Na linguagem da parábola, disse Jesus aos

príncipes dos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus: "O reino de Deus vos será tirado e dado a outro povo que dele colha frutos."

Sim, o reino de Deus foi, é e será tirado a todos os que, na vossa humanidade, foram, são e vieram a ser *orgulhosos, egoístas, ou materialistas,* por isso que o orgulho, o egoísmo, a cupidez, o sensualismo, a intolerância, a ambição, o fanatismo, o materialismo, a predominância da matéria, ou a escravização aos apetites materiais são outros tantos obstáculos ao progresso, ao desenvolvimento do Espírito e ao seu aperfeiçoamento.

O reino de Deus foi, é e será dado aos que, ainda não tendo visto a luz, não têm estado em condições de compreender; aos que entraram, entram e entrarão, sinceramente, em a nova estrada que o Cristo abriu e para a qual *o Espírito da Verdade* vos vem encaminhar, ajudando-vos ao mesmo tempo a percorrê-la de modo seguro e sem desvios; aos que, tendo vivido "fora da Igreja", pouco importa em que tempo, entraram, entram e entrarão, abstraindo de cultos exteriores, no santuário do justo, pela prática da lei de amor; aos que se prosternaram, prosternam e prosternarão, *cheios de humildade e reconhecimento,* ante a grandeza do Criador, produzindo *assim* frutos de justiça e de caridade.

Novos vinhateiros, homens, irmãos nossos, quem quer que sejais, Judeus e Gentios, cristãos, espíritas, a vinha que vos foi arrendada é a humanidade inteira. Fazei-a produzir frutos e estai sempre prontos, em cada nova sazão, a entregá-los aos servos que o Senhor vos envia e enviará com o encargo de recebê-los. O mandamento prescreve que "vos ameis *uns aos outros".* Pela palavra e pelo exemplo, ensinai aos vossos irmãos da Terra que no progresso *coletivo* se encontra a condição do progresso *pessoal* de cada um. Ensinai-lhes que a cada um será dado *de acordo com suas obras.* Trabalhai ativamente e sem cessar pela união

fraternal de todos os homens, pelos congregar em torno da vossa bandeira, tendo esta por lema — amor e caridade.

Agitai por sobre as vossas cabeças o facho da luz espírita, *a fim* de que ela projete cada vez mais longe o seu brilho, a fim de que seus raios atinjam todos os pontos do planeta e esclareçam a humanidade acerca *de suas origens, de seus fins, de seus destinos.* Ensinai *e* propagai, pela palavra e pelo exemplo, a lei de amor, os modos e os meios de praticá-la, material, moral e intelectualmente. Preparai *dessa maneira o* advento do *espírito* e a vinda dos tempos preditos e prometidos, em que não mais se adorará o pai sobre o monte ou em Jerusalém; dos tempos em que, tendo rejeitado todos os mandamentos humanos e não obedecendo, abstração feita de cultos exteriores, senão aos mandamentos de Deus, que, conforme o proclamou o seu Cristo, encerram *toda a lei e os profetas, os* homens serão adoradores do pai *em espírito e em verdade;* dos tempos em que, sendo todos um pela comunhão dos pensamentos, dos corações e dos atos, estreitamente unidos pela prática do amor e da fraternidade, todos se reunirão em nome de Jesus, que então estará entre todos, para praticarem a adoração do Criador pela prece e pela instrução em comum, sob a presidência do mais digno, do de maior mérito pelo seu adiantamento moral e intelectual. A esse a presidência será deferida por voto unânime, visto que, então, o *"Espírito Santo"* se achará com os que o escolherem, todos verdadeiros membros da Igreja do Cristo.

LUCAS, Cap. XIV, vv. 1-6

Cura de um hidrópico, em dia de sábado, na casa de um dos principais fariseus

V. 1. Tendo Jesus entrado em certo sábado na casa de um dos principais fariseus para comer, os que lá estavam se puseram a observá-lo. — 2. Defronte dele se achava um homem hidrópico. — 3. E Jesus, dirigindo-se aos doutores da lei e aos fariseus, perguntou: É licito curar em dia de sábado? — 4. Todos guardaram silêncio. Jesus então, pondo a mão no homem, o curou e mandou embora. — 5. Disse-lhes em seguida: Qual de vós, cujo boi ou jumento caiu num poço, não o tirará logo daí por ser dia de sábado? — 6. A isto nada puderam responder.

N. 252. O hidrópico, como diz o evangelista, estava defronte de Jesus. Os doutores da lei, os, fariseus e quantos o rodeavam observavam o Mestre. Aquele doente eles o trouxeram para ali com o fim de tentarem a Jesus e de o apanharem em falta. Se, obedecendo aos generosos impulsos do seu coração, curasse o hidrópico, acusa-lo-iam de violar o sábado. Se, por escrupulosa observância do sábado, não o fizesse, acusa-lo-iam de negligente em praticar uma boa ação.

Já vos explicamos tudo com relação ao sábado. Também já recebestes as explicações necessárias para poderdes compreender a cura do hidrópico. Operou-a o poder magnético de que Jesus dispunha, como sabeis.

Os homens se obstinam em não pesquisar as causas para comprovar e compreender os efeitos. Qual a causa originária da hidropsia? Um empobrecimento do sangue, cujo quilo diminui, sendo substituído pelas partes aquosas que ele contém. E esse empobrecimento resulta de uma alteração

dos princípios vitais, por efeito de privações ou de excessos.

Bem dirigida, a ação magnética humana pode deter os progressos dessa decomposição do sangue e mesmo fazê-la cessar, mas só com tempo e perseverança, porquanto os instrumentos ainda não são bastante puros para não alterarem ou apoucarem, pelo seu contacto, os fluidos de que dispõem.

Jesus, magnetizador perfeito, empregava os princípios curativos em toda a sua pureza e, conseguintemente, no seu máximo grau de eficácia. Não se vos disse que a tumefação produzida pela enfermidade cessou inopinadamente. Disse-se apenas que a enfermidade foi curada. O mal fora destruído; o equilíbrio se restabeleceu como conseqüência da ação magnética exercida, da ação dos fluidos de que Jesus impregnara o organismo do doente.

Operada a cura, mandou ele embora o homem. O mal chegara a uma de suas últimas fases e a fraqueza obstava a que o hidrópico fizesse qualquer esforço. Dissemos acima que ele fora levado para ali propositadamente. Jesus, entretanto, o mandou embora. É que lhe dera forças para se retirar e esse era o prelúdio da cura visível: a desinchação.

LUCAS, Cap. XIV, vv. 7-11

Ocupar o último lugar. — Humildade

V. 7. Notando, em seguida, que os sacerdotes escolhiam os primeiros lugares à mesa, propôs-lhes esta parábola: — 8. Quando fores convidado para alguma boda, não tomes o primeiro lugar, para não suceder que, havendo entre os convidados pessoa de mais consideração do que tu, — 9, aquele que te convidou a ti e a essa pessoa venha dizer-te: Dá a este esse lugar; e te vejas constrangido a ir, envergonhado, ocupar o último lugar. — 10. Ao contrário, quando fores convidado, vai e toma o último lugar, a fim de que aquele que te convidou, quando chegar, te diga: Amigo, senta-te mais para cima; o que será para ti uma glória diante de todos os que contigo estiveram à mesa. — 11. Porquanto, todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele que se humilha será exaltado.

N. 253. "Humildade".

Jesus repete amiúde, sob diversas formas, em ocasiões e lugares diferentes, a lição da humildade, pois que a humildade é a fonte de todas as virtudes, de todo o progresso e de toda a elevação moral e intelectual, sendo o orgulho, ao contrário, o vício mais difícil de desarraigar do coração do homem e a causa principal dos vícios que degradam o Espírito, assim como das suas quedas e das perdas que sofre.

LUCAS, Cap. XIV, vv. 12-15

Convidar os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — Desinteresse

V. 12. Disse também ao que o havia convidado: Quando deres algum jantar ou ceia, não convides teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos ricos, para não suceder que também eles te convidem por sua vez e assim te retribuam. — 13. Ao contrário, quando deres algum festim, convida os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. — 14. E bem-aventurado serás porque esses não têm com que te retribuir; Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos. — 15. Ao ouvir essas palavras, disse-lhe um dos que estavam à mesa: Bem-aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus.

N. 254. Desinteresse! O homem está sempre propenso a só pensar em si. O mais das vezes, o bem que faz não passa de um empréstimo, do qual espera auferir largos juros. Esquadrinhai a maior parte dos atos humanos e descobrireis no homem o desejo de ser pago do bem praticado, seja pelo reconhecimento do beneficiado, seja pelos elogios do mundo, seja pelo merecimento que julgue adquirir desse modo aos olhos de Deus. Estes móveis, particularmente o último, podem ser nobres, mas não devem ser exclusivos. *Nunca,* entendei bem, *nunca* deveis cogitar do proveito que possais tirar de uma boa ação, de um bom pensamento. Deveis sempre ter por objetivo principal dar testemunho do vosso reconhecimento ao Senhor.

Efetivamente, que responderíeis ao vosso filho, que não cumprisse um só de seus deveres para convosco ou para com seus irmãos ou irmãs, sem vos ir imediatamente dizer: "Fiz isto; que me darás em recompensa?" — Sem dúvida lhe

responderíeis: "A principal recompensa está em haveres cumprido o teu dever. Procedendo como procedeste, cumpriste uma pequena, uma insignificante parte das tuas obrigações. Porque hás de tirar ao teu procedimento todo o valor, exagerando-lhe o mérito e reclamando a retribuição dele, em obediência a um pensamento de orgulho ou de egoísmo ?"

Não vos atenhais *à letra que mata,* buscai sempre o *espírito que vivifica,* nas palavras de Jesus. Ele não pensou em condenar as relações de família, de amizade. Apenas ensinou a prática do desinteresse, por toda parte e constantemente, no seio da grande família humana. Ensinou que os festins da caridade *material, que* sustenta o corpo, dando-lhe alimento, vestes e abrigo, assim como os da caridade *moral,* que alimenta e desenvolve a alma, devem substituir o luxo, a ostentação e o orgulho desses festins que se originam do interesse calculado, da vaidade, ou da sensualidade, nos quais se dissipa o supérfluo devido aos pobres que, material, moral e intelectualmente, carecem do necessário.

Jesus apropriava sua linguagem às inteligências de homens materiais, a fim de as abalar e impressionar fortemente.

"Bem-aventurado serás, disse ele, porque os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos não têm com que te retribuir; Deus é quem te retribuirá na ressurreição dos justos. Ao ouvir isso, diz o Evangelho, um dos que estavam à mesa disse: Bem-aventurado aquele que comer do pão no reino de Deus."

Perfeitamente compreensíveis são estas palavras. Do ponto de vista humano, aludem aos que participam da vida feliz dos justos. Para homens materiais, qualquer pensamento se reporta à matéria. Daí o apresentar-se ao espírito do Judeu a idéia dos festins celestes.

A ressurreição do justo é o seu regresso à *pátria.* Aquele, que, durante a sua peregrinação humana, viveu submisso às vontades do Senhor, será por este recebido, quando voltar à *pátria.* Para o Espírito, a ressurreição do justo consiste em *libertar-se* ele da necessidade de volver aos mundos inferiores de *provações e expiações;* consiste em ascender a mundos superiores ao vosso.

MATEUS, Cap. XXII, vv. 1-14. — LUCAS, Cap. XIV, vv. 16-24

Parábola das bodas e dos convidados que se escusam

MATEUS: V. 1. Falando de novo por parábolas, disse-lhes Jesus : — 2. O reino dos céus se assemelha a um rei que celebrou as bodas de seu filho. — 3. Mandou que seus servos fossem chamar os convidados para a festa; estes, porém, não quiseram ir. — 4. Mandou outros servos recomendando-lhes que dissessem de sua parte aos convidados: O meu banquete está preparado; estão mortos os meus bois e os meus cevados; tudo está pronto; vinde às bodas. — 5. Mas, eles nenhum caso fizeram do convite e lá se foram, este para sua casa de campo, aquele para seu negócio; — 6, enquanto outros agarraram os servos, os ultrajaram e mataram. — 7. O rei, ao saber do ocorrido, se encolerizou e, enviando seus exércitos, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. — 8. E disse aos seus servos: De fato, o banquete das bodas está preparado, mas aqueles a quem convidei não foram dignos da festa. — 9. Ide, pois, às encruzilhadas e chamai para as bodas todos os que encontrardes. — 10. Saíram os servos pelos caminhos e ruas e reuniram todos os que encontraram, bons e maus, de sorte que a sala da festa se encheu de convivas. — 11. Entrou em seguida o rei para ver os que estavam à mesa e, dando com um que não trajava a veste nupcial, — 12, lhe perguntou: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? O interpelado guardou silêncio. — 13. Disse então o rei a seus servos : Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá pranto e ranger de dentes. — 14. Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos.

LUCAS : V. 16. Disse-lhes então Jesus : Um homem preparou uma grande ceia e convidou a muitas pessoas. — 17. A hora da ceia, mandou que um servo fosse dizer aos convidados que viessem, pois

que tudo estava pronto. — 18. Todos, como de comum acordo, começaram a escusar-se. Disse o primeiro: Comprei uma quinta e preciso ir vê-la; peço-te que me dês por escusado. — 19. Comprei cinco juntas de bois e vou experimentá-las, disse outro. Rogo-te que me dês por escusado. — 20. Casei-me, disse um terceiro, e por isso não posso ir. — 21. Voltando o servo, tudo relatou a seu Senhor. Encolerizado, disse então o pai de família ao servo: Vai já às praças e ruas da cidade e traze para aqui os pobres e estropiados, os coxos e os cegos. — 22. Disse-lhe depois o servo: Senhor, está feito o que ordenaste e ainda há lugar para outros mais. — 23. Retrucou-lhe o Senhor: Vai por essas estradas e veredas e aos que encontrares obriga a entrar, a fim de que se encha minha casa. — 24. Porque, eu vos declaro, nenhum daqueles homens que foram convidados provará da minha ceia.

N. 255. Idênticos são o sentido e o fundamento das parábolas das bodas do filho do rei e da ceia do pai de família, se bem tenham sido ditas em ocasiões e lugares diferentes. Reunimo-las aqui para evitar repetições e também porque se completam. O sentido de ambas é análogo ao da parábola da vinha e dos vinhateiros.

O Senhor é o rei que casa o filho e convida os vizinhos, é o pai de família que convida muitas pessoas para uma grande ceia. Ele chama a si os que, instruídos no conhecimento do seu nome, têm que se reunir, sem demora, ao seu derredor, a fim de partilharem das alegrias da vida eterna.

Os que não atendem ao chamado são os que, ouvindo a voz dos seus enviados, não lhes respondem e os repelem. A justiça divina se exerce então contra esses ingratos que, por sua vez, são repelidos, até que hajam compreendido e expiado suas faltas.

O servo do pai de família é mandado pelas ruas e praças da cidade - em busca dos pobres, dos estropiados, dos coxos e dos cegos para os levar a tomar parte na grande ceia. E, tendo

levado os que encontrou, como ainda houvesse muitos lugares vazios, saiu de novo a percorrer os caminhos e as veredas com a missão de obrigar todos os que encontrasse a entrar na sala do festim, a fim de que a casa do pai de família se enchesse.

Todos, sejam quais forem, hão de participar do festim celeste que proporciona ao Espírito abundante alimento, proporcionando-lhe adiantar-se moral e intelectualmente; tornar-se rico de coração e de inteligência, pela humildade, pelo saber, pela caridade e pelo amor; recobrar a liberdade de suas faculdades e a de caminhar pela senda do progresso; recobrar a visão espiritual da alma e ver cada vez mais a luz; avançar com passo firme e em linha reta para a perfeição.

Mas, para ser-se admitido na sala do festim, preciso se faz, como o diz a parábola das bodas do filho do rei, estar revestido do *traje nupcial.*

Os servos do rei percorrem, a mandado seu, as encruzilhadas, para chamar os bons e os maus. Sejam bons ou maus os que eles forem encontrando, todos são convidados a participar do banquete das núpcias. Cumpre, porém, que, para entrarem na sala da festa, previamente dispam suas vestes manchadas. É essa uma condição absoluta. Quem quer que não a preencha será rechaçado para as trevas *exteriores,* isto é, para os planetas inferiores, para longe das venturosas moradas onde o Espírito, revestido do *traje nupcial pela regeneração,* continua a se depurar até ao momento em que, havendo atingido a perfeição, terá vestido a túnica *imaculada, único* traje com que poderá penetrar no palácio eterno: nos espaços, nas regiões puras, nas esferas celestes, divinas, onde só os puros Espíritos habitam e às quais só eles têm acesso. Aquele o único traje com que poderá o Espírito aproximar-se do foco da onipotência.

Dizendo que, depois de haverem seus servos arrebanhado todos os que tinham encontrado, bons

e maus, depois de estar cheia a sala, o rei só achou um conviva que não trazia a veste nupcial, quis Jesus mostrar, sob *o manto da parábola,* que, nos tempos da regeneração, quando todos indistintamente forem chamados, quase todos compreenderão a felicidade que se lhes oferece. Quis mostrar que apenas uma insignificante minoria se manterá obstinada em resistir aos esforços dos servos de Deus para lhes vestir o trajo de núpcias, antes que entrem na sala do festim.

"Disse então o rei a seus servos: Atai-o de pés e mãos e lançai-o nas trevas exteriores; aí há prantos e ranger de dentes."

Isso sucederá tanto aos que, tendo acudido ao chamado, não se puserem nas condições de se apresentarem dignamente ao Senhor, como aos que recusarem comparecer às bodas. Mais culpado mesmo do que estes é o que ouve a voz dos mensageiros e responde: "Eis-me aqui" e não se torna digno de apresentar-se diante daquele que o chama.

Estas palavras da parábola das bodas do filho do rei: *"Porque, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos",* não se referem unicamente ao que foi expulso por não estar dignamente vestido. Referem-se também a todos os que anteriormente haviam cerrado os ouvidos e o coração à voz que os chamava.

Não esqueçais, ó vós todos que procurais explicar *o sentido* das palavras de Jesus, que, aplicando-se aos tempos então vindouros, elas apresentavam um cunho de atualidade e de positividade, de molde a ferir os espíritos materiais a quem ele falava. O Mestre, *veladamente,* apontava os benefícios da reencarnação. Se dissera, naquela época: "Os que, apanhados nas encruzilhadas, vestiram com alegria os trajes nupciais eram os mesmos que anteriormente haviam recusado en-

trar na sala do festim das bodas, os mesmos que feriram, maltrataram e mataram os enviados do Senhor"; se dissera: "Os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos trazidos das ruas e praças da cidade para a sala do banquete; os que, encontrados nas estradas e veredas, se viram obrigados a entrar para que a casa do pai de família se enchesse, foram os mesmos que, anteriormente convidados para a ceia do pai de família pelos seus servos, que lhes diziam estar tudo pronto, recusaram comparecer", ter-lhe-iam retrucado: "Para que nos havemos de apressar? A sala do festim das bodas nos está sempre aberta, não deixaremos de, afinal, saborear a ceia, pois que dia chegará em que nos virão buscar para dela participarmos."

Aqueles espíritos materiais eram incapazes de compreender que, não obstante ter sido lícito dizer-se com relação à humanidade terrena: "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos", *todos os chamados,* com o correr do tempo, que bem se pode considerar uma eternidade, têm que ser *escolhidos.* Eram incapazes de compreender as condições, os meios, os caminhos pelos quais, *chamado, como* todos os outros, o Espírito pode chegar e chegará a ser escolhido. Não lograriam perceber que isso se dá sob a ação das leis imutáveis do sofrimento, da expiação, do progresso, que se opera pelo renascimento, conduzindo o Espírito culpado, através da escala ascendente das vidas sucessivas e progressivas, *das terras* primitivas aos mundos de provações e expiações, *destes aos* mundos regeneradores, onde ele enverga o traje de núpcias para entrar nos mundos felizes. *Daí,* revestido da túnica *imácula,* isto é, tendo atingido a perfeição moral, eleva-se aos mundos celestes ou divinos e se torna um dos *eleitos de Deus,* tomando lugar entre os puros Espíritos.

Ainda não soara a hora da revelação espírita. Muitos séculos era preciso que se escoassem, para

chegarem os dias de hoje, os tempos preditos da regeneração, que o *Espírito da Verdade* agora prepara.

A parábola das bodas do filho do rei e a da grande ceia do pai de família se aplicavam aos Judeus e, correlativamente, aos Gentios, conforme o compreendiam os primeiros. Os Judeus, como vizinhos do Senhor, eram os convidados. Os Gentios eram os pobres, os estropiados, os cegos e os coxos que, bons e maus, foram arrebanhados nas praças e nas ruas da cidade, nas estradas e nas veredas. Aplicam-se também à vossa época, em que os que já deveram ter acudido à voz dos servos, que há tantos séculos os chamam, permanecem surdos e indiferentes; e se aplicam ainda aos que o Espírito da Verdade vem apanhar em todos os lugares, para os reunir num só corpo, num só pensamento, para os revestir, em suma, do uniforme da pureza, que será em todos idêntico.

Este agora é o momento em que, na sala inteira, "só um" será achado indigno de aí permanecer. Quer isto dizer que, relativamente ao número dos que responderão felizes ao convite que lhes é feito, muito poucos deixarão de esforçar-se por se tornarem dignos de participar do festim.

NOTA DA EDITORA — Ao traduzirem os versículos 7, de Mateus, e 21, de Lucas, cada tradutor usou de um verbo diferente: encolerizar, irritar, indignar, etc. — W.

MATEUS, Cap. XXII, vv. 15-22. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 13-17. — LUCAS, Cap. XX, vv. 20-26

Deus e César

MATEUS : V. 15. Retirando-se dali, os fariseus foram reunir-se em conselho, a fim de o surpreenderem no que dissesse. — 16. Mandaram então seus discípulos com os herodianos dizer a Jesus: Mestre, sabemos que és sincero e veraz, que ensinas o caminho de Deus na verdade, sem te preocupares com quem quer que seja, porque não consideras nos homens as pessoas. — 17. Dize-nos, pois, qual o teu parecer: É lícito pagar a César o tributo, ou não? — 18. Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Hipócritas, porque me tentais? — 19. Mostrai-me a moeda com que se paga o tributo. Apresentaram-lhe um denário. — 20. Perguntou ele : De quem são estas imagens e esta inscrição? — 21. De César, responderam-lhe. Disse-lhes então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. — 22. Ouvindo isto, encheram-se de admiração e, deixando-o, se retiraram.

MARCOS: V. 13. Querendo surpreendê-lo em falta por alguma de suas palavras, mandaram ter com ele alguns fariseus e herodianos, — 14, que lhe disseram: Mestre, sabemos que és sincero e veraz e que não se te dá de quem quer que seja, porquanto não te preocupas com a qualidade das pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus pela verdade. É lícito paguemos o tributo a César, ou não lho devemos pagar? — 15. Jesus, conhecendo-lhes a hipocrisia, disse: Porque me tentais? Deixai-me ver um denário. — 16. Deram-lhe a moeda e ele perguntou: De quem são esta imagem e esta inscrição? Responderam eles: De César. — 17. Disse então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Todos ficaram tomados de admiração.

LUCAS: V. 20. Sempre a espreitá-lo, mandaram emissários insidiosos para que, fingindo-se de homens

de bem, o apanhassem por alguma de suas palavras, a fim de o entregarem à jurisdição e à autoridade do governador. — 21. Esses emissários o interrogaram deste modo: Mestre, sabemos que só dizes e ensinas o que é reto, que não te preocupas com as pessoas, mas que ensinas o caminho de Deus na verdade. — 22. É-nos lícito pagar ou não o tributo a César? — 23. Jesus, percebendo-lhes a astúcia, disse : Porque me tentais? — 24. Mostrai-me um denário. De quem são a efígie e a inscrição que ele traz? Responderam: De César. — 25. Disse então Jesus: Pois dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. — 26. Não podendo repreender-lhe nenhuma das palavras diante do povo, admirados da sua resposta, calaram-se os emissários.

N. 256. Estas palavras, mau grado a tudo o que se haja dito, provam que Jesus não viera pregar a subversão social, mas apenas o progresso moral. O homem pode e deve aliar seus deveres de cidadão aos seus deveres para com o Criador. O respeito às leis lhe é um dever e muitas vezes *uma provação.*

Aplique-se ele, portanto, a abrandar as que tanto lhe pesam, a aliviar o jugo que suporta com tanto sofrimento e tantas queixas, tanta insubordinação e revolta, trabalhando, *pelo seu próprio proceder,* para as modificar e tornar mais *suaves.* Trabalhe cada um pela sua própria reforma, assim *o potentado* como *o artista humilde* e o jugo por si mesmo se despedaçará. Passará a ser leve, o homem não mais o sentirá e as leis se tornarão brandas para todos, pois que todos caminharão retamente pela senda que lhes é traçada, sem que nenhum precise de ser compelido violentamente a retomá-la.

Se vos pesam as autoridades a que estais sujeitos, se as leis vos parecem arbitrárias, queixai-vos, ó homens, de vós mesmos. Não são as revoluções, nem o desmoronamento dos tronos, nem a violação das leis que outorgam a liberdade.

A liberdade nasce do respeito, do cumprimento do dever, da pureza de coração, do amor e da caridade, que implicam a justiça, o respeito a si mesmo e aos outros.

Quando compreenderdes a força destas virtudes, se bem praticadas, *amor e caridade;* quando compreenderdes os *caminhos e os meios* de as pôr *em prática* nos seus princípios fundamentais e nas suas conseqüências, sob todos os aspectos e em todas as suas *aplicações,* na ordem física, na ordem moral e na. ordem intelectual, com relação à sociedade, à família e ao indivíduo; quando submeterdes àquelas virtudes todos os vossos atos e pensamentos, tereis resolvido o grande problema da *liberdade* para todos, tereis alcançado o objetivo pelo qual tanto sangue haveis feito correr *inutilmente e* tanto sangue ainda correrá.[17]

Liberdade, igualdade, fraternidade. Estas três palavras, causadoras de todas as desordens sociais, que derribam os reis e esmagam os povos, são filhas *do amor e da caridade. Só* dessa união santa fareis nascer e viver eternamente *a fraternidade, a igualdade e a liberdade.*

N. 257. Diante das revoluções e transformações que se operam nas diferentes fases da vida dos povos e dos governos, como conciliar estas palavras: *"Dai a César o que é de César"* com estas outras: *"e a Deus o* que é de Deus"?

Detende-vos um momento e refleti: Porventura já chegastes ao ponto que haveis de galgar? Não tendes que vos renovar para atingirdes a meta?

Se já hoje bem compreendêsseis as coisas, a obra de redenção não seria deferida para amanhã. Atentai, porém, na vossa cegueira, ó homens que

[17] Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de agosto de 1863.

vos julgais tão esclarecidos! Ainda sois dos que fazem correr o sangue para fertilizar a terra, dos que desencadeiam a guerra para obter a paz, dos que ateiam o incêndio para construir. Cegos, cegos, já chegastes ao ponto donde podeis ver o vosso caminho? Surdos, já chegastes ao ponto donde podeis atender aos vossos interesses reais? Ah! se escutásseis as nossas vozes, se praticásseis o amor, a caridade que vos pregamos, não mais entre as vossas mãos brilharia o ferro, nem o fogo crepitaria ; não mais entre vós o sangue correria nos valados, nem as searas seriam taladas, nem os horrores da fome vos levariam a ceifar o grão e a flor, o carvalho e o arbusto!

Mas, respondei: sois caridosos? *uns aos outros* vos amais? praticais o amor a Deus acima de tudo e o amor ao próximo como a vós mesmos?

As palavras de Jesus: *"Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus"* eram ditas para o futuro. Muitos séculos ainda haviam de escoar-se antes que elas fossem bem compreendidas e bem praticadas. Ainda não o são. Cumprir-se-ão quando vós e César derdes a Deus o que é de Deus, praticando o duplo amor ao mesmo Deus e ao próximo. Assim será que, pela prática da fraternidade, criareis, *para todos e entre todos, a* igualdade e a liberdade, na paz, na ordem e na hierarquia, que então terá seu fundamento, seu principio e suas regras unicamente no grau de pureza adquirida, de progresso moral e intelectual realizado.

N. 258. Será acertado dizer-se que "na sociedade cristã tal como se constituiu sob Constantino, com o dualismo e o antagonismo da Igreja e do Estado, o preceito — *"Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus" — foi o* princípio em cujo nome o poder temporal combateu e venceu as pretensões do poder espiritual; em cujo nome, portanto, se decidiu, no mundo cristão, a vitória das crenças sociais e dos

interesses práticos sobre as crenças e os interesses místicos?

Se tivessem compreendido as palavras de Jesus, o poder temporal do papa não houvera existido, não haveria *"príncipes da Igreja",* nem se teriam dado os conflitos que se deram entre esses príncipes e os da Terra. Tampouco as discórdias, o ódio, a guerra teriam devastado os filhos do Senhor.

Se houvesse compreendido as palavras de Jesus, a Igreja, sem jamais se afastar das sendas da humildade, do desinteresse e do amor, teria sempre dado a César o que é de César e a Deus o que é de Deus, dando o exemplo de todas as virtudes e do cumprimento de todos os deveres para com Deus e para com os homens, tanto do ponto de vista social, como dos da família e dos indivíduos. Teria sempre vivido em harmonia com César, ensinado às nações, exortando e concitando os homens, Judeus e Gentios, pela palavra, mas sobretudo pelo exemplo, à prática da tolerância, da caridade, da justiça e do amor em todos os terrenos, material, moral e intelectual; exortando e concitando os homens, pela palavra, mas sobretudo pelo exemplo, ao trabalho, ao estudo, ao progresso pessoal e ao progresso coletivo, por meio da ciência, da humildade, do desinteresse e do amor; exortando e concitando-os à pesquisa da verdade, dentro da liberdade que o Senhor concedeu ao homem e que vem a ser, como apanágio do livre-arbítrio, a liberdade do pensamento, de apreciação e, portanto, de consciência, de razão, de exame; exortando e concitando desse modo os homens à pesquisa da verdade, do duplo ponto de vista das revelações sucessivas e progressivas e das leis da Natureza, deixando que assim se cumprissem estas outras palavras de Jesus-Cristo, que *é o caminho, a verdade, a vida e* que *havia de servir de alvo às contradições dos homens: "Nada*

há secreto que não venha a ser conhecido e nada oculto que não venha a ser descoberto e a aparecer publicamente."

Mas, não censureis. O que se deu teve a sua razão de ser, tinha que ocorrer, como condição e meio do progresso humano, sob o império e o véu da letra, e preparou o advento da era espírita, mediante as lutas que se travaram na sucessão dos tempos e mediante as criações do passado. E o que *ainda* se não verificou se cumprirá sob o império *do espírito.* Cumpri-lo-á a Igreja do Cristo, inspirada e guiada pelo Espírito da Verdade.

MATEUS, Cap. XXII, vv. 23-33. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 18-27. — LUCAS, Cap. XX, vv. 27-40

Saduceus. — Ressurreição. — Imortalidade da alma. — Sua sobrevivência ao corpo. — Sua individualidade após a morte

MATEUS : V. 23. Naquele dia, vieram ter com ele alguns saduceus, que negam a ressurreição, e lhe propuseram a questão seguinte: — 24. Mestre, Moisés disse: Em morrendo algum homem sem deixar filho, case seu irmão com a viúva e dê sucessão a seu irmão. — 25. Ora, havia entre nós sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem descendência, deixando sua mulher a seu irmão. — 26. O mesmo sucedeu ao segundo, ao terceiro, a todos até ao sétimo. — 27. Por último, depois dos sete, morreu a mulher. — 28. Na ressurreição, de qual deles será ela, uma vez que todos a tiveram por esposa? — 29. Jesus lhes respondeu: Estais em erro, por não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus. — 30. Na ressurreição, nem os homens terão esposas, nem as mulheres maridos: umas e outros serão como os anjos de Deus no céu. — 31. Pelo que toca à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos disse : — 32. Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob? Ora, Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos. — 33. Ouvindo isso, o povo se admirava da sua doutrina.

MARCOS : V. 18. Vieram depois ter com ele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: — 19. Mestre, Moisés nos deixou escrito que, se morrer algum homem deixando a esposa sem filhos, o irmão do morto case com a viúva e dê sucessão àquele. — 20. Ora, havia sete irmãos: o primeiro casou e morreu sem deixar filhos. — 21. O segundo casou com a viúva do irmão e também morreu sem deixar filhos, sucedendo o mesmo ao terceiro. — 22. E assim, sucessivamente, os sete a tiveram por esposa e nenhum deixou descendência. Por último, também a mulher morreu. — 23.

Ao tempo da ressurreição, quando todos ressuscitarem, de qual deles será ela mulher, uma vez que os sete a tiveram por esposa? — 24. Respondeu Jesus: Não vedes que errais, por não compreenderdes as Escrituras nem o poder de Deus? — 25. Porque, ao ressuscitarem dentre os mortos, nem os homens terão mulheres, nem as mulheres maridos: umas e outros serão como os anjos nos céus. — 26. Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes no livro de Moisés o que Deus lhe disse na sarça: "Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob"? — 27. Ora, Deus não o é dos mortos, mas dos vivos. Estais, pois, em grande erro.

LUCAS: V. 27. Chegaram depois alguns dos saduceus, que negam a ressurreição, e lhe perguntaram: — 28. Mestre, Moisés não deixou escrito: Se algum homem casado morrer sem deixar filhos, case o irmão dele com a viúva e descendência dê ao irmão que morreu? — 29. Ora, sete irmãos havia e o primeiro, que era casado, morreu sem deixar filhos. — 30. O segundo casou com a viúva e também morreu sem deixar filhos. — 31. Desposou-a o terceiro e em seguida os outros quatro sucessivamente, sem que nenhum deixasse descendência. — 32. Por fim morreu também a mulher depois de todos eles. — 33. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela mulher, uma vez que com todos foi casada? — 34. Jesus lhes respondeu: Os filhos deste século se casam e são dados em casamento; — 35, mas, aqueles que forem julgados dignos do século vindouro e da ressurreição dos mortos, esses não casarão, nem serão dados em casamento, — 36, porquanto, não mais poderão morrer, visto se terem tornado iguais aos anjos e serem filhos de Deus, porque são filhos da ressurreição. — 37. E que os mortos hão de ressuscitar, Moisés o mostrou quando, na sarça, chamou ao Senhor Deus de Abraão, Deus de Isac, Deus de Jacob. — 38. Ora, Deus não o é dos mortos e sim dos vivos, pois que todos para ele são vivos. — 39. Tomando então a palavra, disseram alguns dos escribas: Mestre, respondeste bem. — 40. E, desde então, ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.

N. 259. Não são, por si mesmos, compreensíveis estes versículos? A palavra de Jesus não está neles clara e precisa, ensinando a fé na vida eterna, escoimado esse sentimento de tudo o que entende com a matéria?

A "ressurreição" é a volta definitiva do Espírito à sua pátria eterna. Ela se verifica quando o Espírito atingiu um grau de elevação tal, que não mais se vê constrangido a habitar mundos materiais, onde a reencarnação se opera segundo as leis da reprodução, conforme ainda acontece no vosso planeta. Aquele, que haja transposto essas fases de encarnações materiais, não mais pode morrer. Em tão elevadas condições, a encarnação, ou melhor, a incorporação se efetua por obra do Espírito, que então baixa ao planeta fazendo nele o seu aparecimento, como o explicamos no n. 14 do 1° volume.

Quando o Espírito, que chegou à condição de habitar os mundos superiores, se afasta daquele onde estiver habitando e retorna à vida espírita, o que então se dá é apenas uma mudança de condição; não se dá a morte *no sentido humano em que Jesus falava e como ainda agora o entendeis na Terra.*

As expressões — "os *anjos de Deus no céu*" — *"os anjos que estão nos céus"* — aos quais se assemelharão, se igualarão os mortos, uma vez *"ressuscitados",* e os homens, uma vez que tenham sido julgados dignos de participar da "ressurreição dos mortos", uma vez que se tenham tornado "filhos da ressurreição", "filhos de Deus", indicam os bons Espíritos que galgaram *as condições elevadas de que acabamos de falar e os puros Espíritos.*

Vós, espíritas, deveis compreender estas palavras que Jesus dirigiu aos saduceus:

Quanto à ressurreição dos mortos, não lestes, no livro de Moisés, o que Deus lhe disse na sarça: Eu sou

o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob — Ora, Deus não o é dos mortos e sim dos vivos, pois que todos para ele são vivos."

Elas se explicam por si mesmas. Fazendo que um Espírito superior dissesse a Moisés: *"Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob",* não mostrou o Senhor que Abraão, Isac e Jacob existem? Se a alma ou Espírito não sobrevivesse ao corpo, teria ele falado desse modo? Por aquelas palavras dirigidas a Moisés, Deus proclamara e Jesus, lembrando-as, proclamava de novo aos saduceus, aos discípulos e a todos os homens, *a sobrevivência da alma, sua imortalidade e sua individualidade após a morte do corpo; proclamava a vida permanente e imortal dos Espíritos,* que *todos* vivem, quer no estado *corporal,* quer no estado *espírita, sob os olhares do Pai.* Ele preparava as gerações futuras a compreenderem que a vida espírita é a vida primordial e normal do Espírito; que o que chamais "morte" não é mais do que a cessação, *para o Espírito,* de um exílio temporário, cujo termo chega quando este se despoja do corpo material, que, *para ele,* não passa de uma veste de provações, de expiação, de progresso, veste que apenas determina uma modificação momentânea na sua vida normal. De um modo como de outro, o Espírito vive sempre sob as vistas de Deus, pois que a morte mais não é do que um passo mediante o qual ele volta da vida *cor*poral à vida *espírita.*

Os saduceus eram os materialistas da época. Consideravam Deus como o arquiteto que constrói o edifício, o homem como a pedra que a ação do tempo reduz a pó.

Não observais entre vós análogas inconseqüências, homens que admitem a crença em Deus, e negam a existência da alma e sua imortalidade?

N. 260. Considerando o que diz o v. 26 de MARC*OS : "Quanto à ressurreição* dos mortos, não lestes no

livro de Moisés o que Deus lhe disse na sarça: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isac, o Deus de Jacob"? como se produziu essa manifestação relatada *no Êxodo* (Cap. III, vv. 1-6) ?

Deus, como já o temos dito, não se comunica *ele próprio* com os homens. Houve uma manifestação espírita. Não se vos diz que Moisés viu a Deus, mas que o ouviu. O Espírito superior, que o Senhor incumbiu dessa manifestação, tomou uma forma luminosa, não uma forma humana; produziu uma luz deslumbrante.

Moisés era médium de efeitos físicos, audiente e vidente. Ainda quando, porém, não o fosse, as coisas se teriam passado da mesma forma. O Espírito que chegou à perfeição, que se tornou puro Espírito, é senhor, como sabeis, da natureza e de todos os fluidos, deles dispondo à sua vontade, de acordo com as necessidades e as circunstâncias. Foi com o auxílio dos fluidos, de fluidos sônicos e de outros, que aquele Espírito superior realizou a manifestação. Reunindo-os e concentrando-os, assimilando seu perispírito às regiões terrenas, produziu o som da palavra humana articulada e uma luminosidade ofuscante, com a aparência de uma fogueira. Essa luminosidade foi que fez crer a Moisés que a sarça ardia sem se consumir. Foi o perispírito do Espírito incumbido da manifestação que figurou, com o emprego dos fluidos que reunira, o incêndio da sarça.

MATEUS, Cap. XXII, vv. 34-40. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 28-34. — LUCAS, Cap. X, vv. 25-28

Amor de Deus e do próximo

MATEUS: V. 34. Mas os fariseus, tendo sabido que ele fizera calar os saduceus, se reuniram em conselho; — 35, e um deles, que era doutor da lei, para o tentar fez esta pergunta: — 36. Mestre, qual é o grande mandamento da lei? — 37. Respondeu Jesus: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. — 38. Este é o maior e o primeiro mandamento. — 39. E o segundo, semelhante ao primeiro, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. — 40. Toda a lei e os profetas se contêm nestes dois mandamentos.

MARCOS: V. 28. Então, um dos doutores da lei, que ouvira a discussão e vira quão bem Jesus respondera aos saduceus, se aproximou e lhe perguntou: Qual é o primeiro de todos os mandamentos? — 29. Respondeu Jesus: O primeiro de todos os mandamentos é este: Ouve, Israel: o Senhor teu Deus é o único Deus. — 30. E amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento, de todas as tuas forças. Este o primeiro mandamento. — 31. O segundo, semelhante ao primeiro, é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes. — 32. Disse-lhe então o doutor da lei: Na verdade, Mestre, disseste bem que Deus é um só, que nenhum outro há além dele; — 33, e que o amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento, de toda a alma e com todas as forças, e bem assim o amar o próximo como a si mesmo é coisa de maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios. — 34. Vendo Jesus que o escriba replicara sabiamente, disse-lhe: Não estás longe do reino de Deus. E desde então ninguém mais se atreveu a lhe fazer perguntas.

LUCAS : V. 25. Então, levantando-se, perguntou-lhe um doutor da lei, para o tentar: Mestre, que hei de

fazer para ter a vida eterna? — 26. Respondeu-lhe Jesus: Que é que está escrito na lei? De que modo a lês? — 27. Respondeu aquele: Amarás o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento; e amarás o teu próximo como a ti mesmo. — 28. Jesus lhe observou: Respondeste muito bem; faze isso e viverás.

N. 261. Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo: a Ele, origem e vida de tudo o que é, a Ele, o pai bondoso e justo de tudo o que vive, o juiz reto de todas as vossas ações.

Amai o Senhor vosso Deus acima de tudo, porquanto nesse amor haurireis forças para cumprir todos os vossos deveres, para adquirir todas as virtudes. O amor de Deus é a força da alma, a quem ele deu a esperança da vida eterna. É esse amor que vos aquece os corações, engendra a fé e produz a caridade.

Amai o vosso próximo como a vós mesmos, porquanto, se não possuirdes o sentimento grandioso da fraternidade, não praticareis os atos a que ele dá lugar, sereis ramos secos. Do amor a Deus nascem a submissão, a resignação, a esperança. Praticá-lo consiste em obedecer às leis divinas.

Do amor ao próximo, como a si mesmo, nasce a caridade, sem a qual não fareis boas obras.

A caridade está no socorro que deveis prestar aos vossos irmãos pela vossa inteligência, pelo vosso coração, pela vossa mão direita, deixando esta a outra na ignorância do que fez.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que o orgulho afastará de vós o "pobre", tornando-lhe penoso, *qualquer que seja a sua pobreza, o* auxílio material, moral ou intelectual, que lhe dispensardes.

Sede brandos e humildes, para serdes caridosos, pois que a brandura e a humildade atraem

os mais inacessíveis, animam os mais tímidos, consolam os mais aflitos, purificam os mais *gangrenosos. Não* sejam, porém, somente *dos lábios* a vossa brandura e a vossa humildade, porque *então* já não sereis caridosos.

Quando socorrerdes o pobre a quem falte o pão, não lhe façais ver que dais do vosso supérfluo; não lhe deixeis perceber que cumpris um dever. Ao contrário, dizei-lhe: "Meu irmão, sou feliz por poder vir hoje em teu auxílio. Peço não me esqueças quando, por tua vez, me puderes socorrer."

Quando socorrerdes o pobre, cuja inteligência se ache mergulhada em trevas, não lhe deixeis perceber até onde chega a vossa luz. Não o ofusqueis, nem o humilheis. Dizei-lhe: "Meu irmão, bem pouco sei; mas estou pronto a te ensinar o que sei, se o ignorares. Faze outro tanto comigo, pois bem me podes recompensar do mesmo modo."

Quando socorrerdes o pobre que precisa de conforto para o seu coração, não lhe deixeis sentir que emprestais para que se vos pague no cêntuplo o que adiantastes. Dizei-lhe : "Amo-te, porque és filho de meu pai; amo-te, porque sofres. Tuas lágrimas me fazem chorar, tuas dores me mortificam. Ama-me como te amo. Faze que eu em ti encontre o eco do que em mim vibra, porquanto só no amor acharemos a coragem e a força de caminhar para Aquele que é todo amor. À volta dele e nele está a fonte do amor, que mana em jorros inumeráveis, a nos inundar da sua frescura. Se me amas, sou *feliz* de te amar."

Nunca deixeis que os vossos inferiores, sejam de que natureza forem, percebam que tendes consciência da vossa superioridade. Nunca lhes deixeis compreender que dais justo valor ao serviço que lhes prestais, ao amor que lhes dedicais, porque esse serviço lhes pesaria e esse amor os chocaria.

Amar a Deus acima de tudo é submeter-se a todas as suas leis, que todas se resumem na do amor; é amar o próximo como a si mesmo.

Amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento, de todas as forças, é amá-lo de todo o pensamento, é amá-lo acima de tudo e amar a todas as coisas por amor dele.

Chamamos a vossa atenção para as palavras que Jesus dirigiu ao doutor da lei e para a resposta deste, resposta que o Mestre sancionou, proclamando-lhe a sabedoria nestes termos: *Não estás longe do reino de Deus.*

Sim, não está longe do reino de Deus, isto é, está em via dos rápidos progressos que conduzem à perfeição moral aquele que crê que o Senhor Deus *de Israel* é o único Deus, que um só Deus existe, uno, indivisível, que *nenhum outro além dele há.* Não está longe do reino de Deus aquele que o ama acima de tudo e ama o próximo como a si mesmo; aquele que compreende que esse duplo amor *vale muito mais do que todos os holocaustos, todos os sacrifícios.* Esse não está longe do reino de Deus, porque é *adorador* do pai *em espírito e verdade,* visto que ama a todos os homens como sendo todos irmãos seus e procede para com todos como irmão *deles,* abstração feita dos cultos exteriores. *É adorador* do pai *em espírito e verdade,* porque pratica aqueles dois mandamentos, reconhecendo que neles estão *toda a lei e os profetas,* que eles constituem, portanto, *integralmente,* a lei divina em seu princípio e suas conseqüências, *a única e verdadeira religião de Deus,* a religião universal que há de levar a Humanidade à unidade e, pois, à realização de seus destinos, pela solidariedade na fraternidade.

Amar a Deus acima de tudo e o próximo como a si mesmo é coisa de *muito maior valia do que todos os holocaustos e todos os sacrifícios.* Em qualquer época, no tempo dos Hebreus, como

depois e nos vossos dias, as *exterioridades* do culto, seja este qual for, nada valem perante Deus. As obras tudo são.

Nesses dois mandamentos se contêm toda a lei e os profetas. Praticando-os, material, como intelectual e moralmente, o homem é levado ao cumprimento de todos os seus deveres no seio da grande família humana, debaixo de todos os pontos de vista, social, familiar e individual.

Faze isso e viverás. As obras levam prontamente à vida eterna, a essa vida em que o Espírito, caminhando nas vias da perfeição moral, não mais sofre a morte, libertado que está dos laços da matéria, das constrições da carne.

Citando estas palavras do *Deuteronômio,* cap. VI, v. 4: *"Ouve, Israel: o* Senhor teu *Deus* é o único Deus" e dizendo ao doutor da lei: *Respondeste sabiamente — e não estás longe do reino de Deus,* Jesus sancionava o que o doutor acabara de dizer, isto é, que, "na verdade, não há senão um só Deus, que *outro não há além dele".*

Desse modo Jesus recusava, se eximia de toda divindade como Cristo, proclamando, para base do Cristianismo, que Deus é uno, indivisível, conforme *já o* proclamara Moisés para Israel.

Sim, Jesus nunca pretendeu divinizar-se. Notai que por nenhuma de suas palavras ele jamais conferiu a si mesmo o título de Deus, ao passo que elas muitas vezes se referem a um Deus *único,* como, por exemplo, quando declarou que seu pai era maior do que ele e quando, dirigindo-se a Deus por estas últimas e solenes palavras proferidas pouco antes da hora do sacrifício, disse: "Tu, meu pai, que és o único *Deus* verdadeiro!" (João, VIII, v. 3.)

As necessidades da época, temo-lo dito, exigiam que esta questão ficasse como ficou, até ao momento em que as inteligências se achassem bastante desenvolvidas para aceitarem os misté-

rios da missão de Jesus e bastante humildes para não exigirem que o próprio Deus se houvesse abaixado até aos homens, a fim de lhes resgatar as faltas.

LUCAS, Cap. X, vv. 29-37

Parábola do Samaritano

V. 29. O doutor da lei, porém, querendo parecer justo, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? — 30. Jesus, tomando a palavra, lhe disse: Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu nas mãos de salteadores, que o despojaram, o espancaram e se foram, deixando-o semimorto. — 31. Aconteceu que pelo mesmo caminho desceu um sacerdote, que o viu e passou de largo. — 32. Do mesmo modo, um levita, que também foi ter àquele lugar, viu o homem e igualmente passou de largo. — 33. Um samaritano, porém, seguindo o seu caminho, veio onde estava o homem e ao vê-lo se encheu de compaixão. — 34. Aproximou-se dele, pensou-lhe as feridas, deitando nelas óleo e vinho, colocou-o sobre a sua alimária e o levou para uma hospedaria, onde cuidou dele. — 35. No dia seguinte, tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: Trata desse homem; na minha volta te pagarei tudo quanto despenderes a mais. — 36. Qual dos três te parece que tenha sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? — 37. Respondeu o doutor da lei: O que para com ele usou de misericórdia. Pois vai, disse-lhe Jesus, e faze o mesmo.

N. 262. Deus olha igualmente, com paternal carinho, para todos os seus filhos, quaisquer que sejam a pátria onde nasceram, o idioma que falem, o culto que professem.

Homens, todos *vós sois* irmãos. Praticai, *pois,* a caridade uns com os outros, a caridade do espírito e do coração, a caridade por atos.

Não repilais a nenhum dos *vossos* irmãos, por valerem suas ações menos do que as vossas. Não condeneis nunca, *nunca, ouvi* bem, porque *então* faríeis *como os* fariseus, os levitas, *os* principais Judeus.

Imitai o bom Samaritano. Socorrei a todos os que de socorro precisarem, sem inquirirdes das causas de suas quedas, sem indagardes se podem caminhar direito, quando os houverdes levantado. Começai por socorrê-los. Depois, se vos repelirem, afastai-vos, mas conservando-vos sempre prontos a vir de novo em socorro deles, sem agastamento, sem idéias preconcebidas. Não vos limiteis a providenciar para que o ferido seja tratado: tratai-o vós mesmos, *primeiramente* como o permitirem os meios de que dispuserdes, na medida das vossas forças, dos vossos sentimentos, da vossa inteligência. E logo que as vossas ocupações o consentirem, voltai a tratá-lo pessoalmente. Se o pobrezinho recair, ainda que por culpa sua, demonstrai-lhe tanta doçura, tanta paciência, tanta boa-vontade, que ele não tema confiar-se aos vossos cuidados. Assim fazendo, dar-lhe-eis firmeza aos passos hesitantes, força ao cérebro enfraquecido, calor e vida ao coração paralisado.

Estudai atentamente a parábola do bom Samaritano, porquanto, quaisquer que sejam os ensinamentos tirados desse exemplo que Jesus vos ofereceu e os comentários sobre ele feitos, sempre achareis aí o que aprender, o que meditar. Tratai de apreendê-lo e de o *pôr em prática.*

Duplo fim teve Jesus com essa parábola, em que figurou o Samaritano, que era, ao ver dos Judeus, o *herético, o infiel, o repelido, o réprobo, a* praticar a caridade, e em que apresentou, faltos de caridade, *o sacerdote, o levita, os ortodoxos,* terminando por dizer ao doutor da lei: *"Vai e faze o mesmo". Quis, primeiramente,* mostrar aos homens que, *sejam eles quais forem, são* todos irmãos; que o orgulho é causa de queda, por tornar cega a criatura com relação aos seus deveres; que, perante Deus, não há *heréticos,* nem *ortodoxos;* que a única via de salvação é a caridade. *Quis* proscrever e reprovar, para aquele momento e para sempre, o dogmatismo e a intolerância que deri-

vam da diversidade e do antagonismo de crenças e de cultos externos; proclamar que a fé *sem obras* nada vale, que a fé, aos olhos de Deus, não está em dogmas humanos, frutos exclusivos das orgulhosas interpretações dos homens, mas sim *toda* na caridade, que implica a prática da justiça, do amor, da misericórdia. *Em segundo lugar,* objetivou condenar, de antemão, esta máxima da Igreja Romana: *Fora da Igreja não há salvação e,* condenando-a, consagrar, como *única* verdadeira, esta: *Fora da caridade não há salvação.*

Efetivamente, não há salvação fora da caridade que se exerça e pratique por amor a Deus acima de tudo e por amor ao próximo como a si mesmo, *seja quem for o* próximo: conhecido ou desconhecido, amigo ou inimigo. Não disse ele: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos perseguem ou vos caluniam?

LUCAS, Cap. X, vv. 38-42

Jesus em casa de Marta. — Ninguém deve preocupar-se demasiado com as necessidades do corpo. Dever de se aliarem os cuidados do corpo aos que o Espírito reclama. — O alimento espiritual jamais se deteriora

V. 38. E aconteceu que Jesus, tendo-se posto a caminho com seus discípulos, entrou numa aldeia; e uma mulher de nome Marta o recebeu em sua casa. — 39. Tinha ela uma irmã chamada Maria, que, sentada aos pés do Senhor, lhe escutava a palavra. — 40. Marta, que muito atarefada andava no arranjo da casa, parando diante de Jesus lhe disse: Senhor, não se te dá que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe que me ajude. — 41. O Senhor, porém, respondeu: Marta, Marta, tu te azafamas e perturbas a cuidar de muitas coisas. — 42. Entretanto, uma só é necessária. Maria escolheu a parte melhor, que lhe não seria tirada.

N. *263.* Em conseqüência de os terem os homens falsamente interpretado segundo *a letra,* estes versículos hão servido para autorizar a vida religiosa, com exclusão de todos os cuidados materiais. Esse não foi o pensamento do Mestre. Marta se preocupava mais do que devia com os cuidados do corpo, esquecida de que só o necessário bastaria.

De condição modesta, queria oferecer a Jesus uma hospedagem magnífica. Foi por isso que o Mestre a repreendeu.

O homem tem o dever de velar pela conservação do seu ser. É essa uma lei absoluta, que não lhe é dado abrogar. Mas, não lhe assiste o direito de sacrificar ao supérfluo os cuidados que o Espírito requer.

Jesus disse: "Nem só de pão vive o homem." Sabei, portanto, aliar o cuidado de que necessita

o vosso corpo aos que o vosso Espírito reclama. Uns e outros podem emparelhar, sem prejuízo algum, desde que sejam atendidos com critério. A Maria a primeira idéia que acudira foi, naturalmente, a de aproveitar os ensinamentos de Jesus. Quando duas necessidades se vos fazem sentir, não tratais de atender antes de tudo à mais premente?

Nada de exclusivismos, nem num caso, nem no outro.

"Maria, disse Jesus, *escolheu a parte melhor, que lhe não será tirada". É* que o alimento espiritual jamais se perde. Esse alimento é um grão cujas raízes se prolongam sempre.

Para Maria, como para todos, naquele momento, Jesus trazia um corpo material qual os vossos e não tinha os gostos e as necessidades humanas, contentando-se com pouco. Porque havia ela de se preocupar com inúteis cuidados materiais?

Jesus, como sabeis, só *fazia* refeições diante dos homens, e isso mesmo *na aparência* apenas e não na *realidade,* quando precisava dar uma lição ou exemplo.

MATEUS, Cap. XXII, vv. 41-46. — *MARCOS,* Capítulo XII, vv. 35-37. — *LUCAS,* Cap. XX, vv, 41-44

O Cristo, Senhor de David

MATEUS: V. 41. Como estivessem os fariseus reunidos, Jesus lhes perguntou: — 42. Que vos parece do Cristo? De quem é ele filho? Responderam-lhe os fariseus: De David. — 43. Replicou-lhes Jesus: Como é, então, que David, em Espírito, lhe chama seu Senhor, dizendo: — 44. Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu tenha reduzido teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — 45. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? — 46. Ninguém lhe pôde responder palavra, nem mais ousou alguém, desde aquele dia, interrogá-lo.

MARCOS: V. 35. Ensinando no templo, disse Jesus: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de David? — 36. Pois o próprio David não disse, inspirado PELO Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu reduza teus inimigos a escabelo de teus pés? — 37. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho? Grande multidão se comprazia em ouvi-lo.

LUCAS: V. 41. Mas Jesus lhes perguntou: Como dizem que o Cristo é filho de David, — 42, quando o próprio David diz no livro dos Salmos: Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita, — 43, até que eu reduza teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés? — 44. Ora, se David lhe chama seu Senhor, como é ele seu filho?

N. 264. Fazendo essa observação, tinha Jesus por fim: 1º dar a ver aos homens que nenhum laço carnal o unia a David, nem, *portanto, à* sua descendência; que não pertencia *à* Humanidade; 2º mostrar a distância que havia entre o Espírito de David e o do Cristo de Deus.

Quaisquer que fossem a humildade, a doçura, o desprendimento de Jesus, não vos deveis esquecer da sua origem. Ele é o vosso Senhor e também o nosso. É o filho de Deus, não, porém, do ponto de vista de que vós outros, cristãos, o considerastes, isto é, como sendo o próprio Deus. Ele é uma das suas criaturas, *filho do Altíssimo, filho de Deus e irmão dos homens*, como qualquer Espírito criado. É vosso irmão, mas puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada e, como tal, vosso Senhor, vosso Mestre. (1)

A questão que Jesus propôs aos fariseus e à qual ninguém pôde responder, *só* a nova revelação a resolveria plenamente, porque *só* ela daria a conhecer aos homens, *em espírito e em verdade*, a natureza e a origem do Cristo, sua missão, sua autoridade, seus poderes com relação ao vosso planeta e à humanidade terrestre, o modo e as condições em que se verificou o seu aparecimento na Terra para dar cumprimento à sua missão terrena.

Estas palavras alegóricas: *"Disse o Senhor a meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu reduza todos os teus inimigos a te servirem de escabelo para os pés, isto é, até que se haja completado a obra de regeneração"*, diziam respeito, *veladamente*, à missão de Jesus que, com relação ao vosso planeta, ocupa a direita do Pai, por ser, como é, o encarregado do progresso da Terra, o Espírito que a protege e governa no tocante à sua depuração e à sua transformação física, e bem assim no tocante à depuração e à transformação física, moral e intelectual da sua Humanidade.

---

(1) Ver o que foi explicado a este respeito no 1º. Volume, ns. 55 e seguintes.

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 1-7. — MARCOS, Capítulo XII, vv. 38-40. — LUCAS, Cap. XX, vv. 45-47

Orgulho e hipocrisia dos escribas e dos fariseus. — Ouvi-los, porém não os imitar

MATEUS: V. 1. Falou então Jesus ao povo e a seus discípulos, — 2, dizendo: Na cadeira de Moisés se sentaram os escribas e os fariseus. — 3. Observai e fazei, pois, o que eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porquanto dizem, mas não fazem. — 4. Atam pesados e insuportáveis fardos e os colocam sobre os ombros dos homens e no entanto nem ao menos com o dedo os querem tocar. — 5. Todas as suas ações eles as praticam para serem vistos pelos homens; daí o alargarem seus filactérios e alongarem suas franjas. — 6. Querem os primeiros lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas. — 7. Gostam de que os saúdem nas praças públicas e de que os homens lhes chamem mestres.

MARCOS: V. 38. E lhes dizia, segundo o seu modo de ensinar: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com amplas vestes e de ser saudados nas praças públicas; — 39, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — 40, que devoram as casas das viúvas a pretexto de longas orações. Com mais rigor serão eles julgados.

LUCAS: *V.* 45. Diante de todo o povo que o ouvia, disse ele a seus discípulos: — 46. Guardai-vos dos escribas, que querem andar com longas vestes, que gostam de ser saudados nas praças públicas, de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nos banquetes; — 47, que devoram as casas das viúvas, simulando longas orações. Maior condenação receberão eles.

N. 265. Em todos os tempos, houve sempre doutores que pregam e ensinam, mas não praticam a moral que preconizam. Aí está o escolho.

A semente que dessa forma lançam pode cair em bom terreno e produzir. Mas, também amiúde se perde, porquanto o *exemplo* constitui o melhor ensinamento.

Poderá o discípulo que preparardes queixar-se da severidade dos costumes que lhe impondes, se a observar nos vossos? Se vos vir indulgente para com os outros, deixará ele de compreender a indulgência? Se lhe fizerdes ver como se pratica a caridade, não será mais pronto em se mostrar caridoso? Não amará a seus irmãos, se com ele praticardes o amor?

Entretanto, não desanime aquele que prega e não pratica. Trate de aplicar a si *mesmo o* que ensina por palavras e chegará a *exemplificar os* seus preceitos. E, assim, mais facilmente atrairá as massas, pois que nada é tão eloqüente quanto *o exemplo.*

Não imiteis os escribas e fariseus orgulhosos. Tornai leve o fardo dos vossos irmãos, mostrando-lhes, por vós mesmos, como se pode carregá-lo sem fadiga.

Dar-se-á que o Cristianismo, mas sobretudo o Catolicismo não haja produzido os frutos evangélicos, que deviam produzir, porque, tanto no passado, como no presente, estas palavras do Mestre: *"Observai e fazei o que vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras, porquanto dizem, mas não fazem"* se tornaram freqüentemente aplicáveis aos que hão pregado e ensinado a sua moral, aos escribas e fariseus que lhe tomaram a cadeira, como aos escribas e fariseus que pregavam e ensinavam sentados na cadeira de Moisés?

Sim, de certo. É que mais fácil é falar do que obrar.

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 8-12

Nenhum homem deve desejar ou aceitar o título ou o apelido de mestre. — Deus, único pai. O Cristo, único doutor, único mestre. Os homens, irmãos todos

V. 8. Não queirais vós, porém, ser chamados *mestres,* porquanto um ÚNICO mestre tendes e todos sois irmãos. — 9. A ninguém na terra chameis vosso *pai,* porquanto um ÚNICO pai tendes, que está nos céus. — 10. Nem vos deis o título de *doutores,* porquanto não tendes mais que um só doutor e um só mestre — o Cristo. — 11. Aquele que é o maior entre vós será vosso servo; — *12,* porquanto,. o que se exaltar será humilhado e o que se humilhar será exaltado.

N. 266. Este ensino, que Jesus deu a seus discípulos *e* a todos os homens, assim se resume: Humildade, fraternidade.

Ele interdizia a todos os homens *daquela época e* do *futuro o* uso do título de *pai,* que só cabe a Deus, e bem assim o de *mestre,* que só compete ao Cristo, como protetor e governador do vosso planeta, *o único, como tal,* encarregado dos vossos destinos. Só por orgulho e farisaísmo pode o homem, como fazia outrora, usurpar *ainda* aqueles títulos.

Não vos deixeis empolgar pelo orgulho; não procureis colocar-vos acima de vossos irmãos, fazendo-lhes sentir a vossa superioridade; nunca incenseis inconsideradamente aqueles que julgardes mais elevados do que vós, porquanto, se os colocais acima do lugar que lhes compete, fareis nascer neles o orgulho, com as suas desastrosas conseqüências, do mesmo modo que o despertareis em vós, se vos elevardes.

Também nunca vos rebaixeis, nem vos humilheis diante dos vossos irmãos, pois que só a Deus deveis o vosso incenso e a vossa admiração. Fazei justiça, *com sinceridade, a* quem justiça for devida, mas que nenhum sentimento de abjeta servilidade vos penetre, pois que o vosso orgulho se revoltaria no fundo do vosso coração e faríeis nascer o orgulho no do vosso irmão.

Não esqueçais que quem se tem em alta estima torna-se *desprezível, pois a* estima de si mesmo é considerada como exagerada apreciação do valor próprio, tendência que todos os encarnados descuidosamente deixam se lhes desenvolva no íntimo e que os arrasta a uma dupla falta: a de se orgulharem do mérito que *julgam* ter e a de votarem *desprezo aos* outros, considerando-os inferiores a si. Esse *desprezo muitas vezes se disfarça* com as aparências da *bonomia,* da *condescendência,* da *proteção,* mas nem *por isso deixa* de ser o que é. Tal sentimento se reflete sobre os que o aninham. Descei todos ao fundo das vossas consciências e lá encontrareis esse fermento que queremos destruir. Tão difícil é para o homem uma justa apreciação de si mesmo, que nenhum de vós poderá julgar-se capaz de fazê-la. *Conseguintemente, nunca vos* acrediteis mais dedicado, nem mais caridoso, nem mais probo, nem mais sábio, nem mais apto do que este ou aquele, ou do que o conjunto dos vossos semelhantes, porque, se lhes levais vantagem por qualquer daquelas qualidades, dar-se pode que, com relação a outras, vos acheis muito abaixo deles.

A justa apreciação de si mesmo deve sempre dar ao homem criterioso a convicção de que lhe cumpre trabalhar por destruir em si o que é mau, por cultivar o que é bom, por adquirir o melhor. Não olvideis que aquele que se eleva está perto de cair. Não tenteis, pois, o vosso próximo, provocando nele os ímpetos do orgulho, que poderiam

perdê-lo. Sede eqüitativos, mas nunca sejais lisonjeadores.

Aquele que for o maior entre vós será vosso servo. Se o orgulho o dominar, ele virá a ser vosso servo quando, ao *recomeçar a* sua prova, tiver que se humilhar.

Aquele que se exalta será humilhado e aquele que se humilha será exaltado. Aquele que tenta elevar-se acima dos outros, fazer sentir a sua superioridade, é sempre impelido por um sentimento de orgulho. *No dia da retribuição,* terá que o expiar, do mesmo modo que o humilde de coração (mas não apenas de lábios) terá que receber a sua recompensa.

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 13-22

Escribas e fariseus hipócritas

V. 13. Mas, ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que fechais aos homens o reino dos céus, pois nem entrais nem deixais que entrem os que desejam entrar. — 14. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que, com as vossas longas orações, devorais as casas das viúvas: mais rigoroso será por isso o vosso julgamento. — 15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito e que, depois de o terdes feito, o tornais duplamente mais merecedor da geena do que vós. — 16. Ai de vós, guias cegos que dizeis: Jurar um homem pelo templo nada é, mas aquele que jurar pelo ouro do templo fica obrigado a cumprir o seu juramento. — 17. Estultos e cegos! qual o que vale mais: o ouro, ou o templo, que santifica o ouro? — 18. Jurar pelo altar, dizeis, nada é, mas aquele que jurar pela oferenda que está sobre o altar fica obrigado a cumprir o seu juramento. — 19. Cegos! que é o que mais vale: a oferenda, ou o altar que santifica a oferenda? — 20. Quem, pois, jura pelo altar jura por este e por tudo o que sobre ele está; — 21, quem jura pelo templo jura por este e por aquele que o habita; — 22, quem jura pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que nele está assentado.

N. 267. Ai dos que, afastando-se da senda traçada pelo Justo, dela desviam os que se esforçam por trilhá-la, a fim de os induzir aos erros que propagam.

Ai dos que se abrigam por detrás de uma fé que não têm, a fim de abusarem da credulidade dos homens e desta se aproveitarem para a consecução de seus fins!

Ai dos que, aparentando ter fé, arrastam para suas veredas e fazem cair nos seus desregramentos os que delas se conservavam afastados.

Ai dos pérfidos e dos hipócritas, que mercadejam com as suas orações e vendem as graças do Senhor, assim como a entrada na morada divina!

Ai deles, pois verão quão falsos eram seus caminhos e sentirão quão criminosos eles próprios foram. O remorso e a expiação lhes virão curvar as frontes orgulhosas e dobrar os joelhos inteiriçados!

Cegos guias de cegos, que emaranhais os homens numa teia inextricável de puerilidades culposas, bem sabeis, ó guias de Israel, guias das ovelhas do pastor, bem sabeis que as leis mesquinhas e arbitrárias que decretais são cadeias pesadas que tolhem os passos daqueles que devíeis fazer avançar, que os detêm na sua marcha. E vós outros, cegos também, e que, no entanto, para verdes a luz bastaria abrísseis os olhos, porque vos submeteis a um jugo que a razão repele?

Não jureis, oh! não jureis, raça fraca, nem pelo altar, nem pelo templo, nem pelo céu. Não jureis, que não tendes forças para cumprir os vossos juramentos. Sejam simples as vossas palavras. Dizei apenas : Sim, sim; não, não. Os sentimentos verdadeiros não precisam de palavras fortes para se exprimirem. A simplicidade é companheira da verdade.

Não jureis, não façais juramento e não exijais que vossos irmãos jurem. Sabeis se eles poderão cumprir o que juraram? Sede simples nas vossas palavras como nos vossos atos. Tende por vossa garantia, assim diante dos homens, como diante de Deus: — a pureza do coração.

MATEUS, Cap. XXIII, vv. 23-39. — LUCAS, Cap. XI, vv. 37-54 e Cap. XIII, vv. 31-35

Doutores hipócritas que têm o coração viciado e enganam os homens pelos atos exteriores, que os afastam da luz e da verdade

MATEUS: V. 23. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e não vos importais com o que há de mais importante na lei: a justiça, a misericórdia e a fé, coisas estas que devíeis praticar sem omitir as outras. — 24. Guias cegos, que coais um mosquito e engulis um camelo! — 25. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e que, entretanto, estais por dentro cheios de rapina e de imundicias! — 26. Fariseus cegos, limpai primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo. 27. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, que por fora parecem belos aos homens, mas que por dentro estão cheios de ossadas e podridões! — 28. Assim também vós: exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniqüidade. — 29. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que erigis túmulos aos profetas, que adornais os monumentos dos justos e dizeis: — 30. Se vivêramos nos dias de nossos pais, não os teríamos acompanhado no derramamento do sangue dos profetas. — 31. Testificais, assim, contra vós mesmos, que sois filhos daqueles que mataram os profetas. — 32. Enchei, pois, a medida de vossos pais. — 33. Serpentes, raça de víboras! Como podereis escapar da condenação à geena? — 34. Eis porque vos vou enviar profetas, sábios e escribas que a uns matareis e crucificareis e a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade. — 35. É para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre

o templo e o altar. — 36. Em verdade vos digo que tudo isto virá cair sobre esta geração. — 37. Ah! Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes tenho querido reunir teus filhos, como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos, e não quiseste! — 38. Eis que deserta vos será deixada a casa. — 39. Porque, eu vos declaro que desde agora não mais me vereis, até que digais: Bendito seja o que vem em nome do Senhor.

LUCAS: XI, v. 37. E estando a falar, um fariseu o convidou para jantar. Ele lhe entrou em casa e tomou lugar à. mesa. — 38. Começou então o fariseu a dizer de si para si : Porque não se lavou ele antes de comer? — 39. Disse-lhe então o Senhor: Vós, os fariseus, limpais o exterior do copo e do prato, mas o vosso intimo está cheio de rapina e de iniqüidade. — 40. Insensatos! aquele que fez o que está por fora não fez também o que está por dentro? — 41. Entretanto, dai de esmola o que tendes e eis que todas as coisas se vos tornarão limpas. — 42. Mas, ai de vós fariseus, que pagais o dízimo da hortelã, da arruda, de todas as ervas e desprezais a justiça e o amor de Deus! Estas coisas, porém, é que devíeis primeiro praticar, sem omitirdes as outras. — 43. Ai de vós, fariseus! que gostais das primeiras cadeiras nas sinagogas e de que vos saúdem nas praças públicas. — 44. Ai de vós, que sois como os sepulcros que não aparecem e por sobre os quais andam os homens sem o saberem. — 45. Observou-lhe então um dos doutores da lei: Mestre, falando assim, também a nós outros nos afrontas! — 46. Respondeu Jesus: Ai, também de vós, doutores da lei, que carregais os homens de fardos que eles não podem suportar e nos quais não tocais sequer com a ponta do dedo. — 47. Ai de vós, que erigis túmulos aos profetas, quando foram vossos pais que os mataram. — 48. Certo, dais assim testemunho de que concordais com as obras de vossos pais, pois que estes os mataram e vós lhes construís os túmulos. — 49. Por isso mesmo disse a sabedoria de Deus: Enviar-lhes-ei profetas e apóstolos e a uns eles matarão e a outros perseguirão, — 50, para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o

princípio do mundo, — 51, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta geração contas serão pedidas. — 52. Ai de vós, doutores da lei, que vos apoderastes da chave da ciência e que não entrastes e impedistes a entrada aos que queriam entrar. — 53. Como desta maneira lhes falasse, começaram os fariseus e os doutores da lei a insistir fortemente com ele, importunando-o com perguntas sobre muitos assuntos, — 54, armando-lhe assim ciladas com o fim de nalguma de suas palavras acharem motivo para o acusar.

LUCAS : XIII, v. 31. Naquele mesmo dia, alguns fariseus lhe vieram dizer: Retira-te, vai-te daqui, porque Herodes te quer matar. — 32. Respondeu-lhes Jesus: Ide dizer a essa raposa que hoje e amanhã ainda tenho que expulsar os demônios e curar os enfermos e que no terceiro dia serei consumado. — 33. Todavia, cumpre que eu caminhe ainda hoje, amanhã depois de amanhã, porque não convém que uni profeta morra fora de Jerusalém. — 34. Jerusalém! Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis reunir teus filhos como a galinha reúne debaixo das asas os seus pintos não quiseste! — 35. Eis que deserta vos será deixada a vossa casa. E eu vos digo em verdade que não mais me vereis até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!

N. 268. (MATEUS, v. 23; LUCAS, XI, v. 42.) "Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que pagais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho, da arruda de todas as ervas e que omitis, negligenciais o que há de mais importante na lei: a justiça e o amor de Deus, a misericórdia e a fé; coisas estas de que devíeis cuidar primeiro, sem omitirdes as outras."

Tratai de bem compreender o valor destas palavras de Jesus, vós que vendeis as orações, vós que as comprais, vós que fazeis doações às igrejas e aos conventos, pensando que *assim* resgatais vossas faltas e *pagais a* Deus a sua justiça. Compreendei-as bem, pois que fazeis como os escribas e

os fariseus hipócritas, limitando-vos à prática de atos exteriores, prosternando-vos diante dos vossos altares, curvando as frontes com aparente humildade, mas conservando os corações cheios de fel, de orgulho, de inveja, e confiando no número das orações que murmurastes distraidamente, no das genuflexões que executastes, no das esmolas que deitastes nos mealheiros das igrejas, sem atentardes em que esses números se apagam à menor falta de caridade que os vossos corações denotem.

Não vos curveis tantas vezes nos templos, mas curvai-vos, uma vez por outra, sobre o desgraçado que encontrardes caído, para o levantardes. Não vos ajoelheis tantas vezes no chão dos vossos templos, porém, elevai com mais fé, reconhecimento e amor os vossos corações ao Senhor. Não lanceis no tesouro do templo, com tanta ostentação, o dízimo das plantas inúteis que cultivais, mas, antes, abri mão, ocultamente, do dinheiro da viúva, do órfão, do pobre.

Entretanto, não vos isenteis dos deveres que os vossos cultos impõem, porquanto ainda agora, como ao tempo dos Hebreus e até que estejais bastante adiantados moral e intelectualmente, bastante purificados para não mais adorardes o pai no monte ou em Jerusalém, para serdes adoradores do pai em espírito e verdade, é necessário que tenhais um freio. Fazei, porém, de modo que o cumprimento de tais deveres seja uma homenagem sincera, sinceramente prestada ao grande Ser que reina sobre o Universo e não a marcha monótona e regular da máquina que funciona, porque tem que funcionar. Não vos limiteis às práticas exteriores dos vossos cultos, omitindo, negligenciando a adoração verdadeira e a caridade do coração e dos atos, as quais, quando praticadas, constituem o amor a Deus, a justiça, a misericórdia e a fé.

(Mateus, vv. 24-28; Lucas, XI, vv. 38-41, 43 e 52.) As palavras de Jesus constantes destes versículos também abrangiam, de acordo com o seu

pensamento, a época em que eram proferidas e o futuro, sendo ainda aplicáveis aos tempos atuais. Ai dos que, limitando-se aos atos exteriores *da fé,* cobrindo-se com manto de hipocrisia, não praticam as virtudes que pregam aos outros. Ai deles, pois que se condenam a si mesmos, por suas próprias bocas se acusam perante o Senhor!

Ai dos que fazem para si uma capa de boas obras *fementidas,* que a tanto equivalem as boas obras *aparentes,* com o fim exclusivo de as impor *aos homens,* e que, *assim* ocultando as iniqüidades que lhes pejam as consciências, atraem os outros e os enganam pelos semblantes que lhes apresentam.

Ai dos que, sabendo onde está a verdade, dela afastam seus irmãos, para que não se torne conhecida, para que suas iniqüidades não sejam, conseguintemente, patenteadas! Ai dos que, sabendo onde está a luz, a escondem, para que seus raios desapareçam e as deformidades de suas almas não sejam vistas por seus irmãos.

Ai dos que, tendo-se apoderado *da chave da ciência,* nela *não* penetraram e *lhe vedam a entrada aos que desejariam entrar.* Ai desses, porquanto os que conhecem a verdade têm que viver segundo os seus ensinamentos. Eles possuem a chave: se não entram no caminho que se lhes abre diante dos passos *e desse caminho desviam os que lhes cumpria conduzir por ele, duplamente* culpados se tornam.

Ai dos que, conhecendo a verdade, a velam ou mascaram, *a fim de poderem mais facilmente encaminhar o homem para as sendas tenebrosas, por onde eles próprios enveredam.* São aparentemente escrupulosos; são-no para suas consciências e para as de seus discípulos. No fundo, porém, a iniqüidade é que os impele. Incapazes de seguirem o caminho da verdade, *afastam dele os que desejariam trilhá-lo,* dizendo-lhes: "Segui-nos, *só* nós conhecemos o caminho mais seguro; quem não

nos acompanha os passos se perde." Oh ! ai deles, ai desses *guias cegos de um rebanho de cegos!* Terão que dar conta de todas as ovelhas que houverem perdido, de todas as que hajam *impedido* de salvar-se! Ai dos que ocultam a luz! Sua claridade viva os *cegará!*

Ai dos hipócritas, dos falsários, dos velhacos, que ensinam como verdades o que sabem ser erros, que abrem estradas tenebrosas pelas quais não quereriam aventurar-se, *no sentido* de que não abrigam em seus corações os princípios que impõem aos outros. Ai deles, porque se condenam por si mesmos diante do Senhor! Põem sobre os ombros de seus irmãos um fardo pesado e não consentem em suportar o menor embaraço. Mentem aos homens, mas não podem mentir ao Senhor. E o Senhor lhes pedirá severas contas de suas ações desde o começo dos séculos, desde o começo de suas iniqüidades.

(Mateus, vv. 29-39; Lucas, XI, vv. 47-51; e XIII, vv. 31-35.) Dizendo o que consta destes versículos, aludia Jesus à morte e às perseguições que os profetas tinham sofrido, ao sacrifício que breve se consumaria no Gólgota, às perseguições, ao martírio e à morte que os apóstolos, os discípulos, os primeiros cristãos viriam a sofrer, aos esforços que ele fizera para reunir as ovelhas em torno do cajado do bom pastor, à destruição de Jerusalém, à dispersão dos Judeus e, finalmente, à época alegórica do fim do mundo, isto é, à época em que, operada pela depuração e transformação do vosso planeta e da humanidade terrena a regeneração desta, vindo o vosso protetor, governador e mestre em toda a sua glória, os homens (Judeus e Gentios), regenerados, clamarão, num brado uníssono de amor, como outrora a multidão que o acompanhava à sua entrada na cidade santa: *Bendito o que vem em nome do Senhor.*

Chamamos a vossa atenção muito especialmente para estas palavras do Mestre:

MATEUS, vv. 35 e 36: É para que sobre vós venha todo o sangue inocente que há sido derramado na terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o templo e o altar. EM VERDADE VOS digo que tudo isto virá sobre esta geração. — LUCAS, XI, vv. 50 e 51: Para que a esta geração se peça conta do sangue de todos os profetas, derramado desde o principio do mundo, desde o sangue de Abel até o sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo. Sim, eu vos declaro que a esta geração contas serão pedidas.

Estas palavras, no seu sentido *oculto,* se referem à reencarnação. Deus é infinitamente justo para não punir nos descendentes as faltas dos ascendentes, *se aqueles não foram cúmplices destes.* Jesus, pois, falava assim porque os que haviam matado os profetas ali estavam na sua presença, dispostos a derramar, *segundo o modo de ver dos homens, o* sangue do Cristo. Eles teriam, portanto, que prestar contas de todo o sangue que anteriormente haviam derramado e de todo o que ainda derramariam. Mistérios são estes da reencarnação, *única* chave que nos permite penetrar o sentido das palavras do Mestre e harmonizar a justiça do Senhor com a sua bondade. Se souberdes procurar, encontrareis sempre, nos ensinamentos de Jesus, dominando-os, esse pensamento, pronto a ser desvendado *logo que o momento chegasse.*

O sangue que os Hebreus derramaram corria sempre, vindo a cair, *por meio da reencarnação,* sobre a cabeça de seus descendentes *segundo a carne,* mas efetivamente sobre a cabeça dos que o tinham vertido em suas existências anteriores, até que ficassem purificados pelo fogo.

Não tomeis aqui esta palavra *no seu sentido literal,* mas sim na sua significação *simbólica, a* de que o fogo tudo purifica. *O fogo* era considerado como o princípio purificador, como o agente

destinado a fazer subir aos pés do eterno os perfumes do incenso e o ardor dos sacrifícios. Essa a razão por que a todo o instante se fala do *fogo* para purificar os pecadores. Trata-se do *fogo moral* dos remorsos, da expiação, que leva o Espírito culpado ao arrependimento e ao desejo de reparar suas faltas, à purificação pela reparação e pelo progresso.

MARCOS, Cap. XII, *vv.* 41-44. — *LUCAS,* Cap. XXI, vv. 1-4

O óbolo da viúva

MARCOS: V. 41. Tendo-se sentado defronte do gazofilácio[18], observava Jesus como o povo deitava ali o dinheiro. Muitos dos que eram ricos deitavam grandes quantias. — 42. Veio, porém, uma viúva pobre que deitou apenas duas pequenas moedas, equivalentes a um quadrante[19]. — 43. Chamando então seus discípulos, Jesus lhes falou assim: *Em verdade* vos digo que esta pobre viúva mais deitou no gazofilácio do que todos os outros; — 44, porquanto, todos os outros deram do que lhes sobrava, ao passo que ela, da sua mesma indigência, deu tudo o que possuía, tudo o que tinha para seu sustento.

LUCAS: V. 1. Olhando, viu Jesus os ricos a lançarem suas dádivas no gazofilácio. — 2. Viu também uma viúva pobre deitar ali duas pequenas moedas. — 3. Disse então: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deu mais do que todos os outros, — 4, porquanto, os outros fizeram a Deus a oferta do que lhes superabundava, ao passo que ela, da sua pobreza, deu tudo o que lhe restava para seu sustento.

N. 269. Estes versículos dispensam comentários. Facilmente compreensível é a lição que, por aquelas palavras, deu Jesus aos homens. Toda caridade é meritória, quando feita com desinteresse, sem orgulho, nem ostentação. Maior, porém, do que a do rico que dá do que tem em abundância, *sem de nada se privar, é a* dádiva daquele que dá o que lhe *é* indispensável a outro a quem

[18] Espécie de mealheiro, ou arca, onde, no templo, se deitavam as ofertas.

[19] Moeda do valor aproximado de um centavo.

falta o necessário. Esse se acha mais adiantado na via da caridade do coração. Daí vem que o óbolo da viúva e do pobre pesam mais na balança de Deus do que o ouro do rico.

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 1-14. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 1-13. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 5-19

Respostas de Jesus à pergunta que lhe fizeram os discípulos acerca do seu advento e do fim do mundo, bem como sobre os sinais prenunciadores de uma e outra coisa. — Guerras. — Sedições. — Pestes. — Fomes. — Falsos profetas. — Afrouxamento da caridade. — Perseguições. — Assistência do Espírito Santo. — Língua e sabedoria dadas por Deus. — Paciência. — Perseverança

MATEUS: V. 1. Tendo saído do templo, Jesus se ia embora, quando dele se aproximaram os discípulos para lhe fazerem notar as edificações do templo. — 2. Disse-lhes ele então: Estais vendo tudo isto? Em verdade vos digo que aqui não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada. — 3. E estando sentado no monte das Oliveiras, os discípulos o cercaram e assim lhe falaram em segredo: Dize-nos quando sucederão estas coisas e qual será o sinal de tua vinda e do fim do mundo. — 4. Jesus respondeu: Vede que ninguém vos engane, — 5, pois que muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e a muitos enganarão. — 6. Haveis de ouvir falar de guerras e rumores de guerra. Vede bem, não vos turbeis, porquanto é necessário que assim aconteça, mas não será ainda o fim; — 7, pois, nação se levantará contra nação, reino contra reino, e haverá pestes, fomes terremotos em diversos lugares. — 8. Todas estas coisas, porém, são apenas o princípio das dores. — 9. Sereis então entregues à tribulação e vos matarão; todas as nações vos odiarão por causa do meu nome. — 10. Ao mesmo tempo muitos se hão de escandalizar e se trairão uns aos outros e uns aos outros se odiarão. — 11. Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitos. — 12. E, porque abundará a iniqüidade, a caridade de muitos esfriará. — 13. Aquele, entretanto, que perseverar até ao fim, será salvo. — 14. E este Evangelho do reino será pre-

gado por todo o orbe para dar testemunho a todas as nações. Então virá o fim.

MARCOS : V. 1. Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Olha, Mestre, que pedras e que edifícios! — 2. Respondeu-lhe Jesus: Vês todos estes grandes edifícios? Serão de tal modo destruídos que. não ficará pedra sobre pedra. — 3. E como tivesse ido sentar-se no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, Tiago, João e André o interpelaram em particular, desta forma: — 4. Dize-nos quando acontecerão estas coisas e qual será o sinal de que estão prestes a cumprir-se? — 5. Entrou então Jesus a lhes dizer: Vede que ninguém vos seduza. — 6. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu o Cristo e enganarão a muitos. — 7. Quando ouvirdes falar de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis, pois é necessário que isso aconteça; mas ainda não será o fim. — 8. Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; haverá por diversos lugares terremotos e fomes. Estas coisas serão apenas o começo das dores. — 9. Estai atentos, pois vos hão de entregar aos concílios e de açoitar nas sinagogas. Haveis de comparecer perante os reis e governadores por minha causa, para lhes dardes testemunho de mim. — 10. Mas é preciso que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações. — 11. Quando vos conduzirem para vos entregarem, não premediteis o que haveis de dizer; dizei o que vos for inspirado no momento mesmo; porquanto, não sois vós quem fala e sim o Espírito Santo. — 12. Então o irmão entregará seu irmão à morte e o pai entregará o filho; os filhos se levantarão contra os pais e lhes darão a morte. — 13. Sereis odiados de todos por causa de meu nome. Mas aquele que perseverar até ao fim será salvo.

LUCAS: V. 5. Como alguns lhe falassem do templo, referindo-se às belas pedras e aos magníficos donativos[20], que o ornavam, disse Jesus: — 6. Tempo virá em que isto que vedes será de tal modo

[20] Estes donativos eram, entre outros, o painel de ouro que o Rei Ptolomeu ofereceu e a parreira de ouro oferecida por Herodes, o Grande. *(N. do T.)*

destruído que não ficará pedra sobre pedra. — 7. Perguntaram-lhe então: Mestre, quando sucederá isso e qual será o sinal de que essas coisas vão começar a cumprir-se? — 8. Ele respondeu: Vede que não vos deixeis enganar, pois muitos virão em meu nome dizendo: Sou eu o Cristo; e esse tempo se aproxima; guardai-vos de os seguir. — 9. Quando ouvirdes falar de guerras e sedições, não vos assusteis, porquanto cumpre que primeiro tais coisas sucedam, mas o fim não virá logo. — 10. E acrescentou: Levantar-se-á nação contra nação, reino contra reino; — 11, haverá grandes terremotos, pestes e fomes em diversos lugares; aparecerão coisas espantosas e no céu grandes prodígios. — 12. Antes, porém, de tudo isso, prender-vos-ão e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e metendo-vos nas prisões, levando-vos à presença de reis e governadores por causa do meu nome. — 13. Servirá isso para dardes testemunho da verdade. — 14. Gravai nos vossos corações que não tendes que premeditar do como respondereis; — 15, pois que vos darei uma boca e uma sabedoria a que os vossos inimigos não poderão resistir nem contradizer. — 16. Sereis entregues mesmo pelos vossos pais, irmãos, parentes e amigos e a alguns de vós morte será dada. — 17. Todos vos odiarão por causa do meu nome. — 18. Mas, nem um só cabelo das vossas cabeças se perderá. — 19. Pela vossa paciência possuireis vossas almas.

N. 270. (Mateus, vv. 1-2-3; Marcos, vv. 1-2-3-4; Lucas, vv. *5-6-7.) As* palavras ditas por Jesus, respondendo a esta pergunta dos discípulos: *Mestre, quando sucederão estas coisas e qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo?* tiveram por escopo manter os povos sempre alerta, a pressentirem os acontecimentos que teriam de ocorrer na marcha ordinária dos séculos. *Tiveram por fim* pôr em guarda, não os apóstolos diretamente, mas *as* gerações que se haviam de suceder. Eram alegóricas no sentido de que, *pela letra,* apresentavam aqueles sucessos como um encaminhamento para *o* fim do planeta, ao passo que, *segundo o espírito, em verdade,* aludiam a fases de progres-

so, de depuração, de transformação da Terra e da Humanidade e à vinda do mesmo Jesus, em todo seu fulgor espírita, ao vosso mundo então purificado, como visível soberano de seus habitantes, igualmente purificados.

Tudo era apropriado aos tempos e às necessidades da época. O mesmo se dá com relação à em que viveis. A verdade está no que se vos diz, mas, *em certos casos,* não o está *completa.* Nem tudo se vos revelou ainda, pois que ainda não estais suficientemente amadurecidos. As revelações correspondem sempre às necessidades do momento e preparam os tempos vindouros. O homem repele isto, porque o seu orgulho lhe diz que ele se acha apto a compreender tudo e com forças para tudo receber. Não quer admitir que apenas saiu da infância e que só pouco a pouco, depois que haja aberto mão de todas as frivolidades, o véu irá sendo gradualmente levantado, para lhe deixar ver progressivamente a verdade.

(Mateus, vv. 4 e 5; Marcos, vv. 5, 6; Lucas, v. 8.) Estas palavras: *"Vede que ninguém vos engane; pois que muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o* Cristo, *e a muitos enganarão",* se referiam, no pensamento de Jesus, àquela época e ao futuro. Aplicam-se aos tempos atuais e aos que hão de vir.

Aplicam-se aos que delas fazem *uma arma,* aos que tomam a si o encargo de conduzir os povos ao Senhor e que os encaminham por falsas veredas.

Tranqüilizem-se os homens: aquele que lhes foi enviado, que se lhes manifestou com um corpo humano aparente, não os abandonou. Ninguém dirá: *"Eu sou aquele* que, por vós, *cumpre o* sacrifício do Gólgota".

Haverá Cristos, *já* os tem havido. No *sentido próprio* dessa palavra, aqui *alegoricamente* empregada, por Cristos deveis entender — Espíritos enviados ao vosso planeta em missão relativamente superior. Já os houve, pois que Espíritos, *relativa-*

mente superiores, em missão, eram todos os que, desde a mais remota antiguidade que possais alcançar, impeliram a Humanidade à realização de um progresso, todos os que se elevaram acima das massas e as dominaram pelas suas virtudes, pelo seu saber, pelo seu gênio, qualquer que tenha sido para com eles a ingratidão dos homens. A superioridade desses missionários, porém, era sempre *relativa ao centro onde encarnavam.*

Cristos haverá e os que como tais vierem terão grandes poderes, grande autoridade, mas nenhum se inculcará como sendo o *Messias, Cristo de Deus, vosso* protetor, governador e mestre. Reconhecê-los-eis, ó homens, vendo-os, a exemplo de Jesus, elevar-se acima das massas pela prática da humildade, da renúncia de si mesmos, do devotamento, da caridade e do amor e pregar pelo exemplo a solidariedade e a fraternidade entre todos, abrindo, alargando, para a Humanidade, a estrada do progresso físico, moral e intelectual.

O Salvador do mundo executa a sua obra. *Aproxima-se o tempo, disse ele, em que muitos virão em meu nome,* dizendo: *Eu sou o Cristo; vede bem, guardai-vos de segui-los.* Estas suas palavras aludiam aos tempos que se seguiriam e a todos os que, declarando-se *munidos* de plenos poderes outorgados pelo Senhor, desviavam, desviam e ainda desviarão os servos de Deus do caminho que a ele conduz. Desconfiai desses Cristos hipócritas, desses falsos profetas, que impõem aos homens leis mentirosas, que os afastam do *culto espiritual,* para os mergulhar nos abusos da *matéria,* que se obstinam em manter o reinado *da letra que mata* contra o advento *do espírito que vivifica.*

Desses é que o homem precisa afastar-se, a esses é que não deve seguir, porquanto do contrário será por eles levado ao caminho da perdição, caminho que não tem termo e cujo percurso lhe será preciso *recomeçar* constantemente, até que

encontre a estrada reta e segura conducente ao átrio do templo eterno, que não pode ser destruído.

(Mateus, vv. 6-7-8; Marcos, vv. 7-8; Lucas, vv. 9-10-11.) "Haverá, disse Jesus, guerras, rumores de guerras, sedições; ver-se-ão povos levantar-se contra povos, reinos contra reinos; haverá, em diversos lugares, pestes, fomes, terremotos." Não foi sempre *assim* e não o é ainda agora?

"Coisas espantosas aparecerão". As coisas espantosas que Jesus tinha em mente e a que suas palavras *aludiam* são as abominações que naquela época os homens praticavam e as que praticariam no futuro. A História não vos fornece disso muitos exemplos?[21]

"Grandes prodígios aparecerão no céu". Em se atentando no *espírito* e no *objetivo* dessas palavras ressalta que Jesus não falava de sinais *materiais.* Uma falsa interpretação do que ele disse é que deu lugar a que se considerassem as revoluções de certos planetas como anúncio do fim do mundo. Os prodígios que se haviam e se hão de ver no céu são as influências sob que vos achareis, como vos tendes achado muitas vezes, influências opostas, que serviram, servem e servirão para desenvolver o raciocínio e o livre-arbítrio e para pôr o Espírito em condições de, no futuro, discernir melhor.

Tal é a explicação geral. Não concluais, porém, daí que nenhuns sinais materiais, como efeitos mediúnicos de ordem física, devessem produzir-se no céu.

Jesus predisse a ruína de Jerusalém. Conforme a História vos transmitiu, durante um ano inteiro foi visto sobre aquela cidade um cometa, que aparentava a forma de uma espada, ao mesmo tempo que em toda a província, antes do nascer

---

[21] Estas palavras eram mediunicamente ditadas no mês de agosto de 1863.

do Sol, se viam, atravessando as nuvens, carros cheios de guerreiros.[22]

O cometa, para os homens, tinha a forma de espada. Os cometas, como sabeis, sempre afetaram mais ou menos essa conformação, terminando em ponta para os que os observam da Terra. Essa forma alongada é que deu origem à crença de que a configuração daquele a que nos referimos era a de uma espada.

A aparição de cometas é freqüente. Sempre os houve mais ou menos visíveis *para os homens.*

Quanto aos carros cheios de guerreiros, atravessando as nuvens, o que havia nesse caso eram manifestações espíritas, efeitos de mediunidade naqueles que as viam. Essas manifestações tinham por fim abalar os Espíritos encarnados, despertando-lhes a atenção. Assim como são freqüentes os cometas, também as visões mediúnicas se produzem freqüentemente entre vós.

"Não *vos* turbeis, disse Jesus, *porquanto* é necessário que assim aconteça, mas não será ainda o *fim;* será apenas o começo das dores."

Tudo aquilo não aconteceu e não acontecerá ainda? Não foi necessário e não o é ainda agora, dadas a inferioridade física do vosso planeta, a inferioridade moral e intelectual da humanidade terrena?

Todas aquelas coisas não são ainda necessárias para que chegue o fim, pela execução das leis imutáveis do progresso, do desenvolvimento, da transformação, tanto planetária como da Humanidade e de tudo o que vive sobre a Terra, o que tudo, segundo a sabedoria infinita do Criador, provém do infinitamente pequeno e atinge o infinitamente grande?

---

[22] Ver, com efeito, Joséphe — De Bello Judeorum, liv. 6, v. 3.

(Mateus, vv. 9-13; Marcos, vv. 9-13; Lucas, vv. 12-17.) São alegóricas todas as palavras do Mestre constantes destes versículos, isto é: nenhuma delas se aplica taxativamente e exclusivamente aos apóstolos. Não lhes disse Jesus que eles veriam *aquelas coisas — o* seu advento e o fim do mundo — *e que a geração a que pertenciam não passaria* sem que tais coisas *tivessem acontecido?* Por aqui se evidencia que a idéia da reencarnação dominava o pensamento do Mestre. Ora, suas palavras não passarão. Assim, a geração *de Espíritos,* a quem ele anunciava aqueles sucessos, vê-los-ão realizar-se.

Ao aproximar-se o termo da sua missão terrena, Jesus repete a seus apóstolos as instruções e advertências que lhes dera ao começá-la. Têm cabida aqui as explicações que a tal respeito já recebestes (n. 139). Não precisamos reproduzi-las; reportai-vos a elas.

Ele, em mente, aludia às perseguições a que se veriam sujeitos os que se afastassem dos caminhos *forçados,* isto é: dos falsos caminhos que lhes seriam *impostos.* E não sois testemunhas das perseguições que, desde o tempo dos apóstolos até hoje, se desencadearam contra todos os que hão procurado descobrir a verdade, sentindo que esta não era tal como queriam que eles a aceitassem?

Aludia *também* às perseguições religiosas que ainda se praticam em muitas partes[23], embora para vós já tenham deixado de existir, e que estão na iminência de recomeçar, mesmo entre os povos mais civilizados. É questão apenas de ocasião. O menor pretexto servirá para desencadear paixões, por enquanto adormecidas. Não vos predizemos guerras religiosas como as que já houve. Referimo-nos a vinganças particulares, a perseguições disfarçadas. Exercê-las-ão os que, sentindo

[23] Estas palavras foram mediunicamente dita-das no mês de agosto de 1863.

abalado o pedestal que para si construíram, se atiram contra todos os que sejam suspeitados de querer derribá-lo.

(MATEUS, vv. 11 e 12.) Muitos falsos profetas se levantarão, disse Jesus, e seduzirão a muitos. E, porque abundará a iniqüidade, a caridade de muitos esfriará.

Alusão a todos os doutores da lei que surgiriam desfigurando-lhe os ensinos, falseando-lhe as palavras, para lhes dar uma interpretação contrária à lei de Deus, porém mais conforme às suas necessidades, aos seus interesses pessoais e às suas ambições.

A maioria se transviou acompanhando esses falsos profetas e se afastou da senda que deveram trilhar. A minoria, os que procuram manter-se nas sendas do amor e da caridade, *sem pagar o tributo de submissão àqueles falsos profetas, fo*ram e ainda são infamados, repelidos por eles e seus discípulos, manietados pelas cadeias que lhes impõem.

(LUCAS, v. 18.) Mas, disse também Jesus, nem um só cabelo das vossas cabeças se perderá.

Qualquer que seja a sorte da matéria, o. Espírito triunfará.

(LUCAS, v. 19.) Pela vossa paciência possuireis vossas almas.

Pela vossa paciência sereis senhores de vós mesmos e não cometereis nenhum ato, nem direis palavra alguma, que vos possam prejudicar o adiantamento do Espírito.

(MATEUS, v. 14; MARCOS, v. 10.) E este Evangelho do reino será pregado por todo o orbe para dar testemunho a todas as nações.

As verdades que Jesus ensinou se disseminarão. A fé em Deus, o amor e a caridade hão de envolver o mundo. Bem vedes por aí quão distantes estais do momento predito pelo Mestre. Entretanto, o Espiritismo foi dado ao mundo para fazer chegar mais depressa esse momento, impelindo os homens, sejam eles quais forem, seja qual for o culto a que obedeçam, a receber a boa-nova, a ouvir com alegria a pregação do Evangelho da paz e do amor.

Então virá o fim.

Virá o fim, porque, praticando *sinceramente* todos os homens a lei de amor, trabalhando com ardor, em comum, pelo progresso de todos e de cada um, o Espírito se desligará mais prontamente da matéria, que, por sua vez, mudará de *natureza, acompanhando a* marcha *ascensional do Espírito.*

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 15-22. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 14-20. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 20-24

Abominação da desolação no lugar santo. — Males extremos. — Cerco de Jerusalém

MATEUS: V. 15. Quando, pois, virdes implantada no lugar santo *(entenda-o quem ler)* a abominação da desolação predita pelo profeta Daniel, — 16, então fujam para os montes os que estiverem na Judéia — 17, e o que se achar no eirado não desça para tirar de sua casa qualquer coisa, — 18, e o que estiver no campo não volte para tomar a capa. — 19. Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem nesses dias. — 20. Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno nem num dia de sábado; — 21, pois que então a tribulação será tal como nunca houve desde o principio do mundo até o presente, nem haverá jamais. — 22. E se não se abreviassem esses dias, ninguém se salvaria; mas, por amor dos escolhidos, eles serão abreviados.

MARCOS : V. 14. Mas, quando virdes implantada a abominação da desolação onde não deve estar *(entenda-o quem ler),* então fujam para os montes os que estiverem na Judéia; — 15, o que estiver no eirado não desça para tirar de casa qualquer coisa; — 16, e o que estiver no campo não volte para tomar a sua capa. — 17. E ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem nesses dias. — 18. Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno; — 19, pois que a grande tribulação desses dias será tal como nunca houve desde o princípio da criação do universo até agora, nem haverá jamais. — 20. E se o Senhor não abreviasse esses dias, nenhum homem se salvaria; mas, por causa dos eleitos, que escolheu, ele os abreviou.

LUCAS : V. 20. Quando virdes Jerusalém cercada por exércitos, sabei que então a sua desolação está próxima. — 21. Os que a esse tempo se acharem na Judéia fujam para os montes; retirem-se os que es-

tiverem dentro da cidade e nela não entrem os que se acharem nas suas cercanias; — 22, pois esses serão os dias da vingança, a fim de que se cumpra tudo o que está na Escritura. — 23. Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem! porquanto oprimida de males será a terra e a cólera pesará sobre este povo. — 24. Muitos cairão a fio de espada, muitos serão levados em cativeiro para todas as nações e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que se cumpram os tempos das nações.

N. 271. As palavras de Jesus, segundo Mateus e Marcos, foram tomadas ao pé da *letra e* não *em espírito e verdade, no* seu sentido próprio, isto é, como alusivas aos vícios de que cumpre a Humanidade se depure e aos abalos físicos por que a Terra tem de passar para sua depuração e transformação, que se hão de efetuar em correspondência com a depuração e a transformação moral e física da mesma Humanidade.

Aproximam-se os tempos, é certo, pois a abominação da desolação *(entenda o que lê aquele que ler)* se acha implantada onde não devera estar e se estende por sobre os homens. Os vícios se ocultam à sombra dos átrios dos templos. A luxúria, a avareza, a inveja, o orgulho, o luxo se apoderaram dos corações, que só deveram abrigar o amor de Deus e do próximo.

Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem, pois que as criancinhas estarão confiadas a esses guias infiéis que lhes profanam as inteligências juvenis, semeando nelas frutos de iniqüidade.

Ai de vós, pois que se aproxima o inverno, a áspera estação, em que aumentará o vosso sofrimento. Pedi ao Senhor que o afaste por mais algum tempo, a fim de terdes o de revestir-vos de roupas quentes, antes de nele entrardes. Não pareis no caminho, não saiais donde estejais; não façais provisões próprias da matéria. Executai o vosso trabalho onde o Senhor vos haja colocado.

Não olheis para trás, apressai-vos em concluir a vossa tarefa, a fim de que ela esteja terminada quando chegar o tempo premarcado.

Profundamente vos engolfastes nas trevas e poucos dentre vós teriam podido sair delas, se o Senhor não vos houvesse enviado a luz. Sede, portanto, do número dos justos, que hão de ser sal-vos, isto é: do número dos que, em vez de serem rechaçados para mundos inferiores, serão admitidos a acompanhar a marcha ascensional do espírito do vosso planeta regenerado.

Preparai-vos de antemão as roupagens da caridade e do amor, que vos preservarão dos rigores do frio e não temais que o inverno vos surpreenda.

Dai-vos pressa em executar a vossa obra, seja qual for e onde a tiverdes começado, a fim de que esteja concluída quando dela o Senhor vos pedir conta. Ide e enchei-vos de coragem, pois que os dias de sofrimento foram abreviados. O Senhor vos mandou o amparo, que vos ajudará a transpô-los, a luz que vos clareará a estrada, o bálsamo que vos curará as feridas.

(Mateus, vv. 16-18; Marcos, vv. 14-16.) Estas palavras de Jesus se referem aos revolvimentos físicos que o vosso planeta sucessivamente experimentará para entrar numa nova fase. Aludem aos tremores de terra, que se produzirão em certas partes do globo terráqueo. Os que forem surpreendidos por esse flagelo não terão tempo, nem possibilidade, de fugir. Será inútil que o tentem.

(Mateus, vv. 19-21; Marcos, vv. 17-29.) Que esses acontecimentos não vos colham sem que estejais *espiritualmente* em guarda, sem que estejais *preparados* para suportar essas calamidades, inevitáveis numa renovação planetária.

O frio sucederá ao calor e o inverno ganhará a natureza toda. O fogo consumirá o que o gelo não haja destruído. A transformação mediante a qual o vosso planeta, depois de passar do estado

material a estados sucessivamente menos materiais, atingirá o estado fluídico, não se operará, assim como a transformação pessoal, instantaneamente.

Para lá chegardes, a natureza dos elementos que vos compõem mudará parcialmente e, para que o equilíbrio não deixe de existir, toda a massa tem que se deslocar e mudar gradualmente de direção, conseguintemente de atmosfera, em busca de um meio próprio sempre a equilibrá-la. Afastando-se do centro gradualmente, pelo seu deslocamento, a esfera terrestre irá pouco a pouco se avizinhando do meio que terá de ocupar no momento da vossa transformação.[24]

A renovação planetária, a dos reinos da Natureza e a da Humanidade se operarão parcialmente e sucessivamente, de modo progressivo e contínuo. Porventura percebeis diariamente, pelas revoluções anuais do vosso globo e pelas crises planetárias *preparatórias* do seu progresso e da sua transformação, a distância que percorreis e que vos afasta do centro onde ele haure o calor e a fecundidade?

Por efeito do seu afastamento desse centro o resfriamento se irá fazendo sentir nos pontos menos expostos aos raios do Sol, os gelos alargarão seus domínios e a fermentação interior da Terra provocará explosões, que expelirão de seu seio as matérias primárias, as quais abrem assim para si uma saída, a fim de se perderem na imensidade, deixando que a densidade da Terra se torne gra-

[24] *É* assim que, nos termos da revelação *velada* feita a João *(Apocalipse,* cap. V, v. 11) "a terra e o céu fugirão" — progressivamente — "e que não mais se encontrará sequer o lugar que antes ocupavam", quando estiver terminada a ascensão do vosso planeta às regiões superiores, depois às regiões dos fluidos puros. O que se dará, por efeito desse deslocamento e dessa ascensão depois, está indicado, tamb*ém veladamente,* pelas palavras de Jesus que os evangelistas registaram.

dativamente a que é necessário ela tenha no meio que virá a ocupar. Se houvéssemos de explicar os fatos que se darão, preciso nos seria criar palavras novas com que designássemos as matérias primárias a que aludimos. Designá-las-emos pelos nomes de lava, betume, asfalto, matéria vulcânicas, para que o espírito humano compreenda, pelo que lhe está sob as vistas, o que em tempo dado poderá acontecer.

Os homens de então, mais elevados e purificados do que hoje, não terão, *na sua maioria, as* mesmas necessidades que agora, pois que as necessidades humanas se modificarão como a atmosfera.

Será esse o momento em que, refugiando-se nos pontos ainda habitáveis para a Humanidade, os encarnados menos adiantados procurarão um asilo que só encontrarão no progresso moral.

Dissemos: *na sua maioria,* porque haverá sempre, como sempre houve, graus diversos de adiantamento entre as criaturas. Podem porventura as necessidades dos mais adiantados ser as mesmas que as dos inferiores? Não há ainda entre vós, que tão imperfeitos sois, tribos que dia a dia tendem a desaparecer? É que a civilização humana se estende como uma rede e está prestes a colhê-los todos. É que também o progresso moral irá avançando de povo em povo, esmagando os mais recalcitrantes até que igualmente enveredem pelo caminho que todos hão de percorrer. Compreendei bem isto: mesmo quando houverdes alcançado o grau de adiantamento planetário que vos está prometido, haverá sempre diversos graus de inteligência, de saber, de perfeição entre os homens.

Só os que obstinadamente se recusarem a progredir serão excluídos, até que se tenham penitenciado pela expiação, pela reparação e pela realização do progresso relativamente necessário a serem *admitidos.*

Não esqueçais, porém, que tais acontecimentos não serão obra de um dia, mas de séculos, que as raças humanas que hão mudado tanto a partir da formação do vosso planeta, ainda têm que mudar, por isso que, na Natureza, tudo é harmonia. Comparai os homens do meio em que viveis com os de certas partes da Terra, os quais parecem deserdados; comparai esses desgraçados, que mais têm do macaco que do homem, com o encarnado que se vos descreveu qual ele é quando se trata de Espírito que, por haver falido, sofre pela primeira vez a encarnação nos mundos de provação[25]; acompanhai todas as fases por que lhe foi preciso passar e fareis uma idéia das fases outras pelas quais ainda passará.

Estas palavras de Jesus: "Ai das mulheres então grávidas e das que amamentarem", consideradas do ponto de vista das revoluções físicas, inevitáveis para a renovação planetária, não objetivavam mais do que pôr em destaque a grandeza dessas calamidades, que não pouparão nem a criancinha de peito, nem o nascituro, que ferirão as mães nas suas mais caras esperanças.

"Pedi que a vossa fuga não se dê no inverno, nem num dia de sábado."

Tendes aí uma figura. O sábado é o dia do repouso, o inverno é uma estação rigorosa. Proferindo essas palavras, tinha Jesus em mente concitar os homens a orarem ao Senhor, a fim de não serem improvisamente surpreendidos na preguiça; a estarem prontos sempre a ver chegar o instante de *comparecerem* perante ele, de modo a não terem que suportar o sofrimento, a expiação.

"Pois que a grande tribulação desses dias será tal como nunca houve desde o principio da criação do universo até agora, nem haverá jamais."

---

[25] Ver ns. *56-58* do *1*[9] volume, *págs. 287-312.*

Tendo em vista aquelas catástrofes e reportando-vos ao que já vos foi dito sobre a depuração e a transformação que se hão de efetuar, deveis compreender as palavras acima do seguinte modo: desde que se formou o globo em que habitais, suas transformações não têm ido além de um aperfeiçoamento da matéria, ao passo que as que se hão de produzir transformarão *progressivamente essa* mesma matéria em substâncias fluídicas apropriadas às necessidades dos novos corpos humanos. Maior, portanto, do que as até então sofridas será a aflição desses dias vindouros, *quer do ponto de vista das subversões físicas parciais, da natureza e do caráter delas, quer do ponto de vista das conseqüências que dai advirão para os Espíritos obstinadamente rebeldes ao progresso, ou retardatários, os* quais, ao tempo daquela depuração e transformação, se verão afastados do vosso e relegados para planetas inferiores.

Não esqueçais, todavia, que o Senhor *jamais* privará qualquer de seus filhos, por pequenino que seja, por mais culpado que possa ser, da faculdade e dos meios de se tornar melhor. Os que forem exilados deixarão de encarnar no vosso planeta, mas as suas reencarnações sucessivas seguirão seu curso, se bem que em outros meios, até que, tendo-se emendado, os culpados hajam merecido, pelo relativo progresso moral e intelectual que conseguiram realizar, voltar à primitiva pátria.

(MATEUS, v. 22; MARCOS, v. 20.) E se o Senhor não abreviasse esses dias, ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos, que escolheu, ele os abreviou."

Estas palavras de Jesus, compreendidas *em espírito* e não *segundo a letra,* tiveram por fim assinalar a proteção que o Senhor dispensa aos que seguem os caminhos por ele traçados e o apoio que podem dar a seus irmãos.

Dizendo que o Senhor abreviou esses dias *por causa dos eleitos, que ele mesmo escolheu, e que, se os não tivesse abreviado, ninguém se salvaria,* compôs Jesus uma imagem que, apropriada àquele momento, o era também à preparação do futuro; formulou *um exemplo, uma comparação.* Havia nessa imagem um *encorajamento, um motivo de modificação,* no sentido de que os eleitos, isto é: os que seguem o caminho do Senhor trabalhem com infatigável zelo pelo progresso dos que lhes são inferiores, auxiliando assim o adiantamento de todos.

A transformação planetária é uma conseqüência da transformação moral dos Espíritos, de acordo com as leis imutáveis e eternas do progresso físico, moral e intelectual. Há solidariedade geral. Na ação de Deus nada há de incerto, nem de arbitrário. O futuro, que para ele não existe, se desenrola a seus olhos tal como *para vós o* instante presente.

Melhorando-se e trabalhando pelo adiantamento uns dos outros, os homens concorrem para o cumprimento das promessas que Deus há feito por intermédio de seus messias, de seus enviados especiais. Se, ao contrário, chegados os tempos da transformação, os homens *(o que fora impossível)* houvessem permanecido todos no mal, sem dele quererem sair, seriam todos rechaçados para mundos inferiores, substituindo-os na Terra outros Espíritos, cujo adiantamento estivesse de harmonia com o grau de progresso realizado pelo planeta. Desse modo, *nenhum se salvaria.* Compreendei bem *o sentido sempre poético e imaginoso* das palavras de Jesus, *o objeto* e o *fim* dessas palavras *hipotéticas,* apropriadas aos tempos e às inteligências e destinadas a frutificar sob o reinado da *letra* e a *preparar o* advento do reinado *do espírito.*

Compreendei bem, igualmente, as nossas palavras. Não vos dissemos que tais catástrofes, inevitáveis em se tratando de uma renovação plane-

tária, se houvessem de produzir simultaneamente. Os séculos nada são para aquele que os deixa cair do seu pensamento: — o eterno, o criador de tudo o que existe. Estais no declive, caminhais para o fim, mas não se vos diz: *"Será amanhã; isso durará de um sol a outro."*

Não vos acabrunheis com a perspectiva dessas catástrofes; antes, *preparai-vos* para delas sairdes vencedores, isto é: purificados, tendo deixado o homem velho entre os destroços do velho mundo e renascendo no planeta renovado. Não vos preocupeis mais do que convenha com o que há de suceder materialmente. Esforçai-vos por preparar o futuro da Humanidade, trabalhando pela melhoria do seu presente. Deixai ao Senhor o cuidado de enviar à Terra os que venham, no *momento oportuno,* rasgar o véu que vos obscurece as inteligências. Tendes um quadro traçado para a vossa ação e dele não deveis sair; permanecei dentro de seus limites, que vos oferecem campo bastante para muito desenvolvimento, para que exerçais vossas faculdades e a vossa boa-vontade.

(Lucas, vv. 20-24.) Em suas preleções, Jesus englobava com os acontecimentos próximos ou de atualidade os que ele divisava num futuro distante e a forma daquelas preleções obstava *intencionalmente a* que se pudesse discernir o que era presente do que era vindouro. Assim é que, respondendo à pergunta que lhe fizeram os discípulos, resposta que Mateus (vv. 1-3), Marcos (vv. 1-4) e Lucas (vv. 5-7) registraram, Jesus reunia no seu pensamento a Jerusalém hebraica e, *figuradamente, o* mundo.

Em suas respostas proféticas, referentes à Jerusalém e aos Judeus e que se nos deparam nas narrações de Mateus e de Marcos, escritas sob a influência mediúnica, o mundo se acha *figuradamente* representado como tendo que suportar, em proporções relativas, o cerco, as calamidades e a destruição preditas para a cidade amada dos Ju-

deus. Na narração de Lucas, também feita sob a influência mediúnica, aquelas respostas apresentam um sentido *figurado e* um sentido próprio. De acordo com o primeiro, elas alcançam o futuro e, de conformidade com o segundo, se referem especialmente à Jerusalém hebraica.

Apropriadas sempre ao meio em que ele se encontrava, as palavras de Jesus tinham um sentido profético e, para a maioria dos homens, oculto, que só ao tempo da era nova do Cristianismo *do Cristo,* da era espírita, havia de ser, progressivamente, compreendido *em espírito e verdade.* Enquanto que os Judeus só pressentiam, naquelas palavras, as catástrofes que lhes ameaçavam a cidade santa, os cristãos, os crentes viam nelas e devem ver sempre as fases por que tem de passar a Humanidade. Tal como a Jerusalém hebraica, o mundo, a Humanidade hão de suportar muitas vicissitudes, muitos assaltos. O terror se espalhará entre vós, pois que os inimigos que deveis temer se reunirão em maior número para vos assaltarem. Esses inimigos são os vossos vícios. Não vos deixeis abater, defendei-vos valorosamente. A Jerusalém atual será destruída, mas uma outra "reconstruireis", eterna, cujos felizes habitantes nada mais terão que recear. O tempo, a reencarnação, o progresso dentro da marcha dos acontecimentos planetários e humanos, executarão a obra de renovação, assim na ordem física, pelo que toca à Terra, como na ordem física e moral, pelo que concerne à Humanidade.

"E Jerusalém, disse Jesus*, será pisada pelos Gentios, até que se cumpram os tempos das nações."*

Essas palavras *figuradas* se referiam à época que mediaria entre a em que eram pronunciadas e a que começa pela nova era do Cristianismo do *Cristo,* do advento do *espírito,* na qual seus ensinos seriam restabelecidos em toda a pureza.

O tempo das nações se terá cumprido quando estiver implantado no mundo terrestre o reinado universal da lei do amor e da caridade, que se há de *estender* qual manto para cobrir todos os filhos da Terra e conduzi-los, pela reciprocidade e pela solidariedade, à unidade fraternal.

MATEUS, Cap. XXIV, vv. *23-28.* — *MARCOS,* Cap. XIII, vv. 21-23

Falsos Cristos. — Falsos profetas

MATEUS : V. 23. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo; ou: Ei-lo ali! não acrediteis; — 24, porque falsos cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes maravilhas e operarão prodígios tais que, se fora possível, enganariam até os escolhidos. — 25. Vede que de antemão eu vo-lo predisse. — 26. Se, pois, vos disserem: Ele lá está no deserto! não saiais, ou: Está no interior da casa! não acrediteis; — 27, porque, como o relâmpago que parte do Oriente e se mostra até no Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. — 28. Onde quer que esteja o corpo, aí se reunião as águias.

MARCOS: V. 21. Se então alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não o creiais. — 22. Porque, falsos cristos e falsos profetas se levantarão, que farão prodígios e portentos que, se fora possível, enganariam os próprios eleitos. — 23. Estai, pois, de sobreaviso; eis que todas as coisas eu vos predisse.

N. *272.* Essas palavras encerravam um aviso aos homens, para que estivessem em guarda contra os que, em nome do Cristo, tentariam por *todos os meios* desviá-los da lei de amor e de caridade que ele pregou.

Pronunciou-as Jesus, antevendo as dissidências que as ambições humanas originariam na *sua* igreja, fundada sobre o amor, e que arrastariam os homens ao egoísmo, ao orgulho e a todos os sentimentos materiais que os levaram até a negar a Deus.

A propósito de análogas advertências, já recebestes as explicações que caberiam aqui relativamente aos vv. *23, 26, 27* e *28* de Mateus, ao v.

21 de Marcos. Não há necessidade de as repetirmos. Reportai-vos a essas explicações.

A época que Jesus designou não se acha encerrada entre determinados limites, como muitos o compreenderam e ainda o compreendem, *aferrados à letra.*

No curso dos acontecimentos, terão os homens, como o tendes vós hoje, que combater as más influências que os cercam, influências que já se fazem e continuarão a fazer-se sentir sobre vós.

São *"falsos cristos", "falsos profetas"* todos os que vos queiram *escravizar* as consciências, impondo-lhes um culto diverso do que Deus criou: o do *amor universal.* Quando eles vos disserem: o "Cristo está aqui, ou está ali", não os escuteis. Ainda por muito tempo procurarão desviar-vos do caminho reto e puro. Não os escuteis, não os sigais. Até ao dia em que Jesus aparecerá na sua glória, isto é: em que todos os homens tiverem sido levados a praticar a sua lei, ouvireis dizer: "o Cristo está aqui, o Cristo está ali". Não vos deixeis prender por palavras mentirosas.

Já explicamos o *sentido* que deveis dar a estas palavras alegóricas: *o "Cristo está* aqui, o *Cristo está* ali", e já vos indicamos os *meios* de reconhecerdes os que usaram e usam de semelhante linguagem.

Buscando o verdadeiro sentido das palavras do Mestre, não esqueçais nunca que ele se dirigia a orientais e que envolvia sempre o seu falar numa imagem apropriada a lhe modificar o sentido, de acordo com as inteligências dos que o ouviam, dos que eram então e dos que mais tarde seriam chamados a compreendê-lo, primeiro *segundo a letra,* depois *segundo o espírito,* por efeito da ação do tempo e do progresso.

Vós mesmos, por não serdes bastante fortes, ainda não compreendeis a palavra messiânica despida de *todos os véus.* No que se vos diz está a

verdade, porém não totalmente desenvolvida em certos casos. Não se vos dá o sentido completo de algumas passagens, porque seria necessário se precisassem acontecimentos, que ainda devem *permanecer* envoltos na dúvida e na incerteza, até que, pelo *cultivo* da fé, vos tenhais tornado suficientemente fortes para *tudo ver e tudo ouvir.*

Não olvideis que *estais preparando os* caminhos para aquele que há de vir e que o Mestre enviará, a fim de esclarecer as inteligências e inteiramente despojar da *letra o espírito.*

Sim, se alguém vos disser: "O Cristo está aqui ou está ali" não o acrediteis; porque falsos cristos e falsos profetas surgirão, os quais farão prodígios e portentos tais, que, se fora possível, enganariam até os escolhidos.

Também estas palavras do Mestre eram referentes aos tempos que mediaram entre a da sua missão terrena e a época em que a lei de amor, que constituiu objeto de seus ensinos e exemplos e da qual disse não ser doutrina sua, mas daquele que o enviara, for compreendida e praticada *em toda a sua pureza.* Referem-se ainda aos esforços que foram e serão tentados para desviar os homens da obediência pura e simples às leis de Deus e do seu enviado e para forçá-los a se submeterem a um código de *origem humana* — desfiguração da mais grandiosa e mais simples moral que eles possam esperar. Referem-se, igualmente, aos esforços empregados *pelos pastores infiéis e às ciladas urdidas* aos rebanhos, a fim de os fazer enveredar por *falsos caminhos.*

Jesus, nessa passagem, aludia a tudo quanto se fez, faz e fará para apartar da luz os homens e encaminhá-los para as trevas, *quaisquer que sejam os meios empregados.*

Assim, pois, todos os que vos afastam da prática, do amor e da caridade, que desnaturam o código admirável que o Cristo vos legou, *são falsos cristos, falsos profetas.* Não os escuteis.

As influências ocultas se unem sempre às influências humanas; mas, Jesus, ao proferir as palavras com que nos ocupamos, não pensou em fazer qualquer referência especial às primeiras. Iniciando-vos *nos segredos* de além-túmulo, *nos mistérios* do mundo invisível, na *natureza,* na *causa* dos fenômenos espíritas, *nos efeitos mediúnic*os, quer de ordem material, quer de ordem moral, a revelação e a ciência espíritas vos ensinam que esses fenômenos, esses efeitos, que a ignorância dos homens tomou por *prodígios, por milagres,* considerando-os uma derrogação das leis da Natureza, não são mais do que uma aplicação destas leis e que tanto os podem produzir as más como as boas influências ocultas, com o auxílio de faculdades orgânicas especiais, que o mais indigno, do mesmo modo que o mais digno dos encarnados, pode possuir.

A revelação e a ciência espíritas vos ensinaram *assim* que a simples produção de fenômenos espíritas, de efeitos mediúnicos, de maneira alguma constitui o *criterium* pelo qual se possa e deva reconhecer a *moralidade* e a *veracidade* do homem. Já mostramos os únicos caracteres pelos quais podereis e devereis reconhecer os *verdadeiros* Cristos, os *verdadeiros* profetas.

Aquilo que havia de parecer *grandes prodígios e portentos aos* homens a quem Jesus se dirigia e às gerações que se sucederiam até *aos* vossos dias, em que *aos olhos de todos* brilha a luz espírita, não seria e não é de molde a vos enganar, pois que estais *avisados e* vos achais *agora esclarecidos.*

Tende por *falsos* cristos, por *falsos* profetas, como instrumentos, conscientes ou inconscientes, que são, *de más* influências, de influências de *erro* e de trevas, todos os que, operando extraordinários prodígios, "grandes portentos", sejam quais forem os fenômenos espíritas, os efeitos mediúnicos por eles produzidos, *tentarem* divorciar-vos *da*

prática do amor e da caridade, da prática dos ensinamentos e exemplos do Mestre, da lei *simples e pura* que ele vos *legou.* Não os acrediteis, não os sigais.

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 29-31. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 24-27. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 25-28

Predição dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que precederão o advento de Jesus em todo o seu esplendor espiritual e predição desse advento

MATEUS: V. 29. Logo depois da tribulação desses dias, o sol se escurecerá, a lua não dará sua claridade, as estrelas cairão do céu e as virtudes dos céus se abalarão. — 30. Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem e todas as tribos da terra gemerão e chorarão e verão o Filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade. — 31. E ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e reunirão dos quatro ventos, de um extremo a outro dos céus, os seus eleitos.

MARCOS: V. 24. Mas, nesses dias, após toda essa tribulação, o sol se escurecerá, a lua não dará sua claridade, — 25, as estrelas cairão do céu e as virtudes que nos céus estão se abalarão. — 26. Ver-se-á então o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória. — 27. E ele enviará seus anjos a reunir seus eleitos, dos quatro ventos, do extremo da terra ao extremo do céu.

LUCAS: V. 25. E haverá sinais no sol, na lua, nas estrelas e, na terra, consternação das nações aturdidas pela confusão em que as porá o bramir tumultuoso do mar e das ondas. — 26. Mirrarão de terror os homens na espectação das coisas que sobrevirão ao mundo todo; pois as virtudes do céu se abalarão. — 27. Ver-se-á então o Filho do homem vir sobre uma nuvem com grande poder e majestade. — 28. Quando, porém, estas coisas começarem a suceder, erguei a cabeça e olhai para o alto, pois que se aproxima a vossa redenção.

N, 273. (Mateus, v. 29; Marcos, vv. 24 e 25; Lucas, vv. 25 e 26.) Por essas palavras deu Jesus, *veladamente,* um novo aviso dos acontecimentos de ordem física e de ordem moral que hão de suceder, até ao momento em que o reinado de Deus se achará implantado em todos os corações.

No tocante à ordem física, aludia às revoluções parciais e sucessivas que ocasionarão a transformação do vosso planeta. Nada, entretanto, se produzirá bruscamente em a Natureza. Assim como os séculos transcorridos vos trouxeram onde vos achais, também muitos séculos hão de transcorrer antes que atinjais o ponto que vos está predito e prometido.

O globo terreno, que, como todos, saiu dos fluidos incandescentes e impuros, isto é: carregado de substâncias destinadas à matéria, tem que, despojado de todos os princípios materiais, imergir nos fluidos puros. A fim de lá chegar, tem que seguir, quanto *à decomposição* da matéria, a mesma progressão que seguiu para sua *composição.* Antes, porém, já tereis passado por uma imensa modificação, porquanto, para atingirdes a *pureza,* haveis de passar, vós, por todos os progressos físicos e morais, e o vosso planeta por todos os progressos físicos. Esses progressos se efetuarão parcialmente, por crises preparatórias. Renovar-se-ão as raças humanas pela encarnação de Espíritos mais bem preparados, renovar-se-ão as condições materiais da Terra pela destruição dos princípios primitivos e pelo surto gradual de outros. Do mesmo modo que até aos vossos dias os habitantes do mundo terreno se desenvolveram à medida que ele se ia preparando para lhes suprir as necessidades e sofria as transformações necessárias, a Terra atual será, *igualmente,* posta em condições de se apropriar às necessidades dos Espíritos purificados, que *voltarão* a habitá-la quando aquelas necessidades houverem sofrido as modificações progressivas por que devem passar.

O globo terráqueo oferecerá então condições diferentes de vida para a Humanidade e, ao mesmo tempo, diferentes serão, em diversos pontos da sua superfície, as condições de seus habitantes, no que respeita ao invólucro humano. A diferença dessas condições decorrerá da do adiantamento moral e intelectual dos Espíritos e corresponderá às porções modificadas do planeta.

É o que se verifica em todos os orbes. Qualquer que seja o grau de adiantamento dos Espíritos, uns há mais adiantados do que outros e que auxiliam o progresso dos que lhes são inferiores. As condições obedecem à relatividade do grau de adiantamento.

Observando as diversas raças que atualmente povoam a Terra, se bem as condições físicas ainda sejam materiais para todos, deparar-se-vos-á uma imagem fiel da situação acima descrita na distância que separa, por exemplo, o selvagem da Oceânia, os Esquimós, do homem da Europa civilizada. Este, prosseguindo na sua marcha regular pela via do progresso, será o primeiro a entrar nas novas fases.

No curso dos acontecimentos planetários, progressivos e sucessivos, as essências espirituais ainda não suficientemente adiantadas, *apenas* aptas para o desenvolvimento *material,* serão afastadas do planeta terreno e substituídas por outras nos meios apropriados a essa substituição. Mas, quando a Terra chegar ao ponto fluídico que terá de atingir, as crises que a levaram a esse ponto terão destruído, em grande parte, as sedes materiais onde o Espírito primitivo se desenvolve. Pouco a pouco se irá fazendo, paralelamente ao progresso do homem, uma nova classificação na marcha gradual, quanto aos diversos reinos da Natureza e quanto à habitação terrena.

A alusão *veladamente* feita ao escurecimento do sol, à desaparição da luz da lua, entende com o fato, que se há de verificar, de a Terra se ir afas-

tando daqueles dois astros que a iluminam. Quando depurada, ela se terá afastado do centro onde ora gravita, e então esplenderá de luz.

Com relação aos acontecimentos de ordem moral, as estrelas que cairiam do céu, as virtudes celestes que se abalariam, já se abalaram e começaram a descer para junto de vós, "a fim de, segundo o modo de falar figurado de Jesus, fazerem aparecer no céu o sinal do filho do homem". Esse sinal é a lei de amor e de caridade que ele personifica, iluminada pela luz espírita; é a revelação trazida pelo próprio Jesus aos homens, mas explicada e desenvolvida pelo Espírito da Verdade.

Essas estrelas, essas virtudes celestes, luzes do Senhor, Espíritos protetores dos homens, vos trazem as claridades do céu e as fazem chegar aos vossos olhos. Cada vez em maior número se abalarão essas estrelas, essas virtudes que têm de descer até vós, pois que, quanto mais vos elevardes, tanto mais de vós se aproximarão os Espíritos elevados e farão luzir aos vossos olhos claridades desconhecidas, que neste momento vos ofuscariam.

(Mateus, v. 30; Marcos, v. 26; Lucas, v. 27.) O sinal do filho do homem, que, segundo a predição de Jesus, há de aparecer no céu, é o advento do reinado do amor e da caridade. O joio será então completamente separado do trigo. Esse o momento em que, regenerada, a Humanidade estará pronta para receber em seu coração o reino do Senhor. Nessa época, sim, é que um só será o pastor, a cujos pés todas as ovelhas se prostrarão e, diante das grandes graças que terão recebido, chorarão tanto de reconhecimento e alegria como de pesar por haverem *desconhecido a mão paternal que as dirigia.* Não esqueçais o sentido *figurado* das palavras de Jesus: são *alegóricas* as lágrimas que todas as tribos, todos os povos derramarão.

"E verão o filho do homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder, grande majestade e grande glória". Quando tiverem os olhos bastante puros para isso, verão a Jesus em todo o seu fulgor espírita. Vê-lo-ão vir, ele, o protetor e governador do vosso planeta, vosso Mestre, ao seu reino, *preparado para tornar-se* um dos reinos *do pai,* como habitação de puros Espíritos.

(Mateus, v. 31; Marcos, v. 27.) Toda criatura, seja qual for a região em que habite, está sob os olhos do Senhor; nenhuma pode escapar ao seu olhar penetrante. Não espere nenhum de vós, portanto, fugir à sua justiça. Em chegando o dia da remuneração, cada um pagará a sua dívida. Sim, cada um a paga parcialmente, mas alguns há que fazem prestações maiores do que as dos outros. Alguns há que procedem de boa-vontade, enquanto outros contam desviar a atenção do credor que os espera. Outros ainda há que, tendo chegado depois de vós, não podem estar no mesmo ponto. A justiça do Senhor fará as contas a cada um com eqüidade; cada um, pois, receberá de conformidade com seus méritos e, sobretudo, com a sua boa-vontade.

¨Ele enviará seus anjos, que farão ouvir a voz retumbante de suas trombetas e reunirão dos quatro ventos, de um extremo a outro dos céus, do extremo da terra ao extremo do céu, os seus escolhidos."

Nenhuma intenção especial há nestas palavras de Jesus, que dois dos evangelistas repetiram sob a influência mediúnica. O termo céu, já o sabeis, deve ser entendido como significando o espaço. Mateus fala dos Espíritos que, disseminados pelo espaço, têm que habitar a Terra. Marcos reúne todas as categorias.

Deveis compreender que, quando estiverem percorridas as fases de renovação do vosso planeta, muitos dentre vós se acharão purificados de todas as máculas, terão *conseguintemente* despido

as *velhas roupas* e aguardarão que praza ao Senhor dar-lhes *vestes* novas. Outros, ao contrário, atrasados no seu progredir, precisarão passar pelas últimas fases, para acabarem de se purificar e ainda estarão encarnados por ocasião das últimas revoluções planetárias. Com respeito a esta posição *última* é que Marcos fala daquele modo, não que as renovações se devam operar sobre a matéria viva, mas porque, ao se produzirem as derradeiras crises, muitos dentre vós ainda pisarão o solo em que hoje pisais.

Dissemos: "não *que as renovações se devam operar* sobre *a matéria viva".* Isto significa que as mudanças que se hão de realizar no organismo humano não se efetuarão repentinamente no curso das existências materiais. Elas se operarão gradualmente e sempre por meio das reencarnações, que trarão, a cada fase nova, uma modificação para melhor e um aligeiramento da matéria humana. Tais modificações, como obra de cada encarnação, só pela reencarnação virão a dar-se. É o progresso da matéria em paralelismo com o do Espírito.

(Lucas, v. 28.) *Quando estas coisas começarem a suceder,* disse Jesus, *erguei a cabeça e olhai para o alto, pois que se aproxima a* vossa *redenção.* A palavra redenção é aqui empregada e deve ser entendida, de acordo com o pensamento do Mestre, no sentido de *regeneração.*

Sim, a vossa regeneração está próxima, porquanto, para *prepararem o* advento do reinado do amor e da caridade, os Espíritos protetores dos homens, luzes do Senhor, começaram a descer para o meio de vós. Os messias, isto é: os enviados especiais vão suceder-se entre vós, secundados pelos Espíritos em missão. Vão suceder-se igualmente, por obra dos tempos e dos séculos, os acontecimentos planetários, conseqüentes ao vosso progresso moral, para o efeito da depuração e da transformação progressiva da Terra.

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 32-35. — MARCOS, Capítulo XIII, vv. 28-31. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 29-33

Parábola da figueira. — Predição da era nova do Cristianismo do Cristo, da era espírita. — Espíritos haverá que, encarnados ao tempo em que Jesus falava, verão, reencarnados na Terra, as coisas por ele preditas para a depuração e a transformação do planeta e da humanidade terrenos. — A Terra passará, mas as palavras de Jesus não passarão

MATEUS : V. 32. Aprendei uma parábola tomada à figueira: Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que vem próximo o estio. – 33. Assim, também, quando virdes todas essas coisas, sabei que o Filho do homem está próximo, está à porta. — 34. *Em verdade* vos digo que esta geração não passará, sem que todas essas coisas se cumpram. — 35. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

MARCOS : V. 28. Aprendei uma parábola tomada à figueira. Quando seus ramos já estão tenros e as folhas brotam, sabeis que vem próximo o estio. — 29. Assim, também quando virdes que essas coisas acontecem, sabei que o Filho do homem está próximo, está à porta. - 30. *Em verdade* vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido. — 31. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

LUCAS: V. 29. E lhes propôs em seguida esta comparação: Vede a figueira e as outras árvores: — 30. Quando começam a dar frutos, sabeis que próximo vem o estio. — 31. Assim também, quando virdes que essas coisas sucedem, sabei que está próximo o reino de Deus. — 32. Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se cumpram. — 33. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

N. 274. (Mateus, vv. 32-33; Marcos, vv. 28-29; Lucas, vv. 29, 30 e 31.) Jesus se serviu da parábola, da comparação com a figueira e as outras árvores apenas para exprimir e desenvolver pensamentos que acabara de externar sobre o aparecimento do sinal *do filho do homem no céu, so*bre a proximidade da *vossa redenção.* Teve por fim aquela parábola, aquela comparação chamar mais vivamente a atenção dos que o ouviam, impressioná-los mais fortemente pelo que ele ia acrescentar, prender a atenção das gerações que haviam de suceder-se, *sobretudo* das que, como a vossa, veriam despontar no horizonte, com a nova revelação, o predito advento do Espírito da Verdade e estavam destinadas a compreender, *em espírito e em verdade,* as palavras do Mestre.

Não percais de vista o que já vos dissemos acerca do *reino de Deus,* acerca do *Filho do homem,* como *personificação* da sua moral, e acerca do progresso físico do vosso planeta e da Humanidade, sempre em correspondência com o vosso progresso moral e intelectual, do qual aquele foi, é e será o fruto, a conseqüência, e compreendereis que, "se o reino de Deus está próximo", "se o filho do homem está próximo", um e outro o estarão cada vez mais e, portanto, o reinado do amor e da caridade, à proporção que se forem realizando as coisas *preditas,* tanto de ordem moral, como de ordem física. Mais próximos também irão estando, por conseguinte, a depuração e a transformação completas do vosso planeta e da Humanidade.

(Mateus, v. 34; Marcos, v. 30; Lucas, v. 32.) "Em verdade *vos digo que esta geração não passará sem que todas essas coisas se tenham cumprido".* Estas palavras, cujo espírito fora intencionalmente deixado *oculto* pelo *véu da letra,* como todas as palavras *alegóricas* que o Mestre proferiu acerca do seu advento futuro e "do fim do mundo" e ainda como todas as suas outras pala-

vras proféticas, constantes nos Evangelhos, e as que foram ditas a João na ilha de Patmos, tinham por objetivo manter em dúvida, em expectativa, atentas, a geração a quem ele se dirigia e as que se sucedessem até aos vossos dias. Era isso uma condição e um meio de progresso para a Humanidade.

O verdadeiro sentido daquelas palavras só havia de ser apreendido nos tempos atuais, então futuros, da nova revelação, que vos é dada no momento em que a Humanidade se mostra capaz de comportá-la.

Tomadas *segundo a letra que mata,* essas palavras conduziriam ao absurdo, *a uma falsidade que o tempo houvera patenteado. Em verdade, segundo o espírito* que vivifica, Jesus, pronunciando-as, falava da geração *de Espíritos* que vivendo então na Terra, encarnados, nela viveram mais tarde e tornarão a viver, reencarnados, quando a Terra atravessar as últimas fases da sua transformação física e a humanidade terrena as últimas da sua transformação física e moral. De fato, *aquela geração não passará sem que estejam cumpridas todas as coisas preditas,* porque muitos Espíritos que, na condição de encarnados, a ela pertenciam, viverão de novo, reencarnados, por ocasião de se cumprir tudo que *o Mestre predisse.*

Já o dissemos e repetimos: Mistérios são estes da reencarnação, única, chave com que se pode penetrar o *sentido* das palavras de Jesus, de seus ensinamentos. Em tudo quanto ele disse, encontrareis sempre reinando e pronto a desvendar-se, *chegada a ocasião, o* pensamento da reencarnação. *"Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão".* Tudo o que é de ordem física, no espaço, na imensidade, com relação ao vosso, como a todos os mundos, *passa* pelo cadinho da criação. Quer isto dizer que, de acordo com as leis de destruição, de reprodução e de progresso, tudo se renova, depura e transforma, percorrendo

a escala do infinitamente pequeno ao infinitamente grande, na vida e na harmonia universais.

Mas, as palavras de Jesus, órgão do Senhor onipotente, não passarão, porque são imutáveis e eternas, como eternas e imutáveis são, na ordem física, na ordem moral e na ordem intelectual, a lei do progresso, para o Espírito, e as leis naturais na ordem material e na ordem fluídica. *Elas não passarão,* porque são ao mesmo tempo princípio fundamental, condição e meio de progresso nos mundos inferiores de provações e expiações, como são o caminho *único* que pode levar o homem aos mundos superiores, preparando-lhe o acesso a esses mundos e fazendo-o penetrar neles.

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 36-39. — MARCOS, Cap. XIII, vv. 32-37. — LUCAS, Cap. XXI, vv. 34-38

Desconhecida é a hora em que se darão os acontecimentos preditos para a depuração da Terra e da humanidade terrena. O homem não pode nem deve procurar devassar os segredos do futuro, mas deve estar sempre pronto a comparecer diante do Senhor e a se tornar digno de evitar tudo quanto há de suceder, trabalhando desde já, ativa e continuamente, pela sua purificação e pelo seu progresso

MATEUS: V. 36. Mas, do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu, senão só o pai. — 37. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também no advento do Filho do homem. — 38. Assim como nos dias anteriores ao dilúvio os homens comiam e bebiam, casavam e davam seus filhos em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, — 39, sem pensarem no dilúvio senão quando este veio e os levou a todos, também assim será no advento do Filho do homem.

MARCOS: V. 32. Mas, do dia ou da hora, ninguém o sabe, nem os anjos no céu, nem mesmo o Filho, senão só o Pai. — 33. Vede bem: vigiai e orai, pois não sabeis quando chegará esse tempo. — 34. É como se um homem, partindo em viagem para longe, deixasse a casa entregue a seus servos, designando a cada um o que tinha de fazer e determinando ao porteiro que vigiasse. — 35. Vigiai, pois, visto que não sabeis quando virá o dono da casa, se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, — 36, a fim de que, chegando de repente, não vos encontre a dormir. — 37. O que vos digo a vós, a todos digo: Vigiai.

LUCAS : V. 34. Tende-vos, pois, em guarda, para não suceder que os vossos corações se tornem pesados

por efeito dos festins e da embriaguez e pelos cuidados desta vida e que aquele dia vos sobrevenha repentinamente; — 35, porquanto, como um laço, ele apanhará todos os que habitam sobre a face da terra. — 36. Assim, vigiai e orai todo o tempo, a fim de que mereçais evitar todas as coisas que hão de acontecer e possais comparecer diante do Filho do homem. — 37. Ele de dia ensinava no templo; e, de noite, saindo, se retirava para o monte chamado das Oliveiras. — 38. E todo o povo acorria de manhã cedo ao templo para o ouvir.

N. 275. (Mateus, v. 36; Marcos, v. 32.) "Do dia e da hora ninguém o sabe, nem os anjos do céu, nem mesmo o filho, senão só o pai."

Dizendo isso, quis Jesus que os homens compreendessem quão orgulhoso e inútil é o pretenderem sondar *o futuro,* que só Deus conhece. Ao mesmo tempo, quis infirmar desde logo a *idéia da divindade* que, pela sua presciência, sabia lhe haviam os homens de atribuir, *idéia* cuja duração só seria permitida pelo tempo que necessário fosse à transformação do culto *material em culto espiritual.*

Deus releva sempre os erros que, em matéria de crenças, são cometidos de boa-fé. *Unicamente* o orgulho e a hipocrisia, a felonia e a mentira são punidos, porquanto *só* as faltas tornam culpada a criatura.

Assim, Deus releva o erro que de boa-fé cometem os que crêem na divindade do Cristo. Para esses, a luz se fará mais tarde. Os que, porém, *se apóiam* na divindade atribuída a Jesus e se esforçam por sustentá-la sem *nela crerem,* rejeitando *conscientemente* a nova revelação que os Espíritos do Senhor, órgão do Espírito da Verdade, trazem aos homens da parte de Deus, esses são exploradores do Cristianismo, são velhacos e hipócritas. Longa e dolorosa expiação os aguardará.

Sempre de par caminham o bem e o mal no vosso planeta, que ainda se conta entre os mun-

dos inferiores, e o mal é muitas vezes *empregado* para conduzir ao bem, *no sentido de que* a mão paternal do Senhor susta os maus efeitos que do mal adviriam e faz que ele produza bons frutos. Assim é que, quando o desenvolvimento moral e intelectual tornou possível que os homens contemplassem a verdade sem véu, nem disfarce, embora houvessem mantido o erro, o Senhor permitiu que deste uma grande luz jorrasse, que de *súbito* a claridade se fizesse. Quer dizer que, aparecendo *subitamente aos* homens, despojada do que a ocultava de suas vistas, a verdade brilhou com fulgor mais vivo do que brilharia se eles se houvessem habituado pouco a pouco a vê-la na sua pureza. A revelação atual é que vem levantar o véu que a escondia.

Jesus, repetimos, quis desde logo infirmar a idéia da divindade que lhe seria atribuída, porquanto, se ele fosse Deus, por ser *uma fração,* embora *indivisível,* do próprio Deus; se fosse *igual a* Deus, saberia tanto quanto Deus.

O que, pois, o Mestre teve em vista ao proferir aquelas palavras foi que os homens compreendessem que, seja qual for a extensão do seu poder e da sua presciência, *com relação aos Espíritos que o cercam,* ele não pode nunca ser igualado a Deus; que, por grande que seja a sua perfeição, não deixa de ser um Espírito criado e não pode, conseguintemente, igualar-se àquele que o criou, ao Criador incriado — Deus.

Teve, portanto, em vista mostrar que, seja qual for a sua elevação, seja qual for a altura em que se ache colocado na hierarquia espírita, ao Espírito não é dado igualar, em ciência e em poder, àquele de cuja vontade tudo procede.

Praticou assim um ato de humildade, ele, que é o maior entre os maiores do vosso planeta.

Imitai essa humildade, ó homens fúteis, e não tenteis igualar-vos *ao* que reina *sobre todas as coisas,* com o pretenderdes devassar *os segredos*

do *futuro.* Dessa pretensão só vos adviriam confusão e vergonha. Se, buscando penetrar mais longe do que vos é permitido, nos mistérios da vida real, vos deixardes levar por vão orgulho, o espírito do erro e da mentira de vós se apossará e caireis em erros fatais.

Espíritas, bem sabeis quais os perigos que vos ameaçam, se ousardes sondar tais profundezas. Não vos abalanceis a essa aventura *inconsideradamente.* Que um vão orgulho, repetimos, não vos impila a querer ir mais longe do que os vossos irmãos, na penetração de *segredos* que *ainda vos não* é dado devassar. A cada dia basta o seu labor. Contentai-vos com a parte que vos coube e deixai aos que hajam de vir depois de vós o trabalho que lhes cumpre executar.

(Mateus, vv. 37-39.) As palavras de Jesus constantes destes versículos, intencionalmente *veladas* como o exigiam a época, e o estado das inteligências, úteis então e *preparatórias* do futuro, encerram uma alusão ao *dilúvio* de Noé, único que se admitia naquele momento, em que *certas* verdades *tinham que permanecer* ocultas ainda por muito tempo. Esse dilúvio não foi mais do que uma renovação *parcial* da Terra, uma das fases de transformação do vosso mundo e de seus habitantes, necessária ao aparecimento de outros produtos. Sendo tudo harmonia em a Natureza, desde que a organização humana se modificou, também os produtos do solo se modificaram, como se modificarão de futuro, acompanhando a evolução do planeta.

Até que a renovação deste se ache completa, os acontecimentos seguirão seu curso de acordo com as condições da encarnação de cada um, variando pouco a pouco as encarnações, conforme o exigir a transformação correlativa do planeta. Ora, como essa variação tem que ir sendo parcial, pois que tudo se há de efetuar dentro da ordem e da sabedoria que regem o Universo, alguns pontos

da Terra receberão Espíritos mais adiantados, cujas encarnações, conseguintemente, corresponderão ao grau de adiantamento por eles alcançado; enquanto que outros encarnarão em condições quase idênticas às vossas atualmente.

(Marcos, vv. 33-37; Lucas, vv. 34-36.) Proferindo as palavras que estes versículos registram, bem como ao pronunciar as dos vv. 37, 38 e 39 de Mateus, quis Jesus concitar os homens a trabalharem pelo seu progresso, vencendo os excessos da matéria. Exortava-os, com esse objetivo, a se manterem de contínuo *alerta,* na expectativa de todas aquelas coisas de que ele falava deixando-as ocultas pelo *véu da letra,* e que anunciava como *podendo* verificar-se a cada instante, num futuro próximo. Queria o Mestre forçá-los a uma vigilância incessante *sobre si mesmos,* a um ardor *constante* no progredir e a depositarem *inabalável* esperança nas promessas do Senhor.

O Espírito deve estar sempre diante do Senhor pela prece. Deve orar pelo seu adiantamento e pelo de seus irmãos encarnados como ele. Deve, quando *livre* da carne, orar por todos e a prece então se torna um ato. Não penseis que quando Jesus lhe recomenda que ore, que ore sem cessar, exija do homem ou do Espírito que esteja sempre em oração, na acepção que dais a esta palavra. A prece *eficaz* consiste nas boas obras, que devem, como um *amém* agradável ao Senhor, rematar as vossas orações verbais. Orai, orai sem cessar para atenuar os rigores do julgamento, porquanto, rematando com a prática de boas obras as vossas preces, vos revestis de um manto virginal aos olhos do Senhor.

Estas palavras do Mestre: "Assim, vigiai e orai a todo momento, a fim de que mereçais evitar todas essas coisas que hão de acontecer e possais aparecer diante do filho do homem", bem como estas outras: "Esta geração não passará sem que todas essas coisas se hajam realizado", contêm

uma alusão necessária à reencarnação dos que, retardados, viverão de novo na Terra e habitarão os pontos dela onde se hão de produzir os cataclismos oriundos da transformação planetária. Aludem também à posição dos que se houverem suficientemente adiantado para estar habitando mundos superiores, por ocasião de tais acontecimentos, prontos a voltarem à Terra, a fim de lhe auxiliarem a marcha ascensional, na época em que ele de novo aparecerá, mas dessa vez em todo o seu fulgor espírita, no planeta terreno depurado e transformado.

MATEUS, Cap. XXIV, vv. 40-44. — LUCAS, Cap. XII, vv. 39-40

O homem deve estar sempre alerta. — Palavras muitas vezes repetidas por Jesus com referência à separação do joio e do trigo

MATEUS: V. 40. Então, de dois homens que estiverem no campo, um será tomado, o outro será deixado. — 41. De duas mulheres que estiverem moendo num moinho, uma será tomada e a outra deixada. — 42. Portanto, vigiai; pois não sabeis a que hora virá o Senhor. — 43. Mas, sabei que se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão certamente vigiaria e não deixaria que lhe arrombassem a casa. — 44. Estai vós, conseguintemente, preparados sempre, porquanto à hora que menos pensardes virá o Filho do homem.

LUCAS : V. 39. Ora, sabei que, se o pai de família soubera a que hora viria o ladrão, certamente vigiaria e não deixaria que lhe arrombassem a casa. — 40. Estai, pois, vós outros vigilantes, pois o Filho do homem virá à hora que não pensais.

N. 276. (Mateus, vv. 40 e 41.) Já explicamos estas palavras que Jesus proferiu diversas vezes, em ocasiões e lugares diferentes. Reportai-vos a essas explicações. Uns hão de aproveitar da regeneração, outros, porém, serão mandados para planetas inferiores. Sim, uma parte avançará enquanto a outra se conservará indigna de participar das novas encarnações.

(Mateus, vv. 42-44; Lucas, vv. *39-40.)* Jesus insiste e frisa a incerteza do dia e da hora dos acontecimentos, quer de ordem física, quer de ordem moral, que predissera, a fim de que os homens estejam cada vez mais alertas e vigilantes. Observai que poucos ainda[26] vêem os *sinais dos*

[26] Estas palavras foram mediunicamente escritas no mês de agosto de 1863.

tempos, da era nova do Cristianismo do *Cristo,* da era espírita, *da aurora* da regeneração da Humanidade.

A obra do progresso segue a sua marcha; mas, não sabeis até onde ela tem que ir, nem quando quererá o Senhor dar a *última demão* na da regeneração humana. Tende-vos, portanto, em guarda, prontos, pois bem pode acontecer que sejais surpreendidos improvisamente. E o Senhor rejeitará os servidores indolentes que não tiverem sabido esperá-lo.

MATEUS, Cap. XXIV, *vv.* 45-51. — *LUCAS, Cap.* XII, *vv.* 41-46

Parábola do servo fiel e prudente e do mau servo

MATEUS: *V. 45.* Quem julgais que é o servo fiel e prudente ao qual seu senhor confiou os outros servos seus para que a tempo dê de comer a todos? — 46. Feliz desse servo, se o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo. — 47. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. — 48. Mas, se aquele servo, por ser mau, disser consigo mesmo: "Meu senhor tardará em vir" — 49, e se puser a maltratar os companheiros e a comer e beber com os que se embriagam; — 50, seu senhor virá num dia em que ele não o espera e numa hora que ele não sabe qual seja; — 51, *o SEPARARÁ* dos outros e fará partilhar da sorte dos hipócritas; é ai que haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS*:* V. 41. Pedro então lhe perguntou: Senhor, esta parábola tu a dizes para nós outros somente ou também para todos? — 42. Respondeu o Senhor: Quem julgas que seja o dispenseiro fiel e prudente, que o Senhor estabeleceu sobre seus outros servos, para que, no devido tempo, distribua por estes a ração de trigo? — 43. Feliz desse servo se o Senhor, quando vier, o achar assim fazendo. — 44. Em verdade vos digo que lhe confiará a gestão de todos os seus bens. — 45. Mas, se esse servo disser no seu intimo "Meu Senhor tardará em vir" e começar a espancar os outros servos e servas, a comer, a beber a embriagar-se, — 46, virá o senhor desse servo num dia em que ele o não espera, a uma hora em que não cuida, o SEPARARÁ dos outros e fará partilhar da sorte dos infiéis.

N. 277. Estas palavras de Jesus, apropriadas, como todas as que ele pronunciou, aos tempos, e às inteligências, se aplicam aos que *tomaram o* encargo de dirigir seus irmãos, de os conduzir

pelo caminho do progresso, de espargir sobre eles a luz.

Felizes dos que, "servos, dispenseiros fiéis e prudentes", distribuírem a tempo e a hora o alimento, dando a cada um sua ração de trigo, isto é: que espalharem por aqueles de cuja direção se tenham incumbido a luz e a verdade, *à medida* que forem reveladas, acompanhando o progresso dos tempos, auxiliando, pela palavra, *mas principalmente pelo exemplo,* a marcha das gerações para a realização de tal progresso, *em vez* de as desviar desse caminho. Grande recompensa terão. Verão abrir-se cada vez mais, diante de seus passos, a estrada que, levando à perfeição, dá acesso ao trono do Senhor onipotente, que então os fará partícipes da sua inteligência, do seu saber e do seu amor, na vida e na harmonia universais.

Os que, porém, *abusam* da sua autoridade, da confiança de que são indignos, para *transviar* os que deviam ser por eles guiados; para mais apertar a venda nos olhos dos que deviam ser por eles esclarecidos e se entregam às voluptuosidades humanas, lançando mão de bens nos quais não deveriam sequer tocar, esses serão severamente punidos.

"Maus servos", são mais culpados e mais castigados serão do que os outros, pois que assumem responsabilidade maior e, assim, terão que sofrer, além do castigo de suas próprias faltas, o das de que tenham sido causadores. Quanto mais viva e forte brilhar a luz, mais retumbante e alta ecoará a voz do Senhor e mais terríveis serão as contas que terão de prestar esses servos indignos, aos quais competia guiar, dirigir, instruir os que lhes estavam confiados. Mais lhes foi dado, mais lhes será pedido.

Sim, aquele que se incumbiu de ser guia de seus irmãos maior responsabilidade tem. Ela faz pressupor um valor mais elevado. Se, portanto, em vez de cuidar dos que se lhe acham entregues,

os despreza; se, em vez de guiá-los, os detém no caminho; se, em vez de os esclarecer, lhes aperta sobre os olhos a venda, impossibilita-os de avançar e de executar a obra do Mestre.

Oh! a esse servo infiel, que tinha a seu cargo o encaminhamento de outros mais fracos, severas contas serão tomadas. Pagará não só o mal que houver feito, mas também o mal que tenha induzido outros a praticar, o mal que não haja impedido, podendo-o. Será mandado para o meio dos *infiéis* e aí, servindo de guia a "cegos", tendo que falar a "surdos", lamentará amargamente não haver desempenhado a missão de que se encarregara, quando se achava entre seres inteligentes, capazes de o compreenderem. Ah ! então é que se ouvirão "prantos e ranger de dentes", pois que, exilado em mundos inferiores, o Espírito sofrerá tanto mais, quanto mais adiantado tenha sido no planeta terreno.

Oh! poderosos da Terra, quem quer que sejais, que pedistes e obtivestes a missão de dirigir vossos irmãos pela senda do progresso físico, moral e intelectual, o que acabamos de dizer, explicando, *segundo o espírito,* as palavras do Mestre, referente a coisas de ordem *espiritual,* também se vos aplica, no tocante às coisas de ordem temporal, do ponto de vista, assim da recompensa, como do castigo.

LUCAS, Cap. XII, vv. 47-48

A culpabilidade e a responsabilidade do Espírito são proporcionais aos meios postos a seu alcance para se instruir e à luz que recebeu

V. 47. Esse servo, que conheceu a vontade do seu Senhor e que, entretanto, não se preparou, nem fez o que seu Senhor queria, *será duramente açoitado.* — 48. Aquele, porém, que, sem conhecer a vontade do seu Senhor, fez coisas merecedoras de castigo, receberá menos açoites. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado e aquele a quem muito tenha sido confiado maior conta terá que prestar.

N. 278. Facilmente se compreende que aquele que comete uma falta, depois de ter sido *avisado* para estar vigilante, mais culpado é do que outro que do mal que pratica apenas tem consciência, *sem formar desse mal uma idéia precisa.*

Tal a razão por que, quanto mais a luz brilha aos vossos olhos, quanto mais ensinamentos e conselhos recebeis, tanto mais culpados sois, se vos afastais do caminho que vos é traçado. Muito será pedido àquele a quem muito foi dado. A esse cumpre que faça frutificar o que se lhe confiou. A boa semente nele lançada tem que produzir, em toda a extensão do seu desenvolvimento moral e intelectual, na proporção de cem, sessenta, quarenta por um.

Jesus, na sua linguagem sempre apropriada às inteligências dos homens materiais que o ouviam, lhes apresenta sempre a imagem de um castigo material.

MATEUS, Cap. XXV, vv. 1-13

Parábola das virgens loucas e das virgens prudentes

V. 1. Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando de suas lâmpadas, saíram a receber o esposo. — 2. Mas, cinco dentre elas eram loucas e cinco prudentes. — 3. As primeiras, tomando de suas lâmpadas, não levavam consigo azeite. — 4. As prudentes, porém, levavam azeite em seus vasos, juntamente com as lâmpadas. — 5. Como o esposo tardasse em chegar, começaram todas a toscanejar e por fim adormeceram. — 6. À meia-noite se ouviu este brado: Eis aí vem o esposo! Saí ao seu encontro. — 7. Todas aquelas virgens se levantaram e prepararam suas lâmpadas. — 8. Disseram então as loucas às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, pois que as nossas lâmpadas se estão apagando. — 9. Ao que as prudentes responderam: Para que não suceda faltar-nos ele a nós e a vós, ide antes aos que o vendem e comprai-o para vós. — 10. Mas, enquanto elas o foram comprar, chegou o esposo. As que estavam preparadas entraram com ele para as bodas e a porta se fechou. — 11. Por fim, chegaram as outras virgens e disseram: Senhor, Senhor, abre-nos a porta. — 12. Ele, porém, respondeu: *Em verdade* vos digo que não vos conheço. — 13. Portanto, vigiai, pois não sabeis o dia nem a hora.

N. 279. Uns não compreenderam esta parábola e outros lhe falsearam *o sentido e o objetivo.*

Dizendo-a, teve Jesus *em mente* obrigar os homens a estar sempre alerta, fazer-lhes compreender que não devem deixar para o último momento o cuidado de sua reforma, do seu progresso, porquanto talvez seja tarde.

As virtudes de uns em nada podem servir para resgatar os vícios de outros. Aos vossos irmãos podeis dar o amparo dos vossos conselhos e exemplos, mas não podeis repartir com eles

o vosso óleo, isto é: o mérito das vossas obras, mérito que só reverte em benefício daquele que as pratica.

Trabalhe, pois, cada um pela sua própria reforma, pelo seu próprio adiantamento. O indiferente ou o leviano verá que, quando supuser chegado o momento de se entregar a esse trabalho, quando se estiver dispondo a começá-lo, bem pode acontecer soe a hora do seu comparecimento perante o juiz e ele então será colhido de surpresa.

Não, não acuseis a Jesus de haver ensinado a prática do egoísmo. Compreendei que apenas quis que vos resguardásseis da indolência, que vos leva a diferir para o dia seguinte o ato que ele vos concita a executar no mesmo instante; da negligência, que vos induz a *descansar* no mérito dos "santos", das intercessões monásticas, das absolvições clericais, como assecuratórias da vossa salvação, quando é certo que só as *vossas obras pessoais* vo-la podem *garantir.*

(Vv. 6-13.) Não querendo desanimar os que não hajam tomado antecipadamente suas precauções, eles são mandados aos que os podem socorrer.

Aqui, as virgens prudentes sentem que o mérito que possuem apenas lhes basta. Dele não podem dispor em favor de ninguém. E, quando o pudessem, o de que dispõem se tornaria insuficiente. Urge o tempo e elas, que vão ser chamadas, se sentem incapazes de auxiliar, com o que têm, as que necessitam de auxílio. As virgens descuidosas, que por sua vez sentem quão erradas andaram, deixando de fazer provisão, só resta se dirigirem aos que lhes possam dar os conselhos necessários.

Os *que vendem o óleo próprio a encher as lâmpadas vazias* são os bons Espíritos do Senhor. Eles efetivamente vos vendem esse óleo, por isso que, fazendo-vos progredir, a seu turno progridem. Tudo, assim, é comutativo entre vós e eles.

O preço que cobram está no progresso que vos fazem realizar, de acordo com a lei de mutualidade e de solidariedade fraternais. Se, porém, tardarem em lhes pedir socorro, em lhes pedir o óleo que alimentará a luz, sem a qual as virgens não podem entrar com o esposo, elas não chegarão a tempo. E quando julgarem que suas lâmpadas se acham suficientemente abastecidas, a sala do banquete estará fechada.

Quer isto, *em verdade,* dizer que, quando os Espíritos indolentes e desidiosos, vendo aproximar-se a época da regeneração, observando os progressos realizados por seus irmãos, quiserem caminhar ao lado destes, não conseguirão acompanhá-los e serão detidos no limiar da *nova habitação,* vendo-se forçados a realizar, *num planeta* inferior, o progresso que se descuidaram de fazer na Terra.

Vigiai, portanto, ó homens, pois não sabeis em que dia e a que hora o esposo chegará: o dia e a hora da regeneração, o dia em que o Senhor virá.

LUCAS, Cap. XII, vv. 35-38

Vigiar. — Estar pronta a receber a Jesus por ocasião da sua segunda vinda

V. 35. Cingidas estejam as vossas cinturas e acesas tende nas mãos as vossas candeias. — 36. E assemelhai-vos aos que esperam que seu Senhor volte das bodas, para, quando chegar e bater à porta, logo lha abrirem. — 37. Bem-aventurados os servos que o Senhor, ao chegar, encontre vigilantes; *em verdade vos* digo que ele se cingirá, fará se ponham à mesa e virá servi-los. — 38. Quer chegue na segunda vigília, quer na terceira, se assim os achar, bem-aventurados são esses servos.

N. 280. Estai sempre vigilantes. Estai sempre preparados a comparecer diante do vosso Senhor e a recebê-lo quando lhe apraza vir, ou mandar-vos emissários seus.

O Mestre veio e os apóstolos estavam prontos para recebê-lo. Grande foi a satisfação. Mas ele voltará. Vai adiantada a noite, a segunda vigília começa pela era nova a que Jesus, em mente, aludia. Ele vos manda emissários, órgãos do *Espírito da Verdade,* que vêm preparar a sua vinda. Estai, pois, atentos para a terceira vigília, que ele vos quer encontrar velando por vós *mesmos* e prontos a recebê-lo, purificados e luminosos pelo mérito das vossas obras, que vos tornarão as almas resplendentes de luz pura e fulgurante em presença do Senhor.

Ele vos fará sentar à mesa e vos servirá. Quer dizer que vos mostrará a verdade *sem véu e* vos levará à perfeição.

MATEUS, Cap. XXV, vv. 14-30. — LUCAS, Cap. XIX, vv. 11-27

Parábola dos talentos. — Servo inútil. — Parábola dos dez marcos

MATEUS : V. 14. Porque, é assim como um homem que, tendo de partir para longe, chamou seus servos e lhes entregou os bens que possuía. - 15. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, de acordo com a capacidade de cada um, e partiu sem mais demora. — 16. Foi-se o que recebera cinco talentos, entrou a negociar com eles e ganhou outros cinco. — 17. O mesmo fez o que recebera dois e ganhou dois. — 18. Mas, o que apenas um havia recebido lá se foi com ele, cavou um buraco no chão e aí escondeu o dinheiro do seu Senhor. — 19. Depois de muito tempo, voltou o Senhor daqueles servos e os chamou a contas. — 20. Veio o que recebera cinco talentos e, apresentando-lhe outros cinco, disse: Senhor, tu me entregaste cinco talentos; aqui estão mais cinco que ganhei. — 21. Disse-lhe o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. — 22. Veio em seguida o que recebera dois talentos e disse: Senhor, tu me entregaste dois talentos; aqui estão mais dois que com eles ganhei. — 23. Disse o seu Senhor: Muito bem, servo bom e fiel, pois que foste fiel em poucas coisas, estabelecer-te-ei sobre muitas; entra na alegria do teu Senhor. — 24. Veio por fim o que só um talento recebera e disse: Senhor, sei que és um homem severo, que ceifas onde não semeaste e colhes onde não espalhaste. — 25. Temendo-te, fui-me e escondi na terra o teu talento; aqui tens o que te pertence. — 26. Seu Senhor respondeu: Servo mau e preguiçoso, pois que sabias que ceifo onde não semeei, que colho onde não espalhei, — 27, devias ter entregado o meu dinheiro aos banqueiros e, assim, à minha volta, eu receberia o que é meu com juros. — 28. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. — 29. Porque, a todo o que tem se dará e terá em abundância; e àque-

le que não tem será tirado até o que pareça ter. — 30. E o servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá prantos e ranger de dentes.

LUCAS: V. 11. Tendo eles ouvido isso, Jesus, continuando, lhes propôs uma parábola, a propósito de se achar perto de Jerusalém e pensarem todos que o reino de Deus se manifestaria imediatamente. — 12. Disse, pois: Um homem de alta linhagem partiu para um pais longínquo, a fim de tomar conta de um reino e depois voltar. — 13. Chamou dez servos seus, deu-lhes dez marcos de prata e disse: Ponde-os em giro até à minha volta. — 14. Mas, como os de seu país o odiavam, mandaram após ele uma embaixada para lhe dizer: Não queremos sejas quem nos governe. — 15. Com efeito, voltou o homem, depois de haver tomado posse do reino, e mandou chamar os servos a quem dera o dinheiro, a fim de saber quanto cada um fizera render. — 16. Veio o primeiro e disse: Senhor, teu marco rendeu dez marcos. — 17. Respondeu-lhe o Senhor: Muito bem, servo bom; porque foste fiel no pouco, terás poder sobre dez cidades. — 18. Veio o segundo e disse: Senhor, teu marco rendeu cinco marcos. — 19. O Senhor lhe respondeu: Tu governarás cinco cidades. — 20. Veio outro e disse: Senhor, aqui está o teu marco, que conservei guardado num lenço. — 21. Tive medo de ti, porque és homem severo, que tiras de onde não puseste e ceifas onde não semeaste. — 22. Respondeu-lhe o Senhor: Servo mau, pelas tuas próprias palavras eu te julgo: sabias que sou homem severo, que tiro donde não pus e ceifo onde não semeei; — 23, porque, então, não colocaste o meu dinheiro num banco, a fim de que, quando eu chegasse, o recebesse com juros? — 24. E disse aos que estavam presentes: Tirai-lhe o marco e dai-o ao que tem dez. — 25. Observaram-lhe: Senhor, esse já tem dez marcos. — 26. Pois eu vos digo que a todo aquele que já tem ainda se dará mais e esse terá em abundância e que, àquele que não tem, até o que tem lhe será tirado. — 27. Quanto aos meus inimigos, que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e matai-os na minha presença.

N. 281. Já vos temos dito que não se fala na mesma linguagem a todos os homens. Assim é

que as parábolas de Jesus, repetidas muitas vezes, com pequenas variantes, são, quanto ao fundo, ao sentido, as mesmas, porém sempre apropriadas ao entendimento daqueles que as escutavam.

Isso se verifica também com a parábola dos talentos e do servo inútil, bem como com a dos dez marcos.

Nesta última, Jesus faz uma alusão especial (vv. 11, 12, 14 e 17) primeiramente à lei que ele viera trazer ao mundo, à ingratidão dos homens que a repeliram, falseando-a ou dela se isentando; depois, aos castigos que aguardarão os endurecidos, se, apesar de tudo, perseverarem no egoísmo e no orgulho.

Quanto à ordem que o rei dá para que lhe tragam os súditos revoltados, a fim de que sejam executados na sua presença, o que com isso quis Jesus foi aludir à sentença de banimento que será proferida contra os que permanecerem endurecidos, quando chegar o momento das retribuições gerais. Essa alusão é idêntica à que se encontra (Mateus, v. 30) nas suas palavras relativas ao servo inútil, que será lançado nas trevas *exteriores,* isto é: que será afastado do vosso e degredado para planeta inferior a esse, quando se operar e concluir a separação do joio e do trigo.

Essa ameaça do rei, materializada pelos Judeus, que, ouvindo-a, a tomaram *segundo a letra* e não *segundo o espírito,* assim como o que foi dito com relação ao servo inútil era de molde a enchê-los de temor.

À parte as variantes que vimos de apontar, as duas parábolas, na substância e no sentido, são idênticas. As explicações dadas respeito a uma servem para a outra. Essa a razão por que aqui se acham reunidas, embora tenham sido formuladas em ocasiões e lugares diversos.

Com ambas se deu o mesmo que com a das virgens loucas e das virgens prudentes: uns não

as compreenderam, outros lhes falsearam o sentido e o alcance.

Todas as críticas, variando em seus efeitos, derivam de uma mesma causa. Ë que, quando o sentido parabólico do ensino embaraça a crítica, apegam-se *à letra; quando o* embaraço vem da *letra,* procura-se um sentido *oculto.* Desse modo é que se obscurecem, falseiam, ou desnaturam o *sentido e o objeto* das parábolas de Jesus.

Tratem de ler com mais atenção, isentos de idéias preconcebidas, os que desejam destruir, sem compreenderem a causa secreta que os impele, sem verem o alvo que hão de atingir, mau grado à vontade que os anima. E, se com isso não sofrer demasiado o orgulho que os domina, apelem, intimamente, para aquele que abre as inteligências e compreenderão melhor. Mas, para esses o momento ainda não chegou. Presentemente[27], eles se ocupam em derribar um edifício que estava prestes a ruir. Atiram ao solo, em desordem, os materiais, sem cogitarem do que possa daí resultar, sem preverem a confusão que há de nascer de tal revolvimento, sem se apiedarem das naturezas fracas que ainda se abrigam sob as abóbadas da velha igreja. Derribam e derrocam. Chegado o momento, os que lhes sucederem virão apartar pedra por pedra, escolher os materiais bons, separar os imprestáveis e reconstruir, sobre bases inabaláveis, o edifício onde todos os homens irão haurir o amor, a caridade, a fé e a esperança.

Não esqueçais (nunca o recomendaremos bastante) que todas as parábolas de Jesus, tendo, *segundo o espírito,* um sentido velado, de aplicação às épocas vindouras, tinham que ser, pelos homens que as escutavam, compreendidas *segundo a letra,* tinham, portanto, que ser aplicadas a fatos materiais correspondentes à época e às inteligências

---

[27] Estas palavras foram mediunicamente ditadas no mês de agosto de 1863.

desta. Assim, pois, tomai sempre todas as parábolas de Jesus no *seu sentido velado e profético e também debaixo* do ponto de vista material aplicável, quer pelo exemplo, quer pelas expressões, às inteligências da época.

Eis aqui a explicação, *em espírito e em verdade,* da dos talentos e da dos dez marcos, as quais, repetimos, salvo as variantes que já vos assinalamos, são idênticas no fundo e no sentido.

O Senhor não exige, não reclama de cada um de vós senão o que é justo, atentas as vossas capacidades e a vossa fraqueza humana. Mas, quer que façais todos os esforços por progredir. Dentro de vós colocou o gérmen: desenvolvei-o.

Não vos apegueis, para adormecerdes na preguiça, à desculpa de que tendes menos faculdades do que vossos irmãos. Não alegueis que não sois aptos, que fostes deserdados, que o Senhor exige tanto das suas criaturas que jamais vos seria possível satisfazê-lo; que, ao contrário, poderíeis desmerecer ainda mais, se tentásseis esforços inúteis; que vos poderíeis transviar e atrair em maior escala o que chamais a sua cólera e que é apenas a sua justiça.

O Senhor é justo e eqüitativo. Se é certo que não vos achais todos no mesmo ponto; se é certo que pareceis não ter todos o mesmo número de "talentos", não menos certo é que podeis chegar, pela vossa perseverança, a merecer que maior quantia vos seja confiada. *Todos* partistes do mesmo ponto, *todos ao* mesmo ponto chegareis. Mas, entre vós, uns há mais preguiçosos do que outros. A esses o Senhor tirará o "talento", o marco que possuem.

Quer dizer que, não podendo caminhar de par com os bons servos, eles serão transferidos para outros meios, onde suas disposições lhes bastem. Estes outros meios, está claro, serão inferiores ao em que se encontravam. Doer-lhes-á então terem perdido a posição em que estavam e mais rude

será o trabalho que terão de executar para reconquistá-la.

Jesus não pretendeu dar a entender que o Senhor, justo em tudo, faz que os servos ativos tirem proveito da falta de virtude e de atividade dos servos incapazes. Quis *tão-somente* significar que os primeiros, por terem mais, andarão mais depressa e quinhão maior obterão das graças do Senhor.

Falando do terceiro servo, o Mestre alude a esses Espíritos malévolos que, para encobrirem suas próprias faltas, procuram atribuir faltas aos outros. Longe estava do pensamento do "filho" acusar o "pai". A resposta que *ele põe* na boca do Senhor tem esta *significação : "Pois* que me julgas exigente e ríspido, capaz de colher onde não semeei, de exigir o que não dei, como pudeste adormecer sem nada tentar para me satisfazer? Não é evidente que devias, uma vez que te não consideravas bastante forte para, por ti só, o conseguires, buscar o amparo dos que pudessem ajudar-te? Eles te teriam levado ao ponto de me restituíres com juros o que te dei, isto é: de progredires".

Os *banqueiros, segundo o espírito,* são os que podiam desenvolver no terceiro servo o amor do progresso e, conseguintemente, *segundo a letra,* conseguir os juros que o Senhor exige do seu servo. *Por banqueiros* deveis entender, de acordo com o sentido *oculto* da parábola, os que podem auxiliar o progresso de seus irmãos na Terra e no espaço: Espíritos encarnados e errantes.

Compreendei também essas mesmas palavras de Jesus do ponto de vista material, aplicável, pelo, que exprimiam e pelo exemplo que continham, às inteligências da época. A lei de Moisés proibia os empréstimos a juros, assim como a escravidão. Era uma lei protetora dos *Hebreus contra os próprios Hebreus.* Dessa circunstância nasceram os abusos contra os estrangeiros. Por efeito de

uma interpretação capciosa, entendia-se que a proibição só existia de *Hebreu para Hebreu,* mas não de Hebreu para com o estrangeiro e assim toda a exação, considerada culposa quando praticada contra um Hebreu, era tida por justa, se praticada contra um estrangeiro. Notai que *aqui* não se trata de banco, do ponto de vista da vossa época, e sim de *troca, transação,* que permitia ao que recebia em depósito uma certa soma operar com ela, trocando-a por mercadorias quaisquer e partilhando dos lucros, mais ou menos igualmente, com o dono dos fundos. Considerai os mil artifícios inventados pela cupidez para fraudar as leis; atentai no que se passa em torno de vós e compreendereis que houvesse quem recebesse fundos e sobre eles pagasse juros, ou que os fizesse render conforme as necessidades da época.

Quanto às palavras constantes nos vv. 29 de Mateus e 26 de Lucas, são idênticas às de que Jesus já anteriormente usara na parábola do semeador. Recebestes acerca dessas palavras as explicações necessárias nas que vos demos em o n. 164 do 2° volume, à pág. 316. Nada temos que acrescentar. Reportai-vos a elas.

Claros são, pois, o sentido e o objetivo das parábolas dos talentos e dos dez marcos. Estais em condições de lhes compreenderdes o sentido *velado e profético,* que é o seguinte:

O pensamento de Jesus, ao propô-las, abrangia a época da sua missão terrena, seu regresso às regiões superiores após o sacrifício do Gólgota, a época preparatória da sua volta ao planeta terrestre, época que é a era nova do Cristianismo do *Cristo,* a era *do espírito,* e a época mesmo dessa volta. Ele adverte os homens de que lhes cumpre, trabalhando com atividade, empregando esforços sérios e porfiados, prosseguir no desenvolvimento de seu progresso moral e intelectual. Adverte-os de que cada um tem e terá que prestar contas,

que a cada um contas serão pedidas das faculdades que recebeu do Senhor, faculdades que todos podem e devem fazer que rendam, que todos podem e devem desenvolver, tendo para ajudá-los nisso *os "banqueiros", isto é:* todos os que lhes podem auxiliar o progresso na Terra e no espaço e cujo amparo importa que busquem.

Previne-os de que para o desempenho dessa tarefa têm eles, os homens, o tempo preciso, a expiação e a reencarnação, porquanto, como sabeis, o joio há de crescer ao lado do trigo até que se verifique a regeneração, cuja hora e cujo dia ninguém sabe quando chegarão. Previne-os de que, nessa época, os Espíritos que ainda se conservarem culpados ou rebeldes, preguiçosos e ignorantes, orgulhosos ou egoístas, incapazes ou indignos de participarem da regeneração, serão afastados da Terra e mandados para planetas inferiores; de que, para esses, grandes serão a dor e os remorsos, longa a expiação e mais rude o labor pela reconquista da posição que perderam. Avisa-os de que os que houverem trabalhado pelo seu progresso, na medida de suas capacidades, serão, de acordo com as obras que tenham praticado e sobretudo de acordo com a boa-vontade de que hajam dado mostras, recompensados na classificação que se fará nesse período de regeneração e de purificação em vosso planeta depurado e regenerado.

MATEUS, Cap. XXV, vv. 31-46

Depuração pela separação do joio e do trigo, apresentada sob a figura emblemática de um juízo final

V. 31. Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono da sua glória. — 32. E, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas. — 33. Porá as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda. — 34. Dirá então o rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu pai, entrai na posse do reino que vos está preparado desde o principio do mundo; — 35, pois, tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, era forasteiro e me recolhestes; — 36, estive nu e me vestistes, estive enfermo e me visitastes, estive encarcerado e me fostes ver. — 37. Dir-lhe-ão, então, os justos: Senhor, quando foi que te vimos faminto e te demos de comer; ou com sede e te demos de beber? — 38. Quando foi que te vimos sem teto e te recolhemos, ou nu e te vestimos? — 39. Quando foi que te vimos enfermo, ou preso, e te fomos visitar? — 40. O rei responderá : *Em verdade vos* digo que, todas as vezes que o fizestes a um destes meus *irmãos* mais pequenos, a mim o fizestes. — 41. Aos que estiverem à sua esquerda dirá em seguida: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está preparado para o diabo e seus anjos; — 42, pois, tive fome e não me destes de comer; tive sede e não me destes de beber; — 43, era forasteiro e não me recolhestes; estive nu e não me vestistes; enfermo e preso e não me visitastes. — 44. Também esses perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos faminto, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou encarcerado e não te assistimos? — 45. Ele lhes responderá : *Em verdade* vos digo que, quantas vezes o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, tantas o deixastes de me fazer a mim. — 46. E irão estes para o suplicio eterno e os justos para a vida eterna.

N. 282. Estas palavras de Jesus serviram de base a todas as crenças e a todas as interpretações humanas. Apropriadas aos tempos e às inteligências, tinham elas que servir, atento o passado de todos os povos, para aquele momento e tinham que preparar o futuro. Tomadas *ao pé da letra,* foram mal compreendidas e falsamente interpretadas. Mas, tudo tem a sua razão de ser na marcha do progresso para a depuração e transformação assim dos mundos, como das humanidades.

Elas vos vão ser explicadas *em espírito e verdade.*

Pintando para os seus discípulos um quadro imponente do *juízo final, quis* Jesus deixar nas inteligências uma impressão inapagável.

A homens que habitualmente tremiam diante dos juízes e que mal eram contidos pelas leis, se bem fossem estas de extrema dureza, preciso era que se apresentasse um quadro impressionante e material do "julgamento" a que teriam de ser sujeitos e das conseqüências desse julgamento.

Dissemos acima: *"A homens que habitualmente tremiam diante dos juízes."* Em Israel, os grandes sacerdotes do templo eram os juízes, pois que de todos os delitos conheciam. As sentenças arbitrárias que proferiam eram freqüentemente terríveis. Entretanto, não impunham o respeito à lei.

(Vv. 31 e 32.) Quando o filho do homem vier na sua majestade acompanhado de todos os anjos, assentar-se-á no trono de sua glória e, reunidas todas as gentes na sua presença, separará uns dos outros, como o pastor aparta dos cabritos as ovelhas.

Supuseram tratar-se do *"fim"* de tudo e reuniram os *acontecimentos.* Essas palavras são *simbólicas.* Jesus falava das épocas que se hão de suceder, até ao momento em que *a luz suave e verdadeira virá iluminar o mundo.*

O trono da glória de Jesus é a época em que todos os povos estarão sob o jugo da sua lei. Seu

trono se achará então firmado *no fundo dos corações de todas as criaturas* e os anjos do Senhor o cercarão e descerão ao meio destas.

Não começou já esse período? O trono do Salvador não está sendo preparado para recebê-lo? Os anjos do Altíssimo não descem já até vós para vos ensinar a cantar a. glória do Onipotente, preparando-vos, por meio da prática da justiça, da caridade e do amor, para o advento *do espírito;* abrindo-vos, pelo progresso moral, todas as fontes do progresso intelectual; ensinando-vos a ser brandos e dedicados aos vossos irmãos?

As gentes não se encontram todas reunidas sob as vistas do Salvador e não vedes que se há *materializado* uma palavra *simbólica, como o são todas as dos Evangelhos?*

Não se procede, desde a origem dos tempos, à separação? Desde o aparecimento do homem na Terra, os Espíritos que pelo seu progresso têm merecido habitar os meios mais elevados do vosso mundo, ou mundos superiores ao vosso, hão ascendido a esses meios ou a esses mundos. Do mesmo modo, os Espíritos culpados têm sido, de acordo com o grau de culpabilidade e com as necessidades do progresso que devem realizar, mandados, como castigo, como expiação, para os meios inferiores do vosso planeta, ou para planetas inferiores ao vosso. Até hoje foi consentido que o joio crescesse ao lado do trigo e o será até à época em que, havendo de efetuar-se a regeneração, se tenha operado progressiva e sucessivamente a depuração do planeta terreno. Nessa época, a separação estará completamente feita: aos Espíritos culpados, refratários ao progresso, não mais será permitido reencarnar na Terra. Só aos que se houverem tornado capazes, dignos de avançar pela estrada da regeneração, será isso permitido, sendo eles colocados nas condições que lhes forem necessárias. É a essa separação que Jesus aludia.

Ela estará inteiramente concluída quando o vosso planeta entrar nas fases da sua fluidificação.

Quanto à determinação *da época* dessa separação, que se interpretou falsamente como sendo um fato único, súbito e instantâneo, não passou de uma figura. Para a realização de semelhante obra, que é progressiva e sucessiva, não pode haver época predeterminada segundo a maneira humana de calcular. Essa época corresponde ao período que precederá a depuração completa da Terra.

Jesus voltará ao mundo, quando a Humanidade estiver prestes a atingir a perfeição moral e ela aclamará a sua vinda, entoando este cântico de júbilo, de alegria, imenso e unânime: *Bendito o rei que vem em nome do Senhor.*

(Vv. 33 e 34, 41 e 46.) Igualmente s*imbólicas* são as palavras do Mestre, constantes destes versículos e apropriadas, *pela letra,* às inteligências, que convinha fossem por elas trocadas e impressionadas. Os Espíritos que se houverem regenerado na Terra, bem como os que, suficientemente purificados e adiantados, tenham vindo de outros mundos para, nas condições que lhes forem necessárias, habitar o vosso planeta regenerado, a fim de nele progredir e participar da sua marcha ascensional, esses é que estarão "à *direita do rei",* é que serão os *"justos"* chamados *a "entrar na posse do reino que lhes foi preparado desde a constituição do mundo".* Serão os *benditos do pai,* porque terão trabalhado ativamente pelo seu progresso pessoal e pelo progresso coletivo. Deus abençoa os que trabalham pelo seu próprio adiantamento e pelo de seus irmãos. A bênção desce sobre aqueles cujas obras a atraem.

O lugar reservado aos *eleitos,* isto é: aos *merecedores, aos dignos,* são as regiões elevadas onde *todo Espírito,* logo que atinja a maioridade espiritual, entrará na posse da parte da herança que lhe está destinada *desde a sua origem.*

Os justos irão para a vida eterna. Caminharão pela via do progresso para a perfeição que lhes dará, na eternidade, a vida espírita, isentando-os de toda e qualquer encarnação, uma vez que se tenham tornado puros Espíritos.

Os que estiverem "à *esquerda do rei", os "malditos",* irão *"para o fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos, para o suplício eterno". Os* Espíritos culpados irão para lugares onde eternamente se sofre, *seja* no estado de erraticidade no espaço, *seja* no de encarnação. São de expiação esses lugares, mas também de provas e de progresso, e constantemente *se renovam,* por meio de depurações e transformações lentas e gradativas, como igualmente *se renovam as* categorias dos Espíritos que os habitam. São mundos inferiores, *preparados* para os Espíritos culposos, no sentido de servirem para habitação deles, que *figuradamente se* designam pelos nomes de *"diabo" e* de *"anjos do diabo",* conformemente ao grau de culpabilidade de cada um. Tais mundos constituem para esses Espíritos um *"inferno" e,* ao mesmo tempo, um *"purgatório",* como meio de expiação, de reparação e de progresso. *Tal é o espírito.* Velando-o *pela letra, Jesus* intencionalmente deu o ensino sob um aspecto material, tendo em vista que ele ia passar sucessivamente através de gerações bárbaras, que precisavam ser aterrorizadas para se deixarem domar.

Teve assim a sua razão de ser o dogma humano da eternidade das penas, como fruto do reinado da letra, necessário por certo tempo, até que a Humanidade se houvesse adiantado bastante na senda do progresso moral e intelectual.

Não vos foi dito: A letra *mata e o* espírito *vivifica?* Palavras proféticas eram estas, destinadas a ser compreendidas e aplicadas nos tempos preditos em que o *espírito* viria esclarecer a *letra* e dar-lhe o verdadeiro *sentido.* Esses tempos chegaram. O Espírito da Verdade, por meio da nova

revelação, vos vem ensinar a verdade, despojando *da letra o espírito.*

Sim, fictícias são as ameaças do *fogo eterno,* do *suplício eterno,* como expressão de uma condenação eterna proferida contra o Espírito culpado. Jamais estiveram no pensamento de Jesus.

Os banidos serão degredados para os lugares de trevas, serão rechaçados para os mundos de expiação, onde o princípio do mal reina soberanamente e onde se verão condenados a viver por séculos no meio da desgraça e das dores. Sim, é aí que se ouvem prantos e ranger de dentes; é aí que um fogo inextinguível requeima o Espírito, porquanto, deportado, pela sua perversidade, para essas desgraçadas terras, ele guardará a lembrança do que haja perdido *e acreditará* que o perdeu *para sempre.* Daí se originam as *chamas* que o devorarão, daí nascem os *demônios* que o torturarão com o seu contacto aviltante — as dores, que serão morais para a sensibilidade do Espírito, mas que também se tornarão, de certo modo, materiais pelos sofrimentos físicos inerentes a tais encarnações, sofrimentos que mais acerbos são para aquele que é punido pela sua reincidência, isto é: que se vê degredado, quando pudera ter progredido e gozar da paz do Senhor.

Mas, a mão paternal de Deus se estende sobre esses pobres exilados como sobre todos e com o correr dos séculos a paz acabará por entrar neles com o remorso do seu endurecimento e o desejo da reparação. Será isso efeito da onipotência do Senhor, expressa na lei imutável do progresso e da perfectibilidade por ele estabelecida desde toda a eternidade e que se executa sob os auspícios da sua justiça, da sua bondade e da sua misericórdia infinitas.

Dissemos há pouco, falando do Espírito banido: *Ele guardará* a lembrança *do que haja perdido* e acreditará que o perdeu *para sempre.* Isso, entendei-o, se dá no estado de erraticidade. O

Espírito, livre dos entraves da carne, compreende a sua posição, vê suas faltas. Poderá iludir-se durante algum tempo, mas, passado o período de dilação, como nada *de arbitrário, ou* que pareça *tal,* pode o Espírito ver na execução dos desígnios divinos, todo o seu passado se desenrolará às suas vistas e, assim como lhe será dado julgar da justiça da condenação, também lhe será possível apreciar a justiça da recompensa concedida aos bons obreiros.

Compreendei igualmente que, mesmo na condição de encarnado, o Espírito banido experimenta um mal estar indefinível, mas que lhe causa sofrimento e dá uma impressão de superioridade com relação aos outros e, portanto, do aviltamento *relativo* da sua posição.

(Vv. 34 e 40.) Pelas palavras, que estes versículos registraram, Jesus se exime da divindade que as falsas interpretações humanas lhe atribuiriam, declarando-se *irmão* de todos os homens, *dos mais pequeninos dentre estes, filhos* todos, *como ele,* do pai onipotente; declarando-se Espírito criado *como eles,* saído do mesmo princípio, tendo tido a *mesma* origem. Por outro lado, dando a si próprio o título de "rei", indica, *sob o véu que ficava* reservado *à revelação atual levantar, a* sua posição espírita como protetor e governador do vosso planeta, encarregado do vosso progresso e de vos conduzir à perfeição.

(Vv. 35 a 40 e 41 a 45.) Estando prestes a deixar a Terra, que ele viera subtrair ao erro, às superstições, aos vícios, trazendo-lhe a luz, lançando as bases fundamentais da regeneração humana, traçando e abrindo as sendas do progresso, Jesus, depois de haver prevenido os homens da separação do joio e do trigo, dos bons e dos maus, lhes diz claramente em que se fundará a separação dos "cabritos" e das "ovelhas". Não será porque tenham professado ou deixado de professar tal ou tal crença, *adotando* tal ou tal doutrina,

praticado tal ou tal culto exterior, *mas* por terem ou não praticado, no terreno material, no terreno moral e no terreno intelectual, o amor e a caridade com todos. Os que assim o tiverem feito são os que passarão "à *sua direita",* ficando *"à sua esquerda" os* que se houverem esquecido de assim proceder.

Jesus não se ocupou com os que, não contentes de não terem feito o bem, hajam praticado o mal. A situação desses, mais grave ainda, estava implicitamente compreendida no que já ele dissera dos outros; não precisava ser mencionada.

Portanto, o que ressalta nítida e formalmente de todos os ensinamentos do Mestre é que deveis procurar constantemente ser caridosos, tornar-vos, por todos os meios possíveis, úteis aos vossos irmãos. E cada um, qualquer que seja a sua pobreza material, o pode sempre, ao menos moralmente, no meio em que se ache colocado, pelo exemplo e pelos conselhos, cuja inspiração encontrará nas palavras do Salvador, se bem as compreender.

Ressalta ainda que — *fora da caridade e do amor não há salvação,* isto é: não há progresso, nem adiantamento; que só pela *caridade e pelo amor* podeis progredir e avançar; que, sejam quais forem as vossas crenças, as vossas doutrinas, os vossos cultos exteriores e as práticas materiais desses cultos, enquanto não praticardes a caridade e o amor, enquanto, pois, permanecerdes escravizados ao orgulho e ao egoísmo, assim como aos vícios e paixões que de um e outro decorrem, estareis e continuareis sujeitos à expiação em mundos inferiores, às encarnações *expiatórias* nesses mundos.

Vimos de dizer, aludindo à prática do amor e da caridade: *"no terreno material, no terreno moral e no terreno intelectual".* As palavras de Jesus, de acordo com o seu pensamento, se aplicam ao Espírito *e ao corpo, como sendo,* para o

Espírito, no estado de encarnação, instrumento e meio de provas, de reparação e de progresso. Conseguintemente, é do duplo ponto de vista das necessidades e socorros que afetam, assim o corpo como o Espírito, que deveis praticar o amor e a caridade com os vossos irmãos.

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 1-13..— MARCOS, Cap. XIV, vv. 1-9

Perfume derramado sobre a cabeça de Jesus

MATEUS: V. 1. Tendo acabado de proferir todos esses discursos, disse Jesus a seus discípulos: — 2. Sabeis que daqui a dois dias se celebrará a Páscoa e o filho do homem será entregue para ser crucificado. — 3. A esse tempo reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os anciãos do povo na sala do sumo pontífice chamado Caifás, — 4, e se consultaram para se apoderarem de Jesus à traição e lhe tirarem a vida. — 5. Mas, diziam: Durante a festa, não, para que não se suscite algum tumulto entre o povo. — 6. Ora, estando Jesus em Betânia, na casa de Simão o leproso, — 7, aproximou-se dele uma mulher trazendo um vaso de alabastro com precioso perfume e lho derramou sobre a cabeça, quando estava à mesa. — 8. Ao verem isso, seus discípulos se indignaram e disseram consigo: Para que este desperdício? — 9. Esse perfume podia ser vendido por bom dinheiro, que se daria aos pobres. — 10. Percebendo neles este pensamento, disse-lhes Jesus: Porque molestais a esta mulher, que no que fez comigo praticou uma boa obra? — 11. Pobres, tê-los-eis sempre convosco, ao passo que nem sempre me tereis a mim. — 12. Derramando sobre o meu corpo este perfume, ela o ungiu para ser sepultado. — 13. Em verdade vos digo que, onde quer que, no mundo inteiro, for pregado este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que esta mulher acaba de fazer.

MARCOS: V. 1. Dois dias depois vinha a Páscoa com os pães ázimos e os príncipes dos sacerdotes e os escribas procuravam meio de se apoderarem de Jesus à traição e de o matarem. — 2. Mas diziam: No dia da festa, não, para que não se levante algum tumulto entre o povo. — 3. Estando Jesus em Betânia sentado à mesa na casa de Simão, o leproso, ai veio uma mulher com um vaso de alabastro cheio de precioso perfume de nardo e, quebrando o vaso, lhe

derramou o perfume sobre a cabeça. — 4. Alguns dos presentes, indignados com *isso,* diziam entre si: Para que desperdiçar assim este perfume? — 5. Bem podia ele ser vendido por mais de trezentos denários, os quais seriam dados aos pobres. E murmuravam contra a mulher. — 6. Jesus então lhes disse: Deixai-a; porque a molestais? Com o que ela fez praticou uma boa obra, — 7, porquanto, pobres tê-los-eis sempre convosco e, quando quiserdes, podereis fazer-lhes *bem,* mas a mim nem sempre me tereis. — 8. Ela fez o que lhe era possível: embalsamou-me antecipadamente o corpo para a sepultura. — *9. Em verdade vos* digo que, onde quer que no mundo todo se pregue este Evangelho, narrado também será, em sua memória, o que ela fez.

N. 283. De novo a seus discípulos anuncia Jesus sua "morte", *segundo o modo de ver dos homens,* e também, de maneira precisa, a sua crucificação. Aquela mulher foi, por influência espírita, impelida a fazer o que fez, porque o seu ato se prestava a pôr em relevo a presciência do Mestre quanto a *essa* morte, a *essa* crucificação, pois que, ao verificar-se o acontecimento predito, todos se lembrariam daquele ato e das palavras que ele proferira com relação ao futuro.

Quebrando o vaso de alabastro cheio de precioso perfume e derramando-o sobre a cabeça de Jesus, ela rendia uma homenagem ao Senhor.

Ainda cegos pela matéria, os discípulos só compreendiam os fatos materiais.

Repreendendo-os pelas suas murmurações, Jesus lhes fez compreender que *nem* sempre *bastam* os sacrifícios que apenas *visam a matéria;* que o homem precisa saber impor-se sacrifícios tendo em vista *também o Espírito.*

A escolha de perfumes para essa lição, obedeceu à razão de que, pela natureza que lhes é *essencial,* eles dão a ver que os sacrifícios que se hajam de fazer, tendo-se em vista *o Espirito,* não devem ser buscados unicamente nas coisas de ordem *material, mas* também nas de ordem *espiritual.*

"Não molesteis a essa mulher; deixai-a, disse Jesus; e acrescentou: o que ela acaba de fazer é uma boa obra; em verdade vos digo que, onde quer que no mundo inteiro for pregado este Evangelho, narrado também será, em memória sua, o que ela fez."

Sim: era um ato de amor e de desinteresse, *um sinal* da vitória *do Espírito* sobre a matéria.

"Pobres, disse ainda Jesus, tê-los-eis sempre con*vosco,* ao passo que nem sempre me tereis a mim."

Estas palavras do Mestre não foram compreendidas *em espírito e verdade.*

No que lhe concerne, ele alude ao seu aparecimento na Terra, aos tempos e à duração desse aparecimento, para o desempenho da sua missão terrena, acorde aquela duração com as necessidades dessa missão. Alude também à duração da sua vida, humana *ao ver dos homens.*

Os que tomam sempre as suas palavras do ponto de vista das necessidades humanas, sem se lembrarem de que, antes de tudo, ele considerava as necessidades espirituais, falsearam estas: Po*bres, tê-los-eis sempre convosco,* atribuindo-lhe o pensamento, a afirmação, tão absurda e falsa, quão fatalmente retrógrada, de que a pobreza *material* há de ser sempre, eternamente, apanágio da Terra, da humanidade terrena.

Falando dos pobres da Terra, Jesus não aludia *especialmente* àqueles que carecem de bens *materiais,* mas de todos quantos se encontram num estado de inferioridade qualquer, que necessita do auxílio, do concurso, do amparo dos homens de boa-vontade. Suas palavras se referem às condições dos Espíritos, que uns são *inferiores a outros* em inteligência. Ele, pois, se referia não só aos que são *materialmente* pobres, mas também aos que o são *moralmente e* sobretudo aos pobres *de inteligência.*

No vosso planeta ainda inferior e em via de progresso, bem como em todos os outros igualmente inferiores, sendo a pobreza, tanto *a material* quanto *a moral,* uma conseqüência das *provações,* sempre haverá pobres de uma e outra categoria, até que esteja concluída a separação do joio e do trigo, isto é, que a depuração da Terra e da humanidade esteja completamente terminada pela separação dos bons e dos maus.

Lembrai-vos, porém, do que já diversas vezes temos dito: que da elevação de um planeta não decorre o *nivelamento* das faculdades.

Entre vós sempre haverá pobres, ainda quando do vosso mundo hajam desaparecido tanto a pobreza *material, como* a pobreza *moral.* Qualquer que seja o grau de depuração do planeta terreno, aí haverá sempre, num ponto ou noutro, Espíritos depurados, bons, mas menos adiantados do que outros. Esses são os *intelectualmente* pobres, aos quais os ricos em *inteligência,* em *saber,* darão com abundância o que possuem. Já o temos dito e não devereis esquecer que, do ponto de vista *intelectual,* há sempre, entre os Espíritos, hierarquia, no tocante à ciência universal, mesmo quando todos tenham atingido a perfeição moral.

A pobreza material deixará de existir na Terra quando dentre vós desaparecerem todas as enfermidades morais, que tendes de expiar *renascendo continuamente.* Despojai-vos, portanto, dos vossos vícios, quer advenham da carne, quer do Espírito, que deve dominar a matéria, pois que do contrário os felizes *de hoje* talvez sejam os pobres *de amanhã.*

O desaparecimento, a cessação completa da pobreza *material,* de maneira que cada um viva folgadamente do seu labor, será um sonho enquanto *a vossa depuração moral* não houver suavizado as vossas futuras expiações. As associações, as instituições de beneficência que mantendes são boas, porque provam, em vós o desejo de fazer o bem, de socorrer vossos irmãos. Mas, sem desprezardes

os socorros *materiais,* esforçai-vos por socorrer o *moral* dos homens. Podereis então dizer que a miséria *material* cessará no planeta terreno, quando dele for expulsa a miséria *moral.*

A esse tempo, prestando-se os homens mútuo e esclarecido auxílio, todos em comum trabalharão na obra comum. Quão longe, porém, está essa era bendita em que haveis de entrar!

Preparai-vos, não obstante, para ela e fazei com esse objetivo todos os esforços, organizando, com os corações cheios de *humildade e desinteresse, de justiça, de amor e de caridade,* sociedades para o trabalho de ordem *material,* de ordem *moral e* de ordem *intelectual.* Que os "ricos" dêem abundantemente *aos* "pobres", trazendo cada um a tais associações o tributo das faculdades de que possam dispor, a fim de que se espalhem e desenvolvam a educação e a instrução *moral e intelectual,* explicando aos homens e fazendo-lhes compreender: o amor a Deus acima de tudo e o do próximo como a si mesmos, as maneiras e os meios de praticar-se esse duplo amor, de praticar-se, observando a liberdade na ordem e a ordem na liberdade, o máximo de mutualidade, de solidariedade, de fraternidade, fonte e regra de todos os direitos e deveres, máxima que se formula nestes termos: *um por todos e todos por um,* em todas as associações, de qualquer natureza que sejam — comerciais, industriais, agrícolas, morais e intelectuais, compreendidas no rol destas últimas as literárias, as religiosas e as científicas, em todas as esferas *da atividade humana: individual, comum ou social.*

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 14-19. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 10-16. — LUCAS, Cap. XXII, vv, 1-13

Pacto de traição feito por Judas Iscariotes com os príncipes dos sacerdotes. Lugar escolhido para a Páscoa

MATEUS: V. 14. Então um dos doze, chamado Judas Iscariotes, foi ter com os príncipes dos sacerdotes, — 15, e lhes disse: Que me quereis dar? Eu vo-lo entregarei. Convencionaram dar-lhe trinta moedas de prata. — 16. Desde então, Judas procurava uma oportunidade para entregar Jesus. — 17. Ora, no primeiro dia dos pães ázimos vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que preparemos o que é preciso para comermos a Páscoa? — 18. Respondeu-lhes Jesus: Ide à cidade, a casa de um tal homem e dizei-lhe: O Mestre te manda dizer: o meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. — 19. Os discípulos fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa.

MARCOS : V. 10. Então, Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os príncipes dos sacerdotes para lhes entregar Jesus. — 11. Ouvindo-o, eles se alegraram, prometeram dar-lhe dinheiro e Judas se pôs à espreita de uma oportunidade para o entregar. — 12. No primeiro dia dos pães ázimos, que era quando se imolava o cordeiro pascal, disseram a Jesus os discípulos: Onde queres que vamos preparar o que é necessário para comer-se a Páscoa? — 13. Chamou ele então dois dos discípulos e lhes disse: Ide à cidade; lá encontrareis um homem carregando um cântaro dágua: segui-o. — 14. Dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre lhe manda perguntar: Onde o aposento em que hei de comer a Páscoa com meus discípulos? — 15. Ele vos mostrará um amplo cenáculo mobiliado. Preparai aí o que for necessário. — 16. Os discípulos partiram, foram à cidade e acharam tudo como lhes ele havia dito e prepararam a Páscoa.

LUCAS: V. 1. Estava próximo a festa dos pães ázimos, que se chama a Páscoa. — 2. Os príncipes dos

sacerdotes e os escribas procuravam um meio de tirar a vida a Jesus, mas temiam o povo. — 3. Ora, Satanás entrou em Judas, cognominado Iscariotes, que era um dos doze; — 4, e Judas foi e se entendeu com os príncipes dos sacerdotes e os capitães das guardas do templo sobre o modo de lhes entregar Jesus. — 5. Alegraram-se todos e ajustaram com ele dar-lhe dinheiro. — 6. Judas prometeu e começou a procurar uma oportunidade de lhes entregar o Mestre, sem que o povo o soubesse. — 7. Chegou afinal o dia dos pães ázimos, em que se devia imolar a Páscoa. — 8. Jesus despachou a Pedro e João, dizendo-lhes: Ide preparar tudo para comermos a Páscoa. — 9. Eles perguntaram: Onde queres que a preparemos? — 10. Respondeu Jesus: Ao entrardes na cidade, encontrareis um homem carregando um cântaro dágua; acompanhai-o até à casa onde ele entrar; — 11, e dizei ao dono da casa: O Mestre te manda perguntar: Onde o compartimento em que hei de comer a Páscoa com meus discípulos? — 12. E ele vos mostrará uma grande sala mobiliada; preparai aí o que for necessário. — 13. Os dois foram e acharam tudo como ele lhes dissera e prepararam a Páscoa.

N. 284. Aproximava-se o momento de se cumprirem as coisas preditas e Jesus, falando daquele modo aos discípulos, confirmava as predições já feitas. Enviados por ele, Pedro e João encontram o homem que lhes fora indicado e tudo se passa como ele anunciara. Já recebestes (n. 246 deste volume) a explicação desses fatos, que se verificavam em Jesus, de presciência, de visão a distância, bem como a da influência oculta que concorria para que eles se produzissem. Reportai-vos a essa explicação.

Habituados a tais fatos, os apóstolos a princípio pouca atenção lhes prestaram. Mais tarde, porém, voltando a considerar todas aquelas predições, elas lhes deram, e também aos seus primeiros discípulos, a confirmação da presciência e da missão de Jesus.

Quanto à traição de Judas, essa não resultou de uma predestinação. Aceitá-la como tal, aceitando as interpretações que daquele fato resultaram, importaria em negar a justiça de Deus.

Judas, que era um Espírito desejoso de adiantar-se, mas orgulhoso e por demais confiante nas suas forças, pedira, antes de encarnar, que lhe fosse concedido participar da obra do Cristo, esperando tirar dessa participação abundantes e preciosos frutos. Em vão seus guias lhe fizeram ver os escolhos contra os quais iria chocar-se. Em vão lhe disseram ser ainda muito fraco para suportar tão grande peso e lhe mostraram que, obumbradas suas resoluções e esperanças pela carne, os sentimentos de inveja e de cobiça despertariam e o arrastariam inevitavelmente a uma queda, que tanto mais perigosa lhe seria, quanto mais obstinado ele perseverasse no seu propósito. A nada quis atender.

Jesus conhecia a Judas e lhe aceitara o concurso. A lição terrível que o esperava fá-lo-ia sair afinal purificado de todos os vícios que ainda o dominavam. Foi tendo em vista esse futuro, patente a seus olhos, que o Mestre consentiu naquele ato de Judas. Porque, ficai certos, nada ocorre sem que ao acontecimento presida um princípio de eterna justiça, de inefável amor.

Judas era orgulhoso, invejoso e amante do luxo. Pesava-lhe a sua posição humilde e pobre. Ofuscava-o a auréola que cercava Jesus, a quem não podia perdoar que *por aquela forma* atraísse a atenção de todos. O orgulho, a inveja e o amor do luxo lhe trouxeram, como conseqüência, a cupidez, a hipocrisia, a inclinação ao roubo.[28]

Pobre humanidade! que ainda te obstinas em caminhar nas pegadas de Judas, que ainda com tanta dificuldade suportas os reflexos de glória, de fama, de estima, que aureolam alguns dos teus

[28] Ver: Evangelho de João, cap. XII, v. 6.

membros! Pobres homens! quanto vos torturais por achar oportunidade de vender aquele contra quem nutris íntimo sentimento de inveja, cujas causas e conseqüências a vossa consciência não ousa reconhecer! quantos dentre vós se esforçam por fazer que desmereçam na opinião pública aqueles de vossos irmãos que julgais se elevam imerecidamente no conceito dos outros homens! com quantos artifícios vos pondes à espreita do momento em que lhes deitareis a mão e os entregareis aos sacerdotes, aos escribas e aos fariseus da vossa época, procurando descobrir, traiçoeira e cuidadosamente, o lado fraco, as faltas dos que desejais sacrificar, colocando-os, em seguida, desnudos diante dos que também aguardam um instante favorável para deles se apoderarem !

Oh! empregai de preferência os recursos da vossa tão perspicaz inteligência em descobrir meios de ocultar a todos os olhares as faltas, reais ou aparentes, dos vossos irmãos. Homens! não façais como Judas. Ah! não sabeis quão terrível é a expiação daquele que "vende" o "justo", que trai a seu "mestre". Não digais: "A culpa não é minha; esse que quero fique perdido perante a opinião pública, esse cuja reputação solapo soturnamente, cujas fraquezas eu, oculto nas sombras, espreito, para expô-las à luz meridiana, às vistas de todos, este não é um justo, não é meu mestre". Que sabeis a tal respeito? Estás bem certo tu, Judas orgulhoso, que sucumbes a uma inveja surda, estás bem certo de que ele não é teu mestre, isto é: de que, se estivesses em seu lugar, não falirias mais gravemente?

Queridos irmãos, desconfiai todos, todos sem exceção, de vós mesmos, pois que estais sempre prontos a dar entrada a "Satanás", ao "demônio" do orgulho e da inveja e muito prontamente sucumbis às suas sugestões. Guarde-vos o Senhor, porquanto a queda é fácil, mas o reerguimento é terrível!

Os discípulos, dizem os Evangelhos, fizeram o que Jesus lhes determinara, tudo se passou como lhes fora dito e prepararam tudo para que ele celebrasse a Páscoa com os doze, portanto com Judas Iscariotes também o qual, sabia-o ele, o havia de trair.

A propósito dos versículos que se seguem aos de que estamos tratando, vamos explicar-vos, se*gundo o espírito que vivifica,* quais foram o motivo e o *fim* que Jesus teve em mente para celebrar com seus discípulos a ceia pascal, *não* numa sinagoga ou num templo construído pelos homens, *mas* num amplo cenáculo *todo* mobiliado, ceia que, como cumpria acontecesse, serviu, sob o império e o véu *da letra,* de base a um culto exterior e que foi, *em espírito e em verdade,* um ato puramente espiritual, emblemático, cujo sentido, alcance e aplicação faremos conhecer.

N. 285. *Nestas frases :* "Quanto à traição de Judas, essa não resultou de uma predestinação. Aceitá-la como tal, aceitando as interpretações que daquele fato resultaram, importaria em negar a justiça de Deus¨ — COMO SE DEVEM ENTENDER as palavras: *aceitando as interpretações que daquele fato resultaram?*

"Segundo as explicações que os homens deram desses fatos, Judas houvera sido de antemão *escolhido* e entregue ao "demônio"; fora criado para cometer o crime que praticou; sua alma fora vil, baixa, invejosa, cúpida, sanguinária, unicamente para que se cumprissem as profecias do Antigo Testamento. Quão manifesta, entretanto, é a justiça de Deus no ato daquele Espírito presunçoso, que pede para cooperar na grande obra e que, apesar de todas as observações, de todos os conselhos, se obstina em levar por diante a orgulhosa tentativa, confiando mais na sua presunção do que na presciência daquele sob cuja inspiração seus guias lhe declaravam: *Tu vais falir.* Quão patente

se mostra, ao mesmo tempo, naquele ato, a mão paternal sempre estendida para o filho indócil, a fim de o levantar após a queda, que lhe serviria de ensinamento e lhe faria germinar no coração a salutar humildade que aí não encontrara até então acesso!

"Oh! como é grande esse Deus que permite que o filho culpado encontre, na sua própria indignidade, o ponto de apoio que o ajudará a subir para a perfeição!

"Oh! quanto é bom aquele que está sempre pronto a perdoar ao que sinceramente se arrependе, que pensa com suas mãos benfazejas as chagas dos nossos corações culpados, que nelas derrama o bálsamo da esperança e as cicatriza com o auxílio da expiação!

"Bendito sejas tu, meu Deus!

JUDAS ISCARIOTES."

DIANTE DESSA INESPERADA MANIFESTAÇÃO, dirigimos ao *Espírito de Judas* ESTAS PALAVRAS: "Nós te agradecemos o te teres assim manifestado, tu que faliste pedindo uma missão superior às tuas forças. Deus, em sua bondade, em sua misericórdia infinitas, permitiu que te reerguesses e tu te regeneraste no cadinho do arrependimento, do remorso, da expiação, da reencarnação, do tempo e do progresso. E te tornaste um dos auxiliares humildes, ativos e dedicados do Cristo, que te prometera, como aos outros onze apóstolos fiéis, que "beberias e comerias à sua mesa" no seu reino e que te assentarias num dos doze tronos para julgar as doze tribos de Israel" [29]. Grandiosa lição essa, "fonte" de esperança e de coragem para todos, *a todos* ensinando que, por maior que seja o crime ou a falta da criatura, jamais é tão grande quanto a bondade de Deus."

A mão do médium, fluidicamente impelida, no mesmo instante e espontaneamente, escreveu ISTO:

[29] Ver, para compreensão do sentido destas palavras, o n. 240, neste volume.

"O amor do Senhor se estende por sobre todas as suas criaturas. Vinde, pois, a ele, cheios de confiança. Não são os inocentes os que precisam de perdão. Não são os fortes os que precisam de amparo. Vinde, filhos que chorais as vossas faltas, o Senhor vos enxugará as lágrimas. Vinde, filhos fracos e enfermos, o Senhor vos dará parte maior e mais ativa do seu amor. Vinde confiantes. Como vós, também nós falimos. Como vós, também fomos culpados, amargamos as nossas faltas e expiamos os crimes que cometêramos e as fraquezas que nos fizeram sucumbir, por meio de longo e penoso labor, numa série extensa de existências humanas, que prepararam e realizaram a nossa purificação, graças à qual o Senhor nos admitiu a gozar da sua alegria.

"Imitai-nos, portanto, irmãos bem-amados. Todos tendes, mais ou menos, o que expiar, tendes que pedir perdão. Vinde com confiança aos pés do vosso pai, confessai vossas faltas perante o seu tribunal. O juiz é reto, o juiz é justo, mas também é pai. Sua indulgência há de sempre prevalecer sobre sua justiça; suas sentenças ele as profere sempre dentro dos limites das vossas forças. É credor paciente e brando; esperará que possais pagar a vossa dívida.

"Oh! vinde! Possa a mão que vos entendemos sustentar-vos, fazendo-vos compreender que em nós achareis grandes tesouros de amor.

"Como dissestes, Judas é hoje um Espírito regenerado no crisol do arrependimento, do remorso, da expiação, da reencarnação e do progresso. Tornou-se um dos auxiliares humildes, ativos e devotados do Cristo. Este exemplo vos mostra que não deveis nunca repelir qualquer de vossos irmãos e ainda menos excluí-lo da paz do Senhor."

MATEUS, MARCOS, LUCAS E JOÃO
assistidos pelos apóstolos.
JOSÉ DE ARIMATÉIA, — SIMÃO DE CIRENE.

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 20-30. — MARCOS, Capítulo XIV, vv. 17-26. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 14-23

Ceia pascal. — Jesus prediz a traição de Judas

MATEUS: V. 20. Chegada que foi a tarde, Jesus se sentou à mesa com seus discípulos. — 21. E, enquanto estes comiam, disse: Em verdade vos digo que um de vós me trairá. — 22. Os discípulos, profundamente contristados, começaram um a um a perguntar-lhe: Serei eu, Senhor? — 23. Respondeu ele: O que comigo põe a mão no prato, esse é o que me entregará. — 24. O filho do homem, na verdade, se vai, conforme ao que está escrito a seu respeito, mas ai daquele por quem o filho do homem será entregue! melhor lhe fora não haver nascido. — 25. Então Judas, o que o traiu, lhe perguntou: Mestre, sou eu? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste. — 26. Estando todos a comer, Jesus pegou do pão, o abençoou, partiu e deu aos discípulos, dizendo-lhes: Tomai e comei: isto é o meu corpo. — 27. E, tomando do cálice, rendeu graças e o passou aos doze, dizendo: Dele bebei todos. — 28. Este é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que por muitos será derramado para remissão dos pecados. — 29. Digo-vos que desta hora em diante não mais tornarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que o beberei *de novo* convosco no reino de meu pai. — 30. E, entoando o cântico de ação de graças, saíram para o monte das Oliveiras.

MARCOS: *V.* 17. Chegada a tarde, foi Jesus para lá com os doze. — 18. Estando todos à mesa comendo, disse ele: Em verdade vos digo que um de vós, que comigo come, me entregará. — 19. Começaram eles então a entristecer-se e a perguntar, cada um por sua vez: Serei eu? — 20. Respondeu-lhes Jesus: 2 um dos doze, que mete comigo a mão no prato. — 21. Na verdade o filho do homem vai-se, conforme a seu respeito está escrito; mas ai daquele por quem o filho do homem será entregue, melhor lhe fora não haver nascido. — 22. Enquanto comiam, Jesus pegou do pão, o abençoou, partiu e lhes deu, dizendo: Tomai,

e isto é o meu corpo. — 23, Pegando do cálice, rendeu graças e deu-lhes e todos beberam dele. — 24. Disse ele então: Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que será por muitos derramado. — 25. Em verdade vos digo que não mais beberei deste fruto da videira, até ao dia em que o hei de beber de novo no reino de Deus. — 26. E, entoado o cântico de ação de graças, saíram para o monte das Oliveiras.

LUCAS: V. 14. Chegada a hora, Jesus se pôs à mesa com os doze apóstolos, — 15, e lhes disse: Ardentemente desejei comer convosco esta Páscoa, antes de padecer, — 16, porquanto vos declaro que não tornarei mais a comê-la até que ela se cumpra no reino de Deus. — 17. Depois, pegou do cálice, rendeu graças e disse: Tomai-o, passai-o entre vós; — 18, pois vos declaro que não tornarei a beber do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. — 19. Em seguida, tomou do pão, rendeu graças, o partiu e passou aos discípulos, dizendo: Isto é o meu corpo, que por vós é dado: fazei isto em memória de mim. — 20. Terminada a ceia, tomou igualmente do cálice e disse: Este cálice é a nova aliança em meu sangue, que se derramará por vós. — 21. Entretanto, a mão daquele que me trai está comigo a esta mesa. — 22. O filho do homem, na verdade, vai-se, conforme está determinado, mas ai do homem, por quem ele será traído! — 23. Começaram então os apóstolos a perguntar uns aos outros qual deles iria fazer isso.

N. 286. Nenhuma idéia material devem despertar nos vossos Espíritos a ceia de Jesus com os apóstolos e a comunhão para a qual convida ele os homens. Naquela ocasião, servindo-se dos símbolos do pão e do vinho, que compara ao seu corpo e ao seu sangue, o Mestre fez um último e solene apelo *à fraternidade entre todos.* Assentados todos à mesa *do festim, todos* tendes que vos servir *igualmente do mesmo alimento e* beber *pelo mesmo cálice. O* Senhor marcou o lugar que deveis ocupar e indicou *os alimentos* que vos sustentarão. Uni-vos, pois, na vida, como os onze discípulos fiéis se uniram em torno do Mestre, liga-

dos por um único sentimento: o amor ao Pai, o amor ao Salvador, o amor aos vossos irmãos. Compartilhai do mesmo sacrifício, repartindo entre vós *o pão* que Jesus vos passa. Lembrai-vos de que *esse pão* tem que ser *o mesmo para todos, pois* que o sacrifício do Salvador se verificou para servir de *exemplo a* todos. Ao passardes de mão em mão o cálice, lembrai-vos de que *a bebida* que ele contém se destina a dessedentar todos os que se acham sequiosos, visto que seu sangue o Salvador derramou por todos.

Fazei com os vossos irmãos transviados, sejam eles os mais perversos, o que fez Jesus com o duodécimo discípulo — Judas. Embora soubesse que este o havia de trair, que era um irmão falso, um discípulo prevaricador, Jesus permite que ele se sente à mesa com os onze discípulos fiéis, que participe com estes do mesmo alimento, que beba pelo mesmo cálice, isto é: admite-o a escutar, a receber o último apelo feito à fraternidade entre todos. É que Judas era então a ovelha desgarrada, que mais tarde o bom pastor carregaria aos ombros e reconduziria ao aprisco. Ao aproximar-se o momento em que ia deixar a Terra, bem como do alto da cruz, Jesus não teve para Judas que o traíra e entregara, nem para os que o insultavam e flagelavam, senão uma palavra de perdão: *Perdoa-lhes, meu pai; eles não sabem o que fazem.*

Judas, que ouvira a voz do Mestre e o não escutara, presa de remorsos, quando ainda na Terra, e arrastado pelos remorsos ao suicídio, encontrou o perdão após a morte, sob a ação de um arrependimento sincero e profundo e do ardente desejo de expiar e reparar sua falta.

Depois de passar por sofrimentos e torturas morais apropriados e proporcionados à culpa em que incorrera, aos crimes que praticara, ele viu abrir-se diante de si a via da reencarnação, que o é da purificação e do progresso. Como todos, com o tempo, com os séculos, com o auxílio das

provações e da expiação, pôde, por efeito da onipotência de Deus, da sua justiça, da sua bondade da sua misericórdia infinitas, sair e saiu daquela via, purificado pela humildade, pelo desinteresse e pelo amor.

Retomou assim o seu lugar no banquete em companhia dos outros discípulos e hoje, com estes, convida todos os seus irmãos transviados a virem, com e como ele, sentar-se à mesa do Mestre.

Fazei com todos os vossos irmãos transviados o que fez Jesus com o duodécimo discípulo — Judas: reconduzi-os ao bom caminho, opondo à injúria, à ofensa, à traição — a doçura, a paciência, o silêncio, que o Mestre opôs ao ato de Judas, ao proceder dos que o insultavam e dos seus algozes. Não tenhais, para os vossos irmãos transviados, senão, como Jesus, palavras de perdão. Encaminhai os mais perversos, exemplificando-lhes a caridade e o amor, perseverando, para com eles, na *prática* do amor e da caridade. Aos que se constituírem, vossos inimigos, aos que vos odiarem, fazei o bem. Orai pelos que vos perseguem ou vos caluniam. Desenvolvendo neles, por essa forma, o sentimento do verdadeiro, do justo, do bom, preparai-os a virem um dia convosco, sob a ação do arrependimento, do desejo de reparar e de progredir, tomar lugar no banquete pascal, isto é: no banquete da fraternidade universal.

O pão e o vinho não são mais que *símbolos.* Jesus nunca lhes pretendeu dar aplicação *material.* Porém, ainda aqui, o que ocorreu tinha que ocorrer, pois que para *a matéria* só *a matéria.* Uma simples comemoração fora de todo estéril. Era mister impressionar os homens, levando-os a se considerarem sepulcros onde todos os dias o Cristo viria *sepultar-se!* sepulcros caiados por fora, e, na sua maioria, indignos de servir de altar de propiciação. Já de há muito, entretanto, as inteligências se preparam para abandonar *à matéria o* que é *matéria e* dar ao *espírito* o que é do *espírito,*

restabelecendo o *verdadeiro objetivo* da *comemoração da Páscoa.*

A rotina, a cegueira, a obstinação, que até agora mantiveram o erro, hão de cair.

Bom é, entenda-se, que o homem consagre um dia a essa grande recordação. Bom é que, de idade em idade, a lembrança da dedicação daquele excelso modelo, que até vós se abaixou, sirva para que vos eleveis até ele, a fim de que se aproxime rapidamente o instante em que, reunidos todos nas esferas superiores, possais de novo receber de suas benditas mãos *o pão de vida, o cálice de eternidade.*

Bom é consagreis um dia a essa recordação, apelando séria e profundamente para aquele que vela sem cessar pela humanidade terrena, pedindo-lhe com instância e ardor, do íntimo dalma, *o pão e o vinho* que cumpre partilheis com os vossos irmãos, passando-lhes *o cálice das bênçãos,* entregando-lhes a parte que lhes caiba *do pão de vida.*

Rogai, pois, ao que abençoa o pão e o cálice que os abençoe novamente, antes que convosco os distribua. Será bom que o dia comemorativo fique consagrado a um apelo *mais sério e mais fervoroso* àquele que vos convida para a sua mesa, fazendo-se esse apelo por meio da prece, do estudo, das boas obras, da instrução em comum, das exortações ao bem em todos os sentidos.

Não há necessidade de que vos expliquemos versículo por versículo. Bastam as explicações, que vos temos dado, do ato no seu todo, do pensamento que presidiu à sua realização.

As diferenças que apresentam as narrações do fato em nada comprometem a exatidão dos narradores, visto que as narrativas se explicam e completam umas pelas outras. Cada evangelista referiu a conversação que se travou durante a ceia e na qual Jesus, não empregando sempre as mesmas palavras, insistiu repetidas vezes na externação do mesmo pensamento, a fim de bem gravá-lo no coração de seus discípulos.

Naquela ocasião, como em tantas outras (mais do que nunca deveis ter isto bem presente), Jesus apropriou sua linguagem às inteligências e às necessidades da época, de modo a atender à de então a preparar o futuro. Porque, o reinado da letra, como meio e condição de progresso, tinha que preparar e conduzir a humanidade ao advento *do espírito, cujos primeiros* sinais começam a brilhar desde o Oriente até o Ocidente.

A Páscoa é um símbolo, *nada mais que um símbolo. É o* selo aposto por Jesus aos ensinamentos que ministrara pela sua palavra. É a confirmação *da lei do amor e da união* que devem reinar entre os homens. É a suprema lição do Mestre. É o derradeiro e solene apelo por ele feito *à prática* da lei do amor e da união e, portanto, à fraternidade universal, meio único de operar-se a regeneração humana, senda de libertação. Implantando o reinado de Deus no vosso mundo, a fraternidade fará que, de acordo com a lei ascensional do progresso e da harmonia universal, a Terra se torne reino do *pai:* uma dessas esplêndidas moradas que, na sua casa — a imensidade, o infinito — só os Espíritos purificados habitam, moradas onde tudo é amor, união, liberdade e progresso.

Jesus baixou ao convívio de seus *discípulos* para lhes dar ensinamentos verbais capazes de os impressionar, tendo *sempre o* cuidado *de ligar* esses ensinos aos fatos e às tradições do Antigo Testamento.

Não voltará *ao meio deles* senão quando a semente que plantou e que vem germinando há tantos séculos se tenha tornado árvore coberta de galhos carregados de frutos. Quer isto dizer que ele não voltará, visível aos homens, senão quando houverdes atingido tal grau de desenvolvimento, que lhe seja possível manifestar-se sem que precise recorrer a uma encarnação especial, qual a de que se serviu, *encobrindo a* sua natureza espi-

ritual com um corpo fluídico tangível, em relativa harmonia com o vosso planeta, a fim de que os *homens o pudessem ver.*

N. 287. Dissestes: "O pão e o vinho não são mais que símbolos. Jesus nunca lhes pretendeu dar aplicação *material.* Porém, ainda aqui, o que ocorreu tinha que ocorrer, pois que para a matéria só a matéria." Quais o sentido e o alcance dessas palavras?

Sabeis que os primeiros discípulos de Jesus, cumprindo a recomendação expressa nas derradeiras palavras do Mestre, se reuniam para, em comum, fazerem um repasto comemorativo do último em que com ele haviam tomado parte. Conheceis igualmente as cenas escandalosas que mais tarde se deram nessas reuniões. Em vez da fraternidade que devia reinar entre todos, imperava o orgulho e o rico devorava a sua refeição faustosa junto do pobre que com avidez o contemplava. O cálice deixara de ser um só para todos os lábios e a bebida de ser *uma* só para todos os corações. Para uns, o cálice se enchia de vinho e de mel, enquanto que para outros continha fel e vinagre. Os cristãos tiveram que pôr termo a esses abusos e instituíram a "comunhão", tendo por símbolos o pão e o vinho. Era ainda um repasto em que o *mesmo* pão se repartia por todos e em que todos os lábios se umedeciam no *mesmo* cálice.

Tempos depois, a dificuldade de se reunirem em grande número, os obstáculos que se lhes antepunham, os perigos que corriam, forçaram os cristãos a simplificar o repasto fraterno. Foi então que instituíram a "comunhão", dada pelo sacerdote ao discípulo que se apresentava para recebê-la. Era *sempre o mesmo* pão repartido, *o mesmo* cálice a passar de uns a outros. Chegou-se afinal a substituir o pão pela hóstia, que mais facilmente se conservava e se ocultava, sendo preciso. Só ao sacerdote se tornou permitido beber

no cálice, a fim de se evitar a lentidão dos repastos anteriores e os embaraços que sempre ocasionavam os aprovisionamentos do vinho que se fazia preciso fornecer à comunhão dos fiéis. Essas transformações se foram operando sucessivamente no curso das perseguições de que os cristãos eram vítimas em Roma.

Vedes que tiveram sua razão de ser. Pouco importava o modo de realização do ato *material* comemorativo, uma vez que o ato *espiritual* era praticado com fé, tendo todos o *objetivo* de se aproximarem, pelo pensamento e pelo coração, daquele que o instituíra, todos animados do desejo ardente, da resolução firme de se esforçarem séria e continuadamente por marchar nas suas pegadas.

Se tomaram as palavras do Mestre *ao pé da letra* para lhes darem uma aplicação material e se, apesar do que ele dissera: *"Fazei isto em minha memória",* essa aplicação *material* produziu o dogma humano da "presença real", da "transubstanciação", causa de intermináveis controvérsias, foi isso devido a que o homem se atém sempre à crosta superficial, sem cogitar da seiva que lhe dá vida; a que sempre quer dominar, fazer prevalecer a sua idéia, sem se lembrar de que a sua idéia ainda é uma forma material de que ele reveste um ato *espiritual e* de que a forma pouco importa desde que o *espírito* permaneça o mesmo.

A vós outros, espíritas, que compreendeis em *espírito e verdade* as palavras do Mestre, já dissemos o que é a Páscoa e como deve ser celebrada, *segundo o espírito que vivifica:* pela prece, mas prece de coração e não dos lábios apenas, prece que tenha por base os atos de uma vida íntegra e pura aos olhos do Senhor, de uma vida humilde, ativa e consagrada ao bem de todos os membros da grande família humana; pelas boas obras praticadas com sinceridade, humildade e caridade, de acordo com a lei de amor; pelo estudo, pela instrução *em comum,* pelas exortações ao bem, assim

no terreno material, como no terreno moral e no intelectual.

Mas, não podeis extirpar de um só golpe todas as idéias. Deixai, portanto, aos que, cristãos e espíritas, buscam *o espírito na forma,* a satisfação *passageira* que encontram no ato material. Não despedaceis de súbito esse jugo, porque os que estão habituados a suportá-lo fugiriam espavoridos. Esperai que o tempo, a razão, o amor e a caridade abram todos os corações, todas as inteligências *e espiritualizem* todos os homens.

Eis porque dizemos hoje a todos quantos o *espírito* ainda não libertou completamente da *letra:* aquele que se julgue no dever de aproximar-se do Mestre por esse ato *material,* pratique-o; mas, reconhecendo valor unicamente no ato *espiritual.* Homens, que praticais os ritos cristãos, não vos envergonheis de aproximar-vos da "mesa santa", pois sejam quais forem as profanações a que ela tenha sido exposta, sempre a podeis santificar *pelo sentimento com que dela vos avizinhardes.* Não coreis de vir, curvada a fronte, prostrar-vos aos pés do sacerdote que vos apresenta a hóstia "consagrada". Não atenteis no *homem,* não vos preocupeis com *a matéria;* elevai vossas almas a Deus, lembrai-vos das virtudes praticadas pelo Mestre; escutai-lhe a voz, que ainda vos prega a mesma e perfeita moral que pregou outrora; olhai para a senda luminosa que ele vos abriu e iluminai-a, seguindo-o. Qualquer que seja a forma, considerai unicamente o fundo. Qualquer que seja a mão que vos ofereça o pão, vede somente a Jesus que vos repete: *Fazei isto em minha memória.*

Espíritas, que ainda buscais o *espírito na forma,* que encontrais felicidade em vos aproximardes, por meio de uma comemoração *material,* daquele que comeu com os discípulos a ceia pascal, *simbolizando nesta a lei de amor e de unidade, de fraternidade entre todos,* podeis sem temor praticar o ato material sob cuja aparência se oculta

um pensamento espiritual. Mas, se não fordes atraídos para esse repasto espiritual *pelos sentimentos a que ele serve de símbolo,* abstende-vos. É esse o vosso dever, pois o contrário seria hipocrisia.

Cristãos, quem quer que sejais — romanos, gregos, ou protestantes — praticai o ato material comemorativo, se as exigências do vosso coração, ou mesmo os hábitos da vossa infância a isso vos impelem. Mas, não o pratiqueis nunca preocupados com a opinião dos homens. Não transijais com a vossa consciência. Suportai, se for preciso, a censura injusta; porém, sejam puras as vossas ações, ditem-nas a verdade e o amor. Para trás, para trás o covarde, que mais valor dá à consideração dos homens do que à tranqüilidade da sua consciência, que mais teme a censura dos homens do que a da sua própria consciência !

LUCAS, Cap. XXII, vv. 24-30

Orgulho. — Ambição. — Dominação. — Interditos

V. 24. Suscitou-se depois entre eles uma contenda sobre qual deveria ser reputado o maior. — 25. Jesus então lhes disse: Os reis das nações as tratam com império e os que sobre elas exercem autoridade são chamados benfeitores. — 26. Não seja assim entre vós: ao contrário, aquele que for entre vós o maior faça-se como o mais pequeno e seja aquele que manda igual ao que serve. — 27. Porque, qual é o maior, o que está à mesa ou o que serve? Não é o que está à mesa? Entretanto, eu me acho entre vós como o que serve. — 28. Vós, porém, sois os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações; — 29, por isso, eu vos preparo o reino, como meu pai mo preparou, — 30, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino e vos senteis sobre tronos, a fim de julgardes as doze tribos de Israel.

N. *288.* Ninguém, há de ser excluído, ninguém será repelido. Mas, também ninguém se há de considerar superior a seu irmão e ambicionar lugar mais elevado.

(V. 24.) *A* discussão que se travou entre os discípulos, quando cogitaram de saber qual deles deveria ser considerado o maior, é, no fundo, análoga ao pedido que a Jesus dirigiram os filhos de Zebedeu e a mãe deles, pedido que causou indignação aos dez outros apóstolos (n. *244,* deste volume) e deu lugar à resposta e aos ensinamentos que o Mestre, *nesta outra ocasião,* repetiu, usando apenas de termos diferentes.

Tais discussões surgiam amiúde entre os discípulos, porque, não obstante a missão que desempenhavam, eles se achavam sob o império da carne, sofrendo-lhe os desfalecimentos.

(Vv. *25-27.) A* resposta de Jesus consignada nestes versículos já foi explicada pelo que vos

dissemos no ponto acima indicado. Reportai-vos a essas explicações. Repetiremos, entretanto: esta resposta encerra um ensinamento simples e conciso, de molde a induzir o homem à humildade, ao desinteresse e à renúncia de si mesmo. Como tudo o que importe infração da lei de amor, de caridade e de fraternidade, o orgulho constitui uma barreira que se ergue entre o homem e Deus.

(Vv. 28-30.) Não tomeis aqui o termo *"tentações"* na sua acepção vulgar. *Segundo o espírito,* velado pela *letra,* ele significa, com relação a Jesus: tribulações, provas, a que qualquer *outra* natureza *que não a sua* houvera sucumbido.

Do ponto de vista humano, aquela expressão indica os sarcasmos, as perseguições que lhe moviam seus inimigos e que, aos *olhos dos homens,* eram para ele tribulações e provas. Jesus falava *a seus discípulos,* não o esqueçais, e objetivava, empregando o termo *tentações,* deixar uma arma com que de futuro se pudesse combater a *divindade* que mais tarde os homens lhe haviam de atribuir.

Sois, disse Jesus, os que haveis permanecido comigo nas minhas tentações; por isso eu vos preparo o reino, como meu pai mo preparou."

Os apóstolos fiéis eram Espíritos adiantados, mas ainda não perfeitos.

Jesus trazia aos homens os meios de progredirem, tal como o Senhor lhe dera a ele e a todos os outros Espíritos os meios de se elevarem.

Assim como, até então, os Espíritos que tinham querido perseverar no bem, inclusive o seu, haviam tido a assistência dos Espíritos superiores prepostos à obra do adiantamento deles, também os apóstolos seriam auxiliados e guiados, para atingirem a perfeição que ambicionavam e pela qual tantos esforços faziam.

Jesus, Espírito protetor e governador do vosso planeta, único encarregado do vosso progresso, vos prepara o reino, como a seus apóstolos, dando-vos a

assistência de Espíritos relativamente superiores, prepostos ao vosso desenvolvimento, auxiliando-vos e encaminhando-vos para a perfeição que ambicionais. Esforçai-vos, pois, por consegui-la e, quando a houverdes atingido, quando vos houverdes tornado servidores ativos e devotados do pai, reunidos todos, repartiremos convosco o pão *espiritual* e beberemos pelo *cálice da vida eterna.*

Quanto a estas palavras (v. 30): *"e vos senteis sobre tronos para julgardes as doze tribos de Israel",* reportai-vos às explicações que já vos demos a esse respeito (n. 240, deste volume).

MATEUS, Cap. *XXVI, vv.* 31-35. — *MARCOS, Ca*pítulo XIV, *vv.* 27-31. — *LUCAS,* Cap. XXII, *vv.* 31-38

Predições de Jesus. — Predição da negação de Pedro

MATEUS: *V.* 31. Disse-lhes então Jesus: Para todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo, pois está escrito: *Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho se dispersarão.* — 32. Mas, depois que eu haja ressuscitado, vos precederei na Galiléia. — 33. Disse-lhe Pedro: Ainda quando sejas para todos uma ocasião de escândalo, nunca o serás para mim. — 34. Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, esta noite, antes que o galo cante, me negarás três vezes. — 35. Retrucou-lhe Pedro: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. O mesmo disseram os outros discípulos.

MARCOS: V. 27. Disse-lhes então Jesus: Ser-vos-ei a todos esta noite uma ocasião de escândalo, pois está escrito: *Ferirei o pastor e as ovelhas se dispersarão. — 28.* Mas, depois de haver ressuscitado, irei adiante de vós à Galiléia. — 29. Pedro lhe observou: Ainda quando sejas para todos um motivo de escândalo, não o serás para mim. — 30. Jesus lhe replicou: Em verdade te digo que, hoje mesmo, à noite, antes que o galo tenha cantado duas vezes, tu me terás negado três. — 31. Pedro, com mais veemência, insistiu: Ainda que me seja preciso morrer contigo, não te negarei. O mesmo disseram os outros.

LUCAS: V. 31. Disse ainda o Senhor: Simão, Simão, Satanás vos reclamou a todos para joeirar-vos como se faz ao trigo. — 32. Eu, porém, roguei por ti, a fim de que a tua fé não desfaleça. E tu, quando te houveres convertido, fortalece teus irmãos. — 33. Respondeu-lhe Pedro: Senhor, estou pronto a ir contigo, assim para a prisão, como para a morte. — 34. Disse-lhe então Jesus: Declaro-te, Pedro, que não cantará hoje o galo, sem que três vezes tenhas negado

que me conheces. E perguntou-lhe em seguida: — 35. Quando vos mandei sem bolsa, sem alforje e sem sandália, porventura vos faltou alguma coisa? — 36. Eles responderam: Nada. Disse-lhes então Jesus: Pois, agora, tome a sua bolsa e o seu alforje aquele que os tiver; e aquele que não o tenha venda a sua capa e compre uma espada. — 37. Porque, eu vos declaro ser preciso também que em mim se cumpra isto que está escrito: Ele foi incluído no rol dos celerados; porquanto, o que de mim foi profetizado está prestes a cumprir-se. — 38. Eles disseram: Senhor, aqui estão duas espadas. Respondeu-lhes Jesus: Basta.

N. 289. Jesus dá a ver, *de antemão,* a seus discípulos quão frágil é a vontade humana e quão pouco deve o homem contar com as suas próprias forças. Dizendo a Pedro: *"Roguei por ti",* mostra a todos que só na prece pode o homem encontrar amparo. Naquela ocasião, nenhum o compreendeu, tanto que nenhum recorreu a esse cordial da alma, pelo que todos faliram no momento do perigo. Foi uma lição *para o futuro.*

Algumas explicações especiais se fazem necessárias.

(Lucas, v. 31.) Dirigindo a Pedro estas palavras: *"Simão, Simão, Satanás vos reclamou a todos' para joeirar-vos como se faz ao trigo",* aludia Jesus à influência que sobre aquele apóstolo exerceria o temor dos acontecimentos que poderiam dar-se, aos maus pensamentos que lhe germinavam no coração e que, por vezes, o faziam deplorar ter enveredado por aquele caminho. Eram pensamentos fugazes, que não chegavam a corporificar-se, mas que não escapavam ao *olhar do Mestre.* Pedro compreendia que um grande perigo os ameaçava, a eles e ao Mestre, e a fraqueza humana lhe fazia nascer no íntimo, de quando em quando, um vago sentimento de pesar por se haver exposto *de tal modo.*

(Lucas, vv. 35-36.) As palavras constantes destes versículos objetivavam manter os discípulos

em guarda contra os acontecimentos que sobreviriam e fazer-lhes compreender que se aproximava o momento da luta. Falando-lhes da necessidade de se proverem de *alforje,* bolsa, *espada,* queria compreendessem que iam entrar em ação e que cumpria *se armassem,* a fim de poderem resistir aos ataques. Vede que ainda essas palavras do Cristo são simbólicas, pois quando Pedro faz uso, *uso material,* de uma arma *material,* ele lhe ordena: *"Embainha a tua espada, porquanto quem com a espada fere, com a espada será ferido".* Isto é de molde a vos provar que, naquele instante, Jesus mais uma vez falava *figuradamente a* seus discípulos, que o não compreenderam de pronto.

Em espírito, o que ele assim lhes dizia era: "Aproxima-se o momento em que ireis percorrer a Terra. Viajores, tomai cuidado, para não serdes colhidos de surpresa. Despojai-vos de todas as paixões humanas, de todos os impulsos pessoais, de todos os interesses materiais. Jamais busqueis no caminho do céu um degrau para subirdes às coisas da Terra. Sabeis qual o fim da viagem que ides empreender; tomai, pois, todas as precauções, para que nada vos falte. Fazei provisão de ensinamentos, de moral e de exemplos. Sereis atacados, armai-vos para a defesa. As *únicas* armas, porém, de que devereis utilizar-vos são o amor e a caridade."

Contendo um ensino, as palavras de Jesus eram ditas intencionalmente para servirem àquele momento e ao futuro. Assim, todos os que se esforçam por marchar nas pegadas do Mestre, por imitar a seus fiéis discípulos no apostolado da era nova, todos são apóstolos e se devem armar como os apóstolos do Cristo.

(LUCAS, vv. 37-38.) "Pois vos declaro ser preciso que em mim se cumpra também isto que está escrito: Ele foi incluído no rol dos celerados; porquanto o que de mim foi profetizado está prestes a cumprir-se. Eles

disseram: Senhor, aqui estão duas espadas. Respondeu-lhes Jesus: Basta."

Basta: preciso é que os acontecimentos materiais se cumpram. As espadas não passavam de pretexto para um ensinamento. Não houvesse mais do que uma e bastara. Dissemos ainda há pouco: os apóstolos não apreenderam o sentido *figurado* das palavras de Jesus. Os sucessos é que lhes haviam de abrir o entendimento. De fato, eles, os apóstolos, bem como a multidão, receberiam mais uma vez *exemplos* de caridade, de paciência e de poder, no que ia passar e passou com a prisão do Mestre, com o ato de Pedro contra Malco e com a cura operada neste.

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 36-46. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 32-42. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 39-46

Jesus no horto de Getsêmani. — Palavras e ensinamentos dirigidos aos discípulos. — Ele ensina os homens a morrer, depois de lhes haver ensinado a viver, objetivando o progresso do Espírito. — Aparição do anjo com um duplo fim: convencer os homens de que era aparente a condição humana que eles consideravam real em Jesus e na qual haviam de acreditar enquanto durasse a sua missão terrena e acreditariam, sob o véu da letra, até ao advento do Espírito; e prepará-los para, na época desse advento, reconhecerem que deviam pôr de lado a divindade que as interpretações humanas lhe teriam atribuído

MATEUS: V. 36. Em seguida foi Jesus com eles a um horto chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou ali orar. — 37. E, levando consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, começou a se entristecer e angustiar. — 38. Disse-lhes então: Minha alma está numa tristeza mortal; ficai aqui e velai comigo. — 39. E, afastando-se um pouco, se prostrou com o rosto em terra e entrou a orar, dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como o queiras tu. — 40. Veio depois ter com seus discípulos e, encontrando-os a dormir, disse a Pedro: Pois quê! não pudestes velar comigo uma hora! — 41. Vigiai e orai, a fim de não cairdes em tentação; o Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 42. De novo se afastou deles e segunda vez orou, dizendo: Meu Pai, se este cálice não pode passar sem que eu o beba, faça-se a tua vontade. — 43. Voltando outra vez a ter com eles, novamente os achou dormindo, pois que tinham pesados de sono os olhos. — 44. Deixando-os, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. — 45. Em seguida,

veio ter ainda com os discípulos e lhes disse: Dormi agora e repousai; eis que chegou a hora em que o filho do homem será entregue às mãos dos pecadores. — 46. Levantai-vos, vamos; aproxima-se aquele que me há de entregar.

MARCOS: V. 32. Foram em seguida para um horto chamado Getsêmani, onde ele disse a seus discípulos: Sentai-vos aqui, enquanto vou orar. — 33. E, tomando consigo a Pedro, Tiago e João, começou a ser presa de pavor e angústia. — 34. Disse-lhes então: Minha alma está triste até à morte. Ficai aqui e vigiai. — 35. E, afastando-se um pouco, se prostrou em terra, rogando que, se fosse possível, passasse dele aquela hora. — 36. Dizia: Abá, pai, tudo te é possível; afasta de mim este cálice; todavia, faça-se não o que eu quero, mas o que tu queiras. — 37. Foi ter com os discípulos e, achando-os a dormir, disse a Pedro: Dormes, Simão? Pois quê! não pudeste velar uma hora! — 38. Vigiai e orai, a fim de que não entreis em tentação. O Espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. — 39. Afastou-se de novo e orou, repetindo as mesmas palavras. — 40. Voltando, encontrou-os novamente a dormir, pois pesados de sono tinham os olhos, e sem saberem o que lhe respondessem. — 41. Voltou terceira vez e lhes disse: Dormi agora e descansai. Basta! é chegada a hora: eis que o filho do homem vai ser entregue às mãos dos pecadores. — 42. Levantai-vos, vamos; vem perto aquele que me há de entregar.

Lucas: V. 39. Saindo dali, foi, como costumava, para o monte das Oliveiras e seus discípulos o seguiram. — 40. Lá chegando, disse-lhes: Orai, para que não entreis em tentação. — 41. Afastou-se deles cerca de um tiro de pedra, ajoelhou-se e orou, dizendo: — Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; entretanto, faça-se não a minha vontade, mas a tua. — Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo. Ele, presa de agonia, com mais instância orava. — Veio-lhe um suor como de gotas de sangue que corriam até o chão. — 45. Terminada a sua prece, levantou-se, foi ter com os discípulos e os achou dormindo em conseqüência da tristeza que os acabrunha-

va. — 46. Disse-lhes então: Porque dormis? Levantai-vos e orai, para não sucumbirdes à tentação.

N. 290. Jesus desceu ao meio dos homens para lhes *ensinar* a viver e a morrer, tendo em vista o progresso do Espírito. Todos os seus atos, todas as suas palavras tiveram esse objetivo.

Depois de lhes haver *ensinado* a viver, foi ao horto de Getsêmani, no monte das Oliveiras, *ensinar-lhes* a morrer.

Tudo o que ali se passou ocorreu *unicamente* como ensinamento, como *exemplo* dados *aos homens.*

Deveis compreendê-lo assim, lembrando-vos da origem e da natureza de Jesus, origem e natureza que agora vos são reveladas e que "fazem conhecer" *quem é o filho.*

Deveis igualmente compreender que o que se deu tinha que ser assim, lembrando-vos de que os homens então acreditavam ser puramente humana, tal qual a vossa, a origem de Jesus. Tudo, pois, tinha que ser e foi, nos fatos como nas palavras, apropriado a essa crença.

Todos os fatos, todas as palavras do Mestre, durante a sua missão terrena, se encadeavam de forma a que servissem para aquele momento, a que preparassem o futuro e conduzissem a humanidade, com o correr dos séculos, através do reinado da *letra, à* nova revelação, ao advento do espírito.

(Mateus, vv. 36 e 37; Marcos, vv. 32-34; Lucas, v. 39.) Jesus se fez acompanhar dos três discípulos que já levara consigo ao Tabor para a transfiguração e a aparição de Elias e Moisés. Eram eles Pedro, Tiago e João. Chamou-os novamente por serem, como já o explicamos (n. 194, pág. 472 do 2° volume), os que apresentavam disposições físicas mais favoráveis a se tornarem mediunicamente aptos *à* manifestação espírita que se ia produzir com especialidade à aparição do anjo.

Minha alma, disse-lhes Jesus, *está numa tristeza mortal.* Estas palavras, que ficariam *como um ensinamento,* tiveram por fim fazer que os três discípulos compreendessem e, por seu intermédio, os homens, que, pressentindo o que ia suceder, ele buscava em Deus a força de que precisava.

Ficai aqui: Tendes que testemunhar o que se vai passar. *Velai comigo:* Tendes que ouvir e ver, tendes que narrar o que houverdes visto e ouvido e que deva ser conhecido dos homens, transmitido às gerações futuras, explicado e compreendido de acordo com as interpretações humanas, apropriadas às inteligências e necessidades de *cada* época, interpretações que serão dadas primeiramente *segundo a letra,* depois, nos tempos preditos, *segundo o espírito.*

(Mateus, vv. 39-44; Marcos, vv. 35-40; Lucas, v. 40-42.) Os atos e palavras de Jesus, registrados nestes versículos, foram praticados e ditas *para* os *homens em geral,* como *ensino, como exemplo.* Foram-no também para servirem de lição aos apóstolos e aos que de futuro viessem a ser discípulos do Mestre divino. A uns e outros mostravam aqueles atos e palavras a submissão que lhes cumpre demonstrar sempre nas maiores angústias; a fé e a resignação, que lhes não devem nunca faltar, quaisquer que sejam suas provações, quaisquer que sejam os sofrimentos que lhes estejam reservados; a vigilância que precisam exercer constantemente *sobre si mesmos,* para não falirem; e o socorro eficaz da prece, poderoso cordial da alma.

"Vigiai e orai, disse Jesus aos três discípulos, a fim de que não entreis em tentação, de que não caiais em tentação, de não sucumbirdes às tentações. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca."

O Espírito está sempre pronto a conceber tanto as obras boas, como as obras más. A carne, porém, desfalece e o Espírito não a sabe dominar.

Os três discípulos não dormiam um sono ordinário, *como o* entendeis. O deles era um sono físico, mas não moral. Quer dizer que, conservando-se sujeito ao corpo, o Espírito percebia as sensações deste último. Achavam-se nesse estado de entorpecimento exterior, que apresenta todas as aparências do sono e permite que o Espírito acompanhe, como se os visse através de um véu, os atos que se praticam em redor de si e ouça o rumor que se faça, as palavras que se pronunciem. O corpo então dormita e repousa, mas o Espírito, *que se não desprendeu,* tudo percebe pelos órgãos materiais entorpecidos, produzindo sobre o cérebro, o que ele percebe, o efeito de um sonho.

Aquele sono foi, em Pedro, Tiago e João, efeito da fadiga e da vigília. Não vos sucede às vezes cair no estado em que os três se acharam e que vimos de descrever? Não dormiam; viram e ouviram. Quando Jesus se aproximava deles, os olhos se lhes tornavam pesados sob a influência magnética, a fim de motivar o conselho que lhes dava o Mestre.

Dizendo sempre a mesma coisa, Jesus três vezes foi ter com eles e não uma apenas, para lhes gravar melhor nos corações e na memória aquelas palavras, que tinham de ser por eles citadas quando referissem o que se passara, tinham de ser registradas pelos evangelistas, que atravessar os séculos e chegar a todas as gerações humanas.

(LUCAS, v. 43.) ¨Apareceu-lhe então um anjo do céu a confortá-lo; e ele, presa de agonia, com mais instância orava."

Aos que admitem a divindade de Jesus, o Cristo, pergunta-se: Deus precisava de amparo? Não trazia ele *em si mesmo* a sua força?

Aos que negam as manifestações espíritas e consideram Jesus um homem como os outros, com uma veste de carne igual às dos demais homens,

pergunta-se: Como se há de admitir que um anjo do Senhor se tenha mostrado a Jesus-homem e aos três apóstolos? Não, os que negam as manifestações espíritas não podem admitir isso e desde então, se foi Jesus quem deu ciência dessa manifestação a seus discípulos, ele era um impostor. Como, porém, nada prova que o Mestre lhes tenha falado de tal coisa, aquela manifestação não passou de pura invencionice dos discípulos. Mas, com que fim a teriam estes inventado, uma vez que procuravam estabelecer uma divindade na qual, como o reconhecerá quem se coloque no ponto de vista dessa classe de contraditores, eles não podiam deixar de crer?

Aos espíritas que acreditam nas manifestações, mas que pretendem, ou crêem que o Mestre era um homem como qualquer outro, com uma veste de carne igual à deles, perguntaremos: Como é que, podendo dar-se todos os fatos concernentes a Jesus, só o seu nascimento não podia deixar de ser um ato inteiramente humano? Mas, neste caso, são falsas as revelações que o anjo fez a Maria e depois a José!

Se Jesus tivesse sido fruto de uma união humana, falso seria o mistério que lhe cerca o nascimento. Ora, admitir *a mentira,* a falsidade, com relação a este fato, fora deixar livre o campo para admiti-la em todos os outros casos. Atente o espírita nessa conseqüência e veja em que situação ela o coloca *diante dos que negam as manifestações espíritas,* dos que declaram fabulosa a obra evangélica, da qual só aceitam, caprichosamente, o que lhes convém à incredulidade admitir. Abra o espírita os olhos à luz da nova revelação que vos trouxemos, da revelação da revelação, que vem *cumprir e* não *destruir, explicar e* não *rejeitar;* que, pondo o *espírito* no lugar da letra, vem explicar aos homens, *em espírito e em verdade, a origem* e a *natureza* de Jesus, de que modo e em que *condições* se deu o seu aparecimento na Terra.

Sendo puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, protetor e governador do planeta terreno, a maior essência, depois de Deus, respeito à Terra, mas não a única do mesmo grau na imensidade, na hierarquia espiritual e dos mundos; tendo apenas um corpo de natureza perispirítica, que lhe facultava a plena consciência da sua origem, que não tolhia a completa independência e a liberdade do seu Espírito, que lhe deixava ter exata consciência da sua missão e do seu poder, bem como a certeza do porvir; sendo sempre Espírito, podia Jesus receber *outro* amparo que não o do *próprio* Senhor? Sua mesma elevação não o colocava acima dos desfalecimentos humanos?

Compreendei, portanto, que, estando superior aos terrores humanos, Jesus quis apenas dar aos homens um exemplo de submissão nas maiores angústias. E que o exemplo foi proveitoso, podeis verificá-lo. De fato, verificá-lo-eis no espetáculo dos mártires, avançando para o suplício sem experimentarem sequer aquela agonia moral de que falam os discípulos, referindo-se ao Mestre, agonia que eles tomaram por um fato real, quando era apenas aparente, não passando de um ensinamento, de uma lição.

Não esqueçais que Jesus colocava sempre sob as vistas dos homens exemplos práticos da moral que pregava.

Qualquer que seja o invólucro que lhe atribuam, admirai em Jesus o Espírito. Não vos dividais, ó espíritas! Homens, quem quer que sejais, que ainda não sois acessíveis à luz da nova revelação, deixai de lado os fragmentos do vaso e recolhei cuidadosamente o perfume que ele encerrava, porquanto os que o respiram respiram a vida eterna. Sim, a aparição do anjo se produziu, como todos os outros fatos que a precederam e seguiram. Todos se produziram como ensinamento e exemplo dados aos homens, a fim de lhes provarem que Deus ampara sempre os que para ele apelam

com fé e resignação e lhes envia a força de que necessitam; a fim de lhes fazerem compreender que, como já temos dito, sejam quais forem suas provações, sejam quais forem os sofrimentos que lhes estejam reservados, eles acharão sempre no amparo que o Senhor lhes concede a força de que careçam.

A aparição do anjo tinha que ser e foi visível para os três discípulos, por efeito da mediunidade de vidência que eles possuíam. Para todos não teria sido visível. Essa a razão por que Jesus levou consigo apenas Pedro, Tiago e João, que eram os mais aptos a ver.

(LUCAS, v. 44.) "Veio-lhe um suor como de gotas de sangue, que corriam até ao chão."

Foi um efeito fluídico que se produziu em presença dos três discípulos e que se lhes tornou mediunicamente visível, qual sucedera com a aparição do anjo.

Esse efeito fluídico *simbolizava o* sangue que Jesus, devassando o futuro, via que seria derramado *em seu nome!*

Tal manifestação nada tem de *"maravilhosa"* para aquele que já se iniciou na ciência espírita, na história das manifestações espíritas, que regista, com o cunho da autenticidade, efeitos análogos. Estes podem produzir-se e ainda se produzirão em vossos dias *aos olhos de médiuns videntes.*

A esses efeitos *fluídicos* da parte dos Espíritos correspondem efeitos análogos da parte dos encarnados, dos que, como vós, sofrem a encarnação humana. São, em tais casos, efeitos *materiais,* que nada têm de extraordinários, que a ciência dos homens comprovou e comprova como fenômenos de patologia, a que dão o nome de *suor de sangue. Os* anais médicos os registam em grande número. Lembrai-vos em particular, como caso histórico, do

das duas moças conhecidas pela designação de *Estigmatizadas do Tirol.*

Repetimos: tudo o que se passou unicamente ocorreu como *ensino, como exemplo* para os homens.

Que fez Jesus? Retirou-se para orar a sós? Formulou a sua prece apenas com os lábios ou mentalmente? Não; e é esta uma observação que podeis fazer e que não fazem os que negam a todo transe. Leva consigo três de seus discípulos e, afastando-se um pouco, mas permanecendo *à distância de ser visto e ouvido,* se prostra e exprime em voz alta seus temores, suas angústias, sua submissão.

Cegos! Pois ainda não compreendeis que Jesus, o modelo que vos deu o *exemplo* da vida, naquela hora extrema dava o *exemplo* da morte, mostrando a seus discípulos como deve o homem submeter-se às vontades do Senhor, sejam quais forem as angústias que experimente?

Seus discípulos *adormeceram.* Também não vedes uma lição nesse "sono", que lhes não fez perder um só que fosse dos atos, uma só das palavras do Mestre?

Oh! Mestre bem-amado, bendito modelo, como são suaves os teus exemplos! como é fortalecedora a tua palavra!

Jesus! Quem poderá dizer que desde o estábulo, onde surgiste aos olhos da humanidade, até a cruz, donde irradias por sobre o mundo, tiveste um momento de fraqueza, um instante de desfalecimento?

Quem poderá dizer que um segundo houve da tua passagem pela Terra que não consagrasse a instruir os homens pela palavra e pelo exemplo?

Meigo Mestre do mundo, ensina de novo a estes ingratos a se prostrarem diante do Senhor; faze de novo que jorrem de tua boca adorável as palavras de submissão e devotamento que eles devem repetir.

Não vos deixeis vencer pelo sono, vós outros, discípulos, que seguis o Mestre, que lhe ouvis a voz, pois que o momento se aproxima. Todos deveis orar e vigiar, para vos manterdes em guarda contra os vossos inimigos visíveis e invisíveis: os vícios da humanidade, os maus conselhos, as más seduções, as más influências ocultas. Em guarda contra vós mesmos, por meio de constante vigilância sobre os vossos pensamentos, sobre as vossas palavras e os vossos atos, nada tereis que temer dos *outros,* sejam eles encarnados ou errantes.

Jesus, até ao último instante, foi um exemplo para os homens. Se, aos olhos de seus discípulos, não houvesse experimentado as angústias por que passa o homem em presença da morte, seria o mesmo o reconhecimento da humanidade, que então não compreendia, como ainda em geral não compreende, senão as provações físicas, os sofrimentos físicos? Não teríeis todos dito, *até mesmo* vós, sem a nova revelação que vos vem explicar, *em espírito e verdade,* as palavras do Mestre, que vos vem dar a conhecer *"quem é o filho",* assim como a sua missão *inteiramente espiritual e o* objetivo dessa missão, não teríeis todos dito: "Era-lhe fácil devotar-se, afrontar o suplício e mesmo a morte, visto que a sua natureza o punha em condições de triunfar dos sofrimentos que nos abatem?"

Certo ninguém houvera dito, e nem mesmo vós, sem esta nova revelação, direis: "Se é real que os sofrimentos físicos o não podiam atingir, não menos real é que ele experimentava sofrimentos morais, a angústia de ver, desenrolando-se diante de seus olhos, um futuro tão pouco produtivo para os homens. Via correr o sangue que em seu nome os homens derramariam. Esse o sangue que seus discípulos viram a lhe escorrer pelo rosto como suor e que lhes deu a perceber que, quando o homem eleva o coração a Deus, impelido pelo sen-

timento de amor, a fim de lhe pedir forças para suportar as provações, o Senhor manda, ao que nele confia, mensageiros que lhe trazem a consolação e a esperança de que precise."

E Jesus, puro Espírito, Espírito de pureza perfeita e imaculada, que se achava acima e fora da humanidade terrena, descendo até vós, não desempenhava, em bem do progresso dos homens, uma missão superior, toda de devotamento e de amor, permeada de dores morais?

(Mateus, vv. 45 e 46; Marcos, vv. 41 e 42; Lucas, vv. 45 e 46.) *Basta,* disse ele. A lição estava dada aos apóstolos e aos que os imitariam. O ensinamento e o exemplo estavam dados aos homens. Que estes tirem dele proveito.

"A hora chegou, levantai-vos, vamos". É preciso que os acontecimentos materiais se cumpram.

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 47-56. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 43-52. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 47-53

Beijo de Judas. — Um dos que acompanhavam a Jesus corta a orelha de um dos do séqüito do sumo sacerdote e Jesus o cura. — Fuga dos discípulos

MATEUS : V. 47. Ainda ele não acabara de dizer isso, eis que chega Judas um dos doze, e com ele grande turba armada de espadas e varapaus, enviada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos anciãos do povo. — 48. Ora, o que o traía lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele em quem eu der um ósculo, esse é que é: prendei-o. — 49. E, aproximando-se de Jesus, disse: Salve, Mestre! e o beijou. — 50. Jesus lhe perguntou: Amigo, a que vieste? Logo avançaram outros, que se lançaram sobre Jesus e o prenderam. — 51. Um então dos que estavam com Jesus, levando a mão à espada, a desembainhou e, brandindo-a contra um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 52. Jesus, porém, lhe disse: Embainha a tua espada, pois que todos os que empunharem a espada à espada perecerão. — 53. Acaso julgas que não posso rogar a meu pai e que ele não me mandará imediatamente mais de doze legiões de anjos? — 54. Como, porém, se cumprirão as escrituras, que declaram dever ser assim? — 55. E, no mesmo instante, dirigindo-se à turba, disse: Aqui viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fora um ladrão. Entretanto, todos os dias, assentado entre vós, estava eu ensinando no templo e não me prendestes. — 56. Z que tudo isto acontece para que se cumpram as escrituras dos profetas. Então todos os discípulos o abandonaram e fugiram.

MARCOS: V. 43. Ele ainda falava quando chegou Judas, um dos doze, acompanhado de grande tropa de gente armada de espadas e varapaus, mandada pelos sumos sacerdotes, pelos escribas e pelos anciãos. —

44. Ora, o traidor lhes havia dado um sinal, dizendo: Aquele em quem eu der um ósculo, esse é que é, prendei-o e levai-o com segurança. — 45. Tanto, pois, que chegou, dirigiu-se a Jesus e disse: Mestre, eu te saúdo; e lhe deu um beijo. — 46. Logo deitaram as mãos a Jesus e o prenderam. — 47. Um dos presentes desembainhou a espada e, golpeando um servo do sumo sacerdote, lhe cortou uma orelha. — 48. Jesus então lhes disse: Viestes armados de espadas e varapaus para me prender, como se eu fosse um ladrão. — 49. Todos os dias estava convosco no templo ensinando e não me prendestes. É que é preciso que as escrituras se cumpram. — 50. Então, abandonando-o, seus discípulos fugiram todos. — 51. Seguia-o um mancebo, coberto unicamente com um lençol, e os soldados o prenderam. — 52. Ele, porém, largando o lençol, lhes fugiu nu das mãos.

LUCAS: V. 47. Falava ele ainda, quando surgiu uma turba, vindo à sua frente um dos doze apóstolos, o que se chamava Judas, o qual se chegou a Jesus para o beijar. — 48. Jesus o interpelou assim: Pois que, Judas, com um ósculo entregas o filho do homem? — 49. Vendo os que o rodeavam o que ia acontecer, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? — 50. E um deles com um golpe decepou a orelha direita de um servo do sumo sacerdote. — 51. Jesus, porém, disse: Deixai-os, basta; e, tocando a orelha do ferido, a curou. — 52. Depois, dirigindo-se aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciãos que tinham vindo prendê-lo, disse: Viestes armados de espadas e varapaus como contra um ladrão. — 53. Entretanto, todos os dias estava eu convosco no templo e nunca me deitastes as mãos. É que esta é a vossa hora e o poder das trevas.

N. 291. São fatos históricos que não reclamam comentários. Somente, não percais de vista (já o temos dito muitas vezes) que aqui, como sempre, as narrações dos quatro evangelistas[30] se explicam e completam umas pelas outras.

Eis, concordadas todas quatro, a narrativa in-

[30] Ver: JOÃO, XVIII, vv. 1-12.

tegral dos fatos, tal como se passaram, no conjunto e nas particularidades.

Judas, ao aproximar-se de Jesus para o oscular, disse: Mestre, eu te saúdo! Jesus lhe respondeu: Meu amigo, que vieste buscar aqui? Ao mesmo tempo, os que acompanhavam a Judas avançaram. Jesus lhes veio ao encontro e perguntou: A quem buscais ? Eles responderam : A Jesus de Nazaré. Jesus retrucou: Sou eu. Todos recuaram e caíram por terra. Segunda vez Jesus lhes perguntou: A quem buscais? Eles responderam : A Jesus de Nazaré. Jesus lhes replicou: Já vos disse que sou eu: e, pois que é a mim que buscais, deixai que estes se vão. Dirigindo-se a Judas disse: Pois que, Judas! entregas o filho do homem com um beijo!

Os que rodeavam a Jesus, vendo o que ia suceder, disseram: Senhor, se os passássemos à espada? E Simão Pedro, levando a mão à espada, a desembainhou e, de um golpe, cortou a orelha direita de um dos servos do sumo sacerdote, o de nome Malco. Jesus, voltando-se para Pedro, disse: Embainha a tua espada, pois que os que puxarem da espada pela espada perecerão. E, tocando com a mão a orelha de Malco, o curou. Continuando, disse ainda: Pensas que não posso rogar a meu pai e que este não me mandaria aqui, de pronto, mais de doze legiões de anjos? Mas, não é preciso que eu beba o cálice que meu pai me deu? Como se cumpririam as escrituras que declaram que isto tem que ser assim? Em seguida, falando à multidão que os Judeus mandaram para prendê-lo, aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo, aos anciães, que com ela vieram, disse: Aqui viestes armados de espadas e paus para me prender, como se eu fora um ladrão. Entretanto, todos os dias me tínheis sentado entre vós no templo a ensinar e não me prendestes. É que é preciso que as escrituras se cumpram. É que esta é a vossa hora e o poder

“das trevas”. Então, os soldados, os oficiais e a gente mandada pelos Judeus se apoderaram dele e o amarraram. Tudo isso se passou assim, a fim de que se cumprisse tudo quanto os profetas escreveram. Nessa ocasião, os discípulos de Jesus o abandonaram e fugiram todos. Entre os que seguiam a Jesus ia um mancebo coberto unicamente com um lençol e fugiu nu das mãos dos que o tinham prendido.

Lembrai-vos de que Jesus, quando estes fatos ocorriam, era tido por um homem *igual aos demais,* de que lhe cumpria *deixar* que essa crença humana subsistisse e compreendereis o *motivo* e o *fim* da linguagem de que usou, das palavras que dirigiu assim a Judas, como aos que o acompanhavam.

É exato que, debaixo da influência mediúnica, João, dentro do quadro que lhe fora traçado, diz, na sua narração evangélica (XVIII, v, 4), *que Jesus sabia tudo o que lhe havia de acontecer.*

É que então *já* se divulgara e espalhara pela multidão a revelação, que o anjo fizera a Maria e a José e que se mantivera secreta durante a missão terrena do Mestre, da concepção e do "nascimento" deste, tidos ambos por "divinos e milagrosos" pelo homens, que os não podiam explicar nem compreender *em espírito e verdade.*

É que então a crença na divindade de Jesus já havia germinado no pensamento dos homens e criara raízes nas inteligências.

Tudo o que se deu com relação à prisão de Jesus, ao ato de Pedro contra Malco e à cura deste, assim como as palavras que Jesus dirigiu a Judas, a Pedro e depois aos que formavam o séqüito daquele, foram, conforme já o temos dito, *um exemplo* de caridade, de paciência e de poder.

Quanto à queda dos primeiros que avançaram para se apoderarem de Jesus, ela resultou de uma ação fluídica exercida pelos Espíritos que cercavam o Mestre. Em todos os tempos houve, como há em

vossos dias, exemplos desses efeitos, notadamente quando um subjugado é, pelo seu obsessor, atirado ao chão. Assim foi que aquele efeito físico se produziu. No meio de uma multidão qualquer, sempre se encontram organizações que mediunicamente podem ser utilizadas, *em havendo necessidade.* Sabeis também que os Espíritos superiores não precisam recorrer a esses meios e podem, sem o auxílio nem o concurso dos fluidos animalizados tomados aos encarnados, atrair a si os fluidos de que necessitem.

Quanto à cura da orelha de Malco, o que se voz diz é que, tendo-a tocado Jesus, ela se curou. A orelha fora cortada, mas não totalmente; não fora decepada. Jesus a curou detendo, pela ação magnética, a efusão do sangue. A emissão de certos fluidos magnéticos pode impedir a circulação do sangue, desviá-la ou ativá-la e esses efeitos se podem obter tanto com o magnetismo humano, como com o magnetismo espiritual. O magnetizador humano, auxiliado, se preciso, por Espíritos benfazejos, poderia, *em certos casos,* obter o mesmo resultado. Tais fatos serão estudados e aplicados quando houver passado o tempo da ignorância voluntária.

Quanto às palavras de Jesus a Pedro: *"Embainha a tua espada, pois que todos os que puxarem da espada pela espada perecerão",* encerravam um ensinamento para os apóstolos e para seus discípulos, para os que quisessem ser ou tornar-se seus sucessores, para os que mais tarde se diriam tais e, em geral, para todos os homens daquela época e do futuro. Proferindo-as, mostrava-lhes o Mestre que jamais deveriam defender com violência e com armas *materiais a doutrina* moral que ele personifica, quaisquer que fossem as agressões, quaisquer que fossem seus agressores. Mostrava-lhes que *unicamente morais* deveriam ser *sempre* as armas que empregassem. Significava-lhes que, segundo a lei de talião, serão punidos os que, usando de armas materiais, derem prova de que des-

prezam seus ensinamentos, exemplos e mandamentos. Elas continham igualmente uma advertência aos que, de futuro, se diriam e constituiriam diretores da Igreja *do Cristo,* dando-lhes a ver que jamais deveriam fazer deste mundo um reino para si, empunhando armas materiais como instrumentos de justiça humana, ou de defesa contra os ataques exteriores.

Quanto a estas últimas palavras dirigidas aos príncipes dos sacerdotes, aos oficiais do templo e aos anciães do povo: *"Todos os dias estava eu convosco no templo e não me prendestes. Ë que esta é a vossa hora e o poder das trevas",* elas não envolvem nenhuma idéia de fatalismo, com relação àqueles a quem Jesus as endereçava. Afirmam, ao contrário, o uso do livre-arbítrio, por parte destes, e exprimem *apenas* que lhes fora deixada a liberdade de êxito, a eles que até então tinham tido obstados os seus intentos.

"Entre os que seguiam a Jesus ia um mancebo coberto unicamente com um lençol. Os soldados o prenderam; ele, porém, largou o lençol e lhes fugiu nu das mãos."

A presença desse mancebo tinha uma razão de ser; encerrava, *segundo o* espírito, um ensinamento. *Previsto e preparado* fora tudo quanto houvesse de concorrer para a realização da obra que o Mestre descera a executar, desempenhando a sua missão terrena.

O Espírito do mancebo, antes de encarnar, aceitara a missão de servir de instrumento e meio para a lição que resultaria da sua presença ali. Assim, sob a inspiração do seu guia e protetor, *"impelido pelo espírito",* ele se foi colocar, coberto apenas com um lençol, entre os do séqüito de Jesus, na ocasião em que este ia ser preso e conduzido ao pretório. De sorte que, por influência espírita, se deu aquilo que havia de suceder.

Aquele mancebo, que, envolto num lençol, seguia a Jesus, simbolizava *a lei antiga,* que trazia consigo o emblema *da morte. Detida* no seu curso, ela se despoja *de suas insígnias* e se mostra tal qual *o Senhor a fez.*

Imitando o mancebo que acompanhava a Jesus, deixai vós todos os vossos lençóis nas mãos dos incrédulos que procuram deter-vos os passos. Despojai-vos das insígnias *da morte.* Estais envoltos em fraudes, maldades e vícios. É esse o lençol que vos cobre, porquanto, perante Deus, sois corpos mortos. Abandonai esse invólucro fúnebre; abandonai-o nas mãos dos que tentam deter-vos os passos na senda do progresso moral. Apresentai-vos *nus* diante do Senhor, isto é, levando unicamente *um coração puro, tal como ele vo-lo deu.* Acompanhai o Cristo no seu trajeto para o pretório e deixai pelo caminho os vossos vícios, causa de sua ida até lá, pois que o que o fere e flagela são os vossos crimes, transgressões e faltas. As vossas desobediências à lei de justiça, de amor e de caridade são os insultos que ele recebe.

Segui a Jesus, caminhando pelas sendas que vos traçou, quando desempenhava a sua missão terrena. Mostrando-lhes os frutos produzidos pelos sofrimentos morais que lhe causastes, à sua passagem pela Terra, abrandareis esses sofrimentos.

NOTA DA EDITORA — Convém ver João, capitulo XVIII, *vv. 1:14.*

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 57-68. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 53-65. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 54-55 e 63-71

Jesus levado à presença do sumo sacerdote. Jesus ultrajado e tido por merecedor de condenação à morte

MATEUS: V. 57. Os que prenderam a Jesus o levaram à casa de Caifás, sumo sacerdote, onde se achavam reunidos os escribas e os anciães. — 58. Pedro o acompanhou de longe até ao pátio da casa do sumo sacerdote e, tendo ai entrado, sentou-se entre os servos, para ver o fim de tudo aquilo. — 59. Enquanto isso, os príncipes dos sacerdotes procuravam um testemunho falso contra Jesus, para lhe darem a morte. — 60. Nenhum acharam que bastasse, não obstante se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Por fim, apareceram duas, — 61, que declararam: Este disse: Posso destruir o templo de Deus e reedificá-lo em três dias. — 62. Então, levantando-se, disse o sumo sacerdote: Nada respondes ao que contra ti depõem estas testemunhas? — 63. Mas, Jesus se conservou calado. O sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro, pelo Deus vivo, que nos digas se és o Cristo, o filho de Deus. — 64. Jesus respondeu: Tu o disseste: eu o sou; entretanto, declaro-vos que mais tarde vereis o filho do homem assentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. 65. Então, o sumo sacerdote rasgou as vestes, dizendo: Ele blasfemou; que mais necessidade temos de testemunhas? Acabastes de ouvir a blasfêmia. — 66. Que vos parece? Responderam: É réu de morte. — 67. Então, uns lhe cuspiram no rosto e lhe deram murros; outros o esbofetearam, dizendo: — 68. Cristo, profetiza-nos, dize quem foi que te bateu.

MARCOS: V. 53. E levaram Jesus à casa do sumo sacerdote, onde se reuniram todos os príncipes dos sacerdotes, escribas e anciãos. — 54. Pedro o acompanhou de longe até ao átrio da casa do sumo sacerdote, onde, com os que ali estavam, se sentou

perto do fogo a aquecer-se. — 55. E os príncipes dos sacerdotes e todo o conselho procuravam testemunhos contra Jesus, para lhe darem a morte; e não achavam. — 56. Muitos depunham falsamente contra ele, mas seus depoimentos não eram suficientes. — 57. Alguns se levantaram e deram contra ele um falso testemunho nestes termos: — 58. Ouvimo-lo dizer: Destruirei este templo edificado pela mão dos homens e reconstruirei, em três dias, um outro, que não será feito pela mão dos homens. — 59. Mas, mesmo esse testemunho ainda não era suficiente. — 60. Então, levantando-se em meio do Sinédrio, o sumo sacerdote interrogou a Jesus assim: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? — 61. Mas ele se conservou calado; nada respondeu. Tornou o sumo sacerdote a lhe perguntar: És o Cristo, filho do Deus bendito? — 62. Jesus lhe respondeu: Eu o sou; e vereis um dia o filho do homem sentado à direita da majestade de Deus e vindo sobre as nuvens do céu. — 63. Logo o sumo sacerdote, rasgando as vestes, disse: Que mais necessidade temos de testemunhos? — 64. Ouvistes a blasfêmia que ele proferiu; que vos parece? Todos condenaram como réu de morte. — 65. Alguns então começaram a cuspir nele, e a lhe tapar o rosto, a lhe dar murros, dizendo: Profetiza e dize quem te bateu! E os criados lhe davam bofetadas.

LUCAS : V. 54. Logo o prenderam e levaram à casa do sumo sacerdote. Pedro o seguia de longe. — 55. E como os que ali estavam acendessem um fogo no meio do pátio e se sentassem ao derredor, Pedro também se sentou entre eles. — 63. Os que guardavam a Jesus dele zombavam e lhe davam pancadas. — 64. Vendando-lhe os olhos, batiam-lhe nas faces e diziam: Adivinha, quem é que te bateu? — 65. E, blasfemando, lhe dirigiam muitas injúrias. — 66. Logo que foi manhã, os anciães do povo, os príncipes dos sacerdotes e os escribas se reuniram e, tendo feito comparecer Jesus perante o conselho assim formado, lhe disseram: Se és o Cristo, dize-nos. — 67. Respondeu-lhes ele: Se eu disser que sou, não me acreditareis; — 68, e, se vos interrogar, não me respondereis, nem me deixareis partir. — 69. Mas, desde agora o filho do homem estará sentado à direita do poder de Deus. — 70. Então perguntaram todos: És,

portanto, o filho de Deus? Ele respondeu: Vós mesmos o dizeis, eu o sou. — 71. Eles exclamaram: Que mais necessidade temos de testemunhos, uma vez que nós mesmos o ouvimos da sua própria boca?

N. 292. Do ponto de vista histórico, nenhuma explicação se faz precisa. Os fatos aí estão patentes.

Do ponto de vista espírita, já por várias vezes temos dito qual o sentido que se deve dar às palavras — *filho de Deus* — quando pronunciadas ou aceitas por Jesus.

"Eu o sou", respondeu o Mestre ao sumo sacerdote, dirigindo-se, porém, a toda a assembléia. E vereis *o filho do homem assentado à direita da majestade de Deus, vindo sobre as nuvens do céu.* Bem compreensível vos deve ser, *em espírito e verdade, o* sentido destas palavras do protetor e governador do vosso planeta. Nelas tendes mais uma alusão, *velada, à* reencarnação. Encerram também uma alusão àqueles, dentre os que as escutavam, cujos Espíritos, aproveitando a regeneração conseguida, reencarnados, vivendo de novo na Terra, o verão quando ele, em todo o seu fulgor espírita, como soberano, visível às criaturas depuradas, descer novamente ao vosso planeta, igualmente depurado.

Quanto às palavras dirigidas aos anciães do povo judeu, aos príncipes dos sacerdotes e aos escribas, do mesmo modo deveis compreendê-las facilmente, *em espírito e verdade.* Foram pronunciadas, colocando-se Jesus *no ponto de vista dos homens.* Significam: desde agora, conhecidos serão os atos do filho do homem, seu poder, sua posição.

E, com efeito, esse conhecimento não se espalhou e desenvolveu pela ação das interpretações humanas, do progresso gradual dos tempos e das inteligências, sob o império da *letra,* que *preparou* o advento do *espírito?*

E a nova revelação, dando-vos a conhecer *quem é o filho,* iluminando com a sua luz suave e pura a casta e grandiosa figura de Jesus, não vem mostrar que se acham justificadas, desde o momento em que foram proferidas até os vossos dias, estas proféticas palavras que, no futuro, o serão de igual maneira: *Mas, desde agora, o filho do homem estará assentado à direita da majestade de Deus?*

MATEUS, Cap. XXVI, vv. 69-75. — MARCOS, Cap. XIV, vv. 66-72. — LUCAS, Cap. XXII, vv. 56-62

Negativa de Pedro

MATEUS: V. 69. Pedro entretanto estava sentado fora, no átrio. Uma criada se aproximou dele e disse: Tu também estavas com Jesus da Galiléia. 70. Ele, porém, o negou diante de todos, declarando: Não sei o que dizes. — 71. Saindo ele dali para o vestíbulo, uma outra criada, que o viu, disse aos que lá se achavam: Este também estava com Jesus de Nazaré. — 72. Pedro o negou segunda vez, jurando: Não conheço esse homem. — 73. Pouco depois alguns que por ali estavam se dirigiram a Pedro e lhe disseram: Certamente tu também és um daqueles, pois até a tua fala o indica. — 74. Ele então se pós a proferir imprecações e a jurar que não conhecia aquele homem. Imediatamente cantou o galo. — 75. Pedro se lembrou do que Jesus lhe havia dito: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. Saiu e chorou amargamente.

MARCOS: V. 66. Estando Pedro em baixo, no átrio, uma das criadas do sumo sacerdote ali foi, — 67, e, vendo-o a se aquecer, o encarou e disse: Tu também estavas com Jesus de Nazaré. — 68. Ele o negou, dizendo: Não o conheço, nem sei o que dizes. E, saindo para entrar no vestíbulo, cantou o galo. — 69. A criada, vendo-o de novo, disse aos que por ali estavam: Este é um daqueles. — 70. Ele o negou pela segunda vez. Pouco depois, os que ali se achavam diziam a Pedro: Com certeza tu és um daqueles, pois que também és galileu. — 71. Ele então começou a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem de quem falais. — 72. Logo cantou o galo pela segunda vez e Pedro se lembrou do que lhe dissera Jesus: Antes que o galo cante duas vezes, tu me terás negado três. E se pôs a chorar.

LUCAS: V. 56. Uma criada, que o viu sentado ao lume, o encarou e disse : Este também estava com

aquele homem. — 57. Mas Pedro o negou, dizendo: Mulher, não o conheço. — 58. Daí a pouco, um outro, vendo-o, disse: Tu também és daqueles. Respondeu Pedro: Homem, não sou. — 59. Cerca de uma hora depois, outro afirmava: Certamente este andava com ele, pois que também é galileu. — 60. Pedro respondeu: Homem, não sei o que dizes. Ato contínuo, estando ele ainda a falar, cantou o galo. 61. O Senhor então, voltando-se, olhou para Pedro e este se lembrou do que o Senhor lhe dissera: Antes que o galo cante, tu três vezes me negarás. — 62. Dali saindo, Pedro chorou amargamente.

N. 293. Contando com as próprias forças, Pedro se adiantara demais. Não procurara o *único* ponto de apoio que o pudera sustentar: a prece. Deixara-se levar pela confiança em si mesmo e, mau grado ao aviso de Jesus, não se pusera em guarda.

Grande foi o seu remorso, pois que nele houve apenas fraqueza e não falta. Assim nos exprimimos, porque da sua parte houve tão-somente falta de previdência, de desconfiança de si mesmo, porém não traição premeditada, fruto da covardia e do egoísmo. Ninguém se despoja da covardia e do egoísmo, como tira uma roupa incômoda. Pedro, ao deixar a casa do sumo sacerdote, reconheceu o seu erro e se dispôs a repará-lo. Essa a distinção que se deve fazer entre a fraqueza e a culpabilidade.

Dificilmente pode o *culpado* reparar, no curso de uma existência, uma falta durante ela cometida. Ao passo que *o fraco* pode adquirir *a força de que careça. Eis* porque são quase sempre temerários os vossos juízos. Eis porque às vezes condenais o que o Senhor desculpa e desculpais o que ele reprova.

Não vos detenhais nalgumas diferenças que os textos evangélicos, nesta passagem, apresentam. São futilidades. Atentai, sim, nos fatos capazes de aumentarem a fé, de convencerem os incrédulos e não em minúcias pueris.

Já o temos dito: essas diferenças, sem nenhuma importância, se explicam pela condição de Espíritos encarnados dos narradores, condição que mais ou menos dificulta as relações mediúnicas diante de informações colhidas aqui e ali. Já o sabeis, as narrações dos quatro evangelistas se explicam e completam umas pelas outras.

Há todavia um ponto acerca do qual é necessário que vos esclareçamos.

Quando o galo cantou, o Senhor, diz Lucas, vv. 61 e 62, *voltando-se, olhou para Pedro e* este *se lembrou* do que o Senhor lhe *dissera: "Antes que o galo cante, tu três vezes me negarás".* Dali saindo, Pedro chorou amargamente."

No momento em que o galo cantou, Jesus não estava perto de Pedro. Mas, naquele instante, Pedro sentiu uma impressão fluídica que, por efeito *de mediunidade, a* que podereis dar o qualificativo de "mental", lhe recordou as palavras de Jesus, fazendo-o ao mesmo tempo ver o semblante doce e calmo do Mestre, que se limitava a lhe dirigir um olhar triste, quando com *a* ingratidão era pago da afeição que lhe testemunhara. Na ocasião em que Pedro o negava e cantava o galo, fato que predissera, Jesus, para que ele não deixasse passar despercebido esse momento, se voltou para o ponto em que o apóstolo se achava, *com a vontade* de que este *se lembrasse e o visse.* Houve, da parte de Jesus, ação magnética a distância, ação cujos efeitos observais entre vós, mas em grau muito inferior, e houve da parte de Pedro vidência.

NOTA DA EDITORA: — Convém ver — João, XVIII, 1:27.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 1-10

Arrependimento e morte de Judas. — Lugar do seu suicídio e da sua sepultura

V. 1. Pela manhã, todos os príncipes dos sacerdotes e anciães do povo se reuniram em conselho contra Jesus para o entregarem à morte. — 2. Depois de o manietarem, levaram-no e o entregaram ao governador Pôncio Pilatos. — 3. Então, Judas, que o traíra, vendo que Jesus fora condenado, tocado de arrependimento, tornou a levar as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciães, — 4, e lhes disse: "Pequei, entregando o sangue inocente. Mas eles responderam: Que nos importa? Isso é lá contigo. — 5. E Judas, depois de arremessar no templo as moedas, se retirou e foi enforcar-se. — 6. Os príncipes dos sacerdotes tendo apanhado as moedas, disseram: Não nos é lícito deitá-las no cofre do templo, porque são preço de sangue. — 7. Depois de o deliberarem em conselho, compraram com elas o campo de um oleiro, para servir de cemitério a forasteiros. — 8. Por isso aquele campo se ficou chamando, até ao dia de hoje, *Hacéldama,* isto é: campo do sangue. — 9. Cumpriu-se assim o que fora dito pelo profeta Jeremias: "Tomaram as trinta moedas de prata, preço daquele que com eles os filhos de Israel apreçaram, — 10, e as deram pelo campo de um oleiro, como me ordenou o Senhor."

N. 294. São fatos, mas que, confrontados os termos do v. 18 do cap. 1° dos *Atos dos Apóstolos* com os do v. 7 de Mateus, reclamam explicações, que tornem conhecidos, de modo completo, os pormenores, historicamente exatos do que houve com relação ao que se passou entre Judas e os príncipes dos sacerdotes, à compra do campo que se chamou *Hacéldama,* à morte de Judas e ao lugar da sua sepultura.

Judas levou as trinta moedas de prata aos príncipes dos sacerdotes e aos anciães. Não tendo

estes querido recebê-las, ele as atirou no templo e foi enforcar-se num campo onde lhe acharam o cadáver em estado de putrefação bastante adiantada. Ao terem conhecimento desse fato, os príncipes dos sacerdotes e os anciães, que haviam apanhado as moedas atiradas por Judas no templo, conceberam a idéia de comprar aquele campo para cemitério dos forasteiros e para nele ser enterrado o cadáver de Judas, uma vez que entre os Israelitas não se concediam as honras da sepultura religiosa ao suicida.

Compraram, pois, com as trinta moedas o campo, que se ficou chamando *Hacéldama,* e lá enterraram o cadáver de Judas.

Nos *Atos dos Apóstolos,* onde se diz que o campo foi adquirido por Judas com o preço do seu pecado, e que ele, depois de o haver comprado, lá se enforcou, houve um erro de narração, devido aos comentários feitos a propósito dos fatos que Mateus relatara, mas ainda não escrevera, e a propósito do lugar do suicídio de Judas e do sepultamento, aí, do seu cadáver.

Pedro foi dos que pensaram que Judas comprara o campo com o fruto de seu pecado e que ali se enforcara. Essa opinião, que se firmou no Espírito de Pedro e da qual Lucas, como narrador, se fez eco, nasceu do fato de se haver Judas enforcado naquele campo e de ter sido nele enterrado. Destas circunstâncias concluíram, primeiro, que o campo lhe pertencia, visto ser costume entre os Hebreus preparar cada um, de antemão, a sua última morada; segundo, que ele o adquirira com o que ganhara da sua traição.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 11-26. — MARCOS, Cap. XV, vv. 1-15. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 1-25

Jesus diante de Pilatos. — Jesus é entregue para ser crucificado

MATEUS : V. 11. Jesus foi levado à presença do governador e este o interrogou assim: *és* o rei dos Judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. — 12. As acusações, porém, que lhe faziam os príncipes dos sacerdotes e os anciães nada respondeu. — 13. Pilatos então lhe perguntou: Não ouves de quantas coisas estes te acusam? — 14. Jesus nem uma só palavra disse em resposta, do que grandemente se admirou Pilatos. — 15. Ora, o governador costumava, no dia da festa da Páscoa, dar liberdade a um preso que o povo indicasse. — 16. E naquela ocasião tinha ele em seu poder um de grande fama, chamado Barrabás. — 17. Perguntou, pois, Pilatos à multidão ali reunida: Qual dos dois quereis que eu vos solte, Barrabás, ou Jesus, apelidado o Cristo? — 18. É que sabia que só por inveja lhe tinha sido este último entregue. — 19. Nesse ínterim, quando ele se achava sentado no tribunal, sua esposa lhe mandou dizer: Não te envolvas no caso desse justo, pois que hoje, em sonho, estranhamente atormentada fui por sua causa. — 20. Mas os príncipes dos sacerdotes e os anciães persuadiram o povo a pedir fosse solto Barrabás e Jesus condenado à morte. — 21. Assim, perguntando-lhes o governador: Qual dos dois quereis que vos solte? Responderam: Barrabás. — 22. Objetou-lhes Pilatos: Que hei de, então, fazer de Jesus, a quem chamam o Cristo? Responderam todos: Seja crucificado! — 23. O governador insistiu: Que mal, porém, fez ele? Com mais força clamaram, em resposta: Seja crucificado! — 24. Vendo Pilatos que nada conseguia, que, ao contrário, o tumulto se tornava cada vez maior, mandou vir água, lavou as mãos diante do povo e disse: Sou inocente do sangue deste justo; isso é lá convosco. — 25. Todo o povo lhe respondeu: Caia sobre nós e sobre nossos filhos o seu sangue. —

26. Pilatos logo pôs Barrabás em liberdade e, depois de haver mandado açoitar Jesus, o entregou à multidão para ser crucificado.

MARCOS: V. 1. Logo pela manhã reuniram-se em conselho os príncipes dos sacerdotes, os anciães, os escribas e todo o Sinédrio e, manietado que foi Jesus, o levaram e entregaram a Pilatos. — 2. Este lhe perguntou: És o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu dizes. — 3. E como os príncipes dos sacerdotes o acusassem de muitas coisas, — 4, disse-lhe Pilatos: Nada respondes? Vê de quantas coisas te acusam. — 5. Jesus, porém, nada mais respondeu, causando isso admiração a Pilatos. — 6. Ora, costumava este, pela Páscoa, soltar um preso cuja liberdade o povo pedisse. — 7. E na ocasião um havia, de nome Barrabás, que num motim, com outros sediciosos, praticara um homicídio. — 8. Acorrendo então a turba ao pretório se pôs a pedir-lhe que fizesse o que costumava fazer. — 9. Perguntou Pilatos: Quereis que vos solte o rei dos Judeus? — 10. Ele bem sabia que só por inveja havia sido Jesus levado à sua presença pelos príncipes dos sacerdotes. — 11. Estes, porém, concitaram o povo a pedir que antes fosse solto Barrabás. — 12. Inquiriu então Pilatos: Que quereis nesse caso que eu faça do rei dos Judeus? — 13. Clamaram os da turba: Crucificai-o! — 14. Pilatos obtemperou: Mas que mal fez ele? Clamando com mais força, responderam-lhe: Crucificai-o! — 15. À vista disso, Pilatos, que desejava satisfazer ao povo, soltou-lhe Barrabás e, depois de, por sua ordem, ter sido Jesus açoitado, o entregou para ser crucificado.

LUCAS: V. 1. Toda a assembléia se ergueu e levou Jesus a Pilatos. — 2. E se puseram a acusá-lo desta forma: Este homem nós o encontramos a subverter o povo, proibindo se paguem os tributos a César e dizendo ser o Cristo e rei. — 3. Pilatos o interrogou: És o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Tu o dizes. — 4. Observou então Pilatos aos príncipes dos sacerdotes e ao povo: Nenhuma culpa acho neste homem. — 5. Aqueles, porém, com mais insistência, afirmavam: Ele subleva o povo com a doutrina que vem espalhando por toda a Judéia, desde a Galiléia, onde começou, até aqui. — 6. Pilatos, ouvindo

falar da Galiléia, perguntou se aquele homem era galileu. — 7. Quando soube que era da jurisdição de Herodes, mandou-o a este, que na ocasião também se achava em Jerusalém. — 8. Ao ser-lhe apresentado Jesus, Herodes muito satisfeito ficou, pois de longo tempo desejava vê-lo, tanto tinha ouvido falar dele; contava que o veria fazer algum milagre. — 9. Dirigiu-lhe muitas perguntas, mas a nenhuma Jesus respondeu. — 10. Os príncipes dos sacerdotes e os escribas presentes o acusavam com muita insistência. — 11. Herodes, cercado da sua corte, o tratou com desprezo e, escarnecendo dele, vestiu-lhe uma túnica branca e o recambiou para Pilatos. — 12. Naquele dia, Herodes e Pilatos, de inimigos que eram antes, se tornaram amigos. — 13. Pilatos convocou os príncipes dos sacerdotes, os anciães e o povo, — 14, e lhes disse: Vós me apresentastes este homem como sublevador do povo e eis que, tendo-o interrogado na vossa presença, nele nenhuma culpa achei das de que o acusais; — 15, nem tampouco Herodes, a cuja presença o mandei. Nada tem ele feito, parece-me, que o torne passível de morte. — 16. Assim, depois de o castigar, solta-lo-ei. — 17. Ora, como ele tivesse que soltar, pela festa da Páscoa, um criminoso, — 18, todos à uma entraram a bradar: Morra este e solta-nos Barrabás. — 19. Este fora preso por causa de uma sedição havida na cidade e de um homicídio que cometera. — 20. Pilatos, desejando livrar a Jesus, lhes falou de novo. — 21. A multidão, porém, se pós a clamar: Crucifica-o, crucifica-o! — 22. Pela terceira vez Pilatos perguntou: Mas que mal fez ele? Não lhe acho culpa alguma que mereça a morte. Manda-lo-ei, portanto, castigar e o soltarei. — 23. Mas eles insistiam, pedindo em altos brados que Jesus fosse crucificado, e seus clamores a todo momento recrudesciam. — 24. Afinal, Pilatos ordenou se fizesse o que eles pediam. — 25. Ao mesmo tempo soltou o que fora preso por causa da sedição e do homicídio, conforme lhe exigiam e permitiu que de Jesus fizessem o que quisessem.

N. 295. A diversidade que se nota entre o texto de Lucas e dos outros evangelistas não vos deve surpreender, nem deter. Como sabeis, cada um deles tinha que entrar em particularidades es-

peciais. Assim, o que um relata sumariamente outro refere descendo a minúcias. É *desse modo* que as narrações sempre se explicam e completam reciprocamente.

Diante de Pilatos, a uma só das suas perguntas consente Jesus em responder; à que entendia com a soberania por ele exercida sobre os Judeus, soberania moral e espiritual, a cujo respeito Pilatos nenhuma dúvida tinha, não porque admitisse a missão do Mestre, mas porque não descobria, na vida nem nos atos daquele que lhe apresentavam como criminoso e revoltado contra o poder dos Césares, qualquer coisa que pudesse dar causa ao clamor público. Impelido por um sentimento *secreto,* tenta salvar o acusado. Ainda mais, tendo-lhe dito sua mulher que, em sonho, vira Jesus a se elevar, luminoso, da cruz e o mundo a se cobrir de trevas, ele procura pôr-se a salvo da responsabilidade do julgamento, *mandando apresentar Jesus* ao sucessor de Herodes. Contava que *dessa maneira* satisfaria às exigências da sua posição política e à sua consciência. Mas, o sucessor de Herodes não quis arcar com as conseqüências de uma condenação capital. Indeciso quanto ao que devesse fazer, indignado com a falta de atenção e de submissão de Jesus à dignidade de um representante dos Césares, inflige-lhe um castigo infamante e o devolve a Pilatos, que era o instrumento que tinha de funcionar.

Nenhuma explicação se faz necessária acerca do que ocorreu na presença de Pilatos e do que se passou entre este e Jesus, constituindo os fatos principais narrados por Mateus, Marcos e Lucas. A apresentação de Jesus ao sucessor de Herodes não foi mais do que um incidente, que nenhuma influência teve sobre aqueles fatos.

Precisamos apenas chamar a vossa atenção sobre pontos relativos ao Herodes da ocasião, à mulher de Pilatos e ao próprio Pilatos.

(Lucas, vv. 7-11.) *Com relação ao sucessor de Herodes:* Ele se indignou com a falta de atenção e de submissão de Jesus à dignidade de um representante dos Césares, porque a todas as suas perguntas opôs Jesus o silêncio, negando-se obstinadamente a lhe responder. Dissemos que, por isso, infligiu ao Mestre um castigo infamante. De fato, *tratando-o com desprezo e dele zombando, o su*cessor de Herodes mandou que lhe vestissem uma túnica branca, porque branca era a túnica dos Augustos, dos príncipes a quem tocava a sucessão do trono, ou que aspiravam a sentar-se nele. Cobrindo-o com aquelas vestiduras, tratava a Jesus como um louco, como um em quem a ambição produzira a loucura.

O sucessor de Herodes, acrescentamos, o mandou de novo a Pilatos, *que era o instrumento que tinha de funcionar.* Em Jerusalém, ele se achava fora da sua jurisdição, ao passo que dentro da de Pilatos estava o lugar onde se levantara contra Jesus a acusação.

(Lucas, v. 12.) "Naquele dia Herodes e Pilatos, diz o evangelista, de inimigos que antes eram, se tornaram amigos". Isso foi a conseqüência da troca de atenções havida entre ambos, das mostras de deferência que cada um dera à autoridade do outro.

(Mateus, v. 19.) *Com relação à mulher de Pilatos: O* que ela tomara por um sonho em que "estranhamente atormentada havia sido por causa de Jesus" e que a decidira a mandar dizer ao marido, quando este se achava no seu trono, presidindo ao tribunal: *Não te envolvas no caso desse justo,* fora uma manifestação, um aviso espírita, que se produziram achando-se ela, não a dormir, como se lhe afigurara, mas num estado de torpor magneto-espírita.

Como sabeis, pelo que toca ao desprendimento do Espírito, diversos graus apresenta o sono sonambúlico causado pelo magnetismo humano. O

mesmo se dá quando o estado sonambúlico resulta da ação do magnetismo espiritual. Este, como aquele, quando ocasiona um desprendimento incompleto, produz apenas a lucidez, levando ao êxtase quando determina a emancipação completa da alma.

A lucidez, que assim, por meio do magnetismo espiritual, os Espíritos prepostos deram à mulher de Pilatos, lhe facilitou a compreensão do quadro que diante de suas vistas os mesmos Espíritos puseram. De tal maneira operaram estes, que ela acreditou, como já explicamos, ter, em sonho, visto Jesus a se elevar luminoso da cruz e o mundo a se cobrir de trevas.

Com esse aviso espírita, dado à mulher de Pilatos, quis o anjo guardião deste, tendo-o Deus permitido, lembrar-lhe que lhe cumpria escolher entre a justiça e a verdade *de um lado* e o orgulho e a cobiça *de outro.*

O recado que recebeu da esposa mais lhe firmou no Espírito o desejo de salvar a Jesus.

Com relação a Pilatos: Quando nele se manifestava o desejo de libertar a Jesus, influenciava-o o sentimento íntimo da inocência do Mestre, sentimento ao qual, porém, se contrapunha o temor de ser prejudicado na sua posição política. Esse temor predominou.

Tudo fora, como se vê, preparado e conduzido, sob a influência e a ação espíritas, para que a inocência do justo e a iniqüidade da sua condenação mais impressionassem os homens da época e as futuras gerações.

(Mateus, v. 11; Marcos, v. 2; Lucas, v. 3.) Ao comparecer Jesus na sua presença, Pilatos lhe perguntou: És o *rei dos Judeus? Foi* essa a primeira interrogação que lhe fez. Por que? Primeiramente, porque essa era a principal acusação que lançavam ao Mestre, procurando com ela os seus acusadores atemorizar os Romanos. Em segundo lugar, porque grande surpresa lhe causou

semelhante acusação feita a Jesus, cujo aspecto era o que havia de mais oposto a tão alta pretensão.

Respondendo: *Tu o dizes,* Jesus falou *do ponto de vista* espiritual. Para bem se compreenderem e apreciarem o sentido, o alcance e o objetivo dessa resposta, preciso é que não seja isolada destas palavras já por ele proferidas: *"Em verdade* vos digo que doravante não mais me vereis, até ao dia em que digais: Bendito o rei que vem em nome do Senhor!" (Lucas, XIX, v. 38 e XIII, v. 35.)

Unicamente por escárnio, Pilatos, depois que Jesus lhe respondeu — *Tu o dizes,* duas vezes lhe deu o título de rei dos Judeus. A seu ver, Jesus era um Espírito fraco, mais presa de loucura que de ambição.

NOTA DA EDITORA — Convém ver João, XVIII, 28:40; João, XIX, 8:15.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 27-30. — *MARCOS,* Cap. XV, vv. 16-19

Flagelação. — Coroa de espinhos. — Ultrajes. Insultos

MATEUS: V. 27. Depois, os soldados do governador conduziram Jesus ao pretório e em torno dele se reuniu toda a coorte. — 28. Despiram-no de suas roupas e o cobriram com um manto escarlate. — 29. Em seguida teceram uma coroa de espinhos entrelaçados e lha puseram na cabeça, colocando-lhe na mão direita uma cana. E, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos Judeus! — 30. Cuspiam-lhe no rosto e, tirando-lhe da mão a cana, com ela lhe batiam na cabeça.

MARCOS: V. 16. Os soldados então o levaram ao pátio do pretório e aí reuniram toda a coorte. — 17. Revestiram-no com um manto de púrpura e lhe puseram na cabeça uma coroa de espinhos entrelaçados, que eles mesmos teceram. — 18. E começaram a saudá-lo assim: Salve, rei dos Judeus! — 19. Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe no rosto e, ajoelhados diante dele, o adoravam.

N. 296. Sempre *ensinamento e exemplo* dados aos homens. Nos ultrajes que Jesus suportou, na paciência e na resignação com que tudo sofreu se vos depara a linha de proceder que deveis seguir.

Não vos enfileireis *nunca* entre os que acusam e insultam, qualquer que seja a aparência de direito que tenham para assim fazer, porquanto podeis estar cegos *e* acusar e insultar a um inocente. Fracos são os sentidos humanos e vos enganam muitas vezes. *Este,* que vos parece culpado e o *é para os homens,* pode ser *justo aos olhos de Deus.* Abstende-vos, pois, visto que, na maioria dos casos, por demais fracos *são os vossos* sen-

tidos e obtusa a vossa inteligência para julgardes com acerto.

Se vos virdes alvo da zombaria, do escárnio dos vossos irmãos, por mais injustas que sejam suas opiniões e seus atos a vosso respeito, oponde-lhes sempre a paciência e a doçura.

Não vos esforceis por demonstrar aos cegos os princípios e as propriedades da luz. Perdereis o vosso tempo. Firmai-vos na pureza das vossas intenções, na pureza da vossa consciência e dos vossos atos e ficai certos de que tereis sempre no Senhor um juiz equânime.

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, *XIX,* 1:7.

MATEUS, Cap. XXVII, *vv.* 31-32. — *MARCOS,* Cap. XV, vv. 2Q-21. — *LUCAS,* Cap. XXIII, vv. *26-31*

Jesus conduzido ao lugar do suplício. -- Simão de Cirene o ajuda a carregar a cruz. — Palavras que dirige às mulheres que o lamentavam e pranteavam

MATEUS: V. 31. Depois de o terem escarnecido, tiraram-lhe o manto escarlate, vestiram-lhe de novo suas roupas e o levaram para ser crucificado. — 32. Ao saírem da cidade, encontraram um homem de Cirene, chamado Simão, e o obrigaram a carregar a cruz com Jesus.

MARCOS: V. 20. Depois de o terem assim escarnecido, tiraram-lhe o manto de púrpura e lhe vestiram de novo suas vestes, feito o que o levaram para ser crucificado. — 21. E como por ali passasse um Cirineu, chamado Simão, pai de Alexandre e de Rufo, o qual voltava do campo, o obrigaram a carregar a cruz com Jesus.

LUCAS: V. 26. Quando o iam conduzindo, pegaram de um certo Simão, Cirineu, que vinha do campo, e o obrigaram a carregar também a cruz atrás de Jesus. — 27. Seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, que o lamentavam e pranteavam. — 28. Jesus, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai por vós mesmas e por vossos filhos; — 29, porque dias virão em que se dirá: Ditosas as estéreis, ditosos os ventres que nunca geraram e os seios que nunca amamentaram. — 30. Pôr-se-ão todos então a dizer aos montes: Caí sobre nós; e às colinas: Cobrinos. — 31. Porque, se isto fazem com o lenho verde, que farão com o lenho seco?

N. *297.* Jesus, depois de haver sido objeto do escárnio e das jogralidades de todos, foi manietado para ser conduzido ao suplício. Pilatos

o entregou aos Judeus, que ansiavam por lhe dar a morte. Mas os soldados do Tetrarca eram os guardas do preso e os executores da sentença. Cumpria-lhes vigiar o condenado, a fim de que não escapasse pela fuga, nem lhes fosse arrebatado à força. Essas as ordens militares que os soldados tinham. Até ao último momento, até que os malfeitores crucificados houvessem exalado o último suspiro, eles eram obrigados a velar pelo cumprimento da sentença.

Penosa foi a marcha de Jesus. *Não tinha ele* que *mostrar aos* homens até onde podiam chegar a resignação e a submissão?

Nem uma só queixa, nenhum protesto lhe saíram dos lábios. Não digais: "Era-lhe fácil; a carne nada sentia."

Jesus, naqueles momentos, sofria, sofria muito no seu coração pelo endurecimento dos homens. Sofria por ver que séculos e séculos teriam que passar sobre as vossas cabeças, antes que o batismo do espírito vos purificasse. Sofria, vendo quantos sofrimentos o futuro reservava a seus irmãos, aos quais votava amor tão ardente que, para lhes mostrar o caminho que devem trilhar, consentiu em perlustrá-lo.[31]

Experimentava as angústias que dilaceram o coração da mãe extremosa que vê transviados, criminosos, seus filhos diletos; que vê prestes a caírem sobre eles os rigores da lei; que lhes brada: "Vinde a mim, vinde a mim e eu vos salvarei; arrependei-vos e obterei o perdão para vós", e os vê surdos, a lhe voltarem as costas para prosseguirem no funesto caminho. Ela não sofre, é certo, na sua carne, a carinhosa mãe; seus ossos não são despedaçados. Mas, todas as fibras do seu coração estalam dolorosamente; torturam-na a ansiedade, a aflição pelo futuro de seus bem-amados !

---

[31] *NOTA DA EDITORA* — Ver nº 287 de "O Consolador", de Emmanuel.

Sim, Jesus sofria, sofria no *seu amor e* sofre *ainda,* quando vos vê endurecidos. Amenizai esse sofrimento com o vosso amor e a vossa submissão, único bálsamo capaz de cicatrizar as chagas que a vossa ingratidão e os vossos crimes abriram.

No que disse às mulheres que o pranteavam e lamentavam, aludia *figuradamente* à destruição de Jerusalém, assim como às calamidades, que a necessidade da depuração e da transformação do vosso planeta e da humanidade terrena faz inevitáveis, calamidades que de futuro ocasionarão a destruição da vossa Jerusalém moderna, do vosso mundo, a fim de que uma nova cidade e um templo indestrutível sejam reconstruídos.

Porque, disse Jesus, se isto fazem com o lenho verde, que farão com o lenho seco?

Estas locuções — *lenho verde e lenho seco* — eram proverbiais entre os Judeus, que por elas designavam os *justos* e os *pecadores.* Se daquela forma tratavam o justo, de que modo seriam tratados os pecadores? Essas palavras Jesus as proferiu também *figuradamente,* a fim de impressionar, assim os que tivessem de as ouvir quando repetidas fossem, como os que mais tarde viessem a lê-las, mostrando a uns e a outros a sorte reservada ao culpado que despreza o Justo e a moral sublime que ele personifica.

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XIX, 16:22.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 33-38. — MARCOS, Cap. XV, vv. 22-28. — LUCAS, Cap. XXIII, vv, 32-34 e 38

Crucificação de Jesus e dos dois ladrões. Palavras por ele ditas como ensinamento e exemplo

MATEUS: V. 33. Chegaram assim ao lugar chamado Gólgota, que quer dizer — lugar do Calvário (ou da caveira), — 34, e lhe deram de beber vinho misturado com fel. Ele, porém, tendo-o provado, não o quis beber. — 35. Depois de o terem crucificado, repartiram entre si as suas vestes, tirando sortes; a fim de que se cumprisse o que fora dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes e sobre a minha túnica deitaram sortes. — 36. E, sentados, ali o ficaram guardando. — 37. Por cima da sua cabeça puseram escrito o motivo da sua condenação, nestes termos: *Este é Jesus, o rei dos Judeus.* — 38. Com ele também foram crucificados, um à sua direita, outro à sua esquerda, dois ladrões.

MARCOS : V. 22. E o levaram a um lugar, chamado Gólgota, que quer dizer — lugar do Calvário, — 23, e lhe deram de beber vinho misturado com mirra, mas ele não o tomou. — 24. Depois de o terem crucificado, entre si repartiram suas vestes, tirando sortes sobre elas, para verem o que a cada um tocaria. — 25. Era a hora terceira[32], quando o crucificaram. — 26. O motivo da sua condenação foi indicado por esta inscrição: *O rei dos Judeus.* — 27. Com ele também crucificaram dois ladrões, um à sua direita, outro à sua esquerda. — 28. Cumpriu-se assim esta palavra da Escritura: E entre os malfeitores foi incluído.

LUCAS: V. 32. Com ele eram levados dois criminosos, para também serem executados. — 33. Quando chegaram ao lugar chamado Calvário, aí o crucificaram a ele e aos dois ladrões, um à sua direita, outro à. sua esquerda. — 34. Dizia Jesus: Pai, perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem. Em seguida, repar-

[32] Nove horas da manhã.

tiram entre si suas vestes, tirando sortes. — *38. Pus*eram-lhe acima da cabeça esta inscrição, em grego, latim e hebreu: *Este é o rei dos Judeus.*

N. 298. Vistes como foi Jesus conduzido ao suplício. Chegado ao Gólgota, que quer dizer lugar do Calvário, ficou submetido às leis que então regulavam as execuções pela crucificação. Sua boca não se abre para proferir o mais ligeiro murmúrio. É que lhe *cumpria dar* aos homens, até ao derradeiro instante, *o exemplo* — da moderação nos atos e nas palavras; da submissão às leis, por mais iníquas que pareçam; do respeito aos seus executores, por mais ínfimos que sejam os agentes destes. A verdade, porém, tinha que se fazer ouvida e brilhar, mesmo no alto da cruz onde o justo fora pregado. Ele é o *"rei dos Judeus", o* rei da Terra, pois que procede dos céus. É o rei dos habitantes da Terra, porquanto seu reino não é deste mundo e não pode, de forma alguma, fazer sombra aos reis deste orbe impuro.

Cumpria-lhe dar o exemplo da misericórdia e do perdão aos insultadores e aos algozes que a ignorância e as más paixões desvairaram. Quando o crucificam, profere palavras destinadas a abrir, no presente e no futuro, como abriram no passado, as sendas do progresso moral: *Pai, perdoa-lhes, que eles não sabem o que fazem.*

Foram os Judeus que, por vontade própria, o crucificaram, mas o ato material foram os Romanos que o executaram. A multidão reclamou a entrega de Jesus e Pilatos atendeu-a, *no sentido* de conceder que lhe fosse dada "morte". E a turba, ávida de espetáculos daquela natureza, o acompanhara, bramindo e injuriando-o. Ele, porém, estava entregue aos soldados romanos, que eram os que tinham o encargo de executar a sentença proferida e que de fato a executaram.

N. 299. Tem-se pretendido que há uma contradição entre as narrativas de MATEUS e MARCOS e a de

LUCAS, consistindo em que, segundo aqueles dois primeiros evangelistas, foram os soldados romanos que levaram a efeito a crucificação, ao passo que, segundo o último, foram os Judeus.

Mantemos o que acabamos de dizer: Foram os Judeus que, moralmente, condenaram a Jesus, sendo Pôncio Pilatos quem materialmente proferiu contra ele a sentença de morte. Do mesmo modo, os Judeus, que o acompanharam ao Gólgota, foram os que presidiram ao seu suplício. Mas, materialmente, foram os soldados romanos que executaram a sentença, desempenhando o papel do carrasco quando executa a condenação à morte sentenciada pelo tribunal do júri.

As duas narrativas têm que ser explicadas e completadas uma pela outra, visto que, no seu conjunto, elas obedeceram ao propósito de destacar o ato *moral* do ato material, salientando-os.

Lucas tomou a ação dos Judeus sob o seu aspecto *moral, pois* que, moralmente, foram os Judeus que condenaram a Jesus.

Esse evangelista assim procedeu considerando que, *sobretudo naquele caso, o* ato *moral, puramente moral,* muito pior era do que o ato *material.* Os soldados romanos não foram mais do que instrumentos passivos. Alguém há, porventura, que responsabilize o cutelo, que cai sobre a cabeça do inocente, pela sentença iníqua que o condenou? O peso da condenação cai todo sobre os juízes ou sobre o júri que se transviaram e não sobre o carrasco ou sobre o cutelo de que este se serviu.

Mateus e Marcos atentaram somente no ato material. A narrativa de João (cap. XIX, vv. 14-18 e 23), que não deve ser isolada das dos três primeiros evangelistas, abrangeu o ato *moral,* e o ato *material, o* ato *moral, dizendo (v. 18)* que os Judeus crucificaram a Jesus; o ato material, *dizendo (v.* 23) que os soldados executaram a crucificação.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 39-43. — MARCOS, Cap. XV, vv. 29-32. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 35-37

Blasfêmias. — Zombarias. — Insultos

MATEUS: V. 39. E os que por ali passavam, abanando a cabeça, blasfemavam-no, — 40, dizendo: Tu, que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, porque não te salvas a ti mesmo? Se és o filho de Deus, desce da cruz. — 41. Do mesmo modo os príncipes dos sacerdotes, com os escribas e os anciães, o escarneciam, dizendo: — 42. Ele salvou a outros e não pode salvar-se a si mesmo; se é o rei de Israel, que desça agora da cruz e nós lhe acreditaremos. — 43. Ele põe toda a sua confiança em Deus; livre-o Deus agora, se o ama, pois que ele disse: Sou o filho de Deus.

MARCOS: V. 29. Os que passavam, abanando as cabeças, blasfemavam-no, dizendo: Olá, tu, que destróis o templo de Deus e o reedificas em três dias, — 30, salva-te a ti mesmo e desce da cruz. — 31. Também os príncipes dos sacerdotes e os escribas o escarneciam, dizendo entre si: Ele a outros salvou, entretanto não pôde salvar-se a si mesmo. — 32. Que o Cristo, o rei de Israel, desça agora da cruz para que vejamos e creiamos.

LUCAS: V. 35. O povo que, ali reunido, contemplava aquela cena e bem assim os anciães zombavam dele, dizendo: Ele que salvou a outros, salve-se a si mesmo agora, se é o Cristo, o eleito de Deus. — 36. Também o insultavam os soldados, que dele se aproximavam e lhe ofereciam vinagre, — 37, dizendo: Se és o rei dos Judeus, salva-te a ti mesmo.

N. 300. Estes versículos vos mostram ainda a ingratidão e a loucura dos homens, sempre prontos a insultar aqueles a quem mais deviam respeitar. Encerram também um aviso aos insultadores e incrédulos de hoje, que rejeitam a revelação espírita

e, portanto, a missão espiritual do Cristo, como rejeitaram no passado a sua missão terrena.

Os sumos sacerdotes, os escribas, os fariseus, os anciães, Espíritos orgulhosos, atrasados e culpados, o povo, que em torno deles se agrupava, e os transeuntes, um e outros dominados por eles, eram incapazes de compreender a necessidade, o motivo e o fim daquela missão que, preparada desde longos séculos, se cumpria, segundo a presciência e a sabedoria infinitas de Deus, de maneira a servir à época de então, a preparar o futuro e a conduzir a humanidade, através da era cristã, sob o império e o véu da *letra,* da capa *do mistério e* do prestí*gio do milagre, a* era do *Cristianismo* do Cristo, à era espírita, que se abre diante de vós, ao advento do Espírito da Verdade, que, por intermédio dos Espíritos do Senhor e da nova revelação, vem, despojando *da letra o espírito,* tornar conhecido o que teve de ficar e ficou secreto até aos vossos dias, pôr *a nu o* que até hoje teve de permanecer e permaneceu oculto.

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XIX, 23:37.

MATEUS, Cap. XXVII, v. 44. — MARCOS, Cap. XV, v. 32. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 39-43

Palavras que Jesus dirigiu a um dos dois ladrões, ao que é chamado o bom ladrão

MATEUS : V. 44. Os mesmos impropérios lhe dirigiam os dois ladrões que com ele haviam sido crucificados.

MARCOS: V. 32. Também os que com ele haviam sido crucificados lhe dirigiam palavras injuriosas.

LUCAS : V. 39. Um dos ladrões também crucificados blasfemava contra ele dizendo: Se és o Cristo, salva-te a ti mesmo e a nós. — 40. Mas o outro, repreendendo-o, disse: Nem ao menos sofrendo o mesmo suplício temes a Deus mais do que os outros! — 41. Entretanto, nós o sofremos justamente, pois que recebemos o castigo que mereceram os nossos crimes, ao passo que este nenhum mal fez. — 42. E disse a Jesus: Senhor, lembra-te de mim quando chegares ao teu reino. — 43. Jesus lhe respondeu: Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso.

N. 301. *Estes* versículos *se* conciliam perfeitamente. As narrativas de Mateus e de Marcos encontram na de Lucas o seu complemento histórico, do mesmo modo que esta última, para estar completa, precisa que a precedam as duas outras. *A principio, os dois* ladrões, ambos criminosos e maus, fazem coro com os príncipes dos sacerdotes, os anciães, os escribas, os transeuntes e a multidão, nos ultrajes que lançavam a Jesus. Depois, continuando um deles a blasfemar contra este, pede-lhe que demonstre o seu poder por um milagre, que também os salve. *Se és o Cristo,* disse, *salva-te a ti mesmo e a nós.*

Tocado pela doçura, pela bondade de Jesus, que respondia rogando pelos culpados aos insultos

que lhe atiravam, o outro ladrão compreendeu que no Mestre alguma coisa havia que o colocava acima da humanidade. Aproximando-se-lhe o momento em que a libertação restitui ao Espírito a luz, esse malfeitor entreviu a verdade, ainda que confusamente, e não hesitou em implorar misericórdia àquele em quem reconhecia maior poder para as coisas do céu, do que para as da terra. E Jesus lhe responde por esta forma animadora: *Em verdade te digo que hoje mesmo entrarás comigo no paraíso.*

Estas palavras hão dado e ainda dão motivo a muitas interpretações falsas e suscitaram muitas controvérsias.

Elas não significam que aquele, cuja vida fora cheia de rapinagem e de faltas, *pelo simples fato* de se arrepender, ficasse isento de toda expiação, de toda reparação. Significam *tão-somente* que, a partir daquele instante, ele entraria na senda do progresso, que o conduziria rapidamente ao bem.

Efetivamente, *para o Espírito, o* paraíso não é o que o homem imaginou: um lugar de beatífico êxtase, sem objetivo, sem esperança de coisa melhor. É, *ao contrário, a* entrada na senda luminosa que proporciona ao culpado entrever o prêmio reservado aos esforços do trabalhador. É a compreensão do futuro, junta ao desejo ardente de o alcançar.

Essa senda, esse paraíso, onde *o sofrimento causado pelo remorso das faltas* cometidas constitui uma alegria para o Espírito que compreende o progresso que *está ao seu alcance* realizar, é que Jesus promete àquele que, na linguagem humana, ficou apelidado de "bom ladrão". Ele entraria nesse paraíso desde que, do alto da sua glória, o mesmo Jesus, *por intermédio dos bons Espíritos,* lhe mostrasse o caminho a percorrer e a felicidade que *ao* seu termo o esperava.

N. 302. Sobre essas palavras de Jesus a Igreja Católica erigiu o seu sistema da condenação e da graça, da indulgência concedida à fé, independentemente das obras, colocando o malfeitor apelidado de "bom ladrão" no número dos bem-aventurados, *pelo simples fato* de se haver arrependido sinceramente, de haver demonstrado o que ela chama: *a contrição perfeita.*

Falsa interpretação das palavras do Mestre, que ela, não as compreendendo *segundo o espírito,* tomou *ao pé da letra.*

Acabamos de dizer: Aquelas palavras de Jesus significam: "No momento em que eu torne a ocupar o lugar que me compete, voltando à natureza espiritual que me é própria, tu entrarás na vida espiritual; verás distintamente, assim o caminho que te cumpre seguir, como a meta que terás de alcançar."

O arrependimento é, com efeito, um meio de chegar ao fim, de chegar à expiação produtiva, à atividade nas provações, à perseverança no objetivo. É uma venda que se rasga e que, permitindo ao cego ver a luz brilhante que tem diante de si, o enche do desejo de possuí-la. Mas, isso não o exime de perlustrar *o seu caminho.* Ele passa a ver melhor os obstáculos, consegue transpô-los mais rapidamente e com maior destreza e atinge mais prontamente o fim colimado. Nunca, porém, vos esqueçais desta sentença. A *cada um de acordo com as suas obras. As* boas apagam as más. Todavia, o Espírito culpado não pode avançar, *senão mediante a reparação.*

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 45-50. — MARCOS, Cap. XV, vv. 33-37. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 44 e 46

Morte de Jesus, no entender dos homens

MATEUS : V. 45. Desde a hora sexta[33] até a hora nona[34] toda a Terra se cobriu de trevas. — 46. Por volta da hora nona, exclamou Jesus em alto brado: *Eli, Eli, lamma sabachtani!* isto é: Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste? — 47. Alguns dos que por ali estavam, ouvindo isso, disseram: Ele chama por Elias. — 48. E logo um deles correu, tomou de uma esponja, ensopou-a em vinagre e, colocando-a no extremo de uma cana, lha apresentou para que bebesse. — 49. Outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias o vem libertar. — 50. De novo soltou Jesus um grande brado e rendeu o Espírito.

MARCOS: V. 33. Chegada a hora sexta, toda a terra se cobriu de trevas até à hora nona. — 34. À hora nona, exclamou Jesus num alto brado: *Eloi,* Eloi, *lamma sabachtani!* que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? — 35. Ouvindo isso, disseram alguns dos circunstantes: Eis que ele chama por Elias. — 36. Um deles então correu, ensopando uma esponja em vinagre e, espetando-a numa cana, lha apresentou para que bebesse, dizendo: Deixem, vejamos se Elias vem tirá-lo da cruz. — 37. Jesus soltou um grande brado e rendeu o Espírito.

LUCAS: V. 44. Era quase à hora sexta; toda a terra se cobriu de trevas até à hora nona. — 46. Jesus então, clamando em altas vozes, disse: Meu Pai, nas tuas mãos entrego a minha alma. E, tendo dito isso, expirou.

N. 303. As palavras de Jesus foram falsamente interpretadas. Como podia ele, que desempenhara sua missão, ser abandonado pelo Senhor?

---

[33] Meio-dia.

[34] Três horas da tarde.

As *palavras* que o divino modelo pronunciou, no momento em que, deixando na cruz o invólucro perispirítico tangível, que trazia, com a aparência do corpo humano, retomou a sua plena liberdade espiritual, foram estas: *Senhor, tudo está cumprido, eis-me aqui!* De ordem dele, nós vo-las repetimos textualmente.

Para que compreendais donde se originou a falsa interpretação dada às suas palavras, como essa interpretação se introduziu nas narrativas evangélicas de Mateus e de Marcos, como se produziram as de Lucas e de João, temos que vos explicar o que realmente ocorreu, restituindo desse modo aos fatos, também por ordem do Mestre, a exatidão histórica.

Logo depois de haver dirigido àquele dos dois malfeitores cognominado o "bom ladrão" as palavras cujo sentido e alcance agora conheceis *em espírito e verdade,* Jesus, como dizem ,os evangelistas, soltou um grande brado, a fim de atrair a atenção do povo para seus "últimos momentos", atraindo-a para os fenômenos que, ao *mesmo tempo,* iam produzir-se. Os dois ladrões se puseram a gemer, os discípulos elevaram suas vozes em exclamações de imensa dor e todos esses estertores dalma se reuniram formando um só clamor.

Foi quando chegara ao máximo a agitação tumultuosa de toda aquela turba sacudida por tão diversos sentimentos que Jesus, repetimos, disse: *Senhor, tudo está cumprido, eis-me aqui.* A esse tempo, o ladrão, que pouco antes falara movido pelo arrependimento, buscando num ímpeto o seu Criador, dirigindo-se a Deus, exclamou: *Eli, Eli, lamma sabachtani!* Isto é: *Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*

Alguns, mas não todos, atribuíram a Jesus essas palavras. De modo que a incerteza entrou a reinar sobre o que efetivamente dissera ele, cuja exclamação se perdera no espaço, de envolta com

o rumor produzido pela agitação da turba, que se via presa das maiores preocupações.

Tinha que ser assim, como dentro em pouco vos explicaremos. Tudo tem sua razão de ser.

Mais tarde surgiram os comentários, originando-se destes as versões que se introduziram nas narrações evangélicas.

Desde que estudais a ciência espírita, ainda não compreendestes que o melhor médium, isto é: o mais maleável, o mais dócil dos instrumentos, pode, em *certos casos, ficar entregue a* si mesmo, *embora* dominado pela sobreexcitação mediúnica, de tal sorte que é a sua própria natureza que atua pessoalmente, quando ele ainda se julga sob a influência espiritual?

Assim é que, *em certos casos, os* apóstolos referiram os fatos sob a impressão da sua maneira de ver pessoal, ao passo que, em outros, os fatos lhes eram, a bem dizer, postos, mediunicamente, debaixo das vistas.

Assim é também que os evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, *embora mantidos* em estado de sobreexcitação mediúnica, ficaram *entregues a* si mesmos, quanto ao aproveitamento, para as suas narrativas, dos diversos informes *em curso,* relativamente às palavras atribuídas a Jesus, e relataram os fatos de acordo com as versões que adotaram, guiados pelo seu critério pessoal. A narrativa mais próxima da verdade é a de João, que, em meio dos clamores, do ruído, das agitações, se conservara perto da cruz.

Dissemos e repetimos que tudo tem a sua razão de ser.

Mateus e Marcos, orientados pelas impressões de Pedro, adotaram a versão que atribuía a Jesus estas palavras: *"Eli, EU, lamma sabachtani"?* isto *é: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?*

Dentro do quadro que lhes fora mediunicamente traçado, Jesus tinha que parecer *aos homens,* sob o *véu da letra,* um ser excepcional, misterioso,

impossível de definir-se, participando ao mesmo tempo da natureza humana e da divindade, um homem revestido da libré material, um profeta concebido no seio de Maria virgem por *obra do Espírito Santo, o* filho de Deus, o Santo de Deus, o *irmão* de seus discípulos, o rei dos Judeus, gozando da onipotência no céu e sobre a terra.

Mateus e Marcos, *conquanto mantidos* em estado de sobreexcitação mediúnica, ficaram *entregues* a si mesmos, porque era preciso *deixar à opi*nião um ponto pelo qual fosse ela reconduzida ao princípio material (ainda que relativo) de Jesus. Aquela frase constituiu para os homens, durante largo tempo, uma prova irrecusável de que Jesus sofrera materialmente e, de certo modo, *fraqueara sob o guante da dor, o* que desculpava as fraquezas humanas *em face da prova.*

A versão falsa, que Mateus e Marcos reproduziram sob o influxo pessoal da natureza que lhes era própria, *isentos* da influência mediúnica, foi também um meio de contrabalançar a crença na divindade do Cristo em as controvérsias a que essa divindade daria lugar, controvérsias necessárias a preparar as inteligências para receberem a revelação atual que, despojando *da letra o espírito, vos* faz conhecer, *em espírito e em verdade,* "quem é o filho".

Escrevendo dentro do quadro que mediunicamente lhe tinha sido traçado, mas entregue, *nesse caso,* a si mesmo, Lucas adotou, de acordo com o critério de Paulo, que via no Cristo o mediador entre Deus e os homens, a versão segundo a qual foram estas as palavras que Jesus pronunciara: *"Pai, às tuas mãos entrego a minha alma."*

Escrevendo *igualmente* dentro do quadro que lhe fora mediunicamente traçado, de maneira a fornecer *às* interpretações humanas *segundo a letra* os elementos da crença na divindade do Cristo, fornecendo *ao mesmo tempo os* elementos apropriados *à* retificação dessa crença, quando do adven-

to do espírito, e apropriados a servirem de base à nova revelação, que viria dar a conhecer a natureza e a origem do filho, sua posição com relação ao pai, João, entregue, *nesse caso,* a ai mesmo adotou, com o que pudera apanhar, a versão que inculcava, como proferidas por Jesus naquele momento, estas palavras: *"Tudo está cumprido"*.[35]

As versões que Lucas e João adotaram exprimiam, em termos diferentes, o mesmo pensamento que as palavras textualmente proferidas pelo Mestre expressavam. Ambas traduziam um exemplo de submissão e de amor: Jesus, ao apresentar-se ao Senhor depois de tudo cumprido, lhe depunha nas mãos a sua alma.

Jesus, dizem as narrações evangélicas, *rendeu o Espírito, expirou.* Estas duas locuções têm o *mesmo sentido, o mesmo alcance — o* da volta do Espírito à vida espírita, *readquirindo* a liberdade no espaço, que é a sua pátria.

Não há comparação possível entre o regresso de Jesus e o dos vossos Espíritos. Para vós, a encarnação material humana representa um exílio que sofreis a título de expiação, de provação. A vida vos *é arrebatada, tirada.* Quando a tendes deixado, não a podeis retomar; só por meio *da reencarnação* podeis ter uma nova existência. Sejam quais forem os esforços que façais durante a vida terrena, a vossa natureza humana sempre vos arrasta a algum desfalecimento, quando não a faltas; de sorte que, ao regressardes à vida espírita, sempre vos achais sujeitos a julgamento, a um arrependimento mais ou menos penoso, conforme o grau da culpabilidade.

A volta de Jesus à vida espírita era inteiramente diversa da vossa. Disse-o ele próprio[36], aludindo ao sacrifício do Gólgota, aos fatos e

---

[35] João, cap. XIX, vv. 28 e 30.

[36] João, cap. X, vv. 17-18.

circunstâncias atinentes à sua missão terrena, tanto anteriores como posteriores àquele sacrifício.

Ele deixava a *vida* para a retomar; ninguém lha podia arrancar, ou tirar, e ninguém lha arrancou, ou tirou; era *ele* quem *por si mesmo* a deixava; foi ele que por si mesmo a deixou; tinha o poder de a deixar e o de a retomar. Ele, pois, não sofria a encarnação material, humana, *tal como a sofreis.* Sua ausência da pátria espiritual não era, portanto, como se dá convosco, um exílio. De fato, freqüentemente, muito freqüentemente, quando, presidindo seu Espírito ao governo do vosso mundo, julgavam que se havia retirado para orar na solidão, ele pairava sobre o vosso universo, regrando, com sabedoria, todas as coisas e fazendo executar as ordens do soberano Senhor.

No Gólgota, ninguém lhe arrancou, ou tirou a vida. Ele *por si mesmo* a deixou, no momento em que seu Espírito, retomando a sua inteira liberdade, abandonou na cruz o invólucro que revestira, de natureza perispirítica, tangível com a aparência do corpo humano. E, *"de acordo com o mandamento que recebera de seu pai",* ele a retomou para reaparecer, operando o que se chamou a sua "ressurreição", e concluir a missão terrena que descera a desempenhar.

Deixou-a, *por* si *mesmo,* definitivamente, quando, terminada aquela missão, realizou o fenômeno conhecido pelo nome de *ascensão,* despindo-se em definitivo daquele invólucro, restituindo os elementos fluídicos que o compunham às regiões a que haviam sido tomados. Puro de toda falta, nenhuma expiação precisava sofrer, nada tinha que lamentar. Ele, o justo, voltava à pátria como juiz e não como acusado.

Quanto às trevas que, a partir da hora sexta até à nona, cobriram a Terra foram, como daqui a pouco explicaremos, fazendo-vos compreender de que modo se operou o obscurecimento do céu, um

extraordinário efeito físico, produzido por poderosa ação espírita, destinado a impressionar grandemente as massas e a repercutir fortemente nas gerações futuras.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 51-56. — MARCOS, Cap. XV, vv. 38-41. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 45 e. 47-49

Rasga-se o véu do templo. — Tremor de terra.— Aparição dos mortos. — Obscurecimento do Sol. — Palavras do centurião

MATEUS : V. 51. E eis que o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo; a terra tremeu e as pedras se fenderam. — 52. Os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que neles dormiam o sono da morte, ressuscitaram. — 53. E, saindo dos túmulos depois da sua ressurreição, vieram à cidade santa e apareceram *a muitas pessoas.* — 54. O centurião e os que com ele estavam de guarda a Jesus, observando o terremoto e tudo o que se passava, se encheram de grande medo e disseram: Este era verdadeiramente filho de Deus. — 55. Lá se achavam, observando as coisas de longe, muitas mulheres, que desde a Galiléia acompanhavam a Jesus, assistindo-o com o necessário. — 56. Entre elas estavam Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e de José e a mãe dos filhos de Zebedeu.

MARCOS : V. 38. E logo o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo. — 39. O centurião que estava em frente da cruz, ao ver que, soltando aquele brado, Jesus expirara, disse: Verdadeiramente este homem era filho de Deus. — 40. Lá se achavam também algumas mulheres tudo observando de longe, entre elas Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago o menor e de José, e Salomé, — 41, as quais seguiam a Jesus quando este andava pela Galiléia, assistindo-o com o necessário; e estavam lá ainda muitas outras que com ele tinham subido a Jerusalém.

LUCAS : V. 45. Escureceu-se o sol e o véu do templo se rasgou de meio a meio. — 47. Vendo o centurião o que sucedera, glorificou a Deus, dizendo: Na verdade, este homem era justo. — 48. Toda a multidão dos que assistiam àquele espetáculo, vendo o que

acontecia, se retirava batendo nos peitos. — 49. Todos os que conheciam a Jesus e as mulheres que o seguiam desde a Galiléia lá estavam também, observando de longe o que se passava.

N. 304. Não conseguireis abrir os olhos aos que teimam em conservá-los fechados. Não conseguireis que admitam os fatos espíritas os que negam toda influência ultramundana.

Os fenômenos concernentes à aparente morte de Jesus foram devidos à ação dos Espíritos que o cercavam em número, para vós, incalculável.

Era preciso que aquelas massas ignorantes e grosseiras fossem tomadas de espanto. Era preciso fossem tocados os sentidos materiais daquelas gentes, totalmente materializadas. E, com efeito, o tremor de terra parcial, provocado por uma combinação de fluidos e o vapor que, por instantes, obscureceu a luz do dia fizeram mais do que os "milagres" que, por bondade e caridade, Jesus operara durante três anos.

O obscurecimento do Sol, as trevas que cobriram a Terra foram obtidos pela reunião e combinação de fluidos opacos, sob a ação dos Espíritos prepostos à produção do fenômeno.

O tremor de terra, apenas parcial, se deu na região do planeta onde se encontravam os Judeus que, com seu ódio e seus sarcasmos, haviam perseguido a Jesus e se fez sentir no templo onde os sacerdotes e os Judeus mais eminentes se tinham reunido após o suplício. Foi um fato puramente espírita, devido à ação de Espíritos prepostos, mediante simples combinação de fluidos próprios para produzirem abalos. Os tremores de terra que, na ordem material das coisas, são crises planetárias que ocorrem na execução da obra de transformação progressiva do globo terráqueo, se originam de abalos vulcânicos mais ou menos violentos, conforme o propulsor está mais ou menos afastado, mais ou menos profundamente enterrado. Os aba-

los, porém, que se fizeram sentir no momento em que Jesus "expirava" não resultaram de causas diversas das que produzem a sacudidura de um móvel, ou de um aposento, provocando o deslocamento das peças do mobiliário que nele existam. A ação ali foi mais forte, mas os agentes eram os mesmos.

As pedras se fenderam, dizem os Evangelistas.

Este fenômeno foi igualmente um efeito físico, resultante das mesmas causas, obtido pelos mesmos meios e pelos mesmos agentes que produziram o terremoto parcial.

E o véu do templo se rasgou em dois de alto a baixo.

Este outro efeito físico, devido, como os demais fenômenos, à ação oculta, direta, dos Espíritos do Senhor, se verificou ao mesmo tempo que o abalo sentido naquela parte da superfície da terra, onde estava o templo.

Não digam os incrédulos que os Espíritos do Senhor, prepostos à realização de tais fenômenos, se serviam de meios indignos de seus caracteres e de sua elevação: que faziam *truanices.*

Responderemos de *antemão* a esses críticos que negam ou censuram o que não compreendem. O Senhor pôs nas mãos de seus agentes os meios necessários à direção dos mundos, à conversão dos homens e esses meios são empregados de acordo com as circunstâncias e as necessidades da época.

Os sepulcros se abriram e muitos corpos de santos, que neles dormiam o sono da morte, ressuscitaram e, saindo de seus túmulos, vieram à cidade santa e apareceram a muitas pessoas.

A narração evangélica, feita sob a influência mediúnica, reproduziu, *como cumpria que sucedes-se,* a apreciação humana, dando o caráter de "mi-

lagroso" a um fato que não passara de simples manifestação espírita, de uma aparição, apenas visível, de Espíritos, e rodeando-o das circunstâncias *"maravilhosas"* que lhe atribuíram a ignorância e os preconceitos dos homens da época, incapazes de compreenderem e explicarem o aludido fato e crentes numa ressurreição corporal, por efeito da volta do Espírito ao cadáver retomado à sua decomposição, ou reconstituído com o pó. Dessa ignorância e desses preconceitos partilhavam, no tocante à ressurreição, os apóstolos e os evangelistas, na condição de encarnados.

Os Espíritos que se manifestaram tomaram de empréstimo aspectos facilmente reconhecíveis e, portanto, mais de molde a impressionar os homens. Dizemos — *tomaram de empréstimo,* porque não foram Espíritos elevados os que agiram em tais manifestações e sim Espíritos prepostos àquele efeito, Espíritos bons, mas de ordem relativamente inferior.

Os Espíritos elevados, cujos aspectos os Espíritos prepostos tomaram, Espíritos aqueles que, na linguagem material apropriada aos tempos e às necessidades da época, se designaram por *"corpos de santos",* eram os profetas e os que, por uma existência austera e reta, se haviam imposto à admiração pública.

Essa parte da narrativa evangélica, despojado da *letra o espírito,* se reduz, *em espírito e verdade,* a isto: Espíritos se tornaram visíveis aos homens.

Foram vistos *por muitas pessoas: Pelas que* inconscientemente possuíam a faculdade mediúnica da vidência.

O centurião e os que com ele estavam guardando a Jesus, testemunhas que foram do terremoto e dos outros fenômenos que sob suas vistas se produziram no momento em que o Cristo soltou um grande brado, se viram presas de extremo pavor. Elevando então o pensamento a Deus, cuja *"cólera"* se manifestava, *segundo o modo de ver*

deles, contra a iniqüidade do suplício, exclamaram: "Na verdade este homem era justo; — ele era verdadeiramente filho de Deus".

Estas duas expressões — *Justo e Filho de Deus* — correspondiam a um mesmo pensamento. A segunda ainda não era considerada do ponto de vista da *descendência,* que mais tarde, sob o reinado *da letra,* deu origem ao dogma humano da divindade do Cristo, como corolário das interpretações dos homens.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 57-61. — MARCOS, Cap. XV, vv. 42-47. — LUCAS, Cap. XXIII, vv. 50-56

José de Arimatéia desce da cruz o corpo e o deposita no sepulcro

MATEUS : V. 57. À tarde, um homem rico da cidade de Arimatéia, de nome José, que também era discípulo de Jesus, — 58, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos mandou que lho entregassem. — 59. José tomou do corpo, envolveu-o num lençol branco, — 60, e o depositou num sepulcro novo, que para si mandara abrir na rocha e, tendo arrastado uma grande pedra, com ela tapou a entrada do túmulo e se retirou. — 61. Sentadas junto do sepulcro estavam Maria Madalena e a outra Maria.

MARCOS: V. 42. Pela tarde, como fosse parasceve (que quer dizer — véspera de sábado), — 43, José de Arimatéia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, resolutamente foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. — 44. Pilatos, admirando-se de que este já tivesse morrido, chamou o centurião e o interrogou. — 45. Afirmando-lhe o centurião que sim, ele deu o corpo a José. — 46. Este o tirou da cruz, o envolveu num lençol que comprara e o depositou num sepulcro que fora aberto na rocha; rolou uma pedra e a colocou à entrada do sepulcro. — 47. Maria Madalena e Maria, mãe de José, viram onde o corpo foi depositado.

LUCAS: V. 50. Eis que um varão de nome José, membro do Sinédrio, homem justo e bom, — 51, que não assentira na resolução de seus colegas, nem no que estes haviam praticado, que era filho de Arimatéia, cidade da Judéia, e também esperava o reino de Deus, - 52, foi ter com Pilatos e pediu o corpo de Jesus. — 53. Tirou-o da cruz, envolveu-o num lençol e o depositou num sepulcro talhado na rocha, onde ainda ninguém tinha sido sepultado. — 54. Era dia da parasceve (ou seja da preparação) e já raiava o sába-

do. — 55. As mulheres, que desde a Galiléia acompanhavam a Jesus, seguindo a José, viram o sepulcro e que o corpo daquele fora ali depositado. — 56. De regresso, prepararam aromas e bálsamos, depois do que, passaram o sábado sem fazer coisa alguma, como mandava a lei.

N. 305. São fatos históricos que dispensam comentários. O corpo de Jesus é deposto no sepulcro e os acontecimentos vão continuar o seu curso.

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XIX, 38:42.

MATEUS, Cap. XXVII, vv. 62-66

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus chumbam a pedra que fechava a entrada do sepulcro. Guardas são aí postados

MATEUS: V. 62. No dia seguinte ao da parasceve (da preparação), os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reuniram, foram ter com Pilatos, — 63, e lhe disseram: Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor, quando vivo, afirmou: Depois de três dias da minha morte, ressuscitarei. — 64. Manda, portanto, que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, para não suceder que venham seus discípulos, lhe furtem o corpo e depois digam ao povo: Ressuscitou dentre os mortos, pois que este último embuste seria pior do que o primeiro. — 65. Pilatos lhes respondeu: Aí tendes guardas, ide e guardai-o como entenderdes. — 66. Eles se foram e, para garantirem o sepulcro, selaram-lhe a pedra e lhe puseram guardas.

N. 306. Os Judeus haviam percebido a importância das palavras de Jesus e a voz íntima de suas consciências lhes fazia temer que fossem verdadeiras tais palavras.

A guarda do sepulcro foi confiada a soldados da milícia romana.

Os Judeus não tinham exército nem comando militar, de sorte que só com autorização do tetrarca que governava a província podiam empregar a força armada.

O que disse Pilatos (v. 65) equivalia a isto: Tendes soldados à vossa disposição; consinto.

Os príncipes dos sacerdotes e *os* fariseus, que sabiam haver Jesus dito que "ressuscitaria" três dias depois de sua "morte", tinham o maior interesse em lhe conservar o corpo como elemento de prova, a fim de poderem confundir o Mestre e seus discípulos, mostrando-o ao povo, caso estes

últimos *tentassem* espalhar *o boato da ressurreição.* Disporiam *assim* de *uma arma segura para combater e* aniquilar *os inimigos* da *fé que professavam,* desmascarando-lhes *a* impostura.

Tomaram por isso todas as precauções para uma vigilância eficaz, esperando que, acabada a festa do sábado, pudessem dar os passos necessários no sentido de confiar à autoridade o encargo de vigiar a gruta e de, assim, lhes salvaguardar os interesses. Começaram colocando agentes da sua confiança de emboscada nas proximidades da cruz.

José de Arimatéia julgava estar fazendo tudo em segredo, mas os agentes dos sacerdotes o espreitavam. Uns foram informar a seus amos do que estava ocorrendo, enquanto outros permaneceram de guarda à gruta, a fim de se certificarem de que ninguém mais penetrara lá. Isto, aliás, estaria em desacordo com os costumes dos Hebreus, que consideravam o sábado inviolável, sobretudo para a prática de um ato tido por impuro, como era reputado o contacto com um corpo morto.

Assim, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, quando foram falar a Pilatos, sabiam muito bem que o corpo estava no sepulcro e que ninguém de lá o tirara, nem os discípulos, nem outra qualquer pessoa. E foi precisamente porque o sabiam, que, depois de terem dito a Pilatos: "Senhor, lembramo-nos de que aquele impostor, quando vivo, declarou: Ao cabo de três dias ressuscitarei", eles acrescentaram: "Manda, portanto, que o sepulcro seja guardado até ao terceiro dia, para não suceder que venham seus discípulos, lhe roubem o corpo e depois digam ao povo: Ressuscitou dentre os mortos, pois que este último embuste seria pior do que o primeiro."

Voltando ao sepulcro, com a escolta de soldados que Pilatos os autorizara a empregar como guardas, trataram de verificar se o corpo ainda lá estava e o viram. Só depois de o verificarem

é que selaram a chumbo a pedra e distribuíram as sentinelas. Exatamente porque tinham verificado que o corpo estava no sepulcro foi que, quando alguns dos guardas lhes relataram "o que ocorrera" (Mateus, XXVIII, vv. 11, 12 e 13), os príncipes dos sacerdotes e os fariseus se reuniram aos anciães e deliberaram dar grande soma de dinheiro aos soldados para que espalhassem que "os discípulos de Jesus tinham ido ao sepulcro durante a noite e haviam carregado com o corpo, enquanto eles, os soldados, dormiam". Valendo-se desse suborno, fizeram correr o boato de que o corpo fora roubado do sepulcro, depois de apostos neste os selos e de montada a guarda.

O corpo, conseguintemente, estava no sepulcro quando eles lá foram.

Reflitam nisto os demolidores tão obstinados quão inábeis, que pretendem ter sido insuficientes e tardias as precauções tomadas pelos Judeus e declaram que, antes de haverem estes posto em prática as suas medidas de previdência, aos discípulos sobrara tempo para subtraírem o corpo de Jesus, desde que o quisessem.

Supõem esses demolidores que os príncipes dos sacerdotes e a horda inimiga, que assistiram "aos últimos momentos" de Jesus, tenham sido tão ingênuos que nenhuma precaução hajam tomado, uma vez que se viam obrigados a esperar que a festa do sábado acabasse, para poderem dar os passos necessários no sentido de serem a vigilância da gruta e a salvaguarda de seus interesses confiados à autoridade?

Imaginam que os que se mostraram tão empenhados em evitar a fraude não tenham tido o cuidado de verificar se o corpo estava no sepulcro, antes de o fecharem e de lhe selarem a abertura? Ter-se-iam mostrado, em tal caso, muito bisonhos e confiantes aqueles sacerdotes que, por ofício, deviam conhecer todas as felonias humanas; aque-

les fariseus tão orgulhosos; aqueles escribas tão doutos!

Se eles não tivessem seguido secretamente os passos de José de Arimatéia, não em pessoa, mas por agentes de confiança, a fim de saberem onde e em que condições o corpo se achava depositado, o pedido que fizeram a Pilatos fora, quando menos, uma inépcia.

Efetivamente, se os Judeus, que tanto porfiaram em sacrificar a Jesus, que o perseguiam até depois de "morto", se houvessem descuidado de seguir os passos de José de Arimatéia, de exercer e manter sobre o sepulcro uma vigilância tal que os assegurasse de que ninguém ali penetrara depois do sepultamento, um desazo, uma tolice, eis o que pelo menos houveram cometido, *indo* pedir no dia seguinte que o sepulcro fosse guardado até ao terceiro dia, para não suceder que os *discípulos* lá fossem e *roubassem o corpo.*

Que outra coisa seria senão rematada tolice irem eles, *sem terem* até então exercido qualquer vigilância, *sem terem* sequer *verificado* previamente se *o corpo permanecia lá,* postar guardas ao sepulcro e selar a pedra que o fechava?

Qual desses demolidores encarniçados e inábeis se confessaria tão confiante, tão crédulo, tão... (não queremos aplicar o termo que aqui se poderia empregar) que fosse fechar uma porta, depois de já se haver escapado o preso, sem ao menos verificar o estado do local?

A quem quer provar demais acontece muitas vezes chegar a resultado contrário ao que se propunha obter.

MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 1-15. — MARCOS, Cap. XVI, vv. 1-11. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 1-12

Visita de Maria Madalena e das outras mulheres ao sepulcro. — A pedra que lhe fechava a entrada é encontrada com os selos partidos e derribada. — Aparição dos anjos às mulheres. — Narrativa que os guardas fazem, do que se passara, aos príncipes dos sacerdotes. — Estes subornam os guardas. — Aparição de Jesus a Maria e às outras mulheres. — Narrativa que estas fazem aos discípulos. — Pedro e João, à vista do que elas contam, visitam o sepulcro

MATEUS: V. 1. Passada aquela semana, ao raiar do primeiro dia da semana seguinte[37] (1), Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. — 2. Houve de súbito um grande terremoto, pois que um anjo do Senhor desceu do céu, removeu a pedra posta à entrada do sepulcro e se sentou sobre ela. — 3. Seu semblante tinha o brilho dum relâmpago e suas vestes eram brancas como a neve. — 4. Tal pavor causou ele aos guardas que estes ficaram como mortos. — 5. Dirigindo-se às mulheres, disse o anjo: Vós outras nada temais, porquanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado, — 6. Ele aqui não está, pois que ressuscitou, como o dissera. Vinde e vede o lugar onde o Senhor fora colocado. — 7. Dai-vos pressa em ir dizer a seus discípulos que ressuscitou. Ele vos precederá na Galiléia; lá o vereis; eu vo-lo predigo. — 8. Elas partiram apressadamente do sepulcro, amedrontadas, mas ao mesmo tempo cheias de contentamento e correram a dar a notícia aos discípulos. — 9. E eis que Jesus lhes surgiu diante e disse: Salve! Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram. — 10. Disse-lhes então Jesus: Nada temais; ide dizer *a meus irmãos* que vão para a Galiléia, que lá me verão. — 11. Enquanto

[37] O domingo.

elas iam indo seu caminho, alguns dos guardas foram à cidade e referiram aos príncipes dos sacerdotes tudo o que sucedera. — 12. Estes se reuniram em conciliábulo com os anciães e deram grande soma de dinheiro aos soldados, — 13, recomendando-lhes que dissessem: Seus discípulos vieram durante a noite e o roubaram enquanto nós dormíamos. — 14. Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o persuadiremos e vos garantiremos..— 15. Os soldados receberam o dinheiro e fizeram como lhes fora recomendado. E, até hoje, essa versão que eles espalharam, tem curso entre os Judeus.

MARCOS: V. 1. Passado o dia de sábado, Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para embalsamarem a Jesus. — 2. E no primeiro dia da semana, tendo partido muito cedo, chegaram ao sepulcro ao nascer do sol. — 3. Diziam entre si: Quem nos há de remover a pedra da entrada do sepulcro? — 4. Mas, olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já removida. — 5. Entrando no sepulcro viram, sentado do lado direito, um mancebo envolto num alvo manto e ficaram muito espantadas. — 6. Ele, porém, lhes disse: Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ele ressuscitou; não está aqui; vede o lugar onde o puseram. — 7. Mas, ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vos precederá na Galiléia. Lá o vereis, conforme ele o disse. — 8. Elas logo saíram do sepulcro e dali fugiram, pois que as haviam assaltado o espanto e o medo. Nada a ninguém disseram, tal o pavor de que se achavam possuídas. — 9. Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios. — 10. E ela foi levar a noticia aos que haviam andado com ele, os quais estavam aflitos e chorosos. — 11. Eles, porém, ouvindo-a dizer que Jesus estava vivo e que fora visto por ela, não o acreditaram.

LUCAS: V. 1. Mas, no primeiro dia da semana, foram elas muito cedo ao sepulcro, levando os aromas que haviam preparado. — 2. E encontraram removida a pedra que fora colocada à entrada do sepulcro. — 3. Entraram em seguida neste e lá não acharam

mais o corpo do Senhor Jesus. — 4. E como diante disso ficassem consternadas, eis que lhes surgiram dois homens vestidos de refulgentes roupagens. — 5. Mostrando-se elas amedrontadas, a olhar para o chão, disseram-lhes eles: Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo? — 6. Ele não está aqui; ressuscitou. Lembrai-vos do que vos declarou, quando ainda se achava na Galiléia, - 7, dizendo: Cumpre que o filho do homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia. — 8. Elas então se lembraram das palavras de Jesus. — 9. Ao voltarem do sepulcro, referiram tudo isso aos onze apóstolos e a todas as demais pessoas. — 10. As que narraram todas essas coisas aos apóstolos eram Maria Madalena, Joana, Maria mãe de Tiago e as outras que com essas estavam. — 11. Aos apóstolos, porém, o que elas diziam se figurou um devaneio e não lhes deram crédito. — 12. Pedro, entretanto, se levantou e correu ao sepulcro e, abaixando-se, só viu o lençol no chão. Voltou, maravilhado do que sucedera.

N. 307. As narrativas de Mateus, Marcos e Lucas, confrontadas com a de João (Cap. XX, vv. 1-18), da qual não devem ser separadas, se completam reciprocamente. Debaixo da influência espírita, cada evangelista conservava a independência da natureza que lhe era peculiar. Eis como se explica que, escrevendo eles de acordo com as versões correntes e por inspiração, *de um lado* varie quanto à forma, embora permaneça o fundo sempre o mesmo, a narração de fatos que ocorreram sob suas vistas e, *de outro lado,* que o que haja de incompleto ou de omisso em a narração de um seja mencionado, sob a ação mediúnica, nas dos outros. *É nesse sentido* que cada evangelista teve a sua parte na narrativa.

Daí resulta que, *coordenando e pondo em concordância as* dos quatro, os fatos vêm a ficar estabelecidos de modo integral, assim no conjunto, que nas minúcias.

Ao que todos então *acreditavam, como* cumpria *que acontecesse (os* motivos já os temos exposto), Jesus se achava revestido de um invólucro material humano, *tal qual os vossos,* de sorte que, *também na opinião de todos,* ele sofrera morte real, *como a sofreis.*

A presença das mulheres no sepulcro era esperada e o embalsamamento do corpo, sobre o qual iam derramar perfumes, tinha que se efetuar logo que despontasse o sol do primeiro dia da semana por vir. (Marcos, XVI, v. 1; Lucas, XXIII, vv. 55-56.)

Passado o dia de sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de Salomé, Joana e as outras que com elas andavam juntas partiram alta madrugada, quando o dia mal começava a alvorecer e chegaram ao sepulcro ao nascer do sol, levando os aromas que haviam comprado e preparado para o embalsamamento do corpo de Jesus. (Mateus, XXVIII, v. 1; Marcos, XVI, vv. 1.2; Lucas, XXIII, vv. 55-56 e XXIV, v. 1.)

Diziam entre si: Quem nos tirará a pedra da entrada do sepulcro? (Marcos, v. 2.)

De repente, um grande terremoto se fez sentir e no mesmo instante a pedra que fechava a entrada do sepulcro, quebrados os selos que lhe haviam aposto, foi atirada para o lado. De tal pavor se encheram os guardas, que ficaram como mortos. Então, as mulheres viram (elas e não os guardas, pois só elas eram médiuns *videntes e,* além disso, audientes) um anjo do Senhor (um Espírito superior), cujo semblante resplandecia qual relâmpago e cujas vestes eram alvas como a neve, que, tendo descido do céu, se assentara sobre a pedra por ele removida do lugar. (Mateus, XXVIII, vv. 2, 3 e 4.) É o que as narrações de Marcos, Lucas e João, incompletas pela omissão dos pormenores, referem dizendo: que Maria Madalena e Maria, mãe de Tiago e de Salomé, olhando, deram com a pedra, que era muito grande, já

removida" (Marcos, XVI, v. 4); "que as mulheres encontraram removida a pedra que fora colocada à entrada do sepulcro" (Lucas, XXIV, v. 2), — "que Maria Madalena viu que a pedra fora tirada do sepulcro" (João, XX, v. 1).

O anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Vós nada temais, porquanto sei que procurais a Jesus, que foi crucificado. Ele aqui não está, pois que ressuscitou, como o dissera. Vinde e vede o lugar onde o Senhor fora colocado. Dai-vos pressa em ir dizer a seus discípulos que o Mestre ressuscitou. Ele vos precederá na Galiléia; lá o vereis, eu vo-lo predigo. (Mateus, XXVIII, vv. 5, 6 e 7.) Entrando no sepulcro (com o anjo que lhes acabara de falar), viram elas outro anjo (um Espírito), que tomaram por um mancebo, sentado do lado direito do sepulcro, envolto num alvo manto, e ficaram muito espantadas. (Marcos, XVI, v. 5.)

É o que Lucas refere na sua narração, incompleta pela omissão de pormenores, e segundo a qual as mulheres entraram, *em seguida, no* sepulcro. Este *em seguida* quer dizer: depois de haver sido tirada a pedra e de lhes terem aparecido, *subitamente,* vestidos de brilhantes roupagens, dois anjos ou Espíritos que, perturbadas, elas tomaram por dois homens. (Lucas, XXIV, vv. 3-4.)

Tendo penetrado no sepulcro, não acharam lá o corpo do Senhor Jesus, o que lhes causou grande consternação. E como, por efeito do medo que de todas se apoderou, ficaram imóveis a olhar para o chão, os dois anjos (ou Espíritos) lhes disseram: ¨Porque procurais entre os mortos aquele que está vivo? Ele não está *aqui;* ressuscitou. Lembrai-vos do que vos declarou quando ainda se achava na Galiléia, dizendo: *Cumpre que o filho do homem seja entregue às mãos dos pecadores, seja crucificado e ressuscite ao terceiro dia".* Elas então se lembraram das palavras de Jesus. (Lucas, XXIV, vv. 3-8.) O anjo que estava sentado à direita do sepulcro, como que a guardar-lhe a entrada, lhes

disse: *Não vos assusteis. Buscais a Jesus de Nazaré, que foi crucificado; ele ressuscitou; não está aqui; vede o lugar onde o puseram. Mas, ide dizer a seus discípulos e a Pedro que ele vos precederá na Galiléia. Lá o vereis, conforme o disse".* (Marcos, XVI, vv. 6 e 7.)

Elas saíram imediatamente do sepulcro, amedrontadas, mas, ao mesmo tempo, cheias de contentamento e fugiram, pois que as haviam assaltado o espanto e o medo. Nada a ninguém disseram, tal o pavor de que se achavam possuídas. Correram a noticiar, a contar tudo aquilo aos discípulos, aos onze apóstolos e a todas as demais pessoas. (Mateus, XXVIII, v. 8; Marcos, XVI, v. 8; Lucas, XXIV, v. 9.)

Maria Madalena, Joana, Maria, mãe de Tiago e as outras que com estas andavam é que referiram todos aqueles fatos aos apóstolos. (Lucas, XXIV, v. 10.) Para fazerem a narrativa, separaram-se, tomando diversas direções.

Maria Madalena saiu a correr e foi ter com Simão Pedro e com o outro discípulo a quem Jesus amava e lhes disse: *Roubaram do sepulcro o Senhor e não sabemos onde o puseram.* Imediatamente, Pedro e o outro discípulo saíram e foram ao sepulcro, ambos a correr. O outro discípulo, porém, correndo mais do que Pedro, chegou primeiro. Abaixou-se e viu no chão o lençol, mas não entrou. Chegou em seguida Simão Pedro, que o seguia, e entrou no sepulcro. Viu o lençol que lá estava, bem como o sudário, que haviam posto sobre o rosto de Jesus. O sudário, entretanto, não se achava junto com o lençol e sim dobrado a um canto. Então, o outro discípulo, que primeiro chegara; entrou também, viu e acreditou. Em seguida, ambos voltaram para casa. (João, XX,. vv. 2-10.)

Segundo a narração de Lucas, incompleta pela omissão dos pormenores, embora lhes parecesse, assim como a João, um devaneio o que Maria Ma-

dalena lhes contara e não lhe dessem crédito, Pedro se levantou e correu ao sepulcro. Ai se abaixou (como o fizera João que chegara primeiro do que ele), para observar antes de entrar e só viu o lençol que estava no chão. Regressou à casa (depois de haver entrado no sepulcro), admirado do que sucedera. (Lucas, XXIV, v. 12.)

Mas, Maria Madalena (que voltara ao sepulcro com Pedro e João) ficou da parte de fora a chorar. Chorando, ela se abaixou para olhar dentro do sepulcro e viu dois anjos vestidos de branco e sentados no lugar onde estivera o corpo de Jesus, um do lado da cabeça, o outro do lado dos pés. Disseram-lhe eles: *Mulher, porque choras?* — Maria respondeu: É *que levaram daqui o meu Senhor e não sei onde o puseram.* Acabando de dizer isso, ela se voltou e viu a Jesus de pé, mas sem saber que era ele. Jesus então lhe disse: *Mulher, porque choras? A quem procuras?* Ela, pensando que fosse o jardineiro, respondeu: *Senhor, se foste tu que o tiraste daqui, dize-me onde o puseste e eu o levarei comigo.* — Jesus disse apenas: *Maria.* Logo ela se virou e exclamou: *Rabboni!* que quer dizer: *Mestre.* Jesus lhe observou: *Não me toques, pois que ainda não subi a meu pai. Mas, vai ter com* meus irmãos e dize-lhes *de minha parte que: Eu* subo a meu *pai* e vosso *pai, ao* meu *Deus e vosso Deus.*

É o que refere Marcos, na sua narração incompleta pela omissão dos pormenores, nestes termos: "Jesus, que ressuscitara de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual expulsara sete demônios". (Marcos, XVI, v. 8.)

Tendo ido levar a noticia dessa aparição de Jesus aos que com ele haviam andado, então aflitos e chorosos (Marcos, XVI, v. 10), Maria Madalena, que se separara das outras mulheres para correr em busca de Pedro e de João, as encontrara de novo. E eis que Jesus lhes surgiu pela frente

e disse: *Salve!* Elas se aproximaram dele, abraçaram-se-lhe aos pés e o adoraram.

Disse-lhes então Jesus: "Nada temais; ide dizer a meus irmãos que vão para a Galiléia, que lá me verão". (Mateus, XXVIII, vv. 9-10.)

Enquanto elas iam indo seu caminho, alguns dos guardas foram à cidade e referiram aos príncipes dos sacerdotes o que sucedera. Estes se reuniram em conciliábulo com os anciães e deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem : "Seus *discípulos vieram durante a noite e o roubaram, enquanto dormíamos".* E acrescentaram: *Se isto chegar aos ouvidos do governador, nós o persuadiremos e vos garantiremos". Os* soldados receberam o dinheiro e fizeram o que lhes tinha sido recomendado. E, até hoje, essa versão, que então se espalhou, tem curso entre os Judeus. (Mateus,)(XVIII, vv. 11-15.)

Chegadas as mulheres onde se achavam os discípulos, Maria Madalena tomou a palavra para narrar as duas aparições de Jesus e tudo o que tinha visto e ouvido. Por ter sido *a única a* relatar os fatos, só a ela se referem as narrativas de Marcos e de João. Incompletas pela omissão dos pormenores, essas narrativas dizem apenas o seguinte: "Maria Madalena foi, pois, contar aos discípulos que vira o Senhor e que este lhe dissera aquelas coisas". (João, XX, v. 18.) "E ela foi levar a notícia aos que haviam andado com ele, os quais se achavam aflitos e chorosos. Eles, porém, ouvindo-a dizer que Jesus estava vivo e que fora visto por ela, não o acreditaram". (Marcos, XVI, vv. 10-11.)

Tal é, coordenados os diversos fatos que cada evangelista relatou isoladamente, a narração completa do que então ocorreu.

O grande tremor de terra, de que acima se fala, consistiu num forte abalo produzido no ponto em que se achavam os guardas e as mulheres. A ignorância deles e delas a respeito dos efeitos

fluídicos e o pavor de que foram presas os levaram a atribuir esse abalo a um terremoto.

Tal manifestação, que pode e deve parecer pueril aos *"espíritos fortes",* teve por fim encher de assombro os guardas do sepulcro e imprimir mais força ao que era um "prodígio" para eles, que viam tomadas de igual pavor as mulheres ali vindas em busca do corpo de Jesus, quando *houvessem de dar testemunho* dos fatos aos príncipes dos sacerdotes e depois no trato com os outros homens.

O abalo, considerado um tremor de terra, e o derribamento da pedra foram dois atos simultâneos, produzidos fluidicamente por Espíritos prepostos a tais efeitos físicos, de acordo com a vontade do anjo ou Espírito superior.

O abalo dado ao solo, bem como o descolamento da pedra e a sua deslocação, pela força atrativa dos fluidos combinados para esse resultado, nenhuma admiração podem causar aos que compreendem os efeitos que os Espíritos do Senhor produzem. Não lhes podem causar mais admiração do que o fato de se abrir por si só a porta da prisão de Pedro e do que o despedaçamento das correntes que o prendiam.[38]

Quanto aos que negam a todo transe, o dia deles chegará e para eles também se fará a luz. Mas, a esses ainda não fomos enviados. Sempre que haja no homem uma *idéia preconcebida,* não se deve procurar violentá-lo para que a abandone e sim esperar, do seu livre-arbítrio, do tempo e da reencarnação que, com a expiação e a reparação, é via e meio de progresso moral e intelectual, se lhe abram os olhos para a luz.

Somos mandados aos obreiros de boa-vontade. Arroteamos as terras áridas, por mais secas e duras que sejam. Mas, deixamos ao tempo o

---

[38] Atos dos Apóstolos, cap. V, vv. 18-19 e 22-23;cap. XII, vv: 3-10.

trabalho de *pulverizar os* rochedos, cuja dureza *atual* resistiria aos nossos esforços.

Temos por missão preparar os materiais esparsos, reuni-los um a um e dispô-los para aquele que dará bases sólidas às vossas crenças. Não tenteis penetrar o sentido destas nossas palavras. *A seu tempo* serão compreendidas. Não iremos mais longe.

Ainda não sois mais do que trabalhadores inábeis. Entretanto, trabalhais para a obra do futuro. Não desanimeis porque sejam repelidos ou recebidos com zombarias e sarcasmos os vossos esforços. Caminhai sempre. Oferecei abrigo aos que se vejam despojados de suas crenças e sem saberem onde encontrar a esperança e as consolações. Apresentai-lhes o facho da frouxa claridade que os ajudará a avançar para a luz, que não deixará após si *mais* sombra alguma.

As aparições dos anjos ou Espíritos a Maria Madalena e às outras mulheres, quando se deu o descolamento e o derribamento da pedra que vedava a entrada do sepulcro e quando elas entraram neste, assim como a que só Maria Madalena viu, foram simples aparições visíveis e audíveis. Foram *audíveis* no sentido de que as mulheres desempenharam a função de médiuns videntes e audientes, a fim de escutarem o que, pelos Espíritos, lhes fosse dito ou comunicado em cada uma daquelas aparições.

As repetições e insistências empregadas pelos anjos no seu falar, antes que as mulheres tivessem entrado no sepulcro e depois que entraram, não devem ser de molde a vos surpreender. O terror que lhes causaram aqueles fenômenos tão repentinos e estranhos, o abalo do solo, que tomaram por um grande tremor de terra, o descolamento e o derribamento da pedra, as aparições sucessivas dos anjos não as haviam lançado em grande consternação, numa perturbação profunda? Nessa situação cheia de emoções tão diversas para

elas, que eram simples, ignorantes, ingênuas e amorosas, não se fazia mister tranqüilizá-las, consolá-las e gravar-lhes na memória o que tinham de relatar aos discípulos? Logo depois de terem ouvido os dois anjos, não saíram do sepulcro tomadas de medo e ao mesmo tempo de grande contentamento? Depois, não fugiram espavoridas, aterrorizadas, sem nada dizerem a ninguém, tal o pavor de que se achavam possuídas?

A primeira aparição de Jesus a Maria Madalena foi simplesmente visível e audível, mas não tangível.

Maria não reconheceu de pronto a Jesus, porque este, no primeiro momento, não se lhe apresentou com o aspecto sob que ela até então o vira. Ele usara, para lhe falar, de uma voz que lhe era desconhecida. Em seguida, retomou a que Maria tantas vezes escutara e que, impressionando-a, a fez voltar-se de novo. Então o Mestre lhe mostrou o semblante que tinha habitualmente. Proibiu-lhe que o tocasse, porque só teria encontrado o vácuo, porquanto a aparência humana que diante dela estava era impalpável para o homem. Fenômenos são estes que se hão produzido em todos os tempos, de acordo com as leis da Natureza e que nada têm de surpreendentes. Os que já se iniciaram na ciência espírita sabem que mesmo os Espíritos inferiores os podem produzir, tornando-se visíveis e audíveis a pessoas dotadas das faculdades mediúnicas de vidência e de audiência. Maria Madalena, já o dissemos, possuía essas faculdades.

Procedendo assim, da primeira vez que apareceu a Maria, quis Jesus, poupando-a à perturbação e à surpresa, prepará-la para o reconhecer, para guardar a impressão do seu aspecto e conservar na memória a lembrança das palavras que cumpria fossem por ela repetidas.

Sua segunda aparição às mulheres, aparição que a anterior a Maria Madalena preparara, foi

uma aparição visível e tangível e ainda audível. Jesus se lhes apresentou visível e tangível, tal qual elas o haviam conhecido, com a aparência da corporeidade humana, vestido como sempre o viram. Do mesmo modo que as aparências de pedra, de granizo e neve, de chuva, de quaisquer outras coisas da mesma natureza têm para os médiuns o valor material do objeto ou do corpo representado, também o Espírito que, quando se torna tangível em condições materiais, toma a aparência de uma criatura humana vestida, aparência necessária a lhe comprovar a identidade, dá às suas vestes o aspecto e a consistência da própria matéria, como faz com o corpo. Combinar os fluidos para que apresentem a forma e a cor dos estofos humanos não é mais difícil do que combinar os que constituem o corpo.

No que o médium, inconsciente de suas faculdades, haja visto e ouvido mediunicamente, não há uma opinião de que ele tenha sido *de antemão* imbuído, e sim a consciência de um fato do qual não só guarda a lembrança, mas em que também acredita, como se fora realidade.

A ciência espírita vos explica os fenômenos de aparição que o Mestre operou naqueles dois casos sucessivos. Não é certo que até os Espíritos inferiores os podem produzir? Como pretender-se que não os pudesse operar Jesus, com aquela aparência de corporeidade humana, que não era mais do que um corpo *fluídico,* de natureza *perispirítica,* que ele retomara para realizar o seu reaparecimento chamado "ressurreição" e ao qual podia, *à sua vontade,* dar ou retirar a tangibilidade?

Chamamos a vossa atenção para as palavras que ele proferiu, assim quando apareceu só a Maria Madalena, como quando apareceu a esta e às outras mulheres. Essas palavras excluem expressamente a divindade que os homens lhe atribuíram. Se, ao mesmo tempo, as confrontarmos

com todas as outras por ele ditas, também sob o véu *da letra,* acerca da sua natureza, da sua origem, da autoridade e dos poderes que *seu* pai e vosso pai, *seu* Deus e *vosso* Deus lhe outorgara; acerca do lugar donde descera à Terra e ao qual voltaria, veremos que elas encerram, sob o véu *da letra, um* dos elementos destinados a servir de base à nova revelação, que havia de vir e vem hoje dar-vos a conhecer *quem é o filho.*

"Ainda não subi a meu pai", disse ele a Maria Madalena.

Ainda estou entre os homens, "ressuscitado", vivo.

¨Vai ter com MEUS IRMÃOS e dize-LHEs de minha parte que: Eu subo a MEU pai e vosso pai, ao MEU Deus e vosso Deus."

"Ide, disse a Maria Madalena e às outras mulheres, dizer a MEUS IRMÃOS que vão à Galiléia; que lá me verão."

Aos discípulos chama *seus irmãos,* proclamando assim não ser o *Criador* incriado, mas uma das suas *criaturas,* uma *criatura* cujo pai, cujo Deus são os *mesmos* que os dos discípulos, os de Maria Madalena e os das outras mulheres; *criatura* que, semelhantemente a todas as demais, como essência espiritual, teve, na origem *da sua criação,* que se perde na noite das eternidades, o *mesmo ponto de partida.*[39]

Prepara seus discípulos para o acontecimento da "ascensão" e para a *indicação* do *lugar onde* ele, "filho de Deus" pela sua pureza perfeita; ele, *em cujas mãos o pai depositara todas as coisas;* ele, *"o caminho, a verdade, a vida";* ele, que viera

[39] Ver o que ficou dito, nos ns. 55 e 56 do 1º tomo, sobre a genealogia de Jesus e sobre a origem do Espírito.

do alto, que viera *do céu,* que está *"acima de todos";* ele, que *do céu* descera, se havia de *"elevar* para o céu".

Meditai sobre a visita das mulheres ao sepulcro; sobre as aparições que lhes fizeram os anjos ou Espíritos superiores; sobre as palavras que lhes dirigiram, antes que tivessem entrado e depois que entraram no sepulcro; sobre a reaparição dos anjos a Maria Madalena, quando esta se deixou ficar do lado de fora do sepulcro, a chorar; sobre o que então lhe disseram; sobre a aparição de Jesus a ela e depois a ela e às outras mulheres e sobre o que lhes disse; meditai sobre tudo isso vós todos que vedes aproximar-se o momento, para vós *ainda* tão cruel, da morte e suave se vos tornará a idéia de restituir à terra o corpo que ao seu seio tem que voltar; e reconhecereis que o túmulo se vos abre para dar passagem ao vosso *Espírito,* que se elevará radioso para o "céu" — sua verdadeira pátria, para essa imensidade que vos cerca e na qual encontrareis a atividade, a vida, o amor sem fim.

E vós, que vos acercais dos sepulcros para lançar sobre os vossos mortos esse perfume da alma que vos corre dos olhos, oh! não choreis mais. Olhai e vereis diante de vós um anjo luminoso, guardando a entrada da tumba. Escutai-o atentamente e ouvireis uma voz amiga que vos diz: *"Não choreis; aquele a quem buscais não está aqui; caminha à vossa frente; cedo ireis a ele juntar-vos e ele próprio se mostrará aos vossos olhares". Oh!* crede, crede e esperai, vós todos a quem a dor acabrunha, vós que perdeis os que vos são caros. Crede e caminhai para diante com confiança, que bem depressa os vereis.

Do ponto de vista histórico, os fatos concernentes à ida de alguns dos guardas à cidade, à exposição que do ocorrido fizeram aos príncipes dos sacerdotes, à reunião que estes e os anciães realizaram, à deliberação que tomaram e executa-

ram, são reais *e ainda* de natureza a confirmar a exatidão dos anteriores, que os guardas também relataram, isto é: o forte abalo havido na região onde eles e as mulheres se achavam, a deslocação e o derribamento da pedra, o desaparecimento do corpo, que já não estava *no sepulcro quando* a pedra foi *deslocada e derribada.*

Que é o que os guardas relataram aos príncipes dos sacerdotes? Disseram-lhes: Vós e os fariseus selastes, chumbando-a, a pedra do sepulcro, depois de terdes verificado que o corpo lá estava; a terra tremeu; a pedra, por uma ação invisível, foi deslocada, deslocada e derribada; o sepulcro ficou aberto e o corpo desaparecera; o lençol estava no chão e o sudário que haviam posto sobre a cabeça de Jesus se achava, dobrado, a um canto.

Esses fatos os soldados os referiram como tendo o caráter de um *prodígio,* de um *milagre* [40], porquanto o descolamento, a deslocação e o derribamento da pedra se deram sem a intervenção de nenhuma ação humana e o corpo, que eles tinham por material, por humano, *como os* vossos, não podia desaparecer, uma vez que lá estava quando os príncipes dos sacerdotes e os fariseus selaram a pedra do sepulcro, que nenhuma semelhança oferecia com os mausoléus que construís para os vossos corpos. Os túmulos, naquela época, consistiam simplesmente em escavações feitas por mãos de homens na rocha e dentro das quais os corpos eram depositados sobre uma pedra a isso destinada, segundo o costume hebraico de enterrarem o morto numa escavação, ou feita pela mão do homem, ou natural.

Se os príncipes dos sacerdotes e os anciães não se houvessem persuadido da veracidade da

---

[40] E não teriam ainda hoje, para vós, esse caráter, se a nova revelação não tivesse vindo explicar tudo *segundo o espírito, em espírito e verdade?*

narrativa dos guardas e não estivessem amedrontados, em vez de lhes darem grande soma de dinheiro para lhes imporem silêncio, mais sensato fora acusá-los de velhacaria, de mentira, de traição. Não o fizeram, porém, porque o terror se apoderara deles.

Assim, os que não tinham hesitado em derramar *(eles pelo menos acreditavam que o haviam feito) o* "sangue" do justo, não ousaram acusar os soldados. É que compreenderam que, se responsabilizassem os guardas por aqueles fatos, dariam a estes *muito maior publicidade.* Preferiram então abafar aquela ocorrência que lhes era de tanta gravidade. De tanta gravidade, sim, porque justificava as palavras proféticas de Jesus e confirmava sua missão. Pilatos nenhuma providência tomou. Que importava ao tetrarca que o corpo de Jesus houvesse ou não desaparecido?

Dissemos acima: "Em vez de darem aos soldados grande soma em dinheiro *para lhes imporem silêncio" ; e:* "Preferiram então *abafar* aquela ocorrência, que lhes era de tanta gravidade."

Aos soldados não foi imposto que se abstivessem de dar publicidade ao fato; mas que, contraditando os boatos de "ressurreição", que podiam ser espalhados, a explicassem *"dizendo que os discípulos tinham ido ao sepulcro durante a noite e roubado o corpo, enquanto eles dormiam".*

Semelhante alegação, mais fácil de imaginar do que de sustentar, não chega a ser uma impostura, porque se desmente a si mesma pela sua absurdidade, como o deveis compreender. Dentro em pouco, explicar-nos-emos a tal respeito.

Quanto à incredulidade dos discípulos, há a considerar o seguinte: Tantas dificuldades materiais apresentava a saída da gruta, que os discípulos, para os quais só havia a "ressurreição" corporal, ou seja — a "ressurreição" *material,* voltando o Espírito a um corpo humano igual ao deles, corpo que assim volvia do estado de ca-

dáver à vida, não podiam admitir que Jesus houvesse conseguido sair daquela gruta. Consideraram, pois, a narrativa de Maria Madalena e das outras mulheres como uma fantasia de imaginação e não lhes deram crédito quando, pela boca da Madalena, disseram que Jesus estava vivo e que o tinham visto.

João, que fora com Pedro ao sepulcro, que o vira vazio, que vira no chão o lençol e a um canto, dobrado, o sudário que haviam posto sobre a cabeça de Jesus, acreditou.

Pedro que, como João, também vira tudo isso, voltou para casa *"admirado do que sucedera",* isto é: procurando a solução de tal problema, para ele incompreensível.

Os outros discípulos, que nada tinham visto e que nenhum crédito davam ao que diziam as mulheres, se conservaram incrédulos.

Qual foi a "ressurreição" *de Jesus? Como se deu?* De que modo *se operaram,* por meio e em conseqüência *dessa* "ressurreição", as sucessivas *aparições do Mestre às mulheres e aos* discípulos?

A revelação nova, que vos trazemos, dá solução a essa problema, *até hoje* incompreensível e insolúvel para os homens. E, com essa solução, iluminadas *pelo* espírito as trevas *da letra,* ela apresenta, numa luminosa harmonia, todos os fatos evangélicos, desde o instante em que o anjo anunciou a Maria e a José o aparecimento de Jesus na Terra, até a época da sua chamada ascensão, época em que, terminada a sua missão terrena, ele desapareceu definitivamente das vistas humanas.

A presença de Jesus entre vós, durante todo aquele lapso de tempo, foi, *com relação a* vós *outros,* uma aparição espírita, visto que, pelas suas condições fluídicas, completamente fora dos moldes da vossa organização, seu corpo era harmônico com a sua natureza espiritual, mas também relativamente harmônico com a vossa esfera, a fim de lhe ser possível manter-se longo tempo sobre

a Terra no desempenho da missão com que a ela baixara.

O corpo, aparentemente humano, de natureza perispirítica, mas tangível, que Jesus deixara na cruz e que José de Arimatéia depositou no sepulcro, aí ficou até ao momento em que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, na presença e com o auxílio dos soldados romanos que eles ali haviam posto como guardas, selaram a pedra que lhe fechava a entrada.

Selada a pedra, Jesus, fazendo cessar a tangibilidade, chamou ao espaço aquele corpo aparente no estado fluídico e lhe conservou os princípios constitutivos prontos a se reunirem à sua vontade, tal como se dera muitas vezes, conforme o temos explicado, sempre que o supunham no deserto, na solidão, no monte a orar, quando a realidade é que nessas ocasiões seu Espírito pairava por sobre o vosso universo, regulando, com sabedoria, todas as coisas e provendo à execução das ordens do Soberano Senhor.

Foi *assim* que o corpo de Jesus, que não era um corpo humano material como os vossos, mas fluídico, de natureza perispiritual, desapareceu do sepulcro, estando chumbada a pedra que o fechava, de modo que não *mais* se achava lá quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra.

Para aparecer, sucessivamente, primeiro a Maria Madalena, *depois* a esta e às outras mulheres, em seguida aos dois discípulos que iam a caminho da aldeia de Emaús e ainda aos dez apóstolos, de uma feita, e, de outra, aos onze, Jesus retomou aquele corpo de natureza perispirítica, que, *para os homens,* constituía a sua vida, vida que ele *podia* deixar e retomar *à sua vontade,* atuando sobre os seus princípios constitutivos, aos quais aquela mesma vontade imprimia as aparências necessárias a servir ao presente *e a preparar o* futuro.

Foi assim *que se deu,* "pela manhã", a "reaparição" de Jesus, chamada "ressurreição". Tam-

bém foi *assim que se deram* as suas aparições sucessivas, umas mediunicamente audíveis e visíveis, ou apenas visíveis e tangíveis; outras visíveis e tangíveis para todos, semelhantes às que ele operara anteriormente, quando desempenhava a sua missão terrena, quando, entre os apóstolos, os discípulos e a multidão, aparentemente vivia a vida humana.

Como haveis de compreender, desnecessário se tornou que, até ao terceiro dia após o enterramento, o corpo aparente de Jesus permanecesse no sepulcro, colocado sob a guarda dos soldados romanos desde o momento em que os príncipes dos sacerdotes e os fariseus selaram a pedra que lhe fechava a entrada.

Se acontecesse (hipótese que não podia ocorrer e não ocorreu) que, antes do terceiro dia, os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, para se certificarem de que o corpo *ainda* lá estava, mandassem abrir o sepulcro, Jesus faria que ali o encontrassem. Ele, que tinha o poder de deixar *a vida e* de a retomar, que a deixara por si mesmo, que dissera: *Ninguém ma tira,* que constituíra aquele corpo aparentemente humano, que o abandonara na cruz com todas as aparências de haver sofrido morte real e que o retirara do sepulcro, dissociando-lhe os elementos constitutivos, ele, no caso figurado, o houvera reconstituído dentro do sepulcro, com as mesmas aparências que apresentava no Gólgota, na ocasião em que José de Arimatéia lá o depositou e em que a pedra fora selada sob as vistas dos príncipes dos sacerdotes, dos fariseus e dos soldados.

Esta revelação (reflitam nisto os homens e saibam compreendê-lo) não constitui um sistema que se lhes procure impor à credulidade. É uma luz que mostramos ao espírito humano, chegados que são os tempos de esclarecê-lo, a fim de que todos os dissidentes de boa-vontade se congreguem sob ,o mesmo estandarte.

Esta revelação, que podeis intitular de — *revelação da revelação* e que, repetimos, mostra aos homens todos os fatos evangélicos numa harmonia luminosa, *no primeiro momento* encontrará grande oposição. *Porém,* quanto mais os Espíritos sérios estudarem a questão, tanto mais compreenderão *a sua razão de ser e* verão que, *fora dela,* nada pode ser, nem é, admissível.

Em se atribuindo a Jesus um corpo terrestre, material, humano *como os* vossos e uma morte real, *como a sofreis,* nada, com efeito, pode ser e nada é admissível, *quer* se considere corporal a "ressurreição", operando-se pela volta do Espírito a um cadáver humano, *quer* seja considerada uma simples aparição do Espírito que irrevogavelmente deixou, pela morte, o seu corpo terreno e perecível, *como são os vossos.*

Os apóstolos acreditaram e *tinham que* acreditar na ressurreição corporal. Esta era *a única* que eles podiam compreender, porquanto era a única, *para eles, possível,* de acordo com o estado das inteligências, com as tradições e os preconceitos da época. *Para eles,* Jesus trazia um corpo material, humano *como os seus,* e a morte do Mestre no Gólgota fora real. *O cadáver,* José de Arimatéia o havia depositado no sepulcro. Entregue este à guarda dos soldados romanos e selada pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus a pedra que o fechava, o corpo lá ficara encerrado. Na manhã do terceiro dia a pedra fora deslocada e derribada, não estando *mais* no sepulcro o corpo, quando se deram essa deslocação e esse derribamento. Como havia podido desaparecer? De que modo pudera Jesus, cujo corpo, *segundo eles,* era material, humano *como os seus,* embora ressuscitado, sair do sepulcro, talhado na rocha, estando chumbada a pedra que o fechava?

O fato lhes era incompreensível, insolúvel o problema. Dai a incredulidade que manifestaram. Essa incredulidade, porém, tinha que ser vencida,

pois, do contrário, a que se reduziria o apostolado deles? Haveria o de Paulo, o apóstolo dos Gentios? A que ficaria reduzida a missão terrena do Mestre, do enviado celeste?

Por um conjunto de fatos concatenados, que mutuamente se apoiavam, Jesus lhes deu todas as provas de que precisavam para se convencerem. Esses fatos, apropriados àquela época, do ponto de vista da ressurreição corporal, única que então podia ser compreendida e aceita, *asseguravam o* futuro. A luz fraca que, sob o *véu da letra,* eles difundiam, era de molde a preparar a humanidade terrena para a viva claridade que a nova revelação, por nós trazida ao mundo agora, quando chegaram os tempos, lhe faria brilhar aos olhos.

Não obstante a narrativa que as mulheres fizeram do que se passara, quando foram em visita ao sepulcro; não obstante a narração, feita por Maria Madalena, das duas aparições de Jesus, uma a ela somente, outra a ela e às demais mulheres, e do que dissera o Mestre, a incredulidade dos discípulos subsistiu. Consideraram aqueles fatos como um devaneio delas e não acreditaram que Jesus estivesse "vivo", "ressuscitado". Ficara-lhes, entretanto, a impressão recebida.

A aparição de Jesus a Pedro, depois aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús, a exposição, por eles feita, das circunstâncias em que essa aparição se dera, do que lhes dissera o Mestre, de tudo o que ocorrera, lhes abalou a incredulidade. Contudo, *ainda* não acreditavam.

Finalmente, Jesus lhes apareceu a todos muitas vezes. Só então, diante das provas que lhes ofereceu e às quais Lucas e João se referem nas suas narrativas, eles se convenceram.

Mas, ignorando a *natureza* do corpo de Jesus, a existência da *tangibilidade,* desconhecendo-lhe as causas e os efeitos, assim como o fenômeno espírita, que já vos explicamos, da desaparição dos alimentos, acreditaram na ressurreição corporal.

O fato predominou de modo a não deixar lugar para o raciocínio. Tudo aquilo que se lhes afigurava impossível se sumiu, *para eles no "milagre",* que daí por diante o homem não mais havia de procurar compreender, nem explicar.

Esta idéia se radicou em seus Espíritos desde que, no momento da chamada "ascensão", viram o Mestre elevar-se, "milagrosamente", *no entender deles,* para o céu e desaparecer numa nuvem, que aos seus olhares o ocultou.

Assim se passaram as coisas, porque assim tinha que ser, para que a missão de Jesus frutificasse naquela época e no futuro. Essa crença dos discípulos teve sua razão de ser. Ao homem de então foi dado o que ele podia suportar e às gerações futuras o que elas poderiam *suportar e debater,* sob a influência incessante da lei do progresso, por entre os esforços e as lutas do pensamento, até ao advento da em nova, que diante de vós se abre.

A crença dos apóstolos tinha que servir e serviu de base às controvérsias e às contradições humanas que se suscitaram no correr dos tempos. Essas controvérsias, que *atualmente só* conduzem ou *à fé cega, ou à incredulidade,* prepararam, através dos séculos, os Espíritos para receber e suportar a revelação nova.

A crença numa ressurreição corporal, pela volta do Espírito de Jesus a um corpo material humano, *igual aos vossos,* tornado *cadáver* por efeito da morte real, qual a sofreis, essa crença, transitória por natureza, como todas as opiniões e interpretações humanas, produziu seus frutos.

Hoje, constitui erro manifesto, em face dos progressos realizados, e se tornou inadmissível, condenada como está pelo princípio da imutabilidade das leis da natureza, por todos os fatos evangélicos que, iluminados com a luz da ciência espírita, servem de base e de fundamento à nova revelação para explicar, *segundo o espírito,* em *espírito*

e verdade, o que foi a "ressurreição" de *Jesus, como se operou com aquele corpo,* formado, *segundo a letra, por obra do Espírito Santo, isto é:* excluídas *toda e qualquer ação, toda e qualquer obra humana,* pela aplicação e apropriação de leis naturais *diversas* das que presidem à reprodução na Terra.

As leis naturais são imutáveis, como imutável é a vontade de Deus que as formulou desde toda a eternidade. Deus, portanto, nunca as derroga.

De acordo com essas leis, quando, em conseqüência da morte real, o Espírito deixou o corpo material humano de que se revestira e que constituía a sua vida, segundo a maneira de ver dos homens, esse corpo, transformado em *cadáver,* pertence *irrevogavelmente à* Terra e, a não ser pela reencarnação, o Espírito não poderá *reviver* corporalmente.

Logo, se Jesus tivesse tido um corpo material, *como os vossos,* impossível fora que esse corpo não *se achasse* mais, morto ou vivo, no sepulcro, quando a pedra que o fechava foi deslocada e derribada, Impossível fora que houvesse *desaparecido* de um sepulcro cavado na rocha, dele houvesse saído, estando *chumbada* a pedra *que o tapava.* Fora impossível que, com *semelhante* corpo, Jesus *desaparecesse* da vista dos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús[41], *achando-se* com eles *à mesa.* Fora impossível que houvesse conseguido introduzir-se, entrar, penetrar no aposento onde seus discípulos se tinham reunido, surgir no meio deles que, de *medo dos Judeus, ali se encontravam* a portas fechadas.

Se estivesse revestido de um corpo humano, *idêntico aos vossos,* como, com *tal* corpo, houvera Jesus podido, *no cume* da montanha de Nazaré, *escapar-se, passando por entre eles,* das mãos dos Judeus que, enfurecidos, o levaram preso até àquela

[41] *Evanuit ex oculis eorum.* (LUCAS, cap. XXIV, vv. 29-30.)

altura, para o atirarem dali abaixo?[42]

Como, com *tal* corpo, houvera podido livrar-se, sair[43] das mãos dos Judeus que o cercavam dentro do templo, na galeria de Salomão, munidos de pedras *para o lapidarem?*

Ora, o que teria sido impossível, com um corpo terreno *igual aos vossos, foi possível e natural,* com um corpo fluídico, de natureza perispirítica, que Jesus podia, à sua vontade, tornar visível ou invísível, ao qual podia dar ou retirar a tangibilidade, como e quando lhe aprouvesse. O que só com um corpo desses era possível, pôde-o Jesus: fazê-lo desaparecer do sepulcro, aberto na rocha, estando selada a chumbo a pedra que lhe tapava a entrada; sumir-se da vista dos discípulos que iam para Emaús, estando com eles à mesa; surgir e permanecer entre seus discípulos, no aposento onde estes, de medo dos Judeus, se achavam reunidos a portas fechadas.

A natureza, que agora vos é revelada, do seu corpo tudo explica, de acordo com a ciência espírita. Explica o fato ocorrido no cume da montanha de Nazaré e o que ocorreu no templo, na galeria de Salomão. Explica, por meio da ressurreição e como conseqüência desta, o desaparecimento do corpo de dentro do sepulcro, as aparições sucessivas a Maria Madalena e às outras mulheres, a Pedro quando voltava do sepulcro, aos dois discípulos que iam para Emaús e aos apóstolos muitas vezes. Explica ainda a sua ascensão para as regiões etéreas, concluída a sua missão terrena.

Igualmente inadmissível é a "ressurreição" se considerada como simples aparição do Espírito que,

---

[42] Ver a explicação dada em o n. 70, pág. 376 do 1º volume.

[43] Exivit de manibus eorum. (João, X, vv. 23, 24, 31 e 39.)

por efeito da morte real, deixou o seu corpo material, *idêntico aos vossos.*

Conformemente a essa hipótese humana, o corpo de Jesus teria sido um corpo terrestre *qual* os vossos e, pela morte, passara ao estado de *cadáver.*

Mas, então, impossível fora que esse cadáver houvesse desaparecido do sepulcro talhado na rocha, estando chumbada a pedra que lhe fechava a entrada, que não se achasse mais ali, quando essa pedra foi deslocada e derribada. Entretanto, ele lá não estava mais, havia *desaparecido.*

O simples fato desse desaparecimento afasta e condena aquela hipótese humana.

Se o cadáver estivesse no sepulcro quando se deu a deslocação e o derribamento da pedra, teria caído forçosamente em poder dos soldados romanos e dos príncipes dos sacerdotes; teria sido apresentado ao povo, aos apóstolos, aos discípulos que, iludidos com as sucessivas aparições, proclamavam a *"ressurreição"* do Mestre. E Jesus, desde logo, não seria, para toda gente, mais do que um impostor, que prometera *"ressuscitar"* e não cumprira a promessa. Em se dando tal coisa, que seria feito dos apóstolos? Teriam desempenhado seus apostolados, sofrido o martírio, as torturas, os suplícios, afirmando e sustentando que o Mestre ressuscitara? E a missão terrena de Jesus que valor ficaria tendo?

O corpo deste, dissemos, se fosse material *como* os vossos, teria forçosamente caído nas mãos dos soldados romanos e dos príncipes dos sacerdotes. Para que isso não sucedesse fora mister que o tivessem raptado.

Notai, porém, que esta suposição de um rapto, de uma subtração por mãos humanas é a negação de todos os fatos evangélicos, que se encadeiam no seu conjunto e nos seus pormenores, relativos: — à presença do corpo no sepulcro quando a pedra que o fechava foi selada pelos príncipes dos sacer-

dotes e pelos fariseus, na presença e com o auxílio dos soldados destacados para guardá-lo; — ao desaparecimento do corpo estando selada a pedra; — à deslocação e ao derribamento desta; — à ausência do corpo no sepulcro quando esta foi deslocada e derribada; — ao reaparecimento chamado *"ressurreição".*

O corpo não podia ser raptado. Por quem o seria? Por quaisquer homens? Pelos discípulos? Esta hipótese, já o dissemos e repetimos, cai por si mesma, tal a sua absurdidade. Por outros homens que não os discípulos, nem os príncipes dos sacerdotes, nem os fariseus, nem os principais Judeus? Mas, então, qual o móvel, por que motivo, com que interesse, com que fim?

Em que ocasião os discípulos ou outras quaisquer pessoas o raptariam? Não poderia ser senão após o ter José de Arimatéia depositado no sepulcro e antes ou depois de selada a pedra.

Poderia o rapto dar-se antes de selada a pedra? Não. Em o n. 306 já mostramos que não podia ser e não foi antes de tomada essa precaução pelos príncipes dos sacerdotes.

Poderia dar-se depois? Mas, como? À revelia dos soldados prepostos à guarda do sepulcro, ou com a conivência deles?

A revelia dos soldados e da sentinela sempre vigilante era impossível. A suposição de um rapto quando todos os soldados dormiam, não suporta exame. É, além de impossível, absurda.

Com a conivência dos soldados? Mas, as ordens recebidas, a honra e as responsabilidades militares não poriam obstáculos a que os soldados romanos praticassem *gratuitamente* esse ato culposo? Doutro modo, como haviam de os discípulos, que eram pobres, pescadores, mendigos sem pão e sem teto, corrompê-los, a peso de ouro, por forma a contarem com a discrição e a participação deles, uma vez que, admitido se prestassem ao suborno, fácil lhes seria obter dos príncipes

dos sacerdotes, dos mais eminentes Judeus e dos fariseus enorme recompensa, se afirmassem e provassem que o corpo de Jesus fora subtraído por mãos humanas?

E os discípulos, que contavam com uma ressurreição corporal, iriam fazer-se autores ou cúmplices de uma tramóia para, *em seguida,* afirmarem e sustentarem mentirosamente que aquela ressurreição se dera, citando todos os fatos circunstanciais que lhe dizem respeito? Teriam sido capazes de afirmar e sustentar sua crença, suportando o martírio, todas as torturas, os maiores suplícios, se essa crença tivesse por base a mentira, se eles se tivessem apoderado furtivamente do cadáver e o houvessem enterrado secretamente?

Repetimos: a insinuação de um rapto efetuado pelos discípulos, de qualquer maneira e em qualquer ocasião, se desfaz pela sua própria absurdidade.

Outros, que não os discípulos, nem os príncipes dos sacerdotes, nem os fariseus, nem os mais graduados Judeus, teriam ousado correr os azares e os graves perigos de corromper a peso de ouro, sem motivo e sem interesse, os soldados, quando é indubitável que, dado fossem estes suscetíveis de *corrupção,* poderiam, no caso, levando por diante a indigna especulação, obter nova e maior paga com o afirmarem e provarem que o corpo de Jesus fora subtraído por mãos humanas, com o entregarem mesmo, operada a subtração, os autores dela aos príncipes dos sacerdotes, aos fariseus e aos Judeus mais eminentes?

Os príncipes dos sacerdotes e os fariseus poderiam ter sido os que praticassem o rapto?

Mas, se eles tivessem roubado o corpo de Jesus, tê-lo-iam feito, não para o destruírem, para o aniquilarem pelo fogo ou de outro modo, e sim para desmascararem as pretensões, tanto dos discípulos, como do Mestre. Toda a conveniência, pois, tinham eles em conservar o corpo, como documento pro-

bante da impostura daqueles. Tê-lo-iam feito desaparecer para impedirem que os discípulos o subtraíssem, mas então, com um objetivo *único:* mostrar ao povo aquele corpo *mutilado, em decomposição,* porquanto, *para eles,* como *para todos os homens da época e* das que se seguiram até aos dias da revelação atual, o corpo de Jesus era terreno, igual aos outros corpos humanos, caso os discípulos pretendessem espalhar o boato da "ressurreição". Desmascarar-lhes a impostura, possuir arma segura contra os inimigos da fé que professavam, tal a única razão que eles teriam para roubar o corpo, antes que os discípulos o subtraíssem.

Fizeram, porém, isso? Perseguiram os discípulos por fomentarem erros entre o povo? Apresentaram prova de embuste contra eles? Não. Subornaram os soldados para que imputassem o desaparecimento do corpo de Jesus a seus discípulos. Mas, mesmo por este fato, que era uma transgressão das leis, o da violação da sepultura, os discípulos foram perseguidos? Não. Não eram, todavia, a indulgência, nem a longanimidade que paralisavam os braços dos juízes de Israel. Era o terror, pois eles estavam plenamente convencidos de que o corpo não fora roubado e que, no entanto, desaparecera!

À luz da verdade agora revelada, tudo, como se vê, no conjunto dos fatos relativos à "ressurreição" do Cristo, é harmonia perfeita. Nenhum dos problemas concernentes a essa "ressurreição" a revelação nova deixa sem solução.

E esta hipótese da parte dos Espíritas: — Se o corpo de Jesus tivesse sido um corpo terrestre — e se os anjos ou espíritos superiores tivessem podido torná-lo invisível, levá-lo e o tivessem levado — no momento mesmo em que a pedra foi erguida

e derrubada, seria a *priori, inadmissível e falsa;* ela deve, com efeito, ser *afastada como tal,* — em presença da revelação feita pelo anjo a Maria, depois a José; revelação que então seria mentirosa, que não o pode ser, emanando de um enviado de Deus, e que deve ser interpretada, explicada *segundo o espírito que vivifica, em espírito e em verdade,* segundo o curso de leis da natureza e não rejeitada. (Ver *supra, 3°* vol., págs. 417-418; — 1° vol., págs. 153 *a* 168; 191 *a 208; 242 a* 248; *282* a *307; 338 a* 374; — *4°* vol., págs. *82 a 86;* 104 *a 107;* 111 a 119.)

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XX, 1:18.

NOTA DA EDITORA — Este último parágrafo, omitido pela revisão nos originais da obra francesa, foi reposto pelo próprio J.-B. Roustaing, conforme carta por ele dirigida à "Revue Spirite", de Allan Kardec, e ai registada a págs. 31/32 do número de janeiro de 1867.

MARCOS, Cap. XVI, w. 12-13. — LUCAS, Cap. XXIV, w. 13-35

Aparição de Jesus aos dois discípulos que iam para a aldeia de Emaús. — Jesus, estando com eles à mesa, lhes desaparece das vistas

MARCOS: V. 12. Depois disso, apareceu sob *outra forma,* a dois deles que iam para o campo. — 13. Os dois foram comunicá-lo aos outros discípulos que também lhes não deram crédito.

LUCAS : V. 13. No mesmo dia, iam dois deles a caminho de uma aldeia chamada Emaús, distante de Jerusalém sessenta estádios[44], — 14, falando um com o outro de tudo o que se tinha passado. — 15. Aconteceu que, indo os dois assim a conversar e discutir, Jesus se aproximou deles e os foi acompanhando. — 16. Mas os olhos de ambos foram como que fechados, a fim de o não poderem reconhecer. — 17. E Jesus lhes perguntou: De que ides falando um com o outro a caminhar e porque estais tristes? — 18. Um deles, chamado Cleofas, respondeu: Serás tu o único forasteiro em Jerusalém que não saiba o que ali se tem dado nestes dias? — 19. Jesus retrucou: Que foi? Eles responderam: O que sucedeu a Jesus de Nazaré, que foi um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e de todo o povo, — 20, e de que maneira os príncipes dos sacerdotes e os anciães o entregaram para ser condenado à morte e o crucificaram? — 21. Ora, nós esperávamos fosse ele quem resgatasse a Israel; entretanto, já hoje é o terceiro dia depois que todas essas coisas se deram. — 22. Verdade é que algumas mulheres, das que conosco estavam, nos encheram de espanto, porque, tendo ido de madrugada ao sepulcro, — 23, voltaram dizendo não terem achado o seu corpo e terem visto anjos que lhes disseram estar ele vivo. — 24. Alguns dos nossos também foram ao sepulcro e acharam que

[44] O estádio era uma medida itinerária de 185 metros.

era assim como as mulheres haviam dito, mas a ele não o encontraram. — 25. Exclamou então Jesus: Oh! estultos e de corações tardos em crer tudo que os profetas anunciaram! — 26. Não importava que o Cristo sofresse todas essas coisas e assim entrasse na sua glória? — 27. E, a começar de Moisés, referiu-se a todos os profetas, explicando-lhes o que dele se achava dito em todas as escrituras. — 28. Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu ele a perceber que ia para mais longe. — 29. Os dois, porém, o constrangeram a parar ali, dizendo: Fica conosco, pois que é tarde, o dia já vai declinando. Jesus entrou com eles. — 30. Estando os três à mesa, Jesus tomou do pão, abençoou-o e, tendo-o partido, lhes deu. — 31. Nesse momento os olhos se lhes abriram e ambos o reconheceram. Logo, porém, ele desapareceu de suas vistas. — 32. Um ao outro disseram então: Não é que se nos abrasavam os corações quando ele nos vinha falando pelo caminho, a nos explicar as escrituras? — 33. No mesmo instante ergueram-se, voltaram para Jerusalém e foram ter com os onze apóstolos que se achavam reunidos, juntamente com os que os acompanhavam. — 34. E disseram: Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão. — 35. E narraram o que lhes sucedera em caminho e como o tinham reconhecido quando ele partia o pão.

N. 308. A aparição de Jesus aos dois discípulos, que eram inconscientemente médiuns videntes e audientes, foi visível, tangível *e audível.*

De certo percebeis as *fases* dessa aparição e os meios pelos quais se produziu, assim como a *desaparição* do Mestre, da vista dos dois discípulos, quando *com estes se achava à mesa.*

A ciência espírita vos faculta elementos para tudo compreenderdes e explicardes a esse respeito.

Para o fim de aparecer aos dois discípulos e de caminhar ao lado deles pela estrada, Jesus tornou tangível o seu corpo fluídico, de natureza perispirítica.

Os olhos de ambos, diz o evangelista, foram como que fechados, a fim de não o poderem reco-

nhecer. Quer isto dizer que Jesus se lhes apresentou com uma fisionomia diferente da que eles conheciam e estavam acostumados a ver. Só quando se achou à mesa na companhia dos dois, os *olhos destes se abriram e eles o reconheceram. É* que só nesse momento a figura habitual do *Mestre* se lhes mostrou, só então o Cristo se lhes apresentou como eles o conheciam e tinham sempre visto.

Quanto ao fato de o ouvirem os dois discípulos, já o explicamos no n. 307, tratando das aparições a Maria Madalena e às outras mulheres. Não era fácil a Jesus conseguir que os dois ouvissem o que lhes ele queria dizer, sem precisar para isso de recorrer à palavra articulada, só com o fazer que seus pensamentos repercutissem tão profundamente no íntimo de ambos que os levassem a supor que estavam ouvindo com o sentido material ?

Tais fatos são comuns. Não sentis às vezes que vos tocam, sem que entretanto mão alguma material pouse sobre vós? Não escutais por vezes um ruído, sem que, entretanto, descubrais ao vosso derredor coisa alguma que o possa produzir?

Os dois discípulos, que eram, inconscientemente, médiuns, não só videntes, mas também audientes, receberam a impressão das palavras de Jesus e acreditaram que as tinham escutado, como sucede quando supondes que alguém vos falou enquanto dormíeis.

Fora inútil pronunciar palavras, para falar-lhes, uma vez que bastava aquele outro meio, mais natural, dadas as *disposições* especiais dos dois discípulos.

Para mais os impressionar, para melhor gravar em seus Espíritos o que lhes dissera foi que Jesus lhes falou antes de se dar a conhecer e nas circunstâncias que precederam ao seu reconhecimento por parte deles, *estando os* três à mesa; e foi também que tomou do pão, o partiu e abençoou, no

momento em que os dois o reconheceram, desaparecendo-lhes das vistas em seguida.

Apenas sobre dois pontos do colóquio havido entre Jesus e os discípulos convém chamemos a vossa atenção, dando-vos explicações que vos façam compreender-lhes o sentido, *em espírito e verdade.*

Não era preciso, disse-lhes Jesus, "que o Cristo sofresse todas essas coisas *e assim entrasse na sua glória?" Por* estas palavras, aludia ele à natureza humana que lhe atribuíam. Para aqueles dois discípulos, como para os apóstolos e o povo, ele era um homem *igual aos outros, "um profeta poderoso em obras* diante de Deus *e diante dos homens" e* ao qual haviam estes de atribuir mais tarde a divindade. A crença humana nessa divindade *tinha, como* sabeis, que subsistir, sob o império e o véu *da letra,* até que a natureza e a origem espirituais de Jesus, sua posição espírita com relação a Deus e ao vosso planeta, a natureza do corpo de que se revestira, a fim de aparecer e estar na Terra, fossem, *segundo o espírito,* desvendadas pela revelação *nova,* pela revelação da revelação, que hoje vos é trazida. Jesus, *ignorado* dos homens até ao dia em que ressuscitou, lhes fez *então* sentir sua influência e sua proteção. Só a partir desse momento seu nome e sobretudo suas obras se tornaram conhecidos e divulgados pela Terra.

Ao aproximarem-se da aldeia para onde se dirigiam, deu ele a perceber que ia mais longe. Se, sem esperar que o convidassem, houvera entrado onde os dois depois entraram, Jesus lhes teria igualmente ferido a imaginação *por meio do que se ia seguir; mas,* dando a perceber que ia mais longe, pôs em prova a caridade deles para com um desconhecido que a noite surpreenderia em viagem. Assim, houve no fato uma lição e um exemplo dados aos homens.

Para ser reconhecido, no momento em que partia o pão, Jesus fez que cessasse a tangibilidade do seu corpo fluídico e deu a este os traços, a aparência humana que eram familiares aos dois discípulos e, restituindo-lhe, sob esse novo aspecto, a tangibilidade, partiu o pão.

Para lhes *desaparecer das vistas, novamente* fez que cessasse a tangibilidade do seu corpo de natureza perispirítica, e o tornou invisível, voltando esse corpo, como já muitas vezes temos explicado, ao espaço, onde ficou até à aparição subseqüente. Tudo, no tocante ao seu reconhecimento pelos dois discípulos, à partição do pão e à desaparição, tudo *foi instantâneo e se passou quando o Mestre* se achava *com eles à mesa.*

A maneira por que Jesus partiu o pão lhes lembrou o que *já de outras vezes* fizera na presença deles. E isso ocorreu, repetimos, no momento em que o Mestre retomou *instantaneamente* o seu aspecto habitual.

A aparição a Pedro se verificou quando este, voltando da visita que fizera ao sepulcro, procurava a solução do problema que lhe era incompreensível. Foi uma aparição simples, isto é: apenas visível. Jesus apareceu e desapareceu de repente à vista mediúnica, de Pedro, pois, como sabeis, esse apóstolo era médium vidente.

MARCOS, Cap. XVI, v. 14. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 36-49

Aparição de Jesus aos apóstolos

MARCOS : V. 14. Ele apareceu, finalmente, aos onze quando estavam à mesa e lhes exprobou a incredulidade e a dureza dos corações, por não terem crido nos que tinham visto que ele ressuscitara.

LUCAS: V. 36. Quando ainda falavam desses fatos, Jesus se apresentou no meio deles e lhes disse: A paz seja convosco; sou eu; não temais. — 37. Eles, porém, espantados e perturbados, imaginaram estar vendo um Espírito. — 38. Disse-lhes então Jesus: Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações? — 39. Vede minhas mãos e meus pés e reconhecei que sou eu mesmo; apalpai-me e lembrai-vos de que um Espírito não tem carne, nem ossos, como vedes que tenho. — 40. E, dizendo isso, lhes mostrou as mãos e os pés. — 41. Como, todavia, ainda não acreditassem, tantos eram neles a alegria e o espanto, Jesus lhes perguntou: Tendes aqui alguma coisa que se possa comer? — 42. Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado e um favo de mel. — 43. Ele comeu diante de todos e, pegando do que sobrara, lhes deu; — 44, dizendo: Lembrai-vos de que, quando ainda estava convosco, eu vos disse ser necessário se cumprisse tudo quanto de mim fora escrito na lei de Moisés, nas profecias e nos Salmos. — 45. No mesmo instante lhes abriu o espírito, a fim de que compreendessem as Escrituras. — 46. E lhes disse: Assim é que, estando isso escrito, importava que o Cristo sofresse e ressuscitasse dentre os mortos ao terceiro dia; — 47, e que em seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém. — 48. Ora, sois testemunhas destas coisas. — 49. Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido; permanecei, entretanto, na cidade, até que sejais revestidos do poder do alto.

N. 309. Nos atos de Jesus nada há que vos deva surpreender. Não lhe cumpria firmar nos homens a idéia de que seu corpo era de natureza *material,* humana? Não lhe cumpria, para incrementar neles o reconhecimento que seu "sacrifício" devia inspirar, pôr *materialmente* esse sacrifício ao alcance da inteligência de homens materiais?

Deixasse ele que a sua origem espírita fosse compreendida, mostrasse-se a seus discípulos sob uma forma meramente fluídica e aqueles homens supersticiosos ficariam aterrados. Lembrando-se da proibição que tinham de evocar os mortos, acreditariam haver transgredido as prescrições das leis de Moisés. E, então, Jesus seria classificado entre os espectros que saem dos túmulos e incluído na categoria humana. A tangibilidade, porém, cujas causas e existência eles ignoravam, lhes impressionou os Espíritos, impedindo que tal se desse.

Jesus, portanto, para os convencer, lhes forneceu todas as provas necessárias, inclusive a de tomar alimentos, que *desapareceriam* pela maneira que já muitas vezes vos explicamos.

Admiti que ele se houvesse mostrado tal qual era. Que de explicações não fora preciso dar! *E quais teriam* sido as *conseqüências?*

Que arma perigosa não viera a ser nas mãos dos homens de então a *ciência espírita,* da qual vós mesmos *tão triste uso* ainda fazeis?

Preciso era fosse *cega a fé,* até que os olhos da alma se tornassem bastante fortes a poderem abrir-se *para a luz.*

Aqui, como em todos os casos idênticos, as narrações evangélicas se explicam e completam reciprocamente. As de Marcos e Lucas não devem ser separadas da de João (cap. XX, vv. 19-23 e 24-29).

Marcos se limita a mencionar a aparição de Jesus aos onze apóstolos, sem se ocupar com as sucessivas aparições verificadas antes do momento

da chamada ascensão e com o modo por que se produziram.

A que Lucas aqui relata é a primeira que João também refere (cap. XX, vv. 19-23). As duas narrações se completam mutuamente. *Apenas,* Lucas *omitiu* a aparição que se produziu *oito dias depois, estando* presente *Tomé.* Em conseqüência dessa omissão foi que deu como presente os onze, por ocasião da de que trata no ponto que estamos apreciando. Tomé viu o Mestre, como os dez outros apóstolos. Mas, conforme narra João, só o viu quando daquela segunda aparição, realizada oito dias após a primeira. Não vos detenhais, porém, nessas minúcias pueris e secundárias, de nenhuma importância para a obra de regeneração que Jesus veio executar, desempenhando a sua missão terrena.

Estas palavras de Marcos, (v. 14): "E lhes exprobrou a incredulidade e a dureza dos corações por não terem crido nos que tinham visto que ele ressuscitara", registram a exprobração que Jesus dirigiu, de modo geral, aos onze apóstolos, em razão de não terem dado crédito ao que lhes referiram Maria Madalena e as outras mulheres, assim como os dois discípulos que iam para Emaús, e, de modo especial, a Tomé, por não ter acreditado no que lhe relataram os outros apóstolos.

Chamamos a vossa atenção para dois pontos. "Jesus se apresentou *no meio dos* discípulos, estando eles reunidos, no *lugar onde se achavam, a* portas fechadas, de medo dos Judeus". Quer isso dizer que ali entrou, penetrou, se introduziu com o seu corpo fluídico, tal qual sucede nos casos. de aparições de Espíritos quaisquer, e que, instantaneamente, no momento mesmo em que *se tornava* visível a todos, deu ao seu corpo aparente *a tangibilidade.*

"A paz seja convosco", disse, "não temais". Eles, porém, espantados e perturbados, "imagina-

vam estar vendo um Espírito". Disse-lhes então Jesus: "Porque vos turbais e se levantam tantas dúvidas em vossos corações?

Os discípulos ignoravam a existência da *tangibilidade e as suas causas,* mas tinham conhecimento *das aparições de Espíritos.*

Na ocasião em que Jesus se lhes apresentou daquele modo, ainda estavam sob a impressão do que tinham ouvido acerca das aparições a Pedro e aos dois que iam para Emaús, das aparições a Maria Madalena e às outras mulheres. Assim sendo, ao verem o Mestre surgir de súbito no meio deles, estando fechadas as portas, ficaram perturbados e tomados de assombro. Cada um mentalmente perguntava a si mesmo se seria de fato Jesus "ressuscitado", ou, se, ao contrário, seria a aparição de um Espírito qualquer, excluída toda idéia de ressurreição. Dada a perturbação em que se achavam, esta última hipótese era a que predominava em seus Espíritos.

Foi então que Jesus, como se vos disse, lhes deu, por fatos e palavras, todas as provas necessárias a convencê-los.

Era mister que assim procedesse, a fim de atender àquela época e preservar, salvaguardar o futuro, para a revelação atual, então vindoura, que ao mesmo tempo explicaria, assim os fenômenos que se produziram quando da aparição de que tratamos, como a natureza do corpo que ele tomou para desempenhar a sua missão terrena.

Disse-lhes ele também: "Vou mandar-vos o dom de meu pai, que vos foi prometido; permanecei, entretanto, na cidade até que sejais revestidos do poder do alto". Dessa maneira, sob o véu da letra, o Mestre os prevenia de que lhes enviaria em breve, debaixo da forma visível de línguas de fogo, os Espíritos superiores que os assistiriam no desempenho de suas missões. Esse é que era o dom do pai, o poder do alto. Recomendava-lhes igualmente que, quando os houvesse deixado, ele-

vando-se para o céu, quando houvesse assim desaparecido das vistas humanas, voltassem a Jerusalém e lá permanecessem até que fossem revestidos daquele poder do alto.

NOTA DA EDITORA — Convém ver: João, capítulo XX, vv. 19-31.

MATEUS, Cap. XXVIII, vv. 16-20. — MARCOS, Cap. XVI, vv. 15-20. — LUCAS, Cap. XXIV, vv. 50-53

Novas e sucessivas aparições aos discípulos. Volta de Jesus à natureza espiritual que lhe era própria, nas regiões etéreas, volta essa chamada: ascensão — Concordância estabelecida a esse respeito entre as narrações evangélicas, que se explicam e completam umas pelas outras

MATEUS: V. 16. Partiram, pois, os onze discípulos para o monte da Galiléia, onde Jesus lhes determinara que se achassem. — 17. E, vendo-o lá, eles o adoraram, se bem que alguns ainda tivessem dúvidas.

18. Aproximando-se, porém, deles, disse-lhes Jesus: Todo poder me foi dado no céu e na terra. — 19. Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; — 20, instruindo-os na observância de todas as coisas que vos tenho prescrito e ficai certos de que estarei convosco até à consumação dos séculos.

MARCOS: V. 15. E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. — 16. O que crer e for batizado será salvo; mas o que não crer será condenado. — 17. Aos que crerem acompanharão estes milagres: expulsarão os demônios em meu nome, falarão novas línguas; — 18, pegarão nas serpentes e, se beberem qualquer bebida mortal, esta nenhum mal lhes fará; imporão as mãos nos enfermos e estes sararão. — 19. Depois de lhes ter assim falado, o Senhor Jesus ascendeu ao céu, onde está assentado à direita de Deus. — 20. Os discípulos partiram e pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando-lhes a palavra pelos atos que se lhes seguiam.

LUCAS: V. 50. Depois do que, levou-os fora dali a Betânia e, erguendo as mãos, os abençoou. — 51. E sucedeu que, enquanto os abençoava, se afastou deles

e se elevou ao céu. — 52. Quanto a eles, depois de o terem adorado, voltaram a Jerusalém cheios de alegria. — 53. E estavam sempre no templo louvando e bendizendo a Deus. AMEN.

N. 310. Ainda aqui as narrações evangélicas de Mateus, Marco e Lucas não devem ser isoladas umas das outras, nem da aparição de Jesus à margem do lago de Tiberíades (João, cap. XXI, vv. 1-22). Coordenando-as e pondo-as em concordância, elas têm que ser explicadas e completadas umas pelas outras.

Após a sua segunda aparição aos discípulos, achando-se presente Tomé (João, XX, vv. 24-29), Jesus os conduziu a Betânia, onde, erguendo as mãos, os abençoou (Lucas, v. 50). Aí é que lhes determinou fossem para o monte da Galiléia, onde o veriam novamente (Mateus, v. 16). *Lá, na Galiléia,* foi que, abençoando-os, deles se separou. Foi ainda lá que os discípulos, ao verem-no, o adoraram e que ele se elevou para o céu. De lá é que eles, depois de o terem adorado, voltaram a Jerusalém, cheios de alegria. (Lucas, v. 51; Mateus, v. 17; Lucas, v. 53)

Quando os discípulos, partindo de diversos pontos, iam a caminho da Galiléia, a fim de aí se reunirem, foi que, à margem do lago Tiberíades, se deu a aparição de Jesus a Simão Pedro, a Tomé apelidado Dídimo, a Natanael nascido em Caná na Galiléia, aos filhos de Zebedeu e aos dois outros discípulos, os quais todos tinham ido pescar juntos.

As palavras de Jesus, que Mateus (vv. 18, 19, 20) e Marcos (vv. 15-19) registraram, ele as pronunciou no monte. Depois de as haver proferido, foi que ergueu as mãos e os abençoou e que, abençoando-os, se elevou para o céu. (Marcos, v. 19; Lucas, vv. 50-51.)

Em seguida, após terem adorado a Jesus, os discípulos voltaram a Jerusalém, conforme narra Lucas (v. 52), omitindo, como os outros evange-

listas, quanto se passou depois da ascensão[45], e que tudo, sob a influência mediúnica, seria inserto em a narrativa dos *Atos dos* Apóstolos. Exceção feita da estada no monte das Oliveiras, que mais tarde teve menção, foram omitidos os pormenores daquele regresso[46], por secundários e inúteis, do ponto de vista do que tinha de ser transmitido aos homens da época e às futuras gerações.

Nem todas as aparições de Jesus, assim como nem tudo o que ele fez os evangelistas relataram minuciosamente. Só narraram o que era preciso, para que a missão terrena do Mestre desse os resultados que devia dar, produzisse os frutos que devia produzir, então e no futuro. João vos preveniu disso. (Cap. XX, v. 30 e XXI, v. 25.)

Foi julgado bastante que os homem soubessem, além do que consta nas narrações evangélicas[47], que Jesus, durante quarenta dias após a ressurreição apareceu aos apóstolos e lhes falou do reino de Deus.

Para se separar deles, de cada vez que lhes aparecia, o Mestre, bem o deveis compreender, fazia o que tantas vezes fizera, antes do sacrifício do Gólgota.

Diz Mateus (v. 17) que os onze apóstolos, ao verem Jesus, no monte, o adoraram, *se bem que alguns ainda se achassem duvidosos.* Estas últimas palavras, como bem o deveis compreender igualmente, não se referiam aos apóstolos, que todos já então estavam convencidos e que, ao verem-no, o adoraram.

Os onze não se encontravam sós no monte. Seguira-os uma multidão de pessoas. Algumas destas, que da "ressurreição" de Jesus e de suas sucessivas aparições só sabiam o que tinham ou-

---

[45] Atos dos Apóstolos, cap. I, vv. 10 e 11.

[46] Idem, cap. I, v. 12.

[47] Idem, cap. I, v. 3.

vido dizer, que nada ainda tinham *visto,* é que se mostravam duvidosos. Mas, o que iam ouvir e ver, sendo de molde a confirmar, de maneira frisante, o que lhes fora dito, dissiparia nelas toda a dúvida e lhes daria a fé que já animava *os* apóstolos.

Aproximando-se dos discípulos e dirigindo-se a todos eles, Jesus lhes disse:

Todo poder me foi dado no céu e na terra.

Assim falando, aludia, *segundo o espírito, à* sua posição, como protetor e governador do vosso planeta, *à* onipotência que lhe fora dada sobre todos os Espíritos encarnados e errantes.

"Ide, pois, e ensinai a todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, instruindo-os na observância de todas as coisas que vos tenho prescrito e ficai certos de que estarei convosco até à consumação dos séculos."

Feito *em nome do Pai, o* batismo invocava o Ser supremo que, no infinito e na eternidade, preside a todos os universos. *Em nome do Filho,* chamava a atenção sobre aquele que vela pela sorte do vosso planeta, filho de Deus *pela sua pureza perfeita, vosso* Senhor *pelo seu poder. Em nome do Espírito Santo,* constituía um apelo dirigido *à* inteligência secreta que procede do Criador e se vos manifesta, *por intermédio dos bons Espíritos,* nos efeitos espíritas, *ensinando-vos,* em espírito e em verdade, a justiça, o amor e a caridade, todas as virtudes e todos os deveres, de ordem material, de ordem moral e de ordem intelectual, inspirando-vos a prática desses deveres e virtudes, *trazendo-vos a* luz e a verdade, por inspiração e comunicação mediúnica.

Dissemos acima: *por intermédio dos bons Espíritos.* Efetivamente, por *Espírito Santo* deveis entender os Espíritos *bons,* quaisquer que sejam

o grau de elevação que hajam alcançado e a categoria a que pertençam na hierarquia espírita. A *má* inspiração ou a má comunicação não podem provir de um bom Espírito. Estes, quando não são bastante elevados para vos darem a luz e a verdade na medida do que *possais e devais* receber e suportar, têm a ampará-los e auxiliá-los Espíritos mais elevados e que, a seu turno, se preciso for, receberão amparo e auxílio dos Espíritos superiores, segundo a escala hierárquica. *É assim* que, vindo de Deus por intermédio dos puros Espíritos, que dele a recebem diretamente, a inspiração vos é transmitida através duma escala descendente. Ou, então, os Espíritos *bons* se eclipsam diante dos mais elevados do que eles, dos que o sejam bastante para eclipsá-los, pois que os *bons Espíritos,* seja qual for a posição que ocupem na hierarquia espírita, são sempre os órgãos da verdade relativa à inteligência do homem, na medida do que este pode suportar e compreender. O erro e a mentira, tendo por fim enganar os homens, são apanágio exclusivo dos Espíritos *maus,* dos Espíritos *inferiores,* dos Espíritos de *trevas.*

O batismo era o símbolo *material* da aliança entre os cristãos.

O batismo que Jesus prescrevia a seus discípulos que administrassem era, ao mesmo tempo, da água e o do Espírito Santo. O *primeiro* só se administrava, *como símbolo, ao* adulto consciente de seus atos. *O segundo se* seguia ao outro, *de acordo com o mérito do neófito.* A assistência dos *bons Espíritos* era sempre invocada, em tal caso, sob a designação de *Espírito Santo,* pelos que batizavam.

O da água, *transitório,* como símbolo *material,* que é, *de aliança* sob o reinado *da letra,* precursor do advento *do espírito,* tem que cessar e desaparecer, para que subsista unicamente o do *Espírito Santo,* que o homem dará a si mesmo alcançando a assistência, a proteção e a inspiração dos bons

Espíritos, pela observância ou pelo esforço constante para observar, *segundo o Espírito da Verdade,* todos os mandamentos de Jesus.

Estas palavras: *"E ficai certos de que estarei sempre convosco até à consumação dos séculos",* disse-as Jesus com referência a sua missão de Espírito protetor e governador da Terra, missão que começou quando da formação do vosso planeta e ultrapassará os séculos dos séculos.

Elas compreendiam a época de então e o futuro. Aplicavam-se e se aplicaram, anteriormente à sua missão terrena, como se aplicam hoje e se aplicarão no futuro, a todos os que, abstração feita da diversidade dos cultos exteriores, praticarem ou se esforçarem constantemente por praticar o amor ao Criador e o amor ao próximo como a si mesmos, mediante a humildade do Espírito, a simplicidade do coração, a abnegação, o devotamento, a caridade para com todos, no terreno material, no terreno moral e no intelectual, pois que *assim e* só assim é que os homens são verdadeiramente discípulos de Jesus.

A missão, que o Mestre confiou a seus discípulos, de irem instruir todos os povos e ensinar-lhes a observância de tudo o que lhes ele prescrevera, não constituiu naquele momento e não se destinava a constituir jamais, nem hoje, nem no futuro, um monopólio, ou um privilégio para alguns.

O seu pensamento foi, *em espírito e em verdade,* dirigir então, como ainda agora dirige, um apelo a todos os homens de boa-vontade, feita abstração dos cultos exteriores e dos costumes, um convite para que instruam os povos acerca de tudo quanto concerne ao progresso do espírito humano, progresso moral, físico *e* intelectual, ensinando-lhes, *pela palavra e pelo exemplo,* todos os seus mandamentos que, constituindo *toda a lei e* dos *profetas,* se resumem neste: amar a Deus acima de todas as coisas e amar o próximo como a si

mesmo. Duplo mandamento é este dado aos homens a fim de que, praticando-o *em espírito e verdade,* em toda a sua extensão e sob todos os seus aspectos, todos sejam um pela solidariedade e pela fraternidade, amando-se *uns aos outros,* cada um procedendo sempre com os outros, em quaisquer circunstâncias, como quereria que para consigo todos procedessem.

"Ide por todo o mundo, disse Jesus a seus discípulos, pregar o Evangelho a toda criatura."

Façam os homens os esforços que fizerem para restringir a luz, só *deixando* que brilhem *os raios* de que eles queiram dispor, a palavra do Mestre tem que se estender e se fazer ouvida por sobre todos os pontos do globo terráqueo. Mas, para que dê *frutos,* para que seja *aceita,* preciso é lhe sirva de apoio uma fé viva, forte, inabalável. Necessário é que um vão orgulho não estabeleça entre os homens *diferenças de credos, de dogmas, de religião.*

O Cristianismo do Cristo é um só e único para a humanidade que habita o vosso planeta e consiste na prática da caridade sob todas as formas. Aquele que atinge esse ponto difícil é cristão, cristão segundo *o Cristo,* e do número dos que verdadeiramente caminham *nas sendas por ele traçadas.*

"O que crer e for batizado será salvo, mas o que não crer será condenado."

Ser *batizado* (ato *material,* destinado a dar *à matéria* um sinal visível, hoje — ato *moral) é* colocar-se a criatura, verdadeiramente, sob a proteção de Deus, sob a do Mestre, protetor e governador do planeta, e sob a influência, a inspiração dos bons Espíritos do Senhor. Mas, para que esse batismo *exista,* para que seja *recebido,* mister se

faz que quem o pede tenha fé. Sem esta, de que lhe ele serviria? A fé, irmã da esperança e, como esta, filha da caridade e do amor; a fé que conduz às *obras, a* fé aliada *às obras e* consumada *nelas.*

Aquele que crê desse modo *é salvo.* Quer dizer: não tendo mais que sofrer a expiação reservada ao Espírito culposo, a reencarnação *expiatória,* vê abrir-se para si, pela reencarnação em um mundo mais elevado do que o planeta onde até então encarnara, novas veredas de purificação e progresso.

O que não crê desse modo, o que não pratica a moral simples e sublime que Jesus personifica, *é "condenado".* Quer isto dizer que, depois de haver sofrido, na erraticidade, a expiação proporcionada e apropriada às faltas ou aos crimes cometidos, sofre a reencarnação, *expiatória,* com o fim de reparar aqueles crimes e faltas e progredir, recomeçando o que deixou por fazer.

"Aos que crerem acompanharão estes milagres: *expulsarão os demônios* EM MEU NOME."

Porque terão a assistência, o auxílio, o concurso dos Espíritos superiores, sustentados estes, se for preciso, pelos puros Espíritos, os quais todos têm poder de afastar dos obsidiados e subjugados, instantaneamente, os maus Espíritos.

"Falarão novas línguas."

Tornando-se médiuns falantes *pela* influência e ação fluídica dos bons Espíritos.

"Pegarão nas serpentes e, se beberem qualquer bebida mortal, esta nenhum mal lhes fará."

Anulando, os Espíritos protetores, por meios fluídicos, a ação mortífera do veneno, empregando, invisivelmente, com esse fim, fluidos apropriados a tal efeito. Não neguem, nem zombem disto

os vossos fisiologistas e químicos, que se julgam tão sábios, mas que ainda ignoram completamente a natureza dos fluidos, suas propriedades ativas, suas combinações e os efeitos dessas combinações.

Longe estão e ainda por largo tempo estarão longe de conhecer o poder e o segredo da criação na ordem fluídica.

Muito tem a humanidade terrena que trabalhar, que progredir, que adquirir moralmente e intelectualmente, antes de lá chegar. Cada vez mais ireis aprendendo, à medida que, com humildade de espírito, simplicidade de coração, caridade, amor e desejo de progredir, fordes avançando, pelo trabalho, nas sendas da luz, da ciência, da verdade e, por conseguinte, na do conhecimento das leis naturais que regem os fluidos, suas propriedades de ação e seus efeitos.

Imporão as mãos nos enfermos e estes SARARÃO."

Pela assistência e pelo concurso invisíveis dos bons Espíritos, que podem, conforme aos casos, usar dos fluidos purificadores, regeneradores, ou fortificantes, apropriados à cura instantânea. Por efeito da vontade do homem e mediante a imposição das mãos, o magnetismo humano atua, sob a influência e a ação oculta do magnetismo espiritual.

Eram de atualidade essas palavras de Jesus (Marcos, vv. 17 e 18), ou, pelo menos, alcançavam um futuro então próximo e se cumpriram. Dão disso testemunho os Atos dos Apóstolos.[48]

Eram e ainda são palavras *de futuro, pois* que os fatos de que os apóstolos foram os autores se reproduzirão, a seu tempo, entre vós.

---

[48] Atos dos Apóstolos, cap. I, v. 1:4; cap. III, vv. 1-11; cap. V, vv. 12-16; cap. VI, v. 8; cap. IX, vv. 31-42; cap. XIV, vv. 7-17; cap. XIX, vv. 11-12; capítulo XXVIII, vv. 3-10.

Jesus se elevou para o céu e entrou numa nuvem que o ocultou às vistas deles.[49]

Jesus se elevou na imensidade do espaço, privando o seu corpo fluídico da tangibilidade, mas conservando-o sempre visível. Quando desapareceu na nuvem que, sob a ação espírita, se formara de fluidos opacos e que o ocultou às vistas dos que presenciavam o fato, ele restituiu às regiões donde os tirara os fluidos que eram os elementos, os princípios componentes daquele corpo de natureza perispirítica, visível e tangível sob a aparência do corpo humano e que constituía a sua vida *segundo o modo de ver dos homens,* corpo que, *para estes,* era material e que lhe servira a ele para desempenhar na Terra a sua missão superior.

"Elevou-se assim para o céu, onde está sentado à direita da majestade de Deus."

Deveis compreender que o lugar ocupado por Jesus não é o que os homens lhe designaram para permanecer inerte na eternidade. A direita, aqui, indica o lugar de honra, de acordo com as vossas idéias humanas. Encarregado do vosso desenvolvimento e do vosso progresso, Jesus continua, como um dos primeiros ministros de Deus, a desempenhar na imensidade a sua missão de protetor e governador do vosso planeta, tendo por objetivo a depuração e transformação deste e da humanidade que o habita.

Depois de haver, como já o explicamos, levado o globo terráqueo do estado fluídico incandescente ao período material que ainda está atravessando, ele baixou à Terra com o corpo fluídico, apto a longa tangibilidade, de harmonia *com a sua natureza espiritual,* mas também relativamente harmônico com o vosso planeta.

Conforme prometeu e predisse e o disseram aos discípulos "os dois homens vestidos de branco que

---

[49] Atos dos Apóstolos, cap. I, v. 9.

repentinamente *se apresentaram* diante deles"[50] (1), isto é: os dois Espíritos superiores que lhes foram enviados, Jesus virá de novo à Terra, descendo do céu *da mesma forma* que os discípulos o viram para lá subir: *no estado espírita;* descendo do céu *sobre nuvens",* mas, dessa vez, "com grande majestade": — em todo o seu fulgor espírita. Isso se dará quando houver levado o planeta e a humanidade terrenos (como também já vos explicamos) do período material ao extremo limite do período fluídico puro, quando estiverdes perto de atingir a perfeição. Tendo-se tornado verdadeiramente "o seu reino", o planeta em que habitais será levado por ele para as regiões dos fluidos puros, onde ficará constituindo "um dos reinos do pai", aos quais só têm acesso os puros Espíritos, que só eles os podem habitar.

Fim dos três primeiros Evangelhos

NOTA DA EDITORA — Convém ver — João, XXI, 1:25.

[50] Atos dos Apóstolos, cap. I, vv. 10-11.